UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PROPESP
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO - IE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL - PPGEA
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Raquel Avila Amaral

MICROINTERVENÇÕES ECOSÓFICAS: SENSIBILIZAÇÃO AMBIENTAL E OS PROCESSOS CRIATIVOS AUTOGESTIONADOS NA FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Rio Grande - RS
2020

RAQUEL AVILA AMARAL

MICROINTERVENÇÕES ECOSÓFICAS: SENSIBILIZAÇÃO AMBIENTAL E OS PROCESSOS CRIATIVOS AUTOGESTIONADOS NA FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Tese apresentada ao Programa de Pós-Gradução em Educação Ambiental – PPGEA, da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Educação Ambiental.
Linha de Pesquisa: Fundamentos da Educação Ambiental (FEA).

Orientador: Prof. Dr. Humberto Calloni

Rio Grande – RS
2020

Ficha Catalográfica

A485m Amaral, Raquel Avila.
Microintervenções ecosóficas: sensibilização ambiental e os processos criativos autogestionados na formação em Educação Ambiental / Raquel Avila Amaral. – 2020.
260 f.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Rio Grande/RS, 2020.
Orientador: Dr. Humberto Calloni.

1. Microintervenção Ecosófica 2. Processos Criativos 3. Experimentações Estéticas 4. Sensibilização Ambiental 5. Educação Ambiental I. Calloni, Humberto II. Título.

CDU 504:37

Catalogação na Fonte: Bibliotecário José Paulo dos Santos CRB 10/2344

Raquel Avila Amaral

"Microintervenções ecosóficas: sensibilização ambiental e os processos criativos autogestionados na formação em Educação Ambiental"

Tese aprovada como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Educação Ambiental no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Comissão de avaliação formada pelos professores:

Prof. Dr. Humberto Calloni
(PPGEA/FURG)

Profª. Drª. Narjara Mendes Garcia
(PPGEA/FURG)

Prof. Dr. Valdo Hermes de Lima Barcelos
(UFSM)

Profª. Drª. Liamara Denise Ubessi
(UFPEL)

Prof. Dr. Cláudio Taranco de Azevedo
(FURG)

Dedico este trabalho a todas as pessoas que cotidianamente realizam suas microintervenções de cuidado e amor à vida.

AGRADECIMENTOS

Ao orientador Humberto Calloni e professoras e professores da banca de qualificação do projeto e de defesa da tese, Liamara Denise Ubessi, Valdo Hermes de Lima Barcelos, Narjara Mendes Garcia, Cláudio Tarouco de Azevedo e Marcelo Gobatto. Agradecimento ao prof. Sirio Lopez Velasco que me orientou no mestrado e nos primeiros meses do doutorado.

À CAPES pela bolsa concedida. E a coordenação e secretaria do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande.

A todos os colegas do Grupo de Pesquisa (CNPq) As Três Ecologias de Félix Guattari e Grupo de Estudo e Pesquisa da Complexidade (CNPq).

Aos integrantes do *Grupo de Teatro Interativo: laboratório de pesquisa e intervenção socioambiental* (Projeto de Extensão PPGEA/ FURG), especialmente ao Cleberson Milão que fez parte de todo o percurso do grupo.

A todos que fizeram e fazem parte da *ONG Casa do Caminho* (Bairro Três Vendas, Pelotas/RS) e a rede de comunidades: Paróquia Anglicana de São João Batista (Bairro Areal, Pelotas/RS), Lar Amigos de Jesus (Coxilha dos Campos, Canguçu/RS), Comunidade Católica Santo Antônio (Vila Gotuzzo, B. Fragata, Pelotas/RS), Santuário Santa Rita de Cássia (Bairro Areal, Pelotas/RS), lugares onde atuei como voluntária e aconteceram diversas microintervenções. Um agradecimento especial aos que fizeram parte da horta comunitária e a Irmã Assunta (Marcolina Tacca), idealizadora e coordenadora da Casa do Caminho, que sempre abriu espaço para as microintervenções ecosóficas e sempre acolheu-me com amor e carinho. Aprendi muito com a Irmã Assunta.

Ao *Grupo de Adolescentes* do Posto de Saúde do CAIC (Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente)/FURG e NASF V (Núcleo de Apoio à Saúde da Família) e as secretárias, porteiras e porteiros, professores e professoras, familiares dos adolescentes, coordenadoras pedagógicas, direção da escola e a todos que colaboraram para a realização do filme *Mãe, eu tô grávida* e das atividades realizadas pelo *Grupo de Teatro Interativo* da FURG no CAIC. Um agradecimento especial às agentes comunitárias de saúde Cleusa Fontoura e Tatiane Marques pelo trabalho em equipe que realizamos com os adolescentes, à Maria de Lourdes Amaral de Matos (Malu) do NASF V e professores e funcionários do CAIC, especialmente à Débora Amaral, Anderson Souza, Maria de Fátima Santos da Silva e Janaína Noguez. Agradeço a Márcia Bandeira Soares (mãe do Lucas Bandeira), o estudante Lucas Bandeira, os protagonistas do filme Cristian Marques e Hellen Silva e todo o elenco. Agradecimento ao Marcelo Gobatto, Altemir Vianna, Fernanda Ramos e Guilherme Mello, da

Oficina de vídeo, curso de Artes Visuais (ILA/FURG), pela colaboração em algumas filmagens e arte final na edição do filme produzido pelos adolescentes.

Agradeço aos companheiros do plantio comunitário na *Casa do Caminho:* Clelia da Silva Scaglioni, Tania da Rosa, Sr. Urbano, Paula Reisser, Gisela Amaral, Liamara Ubessi, Joel Henrique Cardoso, Sirlei Moreira e Djalmiro Adão Machado, Rafaela Moreira, Irmã Assunta Tacca, Augusto Amaral, Valdéres Campos, Sr. Jaques, Sarah Dornelles da Silva, Thiago Ollé, Lázaro Leon, Lígia da Rosa, Ceci Silva Souza, Iara Avila, Leandro Karam, Luiza Barbosa, Maria Lucia Schiavon, Rovani Schiller, Mariana Dode, Lígia Dutra, Carlos, Margarete Arbes, Marisa Lourdes Santos. Agradeço também a professora Patrícia Lovatto e a turma do Programa de Pós-Graduação em Sistemas de Produção Agrícola e Familiar da UFPel, em especial, Letícia Bauer Nino, Marina Alves e Rafael Nunes. Neste percurso, além das pessoas que citei, muitas outras pessoas colaboraram, agradeço a todos.

Agradecimentos à Jacques Gauthier, Rosário e suas filhas, pela acolhida e pelos aprendizados que tive no curso *Potencializando a criatividade do Educador Ambiental,* ministrado por Jacques Gauthier na Bahia.

Agradeço a professora de dança e bailarina Berê Fuhro Souto *(in memorian)* por oportunizar-me fazer parte do grupo de dança contemporânea *Palavra Coreografada* e a todos os bailarinos.

Agradecimentos à profa. Fabiane Tejada e ao grupo *TOCO* (Teatro do Oprimido na Comunidade) UFPel.

Agradeço à amiga Neva, vizinha que cedeu espaço em seu pátio para fazermos uma horta comunitária. Gratidão Nevanir Carvalho, Alfeu e família.

Agradeço aos companheiros e *clowns* da trupe do *Grupo de Teatro Interativo* da FURG: Graziele Rossi, Sandra Lee, Linda Magalhães, Patricia Vaz, Jaqueline Bohrer, Anita Maruri, Cristiane Guimarães F. Dos Santos, psicóloga da FURG, Luan Martin, Alfredo Martin, Lara Freitas, Diego Ramone, Roberta Machado, Isabelle Vignol, Giuliana Juliano, Ines Vianna Pereira.

A todos os colegas e pessoas que fizeram parte dos seguintes audiovisuais: *Grupo de Teatro Interativo: microintervenção ecosófica* e *Oficina de criação: experimentações estéticas.*

Agradeço aos companheiros da Unidade CuidATIVA (Faculdade de Medicina/UFPel) Julieta Carriconde Fripp e Florismar Oliveira Thomaz por abrirem este espaço de intervenção e podermos formar o *Grupo de Teatro Interativo: teatro e terapia*, Agradeço também a Ana Paula Oliveira, Chaiane de Paula, Júlia Fripp Thomaz, Maralise Mastrantonio, João Luis

Gonçalves, Glênio Rissio e as atrizes e atores do grupo de teatro: Everton Vieira, Iria da Silva, Ivete Lacerda, Jane Pereira, Júlia Portugal, João Ribeiro, Maria Elisabete Canabarro, Maura dos Santos, Neiva Garcia, Nelba Batista, Odete Domingues, Odilon Domingues, Paulo Tarouco Pereira, Rafaela Cardoso Pereira, Regina Gazzalle, Uilson Santos.

À Cintia Avila Blank e Camila Motta Avila pela primorosa tradução.

Agradecimento especial ao professor da disciplina As Três Ecologias de Félix Guattari I e II, Alfredo Guillermo Martin Gentini, seus ensinamentos inspiraram-me a trilhar um caminho novo em minha trajetória como educadora ambiental e pesquisadora, transformando a percepção que tenho de mim mesma, das relações com os seres vivos e o ambiente. Eis-me aqui realizando microintervenções ecosóficas. Agora sei que tudo pode ser criado e recriado, que o impossível e o impensável pode vir a ser real, e um outro mundo é possível! Gratidão professor Alfredo!

À minha família, em especial à minha avó Hilda Holz Avila *(in memorian),* aos meus pais Maria Carolina Alves Pereira Avila e Walter Ney Holz Avila por estarem sempre presentes em minha vida de forma amorosa e zelosa. Aos meus irmãos Cintia Avila Blank e Felipe Alves Pereira Avila. Às minhas amadas e queridas sobrinhas que me enchem de alegrias e brincadeiras, Sabine Avila Blank e Stella Avila Blank.

Agradecimento especial ao Augusto Amaral, meu amor, marido, companheiro de vida, de aventuras e desafios no percurso das microintervenções ecosóficas. Todas as microintervenções realizamos juntos e elas expressam a união das nossas ideias, sonhos, intuições, premonições, utopias, criações, sentimentos e reflexões para uma vida melhor, justa e feliz para todos. O teu amor, carinho e cuidados fazem a minha vida mais feliz. Te amo!

Refletindo sobre esses 4 anos de doutorado, tenho um sentimento de satisfação, felicidade e gratidão a todas as pessoas que colaboraram com a produção das microintervenções. E, a partir da prática, saber que é possível criarmos coletivamente outras realidades, mesmo com todas as nossas debilidades, fraquezas e egoísmo humano, é possível fazer florescer, potencializar e vivenciar o amor, a solidariedade e a fraternidade.

RESUMO

Esta pesquisa inspira-se na Ecosofia de Félix Guattari e no método da cartografia, proposto por Gilles Deleuze e Félix Guattari, manifestando a necessidade de produzirmos um pensamento que vá além do paradigma científico ao problematizar a dimensão instituída da realidade a fim de avançar na direção do paradigma ético-estético. As microintervenções ecosóficas realizadas e aqui analisadas são consideradas obras-vivas e constituem-se como rizomas, desenhos móveis interconectados, produzidos durante os processos criativos e denominados ECO mapa do rizoma. O campo de pesquisa das microintervenções ecosóficas é a horta comunitária da ONG Casa do Caminho e comunidades parceiras e o Projeto de Extensão Grupo de Teatro Interativo: laboratório de pesquisa e intervenção socioambiental (PPGEA/FURG). Os dados da pesquisa não foram coletados, mas produzidos rizomaticamente nas atividades realizadas na horta, nos desenhos livres feitos pela pesquisadora e nas oficinas de teatro (experimentações estéticas), além dos registrados no diário de campo pessoal e no diário de campo coletivo do Grupo de Pesquisa (CNPq) As Três Ecologias de Félix Guattari. As microintervenções ecosóficas são processos criativos geradores de novos modos de coexistência e possibilitam a criação de alternativas para lidar com os problemas socioambientais, intensificando transversalidades e ampliando as capacidades imaginativas, motoras, sensíveis, afetivas e intuitivas do humano. Enfatiza a necessidade de processos formativos em Educação Ambiental voltados para o desenvolvimento da criatividade, da ação-reflexão, da autonomia das pessoas e dos grupos, do aprendizado coletivo, da solidariedade, sensibilização ambiental, da autogestão grupal e do cuidado de si, do outro e do ambiente. A análise das microintervenções ecosóficas reforça a necessidade de promovermos pesquisas implicadas, com o envolvimento direto do pesquisador no campo de intervenção, abrangendo não só o escopo acadêmico, mas todas as esferas da vida, o próprio cotidiano da pesquisadora e os territórios percorridos por ela. Dessa forma, multiplicam-se possibilidades de interconexões, de acontecimentos e agenciamentos que compõem a análise, enquanto são produzidos conhecimentos que valorizam uma percepção sensível do ambiente e das relações humanas, através das experimentações estéticas. O método da cartografia contribui para a formação de grupos-sujeito, geradores de forças instituintes que tencionam os padrões instituídos socialmente, além da autogestão, esses grupos realizam a autoanálise do processo visando transformar a realidade em sua dimensão microssocial: a relação consigo mesmo, com o outro e com o ambiente em todas as suas formas e manifestações. Trata-se da produção de um conhecimento que emerge através de processos de reinvenção de si e do ambiente, de saberes que não são impostos pelo professor de forma verticalizada, mas de um conhecimento rizomático, sem uma raiz centralizada, mas abrindo espaço para o novo e a multiplicidade do pensamento. Dentre a multiplicidade de resultados que não se encerram em si, elencamos a produção autogestionada do filme *Mãe, eu tô grávida* do Grupo de Adolescentes do Posto de Saúde (CAIC/FURG). Dado o caráter processual da pesquisa e a complexidade que envolve suas práticas e reflexões, seus desdobramentos provocam resultados que se retroalimentam, perpetuando-se com os fluxos da vida, fazendo outras interconexões, produzindo novos sentidos, formações rizomáticas em constante transformação.

Palavras-chave: Microintervenção ecosófica. Processos criativos. Experimentações estéticas. Sensibilização ambiental. Educação Ambiental.

ABSTRACT

This research is inspired by Félix Guattari's Ecosophy and the method of cartography proposed by Gilles Deleuze and Félix Guattari, manifesting the need to produce a thought that goes beyond the scientific paradigm by problematizing the instituted dimension of reality in order to advance in the direction of the ethical-aesthetic paradigm. The ecosophical micro-interventions carried out and analyzed here are considered living works and constitute rhizomes, interconnected mobile designs, produced during creative processes and called ECO rhizome map. The community garden of the NGO "Casa do Caminho", partner communities and the Outreach Project Interactive Theatre Group: Research Laboratory and Socio-Environmental Intervention (PPGEA/FURG) were the field of research of ecosophical micro-interventions. The research data were not collected, but were rhizomatically produced in the activities carried out in the garden, in the free drawings made by the researcher and in the theater workshops (aesthetic experiments), in addition to those recorded in the personal field journal and in the collective field journal of the Research Group (CNPq) The Three Ecologies of Félix Guattari. Ecosophical micro-interventions are creative processes that generate new modes of coexistence and enable the creation of alternatives to deal with socio-environmental problems, intensifying transversality and expanding the imaginative, motor, sensitive, affective and intuitive capacities of the human being. It is essential to mention the need for formative processes in Environmental Education aimed at the development of creativity, action-reflection, autonomy of people and groups, collective learning, solidarity, environmental awareness, self-management and care for oneself, the other and the environment. The analysis of the ecosophical micro-interventions reinforces the need to promote implicated research, with the direct involvement of the researcher in the field of intervention, covering not only the academic scope, but all spheres of life, the very daily life of the researcher and the territories covered by her. Therefore, possibilities of interconnections, events and agencies that make up the analysis are multiplied, while knowledge is produced which values a sensitive perception of the environment and human relationships through aesthetic experimentation. The cartography method contributes to the formation of subject-groups, generators of instituting forces that intend the socially instituted patterns, besides self-management, these groups carry out the self-analysis of the process aiming at transforming reality into its microsocial dimension: the relationship with oneself, with the other and with the environment in all its forms and manifestations. It is about the production of a knowledge that emerges through processes of reinvention of oneself and the environment, of knowledges that are not imposed by the teacher in a verticalized way, but of a rhizomatic knowledge, without a centralized root, but opening space for the new and the multiplicity of thought. Among the multiplicity of results that do not end in themselves, we list the self-managed production of the film *Mom, I´m pregnant* with the Group of Adolescents at the Health Center (CAIC/FURG). Given the procedural character of the research and the complexity that surrounds its practices and reflections, its unfoldings provoke results that feed back into the system, perpetuating themselves with the flows of life, making other interconnections, producing new senses, rhizomatic formations in constant transformation.

Keywords: Ecosophical micro-intervention. Creative processes. Aesthetic experimentation. Environmental awareness. Environmental Education.

RESUMEN

Esta investigación está basada en la Ecosofía de Félix Guattari y en el método de la cartografía, propuesto por Gilles Deleuze y Félix Guattari, de modo a producir un pensamiento que esté más allá del paradigma científico al problematizar la dimensión instituida de la realidad, para avanzar en la dirección del paradigma ético-estético. Las micro-intervenciones ecosóficas realizadas y aquí analizadas son consideradas obras vivas y se constituyen como rizomas, dibujos móbiles interconectados, produzidos durante los procesos creativos y denominados ECO mapa del rizoma. El campo de investigación de las micro-intervenciones ecosóficas es el huerto comunitario de la ONG Casa do Caminho y comunidades socias y el proyecto de extensión Grupo de Teatro Interativo: laboratório de pesquisa e intervenção socioambiental (PPEA/FURG). Los datos de la investigación no han sido recolectados, pero sí produzidos de forma rizomática en las actividades realizadas en el huerto, en los dibujos libres hechos por la investigadora y en las oficinas de teatro (experimentaciones estéticas), además de los datos registrados en el diario de campo personal y en el diario de campo colectivo del grupo de Pesquisa (CNPq) As três ecologias de Félix Guattari. Las micro-intervenciones ecosóficas son procesos creativos generadores de nuevos modos de coexistencia y posibilitan la creación de alternativas para manejar los problemas socio-ambientales, intensificando transversalidades y ampliando las capacidades imaginativas, motoras, susceptibles, afectivas e intuitivas del humano. Con eso se enfatiza la necesidad de procesos formativos en Educación Ambiental direccionados para el desarrollo de la creatividad, de la acción-reflexión, de la autonomía de las personas y de los grupos, del aprendizaje colectivo, de la solidaridad, de la sensibilización ambiental, de la gestión de grupo y del cuidado de sí, del otro y del ambiente. El análisis de las micro intervenciones económicas refuerza la necesidad de que se promocionen investigaciones en las que haya compromiso directo del investigador en el campo de intervención, actuando tanto en el ámbito académico como en todas las esferas de la vida, el propio cotidiano de la investigadora y los territorios por ella recorridos. De ese modo, se multiplican las posibilidades de interconexiones, de acontecimientos y gestiones que componen el análisis, mientras son producidos conocimientos que valoran una percepción sensible del ambiente y de las relaciones humanas, a través de las experimentaciones estéticas. El método de la cartografía contribuye para la formación de grupos-sujeto, generadores de fuerzas fundadoras que presionan los patrones establecidos socialmente. Además de la autogestión, estos grupos realizan la autoanálise del proceso visando transformar la realidad en su dimensión micro-social: la relación con sí mismo, con el otro y con el ambiente en todas sus formas y manifestaciones. Se trata de la producción de un conocimiento que surge a través de procesos de reinvención de sí y del ambiente, de saberes que no son impuestos por el profesor de forma vertical, pero de un acontecimiento rizomático, sin raíz centralizada, abriendo espacio para el nuevo y la multiplicidad de pensamiento. Entre la multiplicidad de resultados que no terminan en sí mismos, enumeramos la producción autogestionada de la película *Mamá, estoy embarazada* del Grupo de Adolescentes en el Centro de Salud (CAIC / FURG). Con base en esa investigación, que tiene una naturaleza de proceso y presenta una complejidad que involucra sus prácticas y reflexiones, sus acciones provocan resultados que se retroalimentan, perpetuándose con los flujos de la vida, realizando otras interconexiones, produciendo nuevos sentidos, formaciones rizomáticas en constante transformación.

Palabras clave: Micro-intervención ecosófica. Procesos creativos. Experimentaciones estéticas. Sensibilización ambiental. Educación Ambiental.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mostra pedagógica dos estágios da turma de Três Passos/RS, 2014……...18

Figura 2: Oficina de Criatividade da disciplina As Três Ecologias de Félix Guattari, FURG - Rio Grande/RS, 2014……...….30

Figuras 3: Germinações da dança desenhando o rizoma no Templo das Águas. Colônia Maciel, Pelotas/RS, 2014…….…….54

Figura 4: Dança das cores no papel 1. Experimentação intuitiva com a pintura, 2017……...70

Figura 5: Dança das cores no papel 2. Experimentação intuitiva com a pintura, 2017……...71

Figura 6: Dança das cores no papel 3. Experimentação intuitiva com a pintura, setembro de 2017……...72

Figura 7: Dança das cores no papel 4. Experimentação intuitiva com a pintura, 2017……...73

Figura 8: Dança das cores no papel 5. Experimentação intuitiva com a pintura, 2017……...74

Figura 9: Escultura *Self Made Man* da artista Bobbie Carlyle……....80

Figura 10: Reflexões da Raio de Sol – Reflexus do céus na lagoa. Praia do Laranjal, Pelotas/ RS, 2014……....86

Figura 11: Dança na árvore com o Grupo de Dança Contemporânea da Berê Fuhro Souto. Praia do Laranjal, Pelotas/RS, 2014……..…87

Figura 12: Foto original da dança na árvore (sem edição). Fotografia: Berê Fuhro Souto. Maio de 2014……..…..89

Figura 13: Crachá do Grupo de Adolescentes do Posto de Saúde (CAIC/FURG). Ano: 2017…….168

Figura 14: Passeio dos *clowns*……...172

Figura 15: Elenco do filme *Mãe, eu tô grávida* (CAIC/FURG) e cartazes do filme e do espetáculo “Não sei se vou conseguir” (CuidAtiva/UFPel)……..….184

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO DA EDUCADORA AMBIENTAL……...……..15

2 INTRODUÇÃO……..……35

2.1 Tema da pesquisa……..…..…43

2.2 Problema……..……...43

2.3 Hipótese…….…..…45

2.4 Objetivos…….……46

2.5 Justificativa…….……....47

3 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO……..……...49

3.1 Rizoma……..……..49

3.1.1 A concepção de rizoma na botânica……..……..59

3.1.2 A concepção de rizoma na filosofia……..…..62

3.2 Microintervenção ecosófica…….……93

4 E C O Mapa do Rizoma……..……133

4.1 Os processos criativos e a produção de microintervenções ecosóficas……...135

4.2 Experimentando caminhos no ECOmapa do Rizoma……..…..154

4.3 Desenhando a dança do rizoma da horta comunitária……....167

4.4 Desenhando a dança do rizoma do filme *Mãe, eu tô grávida* - uma produção do Grupo de Teatro Interativo: pesquisa e intervenção socioambiental e Grupo de Adolescentes do Posto de Saúde (CAIC/FURG e NASF V)...……...…..……..168

5 Transclusões de um processo rizomático na Educação Ambiental…….....177

REFERÊNCIAS…….……..…...186

APÊNDICE 1 - PROJETO APRESENTADO PARA A SELEÇÃO DE DOUTORADO NO PPG EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL DA FURG, 2015.....191

APÊNDICE 2 - CADERNO DA DISCIPLINA AS TRÊS ECOLOGIAS DE FÉLIX GUATTARI I: REFLEXÃO SOBRE QUESTÕES QUE NÃO TEMOS RESPOSTA, 2013.....209

APÊNDICE 3 - DANÇA DAS CORES NO PAPEL 6. EXPERIMENTAÇÕES INTUITIVAS DE PINTURA, 2017.....211

APÊNDICE 4 - DANÇA DAS CORES NO PAPEL 7. EXPERIMENTAÇÕES INTUITIVAS DE PINTURA, 2017.....212

APÊNDICE 5 - DANÇA DAS CORES NO PAPEL 8. EXPERIMENTAÇÕES INTUITIVAS DE PINTURA, 2017.....213

APÊNDICE 6 - DANÇA DAS CORES NO PAPEL 9. EXPERIMENTAÇÕES INTUITIVAS DE PINTURA , 2017.....214

APÊNDICE 7 - DANÇA DAS CORES NO PAPEL 10. EXPERIMENTAÇÕES INTUITIVAS DE PINTURA , 2017.....215

APÊNDICE 8 - REFLEXÕES INICIAIS DO ECOMUNITARISMO E ECOSOFIA NOS ESTUDOS DAS MICROINTERVENÇÕES ECOSÓFICAS NA HORTA COMUNITÁRIA.....216

ANEXO 9 – EXERCITANDO UMA ESCRITA CRIATIVA INSPIRADA NA COMPLEXIDADE (GRUPO DE ESTUDO *AS TRÊS ECOLOGIAS DE FÉLIX GUATTARI),* 2013.....219

APÊNDICE 10 – DESENHOS LIVRES: RIZOMATIZANDO.....221

APÊNDICE 11 – REFLEXÕES SOBRE A ESPIRITUALIDADE E PESQUISA: IMAGEM DO RIZOMA REALIZADO DE FORMA ESPONTÂNEA POR RAQUEL E AUGUSTO AMARAL.....225

APÊNDICE 12 – FRAGMENTOS DO PROCESSO RIZOMÁTICO: BUSCANDO COMPREENDER AS INTERCONEXÕES DOS CAMPOS DE INTERVENÇÃO DAS MICROINTERVENÇÕES ECOSÓFICAS.....226

APÊNDICE 13 – EXPERMENTANDO UMA ESCRITA POÉTICA A PARTIR DA OBSERVAÇÃO DAS FOLHAS DAS ÁRVORES DO PÁTIO, 2014. PRODUÇÃO DA AUTORA.....228

APÊNDICE 14 – FRAGMENTOS DA TENTATIVA DE UMA ESCRITA LIVRE A PARTIR DA OBSERVAÇÃO DO PÁTIO E NO FINAL DA PÁGINA RELATO DE UM SONHO. PRODUÇÃO DA AUTORA.....229

APÊNDICE 15 – RABISCOS REFLEXIVOS SOBRE O INCÍCIO E O FIM DA PESQUISA, 2018. PRODUÇÃO DA AUTORA.....230

APÊNDICE 16 – ANOTAÇÃO A PARTIR DAS INSATISFAÇÕES PESSOAIS COM MINHA ESCRITA E TOMADA DE CONSCIÊNCIA DO FUNCIONAMENTO DE MEUS PENSAMENTOS. BUSCANDO A REINVENÇÃO DOS PENSAMENTOS, ESCRITA E MÉTODO DE PESQUISA.....231

APÊNDICE 17 – DESCRIÇÃO DA SENSAÇÃO DE SALTAR NO ABISMO OU MERGULHAR NO FUNDO DO MAR EM FUNÇÃO DOS ESTUDOS DE DELEUZE E GUATTARI. ANO 2013. PRODUÇÃO DA AUTORA.....232

APÊNDICE 18 – RABISCOS NO LIVRO.....233

APÊNDICE 19 – DESENHO.....235

APÊNDICE 20 – ESQUEMAS DO RIZOMA.....236

APÊNDICE 21 - REFLEXÕES SOBRE A INFLUÊNCIA DOS ESTUDOS DA DISCIPLINA AS TRÊS ECOLOGIAS DE FÉLIX GUATTARI I E II E ESTUDO DAS OBRAS DE GUILLES DELEUZE E FÉLIX GUATTARI. 2014. PRODUÇÃO DA AUTORA…….……..247

APÊNDICE 22 - REFLEXÕES SOBRE O PERFIL DO EDUCADOR AMBIENTAL, 2014.....249

APÊNDICE 23 - OBSERVAÇÃO DO MOVIMENTO DA FUMAÇA DO INCENSO E RELAÇÃO COM A DANÇA (14 DE MAIO, 2014). PRODUÇÃO DA AUTORA……...250

APÊNDICE 24 - ANOTAÇÕES DO CURSO DE SAÚDE MENTAL COMUNITÁRIA E PREVENÇÃO DE SUICÍDIO NA ONG CASA DO CAMINHO, 2014.....251

APÊNDICE 25 – RELATO DO PRIMEIRO DIA DO LUCAS BANDEIRA NO GRUPO DE TEATRO INTERATIVO CAIC, 2017. PRODUÇÃO DA AUTORA.....253

APÊNDICE 26 – PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL.....254

1 APRESENTAÇÃO DA EDUCADORA AMBIENTAL

A Educadora Ambiental que escreve esta tese é movida pelo amor à vida. E esse amor à vida é o desejo de plantar uma pequena semente, cuidá-la e vê-la crescer lentamente até o desabrochar da flor e sua polinização fazer multiplicar mais vidas. Assim entendo o ofício de quem se dedica à educação ambiental.

A primeira percepção que tive da vida, de estar viva, e que sinto ser a própria sensação da natureza, foi a tomada de consciência da minha existência e do mundo. Aos 3 anos de idade estava sentada no chão do corredor da casa e, de repente, senti meu corpo e vi na minha frente uma claridade, uma luz amarela no chão, levantei a cabeça e olhei para o lado direito e vi a porta da frente de casa, com uma janelinha de vidro pequena, por onde entrava aquela luz. Depois, voltei a olhar para o chão, vi brinquedos e, na minha frente, minha irmã (que tinha pouco mais de um ano), nesse momento estávamos brincando. Minha primeira percepção de existência foi sentir meu corpo, depois a luz e o calor do sol e depois minha irmã e os brinquedos. Entendo essa recordação como minha primeira compreensão das Três Ecologias – ecologias mental, social e ambiental. Essa importante lembrança surgiu nas oficinas do processo de iniciação do *clown*, em 2016, no Grupo de Teatro Interativo: pesquisa e intervenção socioambiental[1](GRUTI), no momento em que estava refletindo sobre qual nome dar para o meu *clown*. Uns dois ou três meses depois de muitos pensamentos e sonhos, tive essa recordação como uma vivência daquela época e, assim, batizei o meu *clown* com o nome de Raio de Sol.

Durante a minha infância, o fato de brincar muito no pátio fez-me ter uma conexão muito forte com o sol, a terra, o vento, os insetos, pássaros, cachorros, gatos, árvores e tantas outras plantas, animais, insetos, fungos... Nesse momento, lembro que aos 8 anos de idade fiz uma poesia ao abrir a janela da cozinha e ver o pátio num dia de sol radiante: *Quando abro a janela, vejo os pássaros cantando, o sol nascendo de leve e a escuridão passando…* (o restante não recordo).

Minha avó paterna, Hilda Holz Avila, sempre morou com meus pais em Pelotas/RS, porém, nasceu e viveu boa parte da sua vida na Colônia de Cerrito Alegre, 3° distrito de Pelotas/RS, região de imigração alemã. A vó Hilda tinha hábitos da colônia, mesmo morando na cidade, como cuidar de uma pequena horta no pátio de casa onde plantava legumes,

[1] Projeto de Extensão do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande PPGEA/FURG, vinculado ao Grupo de Pesquisa (CNPq) As Três Ecologias de Félix Guattari.

verduras e ervas de chá. Tenho essas marcas na minha história, desse aprendizado e convívio com minha avó[2] cuidando da horta, colhendo folhas de couve, chuchu, abóbora e algumas cenouras para fazer a sopa que comia diariamente, além disso, cuidava o mamoeiro, o abacateiro, a laranjeira e o pé de bergamota do pátio. Lembro também de minha avó sempre costurando na máquina *Singer* que hoje virou um aparador na sala da casa dos meus pais. Portanto, minha avó Hilda foi minha primeira educadora ambiental, em nível de uma educação informal no âmbito familiar, com a qual aprendi convivendo diariamente com seu hábito de cuidado com as plantas e o pátio.

Minha mãe sempre gostou de plantas, principalmente de flores e cuidava do jardim, comigo e minha irmã brincando em sua volta. Meu pai gostava mais das árvores e era o encarregado de fazer as podas. Meus pais liam muito e estavam sempre estudando. Quando eu tinha uns 4 ou 5 anos, tenho a lembrança de estar no colo do meu pai no pátio da primeira casa em que morei, estava anoitecendo e meu pai contou a história de uma estrela que estava no céu, ele disse que eu vinha dessa estrela, mas quis o destino que eu tivesse um pai, uma mãe, uma irmã e uma família, para fazer a minha história e que eu faria uma bela história na minha vida. Essa lembrança veio à mente a partir da produção do meu primeiro audiovisual *Vida*[3] (ano de 2013), fruto do trabalho final da disciplina As Três Ecologias de Félix Guattari I, ministrada pelo prof. Alfredo Guillermo Martin Gentini.

Quando criança, nas duas casas em que morei, tinha um pátio grande com muitas plantas, flores, insetos, pássaros, gatos, cachorros, árvores frutíferas (pereira, laranjeira, limoeiro, abacateiro, mamoeiro, caquizeiro), ervas de chá, legumes e verduras. Nas brincadeiras sempre tinha o contato com a natureza, uma sensação como se a água, a terra, o vento e as coisas que criávamos com esses elementos fossem nossos amigos e brincassem junto conosco, ou seja, fossem *ao mesmo tempo um brinquedo e uma criança* e como se nós fôssemos *crianças e ao mesmo tempo brinquedos* para esses elementos. Espontaneamente estávamos integrados com a natureza e seus fluxos de vida e morte, decomposição, germinação, polinização, mudança de temperatura e estações, chuvas, vento, calor, frio, dia e noite, etc.

Essa sensação de ser *criança e brinquedo* ao mesmo tempo ensina-nos sobre a implicação da pesquisadora na investigação e dissolução dos papéis de sujeito e objeto de pesquisa. Na perspectiva ecosófica da complexidade, em seu processo rizomático de

[2] Minha avó teve câncer no seio e precisou retirar uma das mamas, então ela cuidava muito da sua alimentação, conseguiu recuperar-se plenamente do câncer e morreu muitos anos depois devido à doença de Alzheimer.

[3] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=rCrDlzUV6C0&t=2s.

conexões, os elementos que compõem a pesquisa são como linhas que se interligam e a pesquisadora, a partir de seus percursos, estudos e análises, dá sentido a tudo isso.

A recordação da infância fez-me perceber a fase da minha vida em que estive mais integrada com a natureza e entendo essas vivências com a terra, as plantas e os animais como uma Educação Ambiental Informal, ou poderíamos dizer Educação Ambiental mediada pela vida? Ou uma Educação Ambiental mediada pela natureza?

Pelo lado de meus avós maternos, meu avô era fazendeiro e, quando minha mãe e tia vieram à cidade para estudar na faculdade, a família resolveu morar em Pelotas. Meu avô gostava muito do campo, mas o amor à terra estava ligado a um sentido de posse e dinheiro. E, desde criança, presenciei os problemas e desentendimentos que o dinheiro pode causar na família; esses fatos marcaram-me fortemente porque para mim, uma criança, os sentimentos entre meus familiares eram mais importantes que o dinheiro. Até hoje penso assim. Minha avó materna cuidava com todo o carinho de mim e meus irmãos quando meus pais estavam trabalhando e minha tia sempre levava-nos para passear e ir à praia. Minha avó, mãe e tia faziam trabalhos manuais belíssimos, tais como: pintura em tecido, pintura em tela, bordado, crochê, tricot, costura e também desenhavam e pintavam muito bem.

Durante a minha adolescência vivenciei a escuridão do pátio no inverno, um pátio sem sol, um inverno sem sol, devido a construção de um prédio ao lado da casa. Iniciou-se uma mudança na minha relação com o sol, ou seja, a espera do sol na primavera, no verão e no outono. Já que o pátio ficava sombrio, úmido e melancólico no inverno. Minha alma sentia-se assim também nessa estação do ano. Aos poucos as diversas flores e árvores frutíferas foram morrendo e dando espaço para os fungos, musgos e uma vegetação mais rasteira e sem flores.

A reflexão dessa fase contribuiu para diversos entendimentos desta tese, especialmente de minha relação com a vida, da minha percepção da vida. Nesse caso, o passado se faz presente nas memórias da infância, aqui e agora, ressignificando os pensamentos e fazendo proliferar sentidos e conexões entre os tempos e o espaço. As conexões da teia da vida.

Mas, vindo para a atualidade, sou doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande (ingressei em 2016), mestra em Educação Ambiental pela mesma universidade (defesa em 2014), licenciada e bacharel em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Pelotas (2003). Tenho 4 anos de experiência docente em Ciências e Biologia nos anos finais do Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA), e também fui Tutora a Distância do curso de Licenciatura em Educação do Campo UAB/UFPEL nos polos de Três Passos/RS (durante 4

anos, 2011 a 2014) e São José do Norte/RS (durante 1 ano, 2015).

Figura 1: Mostra pedagógica dos estágios da turma de Três Passos/RS



Apresentação e avaliação dos trabalhos de estágio docência das alunas do curso de Licenciatura em Educação do Campo UAB/UFPel. Ano 2014. Acervo pessoal.

Minha atuação profissional sempre esteve ligada à prática docente. Inicialmente, como professora de Ciências e Biologia no Ensino Fundamental e Médio e também no ensino superior como tutora a distância da Licenciatura em Educação do Campo. A Figura 1 mostra a apresentação dos trabalhos de duas alunas que orientei no estágio docência.

Durante a graduação em Ciências Biológicas, sentia falta de algo no curso sobre o qual eu não tinha consciência. Posso dizer que o excesso de cientificidade e a pouca sensibilidade com a vida incomodava-me profundamente, ou seja, perceber a natureza como objeto, um objeto para o estudo e proveito humano. Para exemplificar essa sensação de desconforto e insatisfação, relatarei um fato: quando eu fazia estágio na farmacologia, em que era rotina introduzir extratos aquosos de plantas em camundongos com o auxílio de uma seringa, e também rasparmos um pedaço da sua pele para passarmos um creme com extrato de planta para analisar a cicatrização. Fazia esses procedimentos de forma automática, sem refletir

sobre essa ação, mas numa manhã nublada, quando eu peguei o camundongo para introduzir a substância, ele mordeu meu dedo e olhou-me com os olhos vermelhos; senti a ira e a dor daquele animal, depois disso, desisti do experimento e do estágio. Esse valor utilitário da vida perante os outros seres vivos era um aspecto que me perturbava no curso, mas isso eu entendo agora, porque na época, meus pensamentos nem podiam supor que a instituição universidade e todo o sistema estavam equivocados nesse sentido, a partir da perspectiva de um saber sensível a dor de outro animal. Acredito que esse é o principal fato de, naquele período da graduação, eu não conseguir compreender claramente uma certa insatisfação com o curso de Biologia, mas que não chegava ao ponto de pensar em desistir ou mudar de curso.

Ao contrário dessas experiências ruins, dois momentos foram marcantes no sentido da sensibilidade com a natureza. Primeiro, numa saída de campo com um grupo de colegas, alguns quiseram capturar uma borboleta e, nesse momento, a colega Cristiane repreendeu-os e informou-nos para não matar nem capturar as borboletas. O segundo fato, ao coletar plantas para a confecção do herbário, a colega Elisângela, explicou-me a importância de não coletar plantas em excesso e também de respeitar o ambiente, pedindo licença a planta antes de coletá-la e fazer essa ação com delicadeza.

A sensibilidade ambiental é um profundo sentimento de amor pela natureza. O amor é o próprio respeito e cuidado com a natureza, não somente um entendimento racional, mas principalmente, emocional, intuitivo e poético.

As instituições de ensino valorizam em excesso a racionalidade e cientificidade em detrimento da sensibilidade e do amor. Falta mais amor, arte e poesia na educação!

Quando concluí a graduação, tive planos de fazer um mestrado mas, na época, nenhum dos cursos que conhecia interessou-me. Por isso, realizei um curso de três meses em Campo Grande/MS, em regime de internato numa comunidade voltada à agroecologia, plantas medicinais, saúde, terapias holísticas, psicologia, meditação, atividades físicas e qualidade de vida, dentre outros temas. Não tive nenhum interesse em ganhos financeiros ou aperfeiçoamento profissional para lucrar ou melhor *encaixar-me* no mercado, tive muitos aprendizados que, para o entendimento de certas pessoas, considerariam sacrifícios e perda de tempo. Mas fui buscar um sentido para a vida, já que a graduação na universidade não estimulou e potencializou aquilo que eu almejava, ou seja, uma compreensão mais integral da vida e uma integração com a natureza, com o pulsar da vida. Foi um período produtivo de muito trabalho, aprendizado e desafios. Mesmo sem saber, já aproximava-me da Educação Ambiental na perspectiva Ecomunitarista de Sirio Lopez Velasco, na ideia de desenvolver

outros modos de coexistência, de ter um estilo de vida integrado com a natureza, de criar alternativas frente aos valores do sistema capitalista.

Após esse curso, continuei realizando diversas atividades voluntárias e iniciei o trabalho como professora na E. E. São José em Confins/MG, região metropolitana de Belo Horizonte/MG. Atualmente, a escola é considerada uma escola polo, mas sua história foi de escola rural. Era uma rotina bem cansativa, pois residia em Belo Horizonte e tinha dois cargos na escola, houve um ano em que trabalhei manhã, tarde e noite e ainda fazia um curso de especialização a distância com uma aula presencial ao mês, no sábado. Agradou-me trabalhar como professora de uma escola do interior, pois tenho apreço pelos costumes do campo e de estar num ambiente que ainda preserva certos costumes locais e também a fauna e flora em sua paisagem. Trabalhei durante quatro anos nessa escola (2006 a 2010), lecionando Ciências e Biologia para turmas do Ensino Fundamental, Médio e EJA.

Em 2009, iniciei o curso de pós-graduação ENCI – Ensino de Ciências por Investigação, na modalidade a distância pela UAB/UFMG no polo de Confins, destinado à qualificação profissional de professores e relacionado à área das Ciências Naturais. Meu plano era fazer mestrado em Educação na UFMG após concluir a especialização, e desenvolver um projeto de Educação Ambiental na escola em que trabalhava, já que os estudos no curso de pós-graduação despertaram o desejo de escrever a monografia com a temática da Educação Ambiental. A partir do curso de especialização, comecei a realizar atividades de Educação Ambiental nas turmas que lecionava e aprendendo como atuar de forma interdisciplinar na minha prática docente. Esse curso motivou-me e capacitou-me a buscar novas ideias e fazer novos planejamentos para as aulas, refletindo no aprendizado e motivação dos alunos e na minha satisfação pelas novas metodologias de ensino.

A disciplina de Biologia é o estudo da vida, da natureza, por isso, a afinidade com a Educação Ambiental, porém, faz somente alusão às questões sociais e não discute diretamente a interferência do ser humano e do modelo de sociedade nos graves problemas ambientais. Interessei-me pela Educação Ambiental porque integra na sua concepção as questões sociais e ambientais para o estudo, a reflexão e a busca da resolução e/ou minimização dessa situação que agride a vida no planeta, contribuindo dessa maneira para a inserção da esfera social nos estudos da biologia. Um ramo dessa área muito relacionado com a Educação Ambiental é a Ecologia.

A Educação Ambiental como campo interdisciplinar, integra saberes das diversas áreas do conhecimento, tais como a biologia, a filosofia, a sociologia, a geografia, dentre

outras, integrando os diversos saberes fragmentados pelo pensamento cartesiano[4]. A partir de então, deixa de ser um *diálogo* entre os saberes e passa a ser uma interação complexa de saberes, e essa multiplicidade agrega, forma uma amálgama, um todo múltiplo, complexo, em que os saberes interagem entre si. Perceber a pesquisa dessa forma, abre inúmeros caminhos para o pensamento, gerando infinitos entrecruzamentos de saberes e infinitas compreensões do rizoma. O método de pesquisa da cartografia propicia esse panorama no trabalho da pesquisadora implicada no campo de intervenção.

Esta tese apresenta o rizoma, o mapa da cartografia de uma pesquisa-intervenção, através da prática de microintervenções ecosóficas, realizadas ao longo do curso de doutorado em Educação Ambiental. Por ser rizomática, esta pesquisa apresenta registros, pesquisas e memórias que conectam-se com essas microintervenções e, dessa forma, também inclui períodos antes do doutorado.

No dia 04 de fevereiro de 2010, no final da manhã, ao retornar do trabalho, uma bicicleta que vinha na contramão, descendo uma ladeira, atropelou-me e caí inconsciente no meio do asfalto na Av. Antônio Carlos, na região próxima à Pampulha, uma avenida movimentada de Belo Horizonte/MG. Por sorte, o sinal estava vermelho para os carros, senão, o desfecho poderia ter sido trágico. Não recordo do acidente, fiquei sabendo dos detalhes ao ler o Boletim de Ocorrência. Fiquei 24 horas inconsciente e fui acordar no outro dia na cama do Hospital Risoleta Neves, com traumatismo craniano leve e labirintite, em decorrência de uma lesão por causa da batida do lado direito da cabeça no asfalto. Após alguns meses, os médicos investigaram e não foi necessário operar porque não quebrou nenhum osso, só precisava continuar tomando a medicação para a labirintite. Nesse ínterim, fiquei de licença até julho, recuperando-me de uma situação que nunca imaginei que ia acontecer na minha vida. Em julho, por motivos pessoais, pedi exoneração do trabalho e retornei à Pelotas/RS para ficar próximo dos meus pais e familiares, fato que colaborou com minha recuperação.

Uma angústia invadiu-me depois de umas semanas em Pelotas: o fato de não estar trabalhando. Nesse período, tinha a ajuda de meus pais, mas não queria trabalhar pelo dinheiro, mas para sentir que estava bem de saúde e continuar meu trabalho como professora. Estava melhorando de saúde e conseguia caminhar em linha reta, as dores não eram intensas e meu pensamento estava bem normalizado, já que no início, meu pensamento e fala estavam

[4] O pensamento cartesiano propõe fragmentar (reduzir para buscar a verdade), dividindo o objeto de estudo a fim de realizar a análise e agrupar novamente os componentes estudados em um todo verdadeiro (síntese). Preocupa-se com a ordem, a clareza e a distinção, na perspectiva de cunhar leis universais, lançando as bases da ciência moderna e contemporânea. A razão seria a verdade de onde se deve partir para alcançar o conhecimento certo e irrefutável e, em consequência, eliminar todo o conhecimento inseguro ou sujeito a controvérsias.

lentos e não conseguia lembrar certas coisas, por causa da batida. Mesmo em tratamento da labirintite, tinha uma enorme vontade de trabalhar e estudar e, no segundo semestre de 2010, fiz a seleção para Tutor a Distância na Pedagogia e na Educação do Campo, ambas pela UAB/ UFPel, sendo aprovada nas duas seleções. Optei pela Licenciatura em Educação do Campo por já ter trabalhado numa escola do campo e porque um dos eixos programáticos era a Educação Ambiental. Fiquei sabendo da Pós-Graduação em Educação Ambiental/PPGEA, FURG e imediatamente fui buscar informações. Em 2011, preparei-me para a seleção de mestrado no PPGEA, cursando disciplinas[5] como aluna especial e, em 2012, ingressei como aluna regular do curso. Nesse momento, a vontade de fazer o mestrado e trabalhar com Educação Ambiental (projeto que tinha sido interrompido com o acidente) retornou com o ingresso no PPGEA/FURG, e foi uma imensa alegria em minha vida. É como se o rizoma que estava dormente, em função do acidente e de todas as mudanças, voltasse a crescer outra vez, agora em outro território, numa outra universidade, de uma outra forma, com outro desenho. Uma nova dança.

Em função do acidente que sofri, poderia não estar mais aqui, mas a vida continuou e, em vez de parar o seu percurso, nasceu um broto do rizoma que continuou o seu crescimento para uma nova etapa, em um novo território (reterritorialização).

Por que nasceu esse broto?

Por que o coração continuou batendo e a sua batida continuou regendo a sinfonia de sons e silêncios do meu corpo. O coração e sua sinfonia da vida… O rizoma da vida!

Para essa escrita, li novamente a apresentação que fiz na dissertação[6] (em 2014) e percebo que hoje tenho uma nova compreensão da minha trajetória profissional e acadêmica, voltada para o entendimento da complexidade da mesma, valorizando não somente o aspecto racional, mas tudo o que me constitui como ser humano e educadora ambiental. A inspiração nas teorias que embasam essa pesquisa levou-me a entender essa complexidade, relembrando e analisando a minha infância, lembrando da minha avó Hilda, fato que me emocionou e fez proliferar rizomas e sentidos para ir compreendendo a mim mesma, o outro e o mundo (As

[5] Disciplinas: Educação Ambiental Ecomunitarista (prof. Sirio Lopez Velasco); Sociologia e Dialética do Meio Ambiente (prof. Luis Fernando Minasi) e Políticas Públicas de Educação Ambiental (profs. Francisco Quintanilha, Gianpaolo Adomili e Carlos Machado).

[6] Título: A educação ambiental no curso de licenciatura em educação do campo: uma análise à luz da educação ambiental ecomunitarista e do ecomunitarismo (o caso da turma 1 - UAB/UFEPel. PELOTAS RS). Disponível em: http://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/6123/0000010488.pdf?sequence=1.

Três Ecologias). O conúbio entre emoção e razão no campo de pesquisa é de suma relevância para dar vida a investigação, fazer pulsar o *coração* do rizoma. Acionar os fluxos da complexidade do rizoma.

Como seria a minha apresentação daqui a 4 anos?

Estou satisfeita de não precisar *copiar e colar* a apresentação redigida na dissertação, o que representaria que meus pensamentos ficaram estagnados no tempo. Espero que a cada momento continue o fluxo de novas compreensões da vida, novos aprendizados e, ao longo desta redação, percebo que estou unindo linhas de um rizoma, relatando fatos da vida, o percurso profissional e acadêmico e me vêm pensamentos sobre os estudos das obras, experimentações nas microintervenções ecosóficas e ensinamentos do orientador e dos professores, discussões em grupos de pesquisa dentre tantas sensações que escrevo e acredito, por algum motivo, serem significativas para a redação deste capítulo. Essas sensações, que poderiam ser chamadas de intuições, me vêm como fluxos de pensamento e emoção simultaneamente.

A intuição é uma consciência latente, produzindo novos sentidos e novas percepções. É uma faculdade de percepção direta da complexidade da natureza e um refinamento da sensibilidade.

Mas, retomando a linha da trajetória acadêmica na FURG, em 2012, ingressei no mestrado sob a orientação do prof. Sirio Lopez Velasco e pesquisei, na perspectiva da Educação Ambiental Ecomunitarista, a Educação Ambiental no curso de Licenciatura em Educação do Campo UAB/UFPel, onde atuava como Tutora a Distância.

Em 2016, ingressei no doutorado com o mesmo orientador e vislumbrava continuar a pesquisa com a Educação Ambiental Ecomunitarista mas, agora, pensando a partir das práticas instituintes das microintervenções ecosóficas. Nessa época, já realizava trabalho voluntário na ONG Casa do Caminho[7], coordenado pela Irmã Assunta Tacca, no cultivo de plantas medicinais, verduras e legumes.

No final de 2015, realizei a seleção de doutorado no PPG em Educação Ambiental/FURG, apresentei o projeto (Apêndice 1, p.191), envolvendo a Educação Ambiental Ecomunitarista, As Três Ecologias e as microintervenções na Casa do Caminho com enfoque nas hortas comunitárias.

Este projeto mostra um momento de transição em minha vida acadêmica, porque em 2014 defendi a dissertação em Educação Ambiental mas, no final de 2014, os professores que

[7] Mais informações sobre a ONG Casa do Caminho, acessar o link disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=FgVLxvXk3-U&index=10&list=UUi7GReqtaAAsnoW04K9MwpQ.

gostaria de escolher para serem meus orientadores, Alfredo Martin e Sirio Velasco, não abriram vaga para seleção no doutorado e, como estava trabalhando com o plantio comunitário, optei fazer a seleção na UFRGS no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural. Passei por todas as etapas e fiquei bem classificada, mas não fui chamada. Durante a entrevista, percebi que aquele não era o meu caminho, e sim, a Educação Ambiental, já que na prática, a intencionalidade era utilizar a horta como um dispositivo para fomentar a Educação Ambiental. Pensando nesse momento, o motivo de não ser chamada na UFRGS foi um incentivo para retomar meus planos para a seleção de doutorado em Educação Ambiental.

Em 2016 teve início o doutorado mas, em março, meu orientador desligou-se do Programa e tive que pensar em um novo orientador e reelaborar o planejamento. Senti-me perdida, foi um momento bem complicado e, ao mesmo tempo, desafiador.

Nesse ano (janeiro a maio de 2016), estava morando na Marumbi, Praia do Mar Grosso (São José do Norte, RS) e um dos moradores convidou eu e meu marido (Augusto Amaral), para realizarmos o planejamento de um projeto de Educação Ambiental (Apêndice 26, p. 254) junto à comunidade e escolas da praia. Mas o projeto não saiu do papel em função de informações desencontradas, confusões e, em 3 meses, acabou o planejamento e as reuniões. Observei que, por parte da maioria das pessoas do grupo, os professores e servidores das universidades, as pessoas que possuem cargos e os políticos, tem muito mais importância do que os moradores que não possuem uma formação acadêmica e não ocupam cargos importantes. As pessoas *comuns* geralmente estão num degrau abaixo no nível de valorização e reconhecimento, no pensamento de muitas pessoas. Infelizmente, isso está impregnado na subjetividade de todos nós, com mais ou menos intensidade.

É importante destacar que conheci em São José do Norte profissionais que realizam um excelente trabalho de Educação Ambiental na cidade, pessoas que admiro, artistas e professoras dedicadas, inteligentes, sensíveis e comprometidas com sua profissão, ativistas e agricultores que lutam pela agroecologia na cidade. Cabe destacar que um militante da Educação Ambiental em São José do Norte (onde reside), artista, escritor e graduando na FURG, participou ativamente do Grupo de Teatro Interativo/GRUTI, realizando oficinas de teatro, escrevendo e publicando trabalhos e artigos, colaborando na produção do filme com o Grupo de Adolescentes do CAIC/FURG, expondo seus quadros no EDEA[8], etc. Isso mostra que o projeto inicial em São José do Norte não aconteceu, mas as linhas potentes continuaram

[8] Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental PPGEA/FURG.

e aconteceram outros projetos e atividades, de uma forma que não imaginávamos e nem esperávamos. Isso se dá quando temos fé nos fluxos da vida e buscamos viver o momento presente, percebendo as possibilidades de mudança mas, para isso, é necessário desapegar de tudo aquilo que não aconteceu e/ou não funcionou e continuar o percurso.

O fato de estar implicada na pesquisa não significa parcialidade, já que a pesquisadora deve ser responsável, comprometida e sua pesquisa precisa ter credibilidade. Nesse caso, a seleção dos dados, sua análise apurada e a análise das interconexões de todos esses materiais são momentos que requerem a responsabilidade e o compromisso ético. Mesmo tendo um sentimento em relação aos fatos e um posicionamento que levaram-me a fazer escolhas, é importante destacar que meu posicionamento é de Educadora Ambiental e é a partir desse viés que atuo como pesquisadora, produzindo e investigando os dados, observando e refletindo sobre os mesmos. Entendo o posicionamento de outras pessoas sobre o mesmo fato, já que cada pessoa tem o seu *filtro* de análise, o *filtro* autoritário trabalha com o controle das situações, segregações, manipulações e a ação pelo poder hierárquico, mesmo que o discurso possa ser dócil e totalmente o oposto disso.

Em minha atuação como Educadora Ambiental e em minha vida tenho um posicionamento político voltado para a intervenção socioambiental (autogestão crítica e criativa), mas não acredito que os partidos políticos que se dizem de esquerda (muito menos os partidos de direita ou centro), sejam capazes de fazer as profundas transformações necessárias para promover a justiça social e ambiental. Por isso, no mestrado desenvolvi a pesquisa com a teoria do Ecomunitarismo. No sentido de pensar ações para além dos partidos políticos, e cabe uma citação do artigo intitulado: *Filosofia Política Hoje: Democracia para além dos partidos?*:

> Outra experiência de democracia direta, com ação durável no tempo, é a realizada pelos cidadãos em inúmeras "redes", criadas por ONGs, voltadas para as causas ambientais, das minorias étnicas, do feminismo e pela solidariedade internacional, dentre outras. A "rede" legítima depende da iniciativa de cada um dos seus membros e não aceita diretriz que não resulte do consenso horizontalmente construído com base na inter-comunicação livre; por outro lado, é descentralizada, não tem dirigentes permanentes e cada membro é livre de entrar e sair dela quando quiser, num processo permanente de re-construção da rede (VELASCO, 2005, p. 78).

Cabe ressaltar que, mesmo com os inúmeros problemas da democracia, não podemos abandoná-la, e sim, aperfeiçoá-la. E os movimentos instituintes, movimentos sociais são fundamentais para a crítica, autocrítica e reivindicações para tornarem possíveis as mudanças

dentro das instituições, principalmente as políticas. Quando os movimentos sociais são cooptados ou financiados por partidos políticos ou entidades privadas que defendem os interesses da elite da sociedade, espera-se os piores cenários para o país, inclusive com risco direto à democracia. Infelizmente, a ganância pelo poder cega todos os políticos e partidos.
A ação em rede é a dinâmica de funcionamento dos grupos que participo, poderíamos chamar essas redes de *movimentos instituintes* (conceito da Análise Institucional). O plantio comunitário é um exemplo desse tipo de trabalho e, no percurso da pesquisa, atuei no grupo da horta comunitária em diversos locais na ONG Casa do Caminho e também na casa da vizinha Nevanir (Bairro Areal, Pelotas/RS) – movimentos instituintes de *vizinhança solidária*, inspirada nas ideias do Ecomunitarismo.

A autogestão é a tônica das microintervenções e, no Grupo de Teatro Interativo, trabalhamos dessa forma, mas percebemos uma certa dificuldade dos participantes em exercerem a sua autonomia, por isso, esperam que o professor ou responsável dê ordens e organize o planejamento. Ou seja, quando abre-se um espaço de expressão e autogestão, em muitos casos, as pessoas sentem medo e ficam paralisadas. O medo é um obstáculo para a autogestão, para a criação, o medo do diferente, do fazer e pensar diferente das normas e preceitos instituídos, por medo da incompreensão e repressão.

É importante ressaltar que este posicionamento não está certo ou errado, esta tese não tem a intenção de ditar regras de pensamento, padrões científicos, condutas corretas ou convencer pessoas a seguir este ou aquele caminho. Mas apresentar um percurso singular, de uma pesquisadora que se aventurou a desbravar territórios desconhecidos de si mesmo, dos outros e do ambiente, arriscando-se a desenhar sua pesquisa nos entrelugares, nas linhas limítrofes da interdisciplinaridade e também para as *além-linhas* da transdisciplinaridade. A implicação como pesquisadora assume o viés de analisadora, ou seja, a atitude de colocar-se de fora desses eventos para analisar os fatos. É uma ação necessária quando se está implicado na pesquisa e requer um permanente e contínuo aprendizado sobre como ser uma pesquisadora implicada. Esta tese apresenta o retrato do que vivi e aprendi durante o período de doutorado. Mas os estudos e aprendizados continuam!

Retornando na decisão de escolha do novo orientador, pensei nas disciplinas e professores e uma das disciplinas que mais tive apreço foi a *Educação Ambiental e Complexidade,* do prof. Humberto Calloni. Assim, comecei a fazer parte do Grupo de Estudo e Pesquisa da Complexidade (Grupo de Pesquisa CNPq)), onde semanalmente estudamos obras de Edgar Morin e também outros autores que contribuem com o entendimento da

complexidade, além de ser um ambiente acolhedor e de diálogo que nutre de conhecimento e ânimo para seguir com o trabalho. E não posso esquecer do nosso café coletivo em meio aos livros e das discussões profícuas.

Um momento importante no Grupo de Estudo e Pesquisa da Complexidade, para minha trajetória como pesquisadora, foi o convite do colega Filipi Amorim para escrever um capítulo do livro *Educação Ambiental e Complexidade: ensaios – tomo 1*[9], organizado pelo prof. Humberto Calloni. Em conjunto com Augusto Amaral, escrevemos o capítulo intitulado *A complexidade nos processos de microintervenção ecosófica na formação em educação ambiental: reflexões preliminares a partir do clown,* no qual ensaiamos as conexões das microintervenções com o *clown* e a complexidade. Foi a primeira vez que tive um trabalho publicado em um livro, fato que promoveu uma felicidade e satisfação com as microintervenções e a sensação de valorização do trabalho.

Os grupos são importantes para o processo educativo porque envolvem o estudo coletivo, com uma diversidade de ideias e essa diversidade contribui para reflexões e aprendizagens. Um aspecto fundamental nos grupos é o afeto. O afeto e o abraço tornam possível ter o enfrentamento dos inúmeros desafios e obstáculos vivenciados numa prática de microintervenção em que um dos objetivos é colocar à prova os padrões instituídos socialmente e as relações de poder. Senti-me abraçada pelo Grupo de Teatro Interativo (GRUTI) em suas microintervenções ecosóficas e também pelo Grupo de Estudo e Pesquisa da Complexidade, fortalecendo-me em muitos momentos que sentia não ter forças e vontade de escrever esta tese.

Em diversos momentos era difícil até pensar em tudo o que envolvia a tese, sentia que estava num momento de luto, uma sensação de solidão em que muitas crenças e esperanças desapareceram em mim. Meus colegas nem imaginam isso, porque não comentei com eles, mas é importante esse relato para dar-nos conta da importância de criarmos laços fraternos nos espaços de convívio e aprendizagem. Isso significa respeitarmos as diferenças e aprendermos com elas, senão, as diferenças podem gerar zonas de conflito causadoras de destruição, mentira, desavenças, disputas, doença, falta de fé, dentre tantos acontecimentos e sentimentos ruins.

O afeto está intrinsecamente ligado à solidariedade, fraternidade, respeito e cuidado, sendo esses valores importantes no processo educativo e criativo, especialmente para o desejo de aprender. As experiências de sofrimento também contribuem para a aprendizagem, mas

[9] Disponível em: https://docs.wixstatic.com/ugd/48d206_7beb47b4e2644c7dabedd5b7b3630c27.pdf.

podem levar a processos depressivos, mal estar, falta de vontade e de força para prosseguir com os planos que antes estavam repletos de beleza e desejo. Por isso, é fundamental cultivarmos a fraternidade, a generosidade e o respeito nos laços de convívio dos grupos, ao invés do conflito, da competição, do egoísmo, do medo e da ganância pelo poder, características marcantes das relações que compõem nossa sociedade e estão presentes também nos grupos e nas instituições de ensino.

Como enfrentar o conflito, a competição, o egoísmo e o medo?

Um espaço que proporcionou uma experiência intensa e de muito aprendizado foi a produção autogestionada do filme *Mãe, eu tô grávida*[10] no Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente (CAIC/FURG), no filme produzido com o Grupo de Adolescentes da Unidade Básica de Saúde da Família (UBSF/CAIC). Essa microintervenção ecosófica foi realizada no segundo semestre de 2017.

Em 2016, cursei a disciplina As Três Ecologias de Félix Guattari II e produzi o audiovisual *Grupo de Teatro Interativo: microintervenção ecosófica*[11], a partir das oficinas de *clown* do Grupo de Teatro Interativo.

Estou referindo-me às microintervenções ecosóficas e é relevante explicar o motivo da escolha em trabalhar com esse método. Em 2013, numa aula da disciplina As Três Ecologias de Félix Guattari I, ministrada pelo prof. Alfredo G. Martin Gentini (psicólogo e analista institucional, foi professor no curso de Psicologia e no PPGEA, dentre outros cursos na FURG), iniciei o estudo das microintervenções e, na avaliação final, produzi meu primeiro audiovisual intitulado *Vida*[12].

Nessa disciplina, conheci a ONG Casa do Caminho, coordenada pela Irmã Assunta, e também conheci meu marido, Augusto Luis Medeiros Amaral, numa das oficinas realizadas pelo prof. Alfredo. Nas aulas, estudávamos o livro *As Três Ecologias* de Félix Guattari e outros materiais, mas também aconteciam diversas oficinas de criatividade em sala de aula e nos espaços arborizados da FURG. Tais oficinas envolviam desenho, pintura, audiovisual e uma oficina promovida pelo prof. Augusto Amaral em parceria com o prof. Cláudio Tarouco de Azevedo, envolvendo música ao vivo, teatro e dança. Lembro-me que o músico pelotense Celso Krause tocou guitarra neste dia e reencontrei um colega do curso de Biologia/UFPel, Alexandre Brum, que tocava bateria. Eles tocaram músicas autorais (Improvisadas) no estilo

[10] Acesso disponível no link: https://www.youtube.com/watch?v=KDPhbb2X3l4.
[11] Acesso disponível no link: https://www.youtube.com/watch?v=iCIPl-qFujM&t=1s.
[12] Acesso disponível no link: https://www.youtube.com/watch?v=rCrDlzUV6C0.

jazz e divulgaram o CD *ImproVisão.* A oficina[13] ocorreu em 2013 e fiz a edição do vídeo em 2019. Importante destacar que nessa disciplina, aprendi a fazer edição de vídeo nas aulas que o prof. Cláudio Tarouco ministrou com o prof. Alfredo e, desde então, já produzi e editei diversos audiovisuais.

Nessa disciplina, aprendi que a pesquisa não é só o desenvolvimento intelectual, mas o desenvolvimento das demais capacidades humanas, emoção, intuição, afeto e, através das microintervenções que o professor realizava em aula, comecei a observar as sutilezas e detalhes da vida e, com isso, aguçar minhas percepções e sensações sobre a natureza. E valorizar as histórias de vida em seus fatos simples, singelos e belos.

[13] Acesso disponível no link: https://www.youtube.com/watch?v=A0WLeIX2rxU&t=2s

Figura 2: Oficina de Criatividade da disciplina As Três Ecologias de Félix Guattari



Dançar a partir dos desenhos realizados pela turma. No chão, o desenho que pintei – um sol negro com raios dourados e vários rabiscos coloridos. Acervo pessoal. Ano 2014.

A Figura 2 registra outra microintervenção na aula do prof. Alfredo Martin, é importante porque retrata a dança a partir do desenho que fiz no papel – o sol - inicialmente, pintei o sol negro e, no final do desenho, pintei os raios de sol amarelos e colori de amarelo o sol negro, que ficou menos escuro (como mostra o desenho pintado no papel que está no chão). Além do sol, lembro que fiz diversos desenhos abstratos ao seu redor. Isso foi em 2014. E, no ano de 2016, eu estaria participando do Grupo de Teatro e batizando o meu *clown* com o nome de Raio de Sol. Será que teve alguma relação com esse desenho que fiz em 2014? Conscientemente não, porque só lembrei dessa relação rizomática ao ver esta foto e analisar os dados desta tese. Cada vez que vejo uma foto ou leio algo que escrevi, vão proliferando ligações, rizomas e possibilidades de entendimento sobre os mesmos fatos e, com isso, novos aprendizados, novas conexões do rizoma.

Raio de Sol veio num momento de trevas da minha vida. Raio de Sol fez parte de um processo criativo que me potencializou e fez-me perceber a luz e a beleza existentes dentro e fora de mim, num momento da vida cheio de escuridão, tristezas, problemas e obstáculos. A criação do meu *clown* Raio de Sol tirou-me das trevas, ou melhor, amenizou um período de

trevas. O primeiro ano do doutorado, 2016, foi repleto de situações complicadas e posso dizer que o processo de iniciação do *clown* e a descoberta da Raio de Sol, promoveram uma força de renovação e persistência em meus propósitos, projetos e uma compreensão sobre as relações, ações e reações perante os problemas. Um dos aprendizados foi a importância da criação como uma atitude perante os obstáculos, os desafios e as situações desconhecidas.

Ensinamento da Raio de Sol:
Se o caminho está escuro, acenda uma luz! Crie uma luz!

Há muitos anos fiz ballet, dança flamenca e dança contemporânea mas, em função dos estudos que sempre foi minha prioridade, não dava continuidade as aulas de dança. A partir das aulas da disciplina As Três Ecologias, retornei à dança, no grupo de dança contemporânea da Berê Fuhro Souto (em 2014), intitulado Palavra Coreografada. As aulas de dança eram no espaço da Biblioteca Pública de Pelotas e dançávamos em vários espaços do prédio, inclusive na sacada. Tiveram duas vezes que a dança foi na calçada da biblioteca, na rua, com as pessoas, carros, charretes e veículos transitando, além de cães que ficavam em nossa volta. Foi um momento surreal. Um bando de bailarinos e bailarinas dançando na rua, muitas pessoas olhavam com surpresa, outras com atenção, alegria, enfim, diversas reações sobre a cena da dança na rua.

A metodologia da disciplina As Três Ecologias de Felix Guattari estimulou-me a dançar, a desenhar, a escrever um diário de campo, a trabalhar na horta, dando importância para tantos eventos que passavam desapercebidos em minha vida e hoje tem um significado especial para mim e para o meu entendimento sobre a Educação Ambiental. Também voltei a anotar e dar relevância aos meus sonhos. E entender e sentir que tudo isso faz parte da atividade de pesquisa, faz parte do *estar sendo* pesquisadora, no entanto, o desafio seria escrever de forma compreensível para o leitor tantos fatos permeados de subjetividade, intuição e emoção, sentimentos intrínsecos a prática das microintervenções ecosóficas e seus processos criativos.

Esse sentimento promoveu um ânimo para a minha vida acadêmica, fazendo-me perceber que o sentido da ciência não está somente na universidade, nos livros e nos centros de pesquisa, mas também no pátio da minha casa, na minha própria casa, na vida cotidiana em suas relações com o ambiente. Isso modificou meu entendimento sobre a ciência, apesar de já ter tido *insights* desse aprendizado ao estudar a Educação Ambiental Ecomunitarista e a Teoria da Complexidade de Edgar Morin, na realidade, antes ainda, desde sempre, retratada

pelo meu desconforto e descontentamento de diversos padrões instituídos considerados certos, seguros e imutáveis. Posso dizer que, nessa disciplina, ao trabalhar com o dispositivo das microintervenções e, obrigatoriamente, a corporeidade, senti na pele o que os estudos sobre a complexidade e o ecomunitarismo haviam revelado intelectualmente. O saber racional integrado com o saber emocional, as palavras dos livros causando sensações no corpo e no espírito, provocando reflexões e sensibilidades com relação aos conceitos e teorias. Esse é o fundamento das experimentações.

A experiência com as microintervenções geram uma vontade de criar alternativas para os problemas e somente o seu estudo teórico não é suficiente, caso não exista também a criação de um dispositivo para a resolução e enfrentamento dos mesmos. Mas um dispositivo criado coletivamente e movido pela autogestão.

No Grupo de Pesquisa As Três Ecologias de Félix Guattari, atuamos no Plantio Comunitário[14] e registramos o percurso num diário de campo coletivo (página do *Facebook*). Nessa mesma rede social, temos uma página do Projeto de Extensão Grupo de Teatro Interativo: pesquisa e intervenção socioambiental[15].

Em 2018, dediquei-me à escrita do projeto de qualificação da tese e, quando pensei que ficaria focada na escrita da tese, deparo-me com uma microintervenção que começa a acontecer no Condomínio onde moro, no entorno da própria casa. Eis que o arquiteto liga avisando que o projeto paisagístico começaria a ser executado e, aos poucos, o canteiro da área externa em frente a janela da sala de estar vai sendo povoado por orquídeas, flores de manacá, estrelitzias, bromélias e uma belíssima grama negra. Estamos também no processo de substituição da coletora de resíduos e resolvemos reunir as/os adolescentes do Condomínio (uma delas, moradora da casa 06, é estudante no curso de Design de Interiores do IFSUL/Pelotas) para elaborarmos um material de divulgação sobre o processo de coleta seletiva que está sendo implantado. Para isso, depois de uma reunião com os adolescentes, ficou combinado que eles fariam a arte de um *folder* e de um ímã de geladeira, que serão distribuídos aos condôminos com informações detalhadas sobre a destinação dos resíduos e os dias e horários da coleta seletiva. A adolescente mais jovem do grupo, a Anna, gosta muito de

[14] Acesso disponível no link: https://www.facebook.com/groups/1417933951763111/?fb_dtsg_ag=AdwwdcRh-U7CYasmeGy64bmsyYAyM4Xhfs2IruFoS-d9Hg%3AAdzAz_hPmkcBfQZQH1sEYn0A17LqawIXFybjqzfrsBKz9A. É necessário pedir ao administrador o acesso ao grupo.

[15] Acesso disponível no link: https://www.facebook.com/groups/969573663063562/?fb_dtsg_ag=AdwwdcRh-U7CYasmeGy64bmsyYAyM4Xhfs2IruFoS-d9Hg%3AAdzAz_hPmkcBfQZQH1sEYn0A17LqawIXFybjqzfrsBKz9A. É necessário solicitar ao administrador o acesso ao grupo.

desenhar e está criando uma história em quadrinhos que ilustrará o *folder*.

A formação rizomática não pára de multiplicar-se, de fazer novos entrelaçamentos e de interconectar múltiplas dimensões, gerando outras possibilidades de ensino-aprendizagem, novas maneiras de relacionar-se e interagir com os outros e o mundo, outras formas de cuidar. Esta é uma ideia-chave que vem impulsionando tanto as microintervenções quanto a escrita da tese, procurando enfatizar os momentos mais perturbadores, os mais sensíveis e intensos, os acontecimentos produtores de sentido.

Iniciei esta apresentação falando do amor à vida. Em fevereiro de 2010 senti a morte, o caos, o nada, a escuridão e o silêncio do não-ser ao ficar inconsciente durante 24 horas. Quando acordei-me no outro dia de manhã, abri os olhos e vi o teto branco do quarto do hospital, senti que tinha saído do escuro, do silêncio, senti que eu era nada, não lembro de nada, senti como se durante esse período o tempo estivesse em suspenso, me senti não-ser. Essa sensação do não-ser, do escuro e do silêncio, funcionou como um dispositivo aguçando minha vontade de estudar o rizoma – de fazer rizoma, aprofundando conhecimentos e experimentando outras possibilidades de cuidar, outros modos de coexistir. Trata-se de acreditar na capacidade de superação, de invenção, de autorregulação, de transmutação, enfim, de fazer uma aposta na saúde do ser humano reanimando seu ímpeto.

Inclusive as várias atividades físicas e reflexivas propostas pelo prof. Alfredo, fizeram-me relembrar e ressignificar esse momento ao ponto de questionar a mim mesma se eu tinha morrido e estava em outra dimensão da natureza, ou se realmente estava viva. Esses pensamentos permaneceram por um tempo mas, após as reflexões a partir dessas aulas, percebi a vida de uma outra forma. E, com os estudos sobre o rizoma, ampliou-se ainda mais. Ao longo da tese, essas ideias serão desenvolvidas com mais clareza. O Apêndice 2 (p. 209), registra uma anotação sobre uma atividade proposta na disciplina: refletir sobre questões que não sabemos a resposta. Ao fazer a atividade em casa, senti um abalo em meu corpo e uma desconstrução de meus pensamentos, o registro reflete uma parte desse sentimento.

O desenvolvimento de um pensamento complexo requer abalo e desconstrução. O prof. Humberto Calloni tem o hábito de levar livros para doar ao grupo e também reportagens de jornais, livros e outros materiais para empréstimo e, dessa forma, dialogamos sobre determinados assuntos, além do estudo do livro. Em uma das reuniões do Grupo de Estudo e Pesquisa da Complexidade, (agosto de 2018), o prof. Calloni levou alguns livros e vi na mesa um com uma criança sentada no chão acariciando um cachorro e li no título *Maturana, educação, amor e liberdade.* Pedi o livro emprestado e, ao estudá-lo, percebi que era

necessário integrar o amor aos conceitos e enfatizá-lo na ótica da sensibilidade ambiental, discernimento que tive num momento em que sentia faltar algo, na época em que estava escrevendo o projeto de tese para qualificação (a tese em construção) e que seria impulsionado pela palavra *amor.* O que ocorreu após a leitura do livro *Humberto Maturana e a Educação: Educar no amor e na liberdade,* do prof. Valdo Barcelos e Sandra Maders (doutoranda em Educação). Os autores dizem algo que reverbera em múltiplas dimensões: *Para Humberto Maturana, só o amor amplia a inteligência* (BARCELOS & MADERS, 2016, p. 12).

O pensamento de Maturana tem muitas conexões com este trabalho e vem ajudando a aprofundar o campo de problematização que nutre a pesquisa, em consonância com minhas reflexões em tantos aspectos. Como no caso de incluir todos os seres vivos no discurso sobre a alteridade, ou seja, o '*outro' tanto pode ser um ser humano quanto qualquer outro animal* (BARCELOS & MADERS, 2016, p. 67), permitindo-nos pensar em termos de uma outridade. No livro, em todos os momentos que os autores referem-se às crianças, senti-me acolhida porque esses conhecimentos, em minha opinião, também servem para os adultos que se abrem e permitem-se atravessar pelo vir a ser criança – um outro pueril, que brinca e se deixa levar pela força do aqui e agora – o *clown.*

O que faltou relatar nesta apresentação? Por que registrei esses fatos e não outros? Será que esses outros aparecerão ao longo da tese? Quais fatos aparecerão? Por quê? Quais interconexões farão com a teoria? Que rizomas serão conectados e por quê? Quais conhecimentos produzidos contribuirão para a compreensão da Educação Ambiental a partir da análise do rizoma das microintervenções ecosóficas realizadas nesta pesquisa?

Essas são algumas questões que vieram à tona nesses parágrafos finais da apresentação. Na realidade, a Apresentação da Educadora Ambiental acontecerá em outros momentos, oportunamente, na medida em que o rizoma vai desenvolvendo-se. Destarte, vamos tecendo esse rizoma-pesquisa, interconectando linhas rizomáticas que estão plasmadas na natureza.

2 INTRODUÇÃO

Tantos papéis escritos, tantas folhas rabiscadas, desenhadas e pintadas, tantas páginas escritas no diário de campo, tantas conversas e observações, tantas páginas digitadas, tantos pensamentos, ações, sentimentos, alegrias e sofrimentos. Tanta revolta, tanta ira. Tanta gratidão, tanto amor. Tanta vida compõe essa tese! Tantos acontecimentos, tantos fatos estranhos e esquisitos, tantas sincronicidades, tantos processos criativos, tantos momentos lúcidos e outros confusos, tantas pesquisas, experimentações, estudos, práticas e aventuras por territórios desconhecidos. Por onde começar? A teia da vida não tem início nem fim, mas suas unidades têm processos que se retroalimentam e se interconectam num constante fluxo e refluxo de movimentos.

Iniciando a escrita da Introdução, faltam-me as palavras, porque nesse momento vem a sensação de que não fiz nada e, ao mesmo tempo, sei que fiz muito. Que estranha essa sensação simultânea de vazio e plenitude. Analisando o percurso da pesquisa (que iniciou bem antes de 2016 quando ingressei no doutorado), tenho a sensação de que vivi várias vidas e, analisando agora os dados produzidos na pesquisa, em certos momentos, faltam-me palavras. Não consigo transformar em uma frase a potência e a beleza de certos acontecimentos, por isso, decidi utilizar fotografias no corpo do texto que não são ilustrativas, mas pretendem chegar onde as palavras não chegam. O objetivo é agregar elementos que mostrem as ideias, intuições e decisões que emergiram durante o processo, e também como procuramos enfrentar os problemas e as situações difíceis e delicadas. As fotografias serão analisadoras do processo cartográfico, enunciando o seu rizoma.

Também percebo que estou tentando entender só racionalmente uma prática de intervenção complexa em que se conjugam razão, emoção, afetos, sensações, sonhos e utopias, dentre tantos sentimentos que abri passagem e permiti fazerem parte dessa investigação científica. Esta tese é fruto de muito amor, coragem, superação, trabalho e determinação, como se a vida estivesse me testando ao colocar à prova tudo aquilo que mais amo, mas com uma força que não sei explicar, consegui transpor esses obstáculos guiada pelo senso de justiça e de responsabilidade que fazem parte da minha vida.

Houve períodos em que parecia que eu sucumbiria e nunca mais sentiria e pensaria da mesma forma, ou seja, uma falta de força, de amor e de fé nas instituições e até mesmo no percurso de pesquisa que escolhi trilhar tomavam conta de mim. Então:

Por que apesar de tudo continuei nessa trajetória?

Por que todo esse sofrimento não destruiu o amor que sinto pela docência e pela pesquisa?

Um dos motivos é contar com o apoio, o acolhimento e a confiança de alguns amigos e companheiros de trabalho que compartilharam esse percurso. Contar com o meu marido, com minha família, com a energia das plantas, do gato Gatuxo. Se estivesse sentindo-me totalmente sozinha, não estaria aqui escrevendo estas páginas porque, para mim, escrever requer amor e desejo por aquilo que faço. Gratidão à vida! Parece algo tão simples, mas em certos momentos, uma palavra de apoio ou simplesmente um abraço tem o poder de transformar muitos sentimentos e pensamentos negativos quando estamos deprimidos e desiludidos frente as dificuldades da vida. São as singelas e potentes microintervenções que podemos realizar em nosso cotidiano, transformando estados de espírito das pessoas, do ambiente e, inclusive, de nós mesmas.

É importante também entender a amorosidade como um compromisso: "A amorosidade é, sobretudo, um compromisso existencial com o *outro*, seja ele humano, seja não humano, ser vivo, enfim, que habita o admirável e complexo universo da *physis*." (AMORIM & CALLONI, 2017, p. 392).

Na época da escrita do projeto de qualificação da tese, ao sistematizar os dados e analisar fotos, vídeos e diversas produções, fui refletindo sobre o sofrimento e as dores de uma pesquisa-intervenção e, analisando as minhas implicações nas microintervenções, percebi a necessidade de articular o conceito de *amorosidade*. Uma ideia advinda de reflexões fruto de uma conversa com o meu orientador ao emprestar-me o livro[16] de Valdo Barcelos e Sandra Maders. Também estudei um artigo do prof. Humberto Calloni e do colega Filipi Amorim, intitulado *Sobre o conceito de amorosidade em Paulo Freire*[17]. A conversa, o estudo do livro e do artigo provocaram muitas ideias e problematizações.

Nesse sentido, a escolha da fundamentação epistemológica está intrinsecamente ligada com o dispositivo da microintervenção ecosófica, uma pesquisa-intervenção inspirada no campo epistemológico da Análise Institucional – mais especificamente no método da cartografia e na ecosofia de Félix Guattari. A ecosofia, como concepção de Educação Ambiental, destaca a relevância dos três registros ético-estéticos, ou seja, as três ecologias –

[16] BARCELOS, Valdo; MADERS, Sandra. *Humberto Maturana e a Educação: educar no amor e na liberdade.* Santa Maria: Editora e Gráfica Caxias, 2016.

[17] Acesso disponível em: http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/4807.

ecologia mental, ecologia social e ecologia ambiental. A Ecosofia (GUATTARI, 1990 e 2015) embasa essa investigação, que manifesta a necessidade de produzirmos um pensamento que ultrapasse os limites da lógica cartesiana e problematize os padrões instituídos da sociedade. Um conhecimento que permita sentir-se integrado aos demais seres e ao ambiente.

O objetivo de utilizar como método didático-pedagógico as microintervenções ecosóficas é intensificar as transversalidades e potencializar outras capacidades do ser humano, tais como, a imaginação e a inventividade privilegiando a sensibilidade, o aprendizado coletivo, a autonomia e a solidariedade. Ao longo da pesquisa, percebemos que esse tipo de método contribui para a formação de grupos-sujeito, gerando forças instituintes que tensionam os padrões instituídos da sociedade, dentre os quais, os próprios modelos tradicionais de pesquisa. Essas forças instituintes advém da formação do grupo-sujeito, um grupo fundamentado na autogestão, na análise e autoanálise do processo de construção coletiva, na experimentação e no cuidado de si, do outro e do ambiente.

Cabe ressaltar um importante aspecto da microintervenção ecosófica, a implicação da pesquisadora com o processo de pesquisa (Apêndices 13, 14, 15, 16 e 17. Páginas 228, 229, 230, 231 e 232), abrangendo não só o escopo acadêmico, mas todas as esferas da vida. Ou seja, o campo de intervenção é também o próprio cotidiano da pesquisadora e os territórios percorridos por ela, isso requer a valorização de uma percepção sensível do ambiente e das relações. Isso abre um leque de possibilidades, de interconexões, de acontecimentos e agenciamentos que fazem parte da análise, enquanto são produzidos dados e conhecimentos em consonância com os fluxos presentes no campo de pesquisa. Estar implicada na investigação muda substancialmente a percepção que a pesquisadora tem de si, dando espaço para ampliar o conhecimento de si mesma ao valorizar seus próprios processos de singularização e entrar em contato com capacidades e habilidades até então desconhecidas. A pesquisadora, nesse processo, atua simultaneamente na formação em Educação Ambiental e na sua autoformação como educadora ambiental.

Os papéis de sujeito e objeto de pesquisa, na perspectiva de uma metodologia clássica, não fazem sentido na cartografia, na qual sujeito e objeto são dois dentre inúmeros constituintes do rizoma, aqui entendido como uma complexa multiplicidade de interações que caracteriza as microintervenções realizadas. O pesquisador tem um papel ativo na produção dos dados da pesquisa e não é somente um observador dos fatos e fenômenos de uma metodologia pré-definida que mostra um caminho em linha reta, sem atalhos, sem rupturas e linhas de fuga. É importante perceber também o que não escrevemos no projeto inicial e que

começam a surgir, a partir dos acontecimentos que vão desenhando-se ao trilhar a pesquisa, tornando concreto aquilo que antes era uma ideia. Existem linhas do rizoma entre a pesquisadora, os participantes dos grupos e os próprios grupos em si, os ambientes das microintervenções e tudo que constitui essa pesquisa, formando ligações que se conectam criando sentidos, aprendizagens, sensações. Tudo isso forma um grande campo invisível e visível, unindo linhas de objetividade e subjetividade, inconsciente e consciente. Sinto que essa formação rizomática traça um desenho que se movimenta e quase consigo vê-lo em alguns momentos, mas ainda não sei como torná-lo visível graficamente. No percurso, aos poucos vai se formando essa sensação de poder tocar nesse desenho que dança. Isso é uma sensação muito intuitiva e minha razão acolhe, como se existisse uma ponte unindo a intuição e a razão.

Os desenhos significam uma abertura para a expressão criativa, manifestação do caos interior através deles. Expor o caos para organizar, expor o desconhecimento para ir buscando a contínua trajetória do aprendizado, do conhecimento.

Para as correntes tradicionais da metodologia científica, a pesquisadora precisa ser neutra e racional, supervalorizando a razão como essência do fazer científico e desprezando outras capacidades que lhe constituem como ser humano. Que tipo de cientista é esse?! Um cientista que para exercer tal função precisa mutilar-se como ser humano, aniquilando sua emoção, intuição e outras capacidades que até mesmo desconhece. E desconhece porque o medo não o permite conhecer-se. Eis uma das consequências de um modelo educacional que reprime a expressão criativa, fundamentando-se em padrões de pensamento que servem para manter o *status quo*, gerando o medo de ser e pensar diferente e o medo de expressar-se criativamente.

Mas, na perspectiva da complexidade, o pensamento lógico fragmenta o real privilegiando a racionalidade em detrimento de uma heterogeneidade de aspectos que compõe o ser humano. Assim sendo, um trabalho de pesquisa num viés da complexidade implica, em boa medida, *nadar contra a correnteza* e, em determinadas ocasiões, ver o mundo d*e cabeça para baixo* já que, mesmo buscando realizar um trabalho diferenciado, temos introjetado certos hábitos e padrões sociais instituídos. Portanto, o primeiro embate que temos é conosco mesmo. É o enfrentamento de si, da nossa constituição como indivíduos nessa sociedade, em que somos produtos e também produtores dela. Se quisermos transformar nossas práticas pedagógicas, nosso estilo de vida e nosso ambiente, é necessário transformar a nós mesmos, repensar nossa vida, reformular nosso pensamento, acessar devires. Mudar nossa relação com

a ecologia mental. Essa tarefa não é fácil, mas é um desafio que nós, educadores ambientais, somos chamados a assumir, para que nosso discurso não seja somente palavras ao vento ou palavras mortas numa folha de papel. Dar vida ao que falamos e escrevemos é a beleza de nosso trabalho e a condição para as transformações socioambientais que almejamos.

Sabemos que é preciso colocar em dúvida o instituído, mas como fazer isso se determinadas instituições são consideradas naturais, portanto inquestionáveis? Instituições, como o dinheiro, o Estado, a divisão social do trabalho, a hierarquia, a educação, a justiça, etc. O dispositivo aqui apresentado pretende problematizar o instituído provocando microfissuras em seu espesso tecido, procurando desnaturalizá-lo. O que nos autoriza a pensar na possibilidade de viver de acordo com outros modos de vida e nos engajarmos na criação de *dispositivos*[18] *prático-teóricos* capazes de transformar o mundo em que vivemos na perspectiva do bom e do belo. Ou seja, gerando movimentos instituintes através de microintervenções que, por exemplo, impulsionem novos processos de institucionalização – permitindo-nos analisar e reinventar as instituições inventadas pelo ser humano.

Esta tese pretende contribuir para os Fundamentos da Educação Ambiental e, ao mesmo tempo, lançar novos desafios e reflexões para este campo nos diversos espaços educativos, propondo a valorização e o cuidado com a vida. Privilegiando a amorosidade e a cooperação nas práticas educativas, nos processos formativos, no desenvolvimento de grupos-sujeito e na invenção de alternativas para resolver ou, pelo menos, minimizar os problemas socioambientais.

Nas práticas de Educação Ambiental é necessário ter uma visão complexa do ser humano e criar estratégias para desenvolvê-lo como um todo, em seus aspectos racional, emocional, intuitivo, instintivo e motor. Este é um campo de conhecimento inter e transdisciplinar, integrando diversos saberes (acadêmicos e não acadêmicos) a fim de aprofundar a compreensão das questões socioambientais.

Um método é um tipo de percurso intelectual, um modo de organização e exposição do pensamento. A tese, do ponto de vista cartográfico, é a complexificação de um campo de problematização, sendo uma das intensificações do rizoma. Implicar-se na pesquisa é também mergulhar em suas memórias impulsionado por questionamentos e tensionamentos gerados no campo de intervenção, necessidades reais para lidar com o inusitado, o imprevisível e o

[18] O dispositivo é um analisador, criado artificialmente através de processos grupais, que proporciona o entendimento dos problemas socioambientais a partir do cotidiano e fornece algumas pistas de como podemos enfrentá-los e superá-los. Quando colocado em funcionamento, procura tornar manifesto o jogo de forças, os desejos, interesses e fantasmas dos segmentos organizados (BAREMBLITT, 2012).

inesperado no processo das microintervenções. Assim, criam-se territórios conectados pelas linhas do presente, passado e futuro constituindo o rizoma que, por sua vez, em continuidade constituirão novas linhas do rizoma.

Analisando o presente, a partir da complexidade da vida, pensando o tempo como o presente, o passado e o futuro integrados, ou seja, pensando o tempo livre e sem categorizações – buscando ir além do tempo – ao perceber o desenho da cartografia, forma-se um grande quadro de linhas registradas num desenho móvel, denominado *desenho-dança* ou a *dança do desenho.* Nesse sentido, a cada novo ângulo de observação do rizoma percebe-se a mudança de sua configuração e as mesmas linhas que uniam-se num determinado ponto (sob a observação em um certo ângulo) podem estar unidas com outras linhas, se analisadas sob outros ângulos. Com isso, proliferam-se relações entre diversos saberes (linhas do rizoma) a partir da formação de um campo rizomático multidimensional.

Em relação ao entendimento do *desenho-dança, desenho-móvel ou a dança do desenho* como uma multiplicidade de linhas rizomáticas, recordo de uma experimentação que ocorreu espontaneamente num lugar chamado Templo das Águas[19] (zona rural de Pelotas/RS), onde lutei com o vento usando uma vara de bambu, tracei um círculo e escrevi algumas palavras no chão e dancei fazendo riscos fortes na terra com os pés.

Cada risco-dança ficou plasmado no meu corpo, no ambiente, registrando um tempo, tal como uma fotografia. Um tempo que já passou mas, simultaneamente, está plasmado no ambiente. Um risco fixo porque é desenho, e ao mesmo tempo móvel porque movimenta-se, dança. É simultaneamente fixo e móvel. Existe algum termo que significaria fixo e móvel como uma única condição, numa única palavra?

A fim de compreender essa questão, suponho que precisamos pensar a partir do campo das energias.

Nesta tese, experimento fazer o desenho do rizoma a partir da interconexão das diversas linhas constituintes das microintervenções. E cada leitor fará o seu desenho… ou será a sua dança do rizoma? O rizoma materializa-se pela dança, pintura, desenho, música… qual será a expressão do seu rizoma a partir da leitura desta tese? Será que sentimos ou

[19] Templo das águas: "Pequena propriedade rural as margens do arroio pelotas que oferece aos visitantes um contato com a mãe terra resgatando suas origens. Desenvolveu atividades com escolas e grupos para o despertar da consciência divina de cada um através de trilhas, oficinas e vivências adaptadas para o perfil de cada grupo. 'Que todo lugar seja um templo onde possamos amar e viver profundamente'. Local onde a história deixou muitos registros. Casarão centenário de origem alemã onde funcionava um armazém para venda e trocas de produtos, foi usado pela família residente para atividades ligadas ao turismo, a arte e a cultura". Mais informações no site: http://www.tda-quemsomos.blogspot.com.br/. Há alguns anos, as atividades cessaram e a casa está à venda.

percebemos a complexidade das linhas tênues desses fios rizomáticos? Como essas linhas apresentam-se em nós e no ambiente? Será que a pintura, a dança e a poesia, por exemplo, são manifestações desses desenhos da criação que estão por toda a natureza?

O rizoma dança nas mentes intuitivas e criativas.

A Educação Ambiental apregoa um outro ou outros modelos de vida em sociedade, mas para ocorrerem transformações profundas, é imprescindível o desenvolvimento de valores humanos para rompermos com esse centro em que gravita a sociedade, ou seja, o lucro, a ganância, a competição, o egoísmo, a busca pelo poder, do *status* e do dinheiro que estão enraizados em nossas famílias, nas universidades, escolas e em todas as demais instituições. É importante percebermos esse modo de vida como insustentável e a necessidade de um outro centro de gravidade fundamentado na solidariedade, na cooperação, no respeito por si, pelo outro e por toda a natureza, que preze pelo cuidado com a vida, possibilitando que sejamos aquilo de melhor que podemos ser. Uma sociedade movida pela energia do amor e, por isso, defendo a sensibilização ambiental na formação em Educação Ambiental. Assim como o conflito, a competição e o individualismo estão no humano, o amor, o altruísmo e a cooperação também o estão, daí a necessidade de fomentarmos em nossas práticas pedagógicas valores inspirados na ética, na solidariedade, no respeito e na expressão criativa do ser humano.

Maturana e Verden-Zoller (2004) referem-se ao emocionar como vivenciar as emoções, é a emoção que define a ação. Nossas emoções (desejos, preferências, medos, ambições, etc) determinam as nossas ações e não nossa razão. Esse pensamento faz refletirmos na importância de promover espaços de convivência que proporcionem o emocionar e a convivência no co-emocionar nos processos educativos na área da Educação Ambiental. Em nossas microintervenções ecosóficas, através de dispositivos artístico-pedagógicos, caminhamos nessa perspectiva.

Defendo uma teoria e prática que tenham como princípio o amor. O amor que se multiplica e rizomatiza-se em todas as esferas da sociedade, nos lares, nas escolas, empresas, nos bairros, nas igrejas, nas práticas pedagógicas da Educação Ambiental. É isso que a formação rizomática inspira-me e desejo manifestar nas minhas práticas pedagógicas e vida cotidiana.

Neste ofício de pesquisadora, a partir do pensamento, sentimentos, análises e reflexões, vou conectando as linhas do rizoma e faço certas escolhas para dar forma ao

conjunto dessas linhas, dando forma a esse desenho-tese que dança, a essa criação que apresenta um conjunto de práticas, aprendizagens e conhecimentos produzidos nesse percurso cartográfico.

Por que faço essas escolhas e não outras?

Por que optei pelo amor dando vida às linhas do rizoma?

Quem dá vida e forma a uma pesquisa cartográfica, ou seja, quem entrelaça as linhas do rizoma é a pesquisadora na medida em que se relaciona, interage, realiza trocas e intercâmbios, constituindo-se assim subjetivamente ao expressar sua própria singularidade. Como investigadores podemos tentar parecer neutros negando nossa subjetividade, nossos valores e história de vida na delimitação dos objetivos e no desenvolvimento da pesquisa, mas neste trabalho optei por assumir uma posição implicada desde o início. O que não me dispensa de realizar um movimento de aproximação e afastamento do processo, permitindo que as reflexões aqui apresentadas sejam guiadas por uma racionalidade que se deixa afetar por sentimentos, intuições e emoções. A pesquisadora não cria o rizoma, talvez a sua função seja potencializar essa criação, seja entrelaçar, tecer, interconectar as linhas do rizoma, reunindo as múltiplas dimensões do ser humano ao abrir espaço para a expressão criativa nas microintervenções ecosóficas.

O rizoma, o caule, a raiz, a fotossíntese… Tenho como inspiração a biologia que, em diálogo com a filosofia e a Educação Ambiental, inspira-me a pensar a vida. Não é analogia nem comparação, trata-se de pensar o problema de pesquisa e a própria vida a partir dos processos biológicos e sociais. Uma forma de pensar que vem promovendo um estado de integração com a natureza, um estado de sentir pulsar a própria natureza em meu corpo impulsionando-me na direção de outras aventuras, novos conhecimentos e conquistas.

Na redação da tese é importante explicar uma escolha que tive sobre o modo de usar o gênero masculino e feminino nas palavras. Após muita reflexão, inicialmente, optei somente pelo feminino mas, ao longo do texto, senti-me excluindo os homens do diálogo e considerei mais justo e confortável para minha consciência pluralizar o gênero, ou seja, fazer presente o masculino e feminino juntos no discurso. O objetivo é desacomodar a mim mesma e ao leitor. Desse modo, a intenção dessa intervenção linguística é causar estranhamento das formas normalizadas que visam demarcar o território masculino na escrita em geral, principalmente no meio científico. Pelo contexto, acredito ser compreensível quando estou relatando uma experiência pessoal.

Toda a vida aprendi a escrever, principalmente na redação científica, no gênero masculino e referia a mim mesma como *pesquisador.* Explicava a mim mesma que estava referindo-me a minha condição de ser humano, independente do sexo, na realidade são padrões introjetados na subjetividade pela cultura. Mas, certas experiências nos últimos anos, fizeram-me perceber que o machismo está impregnado nas mulheres também e criamos subterfúgios e justificativas que pensamos não serem machistas, mas o são. Por isso, faço essa intervenção linguística e uso o termo *pesquisadora* no gênero feminino. Dessa forma, enfatizo com isso a mulher e o lado feminino dos homens. Fiquei meses experimentando formas na escrita e sem saber como resolver a questão, só consegui tranquilizar-me desse dilema e definir uma forma que fiquei satisfeita, num estudo do grupo de pesquisa da complexidade (ano de 2018). No capítulo 2, na segunda parte do livro *O Método 5:A humanidade da humanidade – a identidade humana*, Morin fala da identidade polimorfa. Cabe fazermos a seguinte citação:

> Assim, precisamos insistir na unidade dentro da dualidade masculino-feminino. Não quero dizer simplesmente, com isso, que homem e mulher beneficiam-se da plenitude das características humanas. Quero dizer que o masculino está no feminino e vice-versa, genética, anatômica, fisiológica e culturalmente. Poucas são as mulheres totalmente femininas e os homens totalmente masculinos, de acordo com a soma dos critérios biológicos; cada sexo comporta o outro de maneira recessiva e mesmo anatomicamente o homem tem seios, infelizmente estéreis, e a mulher carrega um sexo masculino embrionário no clitóris; há homens mais ou menos efeminados e mulheres mais ou menos masculinizadas, além de toda a gama de bissexuais, homossexuais e transexuais que escapam à perspectiva simplificadora (MORIN, 2012, págs. 83 e 84).

2.1 Tema da pesquisa

Microintervenções ecosóficas: sensibilização ambiental e os processos criativos autogestionados na formação em Educação Ambiental.

2.2 Problema

A complexidade é uma palavra-problema e não uma palavra-solução.

Enquanto o pensamento simplificador desintegra a complexidade do real, o pensamento complexo integra o mais possível os modos simplificadores de pensar, mas recusa as consequências mutiladoras, redutoras, unidimensionais e finalmente ofuscantes de uma simplificação que se considera reflexo do que há de real na

realidade.

> O pensamento complexo também é animado por uma tensão permanente entre a aspiração a um saber não fragmentado, não compartimentado, não redutor, e o reconhecimento do inacabado e da incompletude de qualquer conhecimento.
>
> E*dgar Morin*[20]

Morin (2012, p. 39) diz que a inteligência é capaz de problematizar e encontrar soluções inventando, fazendo emergir o novo, e considera a consciência uma extraordinária emergência da mente. O indivíduo dispõe da consciência de si, da capacidade de se considerar como objeto sem deixar de ser sujeito, dessa forma, a consciência pode atuar sobre o ser humano refletindo sobre si mesmo, ou atuar sobre o próprio conhecimento, tornando-se *conhecimento do conhecimento.*

A partir desse pensamento e contrapondo-o com a ciência clássica, refletimos na seguinte questão: Se está presente na natureza humana a reflexividade do próprio pensamento, por que a ciência clássica concebe um pesquisador neutro que examina um mundo exterior a si e que é o próprio objeto da pesquisa?

Essa atitude revela a ideia de um pesquisador que assume uma postura de domínio perante a sua própria natureza e o mundo que lhe rodeia, considerado-o assepticamente objeto de análise e também, dominação. Essa concepção é contrária ao pensamento complexo e a proposta das microintervenções ecosóficas, através das quais promovemos práticas para um trabalho coletivo, rizomático, onde a educadora é mediadora, facilitadora do processo de ensino-aprendizagem conduzido e produzido com o grupo. Ninguém é superior nem inferior, o desenvolvimento do conhecimento se dá através da intervenção no ambiente, no exercício de um pensamento dialético que se complexifica através das microintervenções ecosóficas e da escrita da tese.

Por estar no campo da Educação Ambiental, defendo a valorização, o respeito e o cuidado com a vida, privilegiando nesta análise o aspecto sensível do humano, na ótica das indispensáveis mudanças da relação do ser humano com a natureza (o que inclui os demais seres vivos e o ambiente).

Em todo o corpo deste texto, as problemáticas se aflorarão, já que o rizoma prolifera múltiplos pensamentos e compreensões sobre um mesmo problema, dependendo do ângulo de conexões em que é analisado. Os problemas estão num movimento contínuo de reflexões produzindo uma diversidade de questionamentos. Mas eis que elencamos uma problemática

[20] Fragmentos do livro Introdução ao pensamento complexo (2011, pgs. 6 e 7).

que contém inúmeras reflexões e análises para este estudo, tendo o problema de pesquisa analisado a partir da sua complexidade e, portanto, das interconexões do rizoma que compõe o foco da investigação, no caso, as microintervenções ecosóficas.

Entendo o problema de pesquisa como um problema central, mas a cada questionamento ao longo do texto, faz surgir diversas facetas desse problema que antes não era conhecida. Isso significa que o problema de pesquisa, numa perspectiva rizomática, está em constante transformação (mesmo sendo a mesma pergunta), ou melhor, esse mesmo problema começa a assumir diversos sentidos ao longo da pesquisa, pois como diz a citação de Morin no início deste texto, o pensamento está sempre em funcionamento.

As reflexões e estudos da pesquisadora, associado às microintervenções e vivências cotidianas, as orientações e estudos em grupos de pesquisa, continuamente vão constituindo esses sentidos que antes estavam obscuros e aperfeiçoando o campo problemático. As reflexões geram também autocrítica e autoanálise para compreender que só posso transformar meus pensamentos se vou conhecendo a mim mesma, possibilitando mudar o meu percurso como educadora e pesquisadora, tornando a investigação uma fonte produtora de sentidos.

O problema de pesquisa, destacado a seguir, serve como uma orientação para refletir sobre novas compreensões e problematizações, outras perspectivas, não pretende trilhar o caminho das leis universais, das verdades únicas e certezas absolutas. A complexidade rizomática produz multiplicidades e coloca-se como alternativa para refletirmos sobre os limites do pensamento linear, fragmentado, diretivo e pouco permeável que caracteriza as ciências positivas. Defendemos um pensamento que dança, que esteja em movimento, assim, pode oxigenar-se e continuar produzindo questões que serão aperfeiçoadas pela própria trajetória da cartografia. Um pensamento que produz vida.

Problema de pesquisa: Como as microintervenções ecosóficas contribuem para uma formação em Educação Ambiental que desenvolva a sensibilização ambiental e as capacidades criativas, intuitivas, solidárias e autogestionadas nas práticas pedagógicas nos diversos espaços educativos?

2.3 Hipótese

As microintervenções ecosóficas fornecem pistas para uma efetiva Educação Ambiental voltada para o cuidado sensível de si, do outro e do ambiente – três dimensões a

serem trabalhadas de forma articulada segundo As Três Ecologias (Guattari, 1990). A formação de grupos que se expressam criativamente, propicia um ambiente com mais liberdade para a produção de conhecimentos que privilegiam a sensibilização ambiental, a solidariedade, a autogestão e a criatividade. As microintervenções ecosóficas abrem espaço para a formação de rizomas criativos e potencializadores de cuidado, valorização da vida, cooperação e sensibilização ambiental. Promovem o autoconhecimento e o despertar de sentimentos considerados bons e outros ruins, desacomodando os hábitos.

A hipótese é que a expressão criativa nas microintervenções ecosóficas, desenvolve a autonomia, a sensibilidade e a capacidade de criação dos indivíduos e grupos, numa atitude consciente do seu papel transformador de territórios, produtora de outras possibilidades de vida mais saudável e de respeito à natureza, respeito à vida em todas as suas formas e manifestações. A microintervenção ecosófica na medida em que a formação rizomática movimenta-se, seguindo seu próprio curso. A hipótese é que as microintervenções ecosóficas e a escrita da tese fazem parte de um processo mutuamente implicado: as microintervenções movimentam a tese que, por sua vez, retroalimenta as microintervenções ecosóficas. Sendo este um processo potencializador de outros modos de coexistência, novas maneiras de viver, interagir e se relacionar, com mais sensibilidade com relação a si mesmo, ao outro e o meio ambiente. Importante ressaltar a relevância dos processos formativos em Educação Ambiental: produção de conhecimentos que sensibilizem e capacitem as pessoas para que sejam agentes transformadores dos padrões da sociedade, no sentido da preservação da natureza e no cuidado de si, do outro e do ambiente.

2.4 Objetivos

1) Promover microintervenções ecosóficas na área da Educação Ambiental para o desenvolvimento da autogestão pedagógica e autoanálise dos grupos, da sensibilização ambiental, dos processos criativos, da amorosidade, da solidariedade, do cuidado, da transformação das relações consigo e com os demais seres vivos e ambiente;

2) Compreender a complexidade das interações rizomáticas constituintes de um processo de microintervenção ecosófica e seu potencial gerador de forças instituintes e alternativas microssociais. Compreender também as interconexões das microintervenções ecosóficas formando o ECOmapa do rizoma;

3) Através do dispositivo das microintervenções ecosóficas, colocar em dúvida, problematizar os modelos instituídos, as hierarquias, certos dogmas, normas e padrões, especialmente nas instituições de ensino. O objetivo é criar coletivamente.

2.5 Justificativa

A presente tese é fruto de uma pesquisa implicada, especialmente inspirada nos estudos sobre o rizoma, constituída por diversos dados, análises e inúmeras reflexões e problematizações, além de incertezas em relação a certos conceitos e ideias que apresento e que demandariam mais tempo para amadurecer, mas as orientações e sugestões contribuíram para indicar os caminhos a seguir.

Mas, entre ficar com medo e não expor o pensamento, e arriscar-me e expor o pensamento, prefiro me expor e arriscar. Esse foi um dos importantes aprendizados que tive com as microintervenções, especialmente no processo de iniciação do *clown* – dar liberdade ao pensamento e a criação, não ter medo de errar, não ter medo de expressar a singularidade. Isso é considerado ridículo e sem valor em nossa sociedade materialista, que valoriza a reprodução de comportamentos e pensamentos.

Pois então, o amor, a fraternidade, a solidariedade e o cuidado com a natureza, em muitos casos, é considerado como algo bonito e importante nos noticiários, livros, palestras e temas de estudo, mas quando colocados em prática, às vezes no próprio âmbito familiar e profissional, isso é menosprezado e considerado como sem relevância, bobo e ridículo, já que na prática a exigência é o dinheiro, a competição, alcançar altos níveis de produtividade, títulos e certificados… Na prática, o quantitativo é mais relevante que o qualitativo, mesmo que o discurso seja o contrário. O que é a verdade?

No momento desta escrita, percebo que a Apresentação e a Introdução da tese estão repletas de justificativas, e a intenção era de produzir uma mistura, um texto-amálgama, desfazendo as fronteiras entre os capítulos, em que na apresentação consta teoria, objetivos, metodologia, justificativa, problemática, análises, considerações, reflexões, etc. E os capítulos fossem uma indicação de certas ideias a serem explicitadas, até mesmo para o texto ser didático. Depois de muito *quebrar a cabeça* e não saber exatamente se tinha conseguido esse intento, ao ler o trabalho estou satisfeita em relação a isso, porque realmente ficou amalgamado, encontro essa mistura em todas as partes da tese. Mas, desejo permanentemente

estar aprimorando esse tipo de elaboração em que busco expressar a complexidade do rizoma na escrita. Sinto que estou experimentando a minha própria forma de escrever, inspirada no rizoma.

A valorização da sensibilização ambiental, dos processos criativos e da autogestão são relevantes para desenvolvermos valores de solidariedade, amorosidade e cuidado com a natureza.

Nesta tese, a Educação Ambiental é compreendida como uma educação para a amorosidade, para a criatividade, para o cuidado e para a transformação de valores no intuito de que nossa vida esteja mais integrada com a natureza. Sensibilização para com a vida e o planeta. Sensibilidade como fonte de um emocionar de respeito e amorosidade para a transformação e o cuidado (de si, do outro e do ambiente). Sentir a natureza para guiar-se pelos fluxos rizomáticos dos ecossistemas, numa integração promovendo saúde e valores humanos. Integrar razão, emoção, intuição e toda a complexidade das capacidades humanas nos processos educativos dessa área de conhecimento. O conhecimento é processual e inseparável do movimento da vida e dos afetos que a acompanham.

Perceber e sentir a vida e a pesquisa como um rizoma é romper com as fronteiras que segregam os saberes, e entender a unidade na multiplicidade, as complexidades que nos permeiam, as alianças, as linhas de fuga, as emergências de novos conhecimentos, sentimentos e atitudes.

Descrever e analisar o rizoma é desenhar a dança dos fluxos da vida em suas inúmeras conexões.

Descrever e analisar o rizoma é criar pontes e derrubar muros.

3. REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

3.1 Rizoma

A afetividade intervém no desenvolvimento
e nas manifestações de inteligência.

Tudo o que é humano comporta afetividade,
inclusive a racionalidade.

Emergência maior da afetividade, o amor é
uma necessidade vital do recém - nascido, que perece se não for
embalado, acariciado, tratado com os sorrisos maternos.
E*dgar Morin*[21]

Amor

O amor é a energia que move essa cartografia, que chamo de rizoma.

Defendemos que as transformações que almejamos em nossas práticas pedagógicas e em nossa própria vida são possíveis através do desenvolvimento da sensibilidade amorosa, da amizade, do companheirismo, do respeito e cuidado com a vida. Em que a razão esteja impregnada do amor, da sensibilidade para com a natureza.

Por isso, para dar início às tecituras do rizoma é necessário referir-se aquilo que dá existência ao rizoma, à energia potente que o movimenta, que produz as microintervenções, que impulsiona às leituras e estudos de livros e autores, que faz a conexão e emergência das intensificações que brotam desse rizoma-tese. E essa energia é o amor. Por que o amor? Porque é o sentimento substância das experiências que tive nas microintervenções ecosóficas, e de valorizar esse sentimento potente para as transformações que desejamos no campo da Educação Ambiental e de todas as esferas da sociedade. E também, porque durante toda a minha vida aprendi a ser extremamente séria e racional, não deixando expressar o afeto e a sensibilidade, com isso, fui desenvolvendo o medo da minha expressão criativa, medo de expressar meus sentimentos, já que nos ambientes, especialmente nos espaços educativos da escola e universidade, na grande maioria das vezes isso era menosprezado.

Na escola, as atividades que desenvolvem as capacidades criativas e imaginativas, tais como a dança, o teatro e as artes em geral tem pouca carga horária e são vistas como

[21] Fragmentos do livro de Edgar Morin (2012, pgs. 120, 121 e 122). O Método 5: A humanidade da humanidade.

recreação pelos próprios professores das outras disciplinas, em função da valorização de outros conhecimentos, como matemática e português, considerados mais importantes em nossa sociedade.

Que sociedade é essa que extirpa dos processos educativos a expressão criativa do ser humano?!

O rizoma não tem início nem fim. Mas eis-me aqui *iniciando* a escrita deste capítulo. Estou num dilema: Mas esse capítulo realmente iniciou aqui? Quantas outras escritas foram realizadas pelas minhas mãos? Quantas outras *escritas* foram realizadas com o meu corpo? Refletindo nessas questões, sinto que esta tese é uma intensificação do rizoma, um território de conexões das suas diversas linhas, em diversos espaços e tempos da vida, dentro e fora do ambiente acadêmico.

Escrever de forma rizomática pode parecer confuso ou até incompreensível para o leitor. Confesso que até para mim tem momentos de confusão e um *não-saber* que permeia o pensamento, mas o que pensar e fazer? Nesses momentos, sinto-me desenrolando um novelo de lã e, para isso, é preciso encontrar o *início* do fio para ir puxando e *organizando* o novelo de forma ordenada para ser possível tricotar. Olha a contradição de novo, o pensamento buscando um *início* e uma *ordem!* Resolvi não me preocupar com isso, senão será impossível a escrita do texto, não me preocuparei com a contradição e os dilemas, eles serão questionamentos ao longo da tese, ou seja, *rizomas da pesquisa,* incitando o pensamento a ir além do dualismo, já que a contradição e o dilema são movimentos de meu pensamento a um início e um fim, a uma ordem absoluta, à estabilidade, ou seja, padrões rígidos e estáveis de pensamento, a forma com a qual fui educada pela minha família, pela escola, enfim, pela sociedade.

Tenho uma preocupação: ser didática, ser compreendida, apesar de estar criando territórios de compreensão do rizoma, num emaranhado de fios que se cruzam e entrecruzam. Explicar essa multiplicidade, principalmente em tratando-se de territórios que acolhem a subjetividade, as intuições, as sensações no processo criativo e também sentimentos e percepções que ainda não sei explicar, por isso, estou experimentando formas de escrita que expressem tais sentimentos. Proponho-me o desafio de expressar em palavras o percurso rizomático que compõem esta tese.

Ao mencionar a palavra *território* pode parecer um terreno fixo mas, neste contexto, o *território* são as linhas do rizoma formando desenhos que dançam. O território em movimento e suas linhas em movimento impulsionadas pelos fluxos da natureza (Apêndices 10 e 12, pp.

221 e 226).

Na Introdução e Apresentação explicamos certos conceitos-chaves referentes ao embasamento teórico desta pesquisa, por exemplo, a microintervenção ecosófica. Mas ao longo do texto iremos retomá-los para conectá-los com outras ideias, teorias, perspectivas e experimentações, com a intenção de proliferar sentidos, fazer multiplicar sentidos como forma de compreensão do rizoma, a partir do desenvolvimento de um pensamento complexo, para analisar a complexidade do rizoma na pesquisa cartográfica. Neste parágrafo escrevi, inicialmente, a palavra *aprofundamento do tema* onde diz *fazer multiplicar sentidos* (4ª linha desse parágrafo). Mas, quando dizemos *aprofundamento*, dá ideia de um pensamento-árvore, um pensamento-raiz axial, hierarquizado e centralizador; mais adiante veremos a diferença da raiz e do rizoma, em seus aspectos biológicos e filosóficos, por isso, preferimos dizer que vamos multiplicar, proliferar sentidos aos conceitos, e não aprofundá-los, assim, nos aproximamos do entendimento do rizoma.

O rizoma é a interconexão de microintervenções, memórias, reflexões, afetos, acontecimentos, etc, deste rizoma complexo chamado tese, em que a pesquisadora compõe esses passos, essa dança, dando corpo e organizando essa criação de ideias e sentidos a uma diversidade de produções, sejam elas os estudos e registros de acontecimentos pessoais, de microintervenções, de experimentações, fotos, vídeos, estudos nos grupos de pesquisa, sonhos, utopias criativas, sentimentos, enfim, formando o desenho-móvel (desenho-dança) que compõe essa rede. Esse é um desenho móvel, como uma dança pessoal, espontânea, um desenho-dança como relatei na Introdução. Como desenhar uma dança? Como dançar um desenho?

Recordo de uma visita que eu e Augusto fizemos ao Templo das Águas (Fig. 3, p. 54), na Colônia Maciel, 8° Distrito de Pelotas, no final de 2014. Durante muito tempo foi um local de inúmeras vivências de práticas de meditação, yoga, cursos de artesanato, permacultura, artes plásticas, alimentação natural, biodança, oficinas de teatro e dança, cultivo agroecológico e agroflorestal, dentre inúmeras atividades relacionadas à saúde, educação e bem-estar físico, mental e espiritual. Nesse dia, não tinha ninguém na casa e ficamos passeando na mata em torno da cachoeira.

Nessa caminhada na mata, ao som da cachoeira, ao sentir o ambiente (sensibilização ambiental), iniciei uma experimentação de puro fluxo, a mente silenciou e as sensações tomaram conta do meu corpo. Mesmo sendo um acontecimento não planejado, Augusto fotografou e filmou com o celular, a seguir, o registro das fotos, mas o vídeo não editei nem

publiquei.

A experimentação no Templo das Águas indica a integração corporal da pesquisadora com o ambiente numa atitude de abertura ao desconhecido, guiada pela intuição e pelo desejo de ampliar as fronteiras de si mesma, de sentir-se natureza em rizoma com a vida, com o ambiente circundante, com o planeta e o cosmos. Esse acontecimento é fundamental para o entendimento da sensibilização ambiental, na perspectiva do contexto desta pesquisa na área da Educação Ambiental, conforme indica o relato a seguir:

> Nesse dia, não tinha ninguém no Templo das Águas. Ao caminhar pela mata ao redor da cachoeira, subo um pequeno morro e deparo-me com uma mata, não sei que direção tomar e dou um giro para olhar o que me cerca e saber qual caminho seguir. Ao caminhar, o som forte das águas vai distanciando-se e, aos poucos, intensifica-se o som do vento nas folhas das árvores. Olho para o chão e vejo um caminho estreito, resolvo segui-lo, sigo em frente e depois à direita, de repente, abre-se uma clareira em forma de círculo envolvida por um espesso bambuzal, no centro uma marca escura de madeira queimada no chão, sinal de que ali foi acesa uma fogueira. Iniciei uma experimentação de puro fluxo, onde a mente calou-se e as sensações tomaram conta de meu corpo, senti uma energia diferente nesse ambiente envolto por bambus, bem altos, escurecendo-o sem impedir que reluzentes raios de sol lhe penetrassem, enchendo o espaço de magia e beleza. Sinto aquela atmosfera enquanto o vento sopra em meu corpo, especialmente em meu rosto e cabelos, como se eu fizesse parte daquele ambiente, como se fôssemos um só, e percebo o balanço sutil da vegetação, a sinfonia do bambuzal. Sinto uma energia perpassar meu corpo e começo a lutar com o vento usando uma vara de bambu que intuitivamente apanhei do chão. Depois, com a mesma vara de bambu, comecei a traçar um círculo no chão com uns 8 metros de diâmetro, estava de olhos fechados e, dentro do círculo, escrevi algumas palavras na terra e também fiz desenhos e riscos fortes com os pés e, aos poucos, a luta foi se transformando em dança. As imagens guardadas na memória revelam um momento de puro fluxo, pura improvisação, uma luta-dança delimitada por um grande e perfeito círculo que eu mesma tracei com os olhos completamente fechados. Outros desenhos foram feitos no ar, no ambiente, com o movimento do meu corpo (Anotação extraída do diário de campo).

A atmosfera do lugar e a percepção de sua beleza, formado por uma delicada teia de energias e sensações, conectando de forma sensível o corpo ao ambiente, criou as condições de possibilidade para a experimentação estética. A intenção inicial era fazer um passeio na Colônia Maciel e visitar o casal de amigos que morava no Templo das Águas, mas chegando lá, não havia ninguém em casa. Então resolvi caminhar pela mata, deixando-me envolver pelo ambiente e viver o momento relatado de forma espontânea e fluida, graças a uma postura receptiva ao novo, de conexão com o aqui e agora e de integração sensível às dimensões física

e espiritual.

As imagens registram a expressão da subjetividade, uma luta com bambus, um grande círculo feito no chão, em que as duas extremidades se tocam (mesmo eu estando de olhos fechados), desenhos feito com os meus pés, com as minhas mãos e com uma vara de bambu no chão... desenhos feitos no ar, no ambiente, com o movimento do meu corpo. Ao refletir sobre os desenhos, relembrei desse fato ao pensar na interconexão da dança e do desenho para a compreensão do rizoma. Sinto também que a dança e o desenho podem explicar esse movimento do rizoma, que podemos relacionar a autopoiese do processo investigativo. Movimento do rizoma e autopoiese como uma dança-desenho, um desenho que dança e uma dança que desenha no ambiente. Integração sensível com o ambiente. Criação de sentidos e sensações do corpo com o ambiente.

Interessante ver essas fotos e pensar que, em 2014, nem imaginava que um dia escreveria sobre rizoma e utilizaria essas fotos na tese. Essa experimentação é uma manifestação do rizoma, perceber essas interconexões das linhas do rizoma no passado, no presente e no futuro, ou seja, no tempo.

Tempo



Figuras 3: Germinações da dança desenhando o rizoma no Templo das Águas



Fotos de uma experimentação intuitiva no Templo das Águas, na Colônia Maciel, zona rural de Pelotas/RS. A foto de baixo mostra os riscos que fiz com os pés no chão enquanto dançava. Data: 23/12/2014. Fonte: Acervo pessoal.

Nesse ano de 2014, estava num dilema sobre o prosseguimento de minha trajetória acadêmica (Apêndices 16 e 17, pp. 231 e 232) e não prestei a seleção para o doutorado em Educação Ambiental, concomitante a isso, mergulhava em uma desconstrução de meu pensamento como pesquisadora. Um embate mental entre um paradigma cartesiano de ciência estabelecido em minha subjetividade, e o paradigma ético-estético da Ecosofia. Mesmo sabendo que meu desejo estava na Ecosofia, pairava o medo e a insegurança de como fazer esse tipo de pesquisa – uma pesquisa que não tem início nem fim, sem um caminho pré-definido, um labirinto com inúmeros caminhos, um caminho que pode mudar no decorrer do trajeto, de acontecimentos imprevisíveis, enfim, uma multiplicidade de rizomas. Perguntava-me: como será isso? Isso parece um bicho de sete cabeças!

Essa luta que utilizei o bambu como espada é bem significativa para esse momento de minha vida.

Estava lutando com um ser invisível?

Não, esse ser era bem visível – eu mesma!

Antes de realizar esta pesquisa, jamais imaginei que uma fotografia gerasse tantas reflexões filosóficas e, no caso da análise dessas fotos e dos audiovisuais, esses dados transformarem-se em fontes essenciais para desenvolver o ECOmapa do rizoma (será explicado no Capítulo 4, p.133, mas está desenvolvendo-se em todo o corpo do texto) e o entendimento do rizoma como um desenho-dança, um desenho dançante. Essa dita *transformação* é fruto de uma compreensão intuitiva dos acontecimentos no campo rizomático. As fotos, vídeos, imagens e registros gráficos conferem à análise a percepção intuitiva, imaginativa e sensível de determinados acontecimentos, dessa forma, não é somente a nossa capacidade racional que analisa os dados, esse entendimento amplia o campo de percepção e compreensão dos acontecimentos. Ao rever e refletir, ressignificamos e multiplicamos sentidos para os acontecimentos. Com isso, novos aprendizados.

A pesquisadora e o rizoma.

Quem é a pesquisadora? (Apêndice 22, p. 249) A pesquisadora é uma e é muitas, é um indivíduo e são todas as pessoas que fizeram parte da sua pesquisa, aqui chamada de *microintervenção ecosófica*, que será explicada no Capítulo 3.2 (p. 93). Pensar o processo de microintervenção ecosófica como um rizoma, é também pensar a ação da pesquisadora como um rizoma. E sua ação é uma ação coletiva, envolvendo os grupos que participou e as relações que teceu com outras pessoas e com os ambientes. Portanto, esta escrita parte de uma

pesquisadora que está percorrendo e desenvolvendo um pensamento rizomático e descobriu que esse tipo de pensamento faz parte da sua percepção e compreensão de mundo. E isso move toda a estrutura da escrita desta tese, a argumentação, a seleção da fundamentação teórica e análise da prática e da teoria.

O rizoma é um conceito da botânica e é transposto para os campos da filosofia, política, subjetividade e, neste trabalho, a pesquisa na área da Educação Ambiental.

Uma pesquisa sob o enfoque da *Teoria da Complexidade* e *As Três Ecologias de Felix Guattari* é um desafio, já que há uma ruptura do paradigma científico e da reelaboração de conceitos e práticas introjetados e normalizados na vida da pesquisadora, tornando a tarefa árdua, tortuosa, um deparar-se constantemente em contradições e paradoxos, é como viajar na escuridão com uma pequena vela que muitas vezes apaga-se e, em algumas partes do caminho, a trajetória é feita na escuridão. Mas, como andar na escuridão? Como enxergar o caminho na escuridão? Nesses momentos, em minha experiência, a luz que iluminou o caminho foi a intuição. E esse conhecimento advindo da intuição, em momentos sombrios, foi colocado à reflexão articulando com os estudos, as discussões nos grupos de pesquisa e as experiências nas microintervenções, e não tem a intenção de ser como uma rocha mas como um rio fluindo, movimentando-se e, inclusive, ao longo do tempo vai moldando essas rochas. Esses paradigmas e práticas consolidadas pelo tempo histórico na subjetividade de cada um de nós forma um muro praticamente intransponível para o livre pensamento. A dureza das burocracias institucionais, da hierarquia, a dureza dos padrões rígidos e a dureza da idolatria da razão fazem parte desse muro. E isso faz parte das instituições de ensino e em grande parte das práticas pedagógicas.

Pois é, tudo o que criticamos na sociedade está enraizado com raízes axiais profundas dentro de nós, e temos medo de arrancar essas grandes e fortes raízes profundas, porque pensamos que podemos morrer ou enlouquecer se perdermos a base, o chão. Mas, que base? Que chão é esse que precisa ser imóvel? Não será exatamente essa a nossa loucura e a nossa desumanidade? Uma loucura que nos priva do encontro com nossa capacidade de criação, da nossa intuição, de nos emocionarmos, de brincarmos, de desenvolvermos um pensamento complexo, vislumbrando uma reforma do nosso próprio pensamento e da nossa própria vida.

Que medo é esse de formar rizoma? Que medo é esse de arrancar nossa raíz e fazer proliferar rizomas de complexidades infinitas no pensamento? O problema é que nossa sociedade institui o medo de pensarmos diferente dos padrões legitimados e apregoados e, na maioria das vezes, infelizmente, a educação participa desse processo porque não promove

eficientemente a crítica desse modelo. Qualquer forma de mudança produz o medo. O medo de questionar as instituições, os padrões instituídos.

O pensamento complexo é uma nova maneira de pensar a epistemologia e a metodologia da pesquisa, abrindo espaço para a intuição, a emoção, o afeto e a criatividade. Nesse momento, é importante aprendermos com o *clown* e entrar em contato com o nosso ridículo, nosso caos, nossa desordem, nossas incertezas e medos. O *clown* é uma experimentação no corpo e na mente que desacomoda o pensamento, permitindo entrar em contato com a intuição, criatividade, complexidade dos pensamentos e ampliando a nossa compreensão do mundo e da forma como percebemos e entendemos a realidade. Aí percebi que o *clown* não é ridículo e, sim, ridículas são as máscaras da falsidade que a sociedade nos ensina a colocar.

Portanto, a partir desse pensamento, a melhor maneira de compreender a pesquisa é a partir de métodos não-lineares, que valorizem a imaginação, a criação, a intuição, ou seja, a totalidade das capacidades humanas. Conceber a realidade como uma complexidade rizomática de infinitas linhas e conexões, opõe-se veementemente a fragmentação do conhecimento em diversos compartimentos isolados e sem comunicação. A prática docente está intrinsecamente ligada a compreensão de mundo da educadora, e relaciona-se com sua formação pedagógica para uma prática interdisciplinar e transdisciplinar de ensino.

Na complexidade não existe dicotomia entre sujeito e objeto, ambos constituem um todo, ambos relacionam-se entre si e, ao mesmo tempo, relacionam-se com o emaranhado de linhas que compõe o desenho do rizoma, no caso, a pesquisa. Dessas múltiplas interações emerge o novo, uma nova compreensão. Essa *emergência do novo* pode ser diferente, dependendo da pessoa que o analisar, por isso, a importância dos grupos, do diálogo para aprendermos com a diversidade de compreensões que impulsionam novas análises e novas compreensões, num processo contínuo, autopoiético. Mas, para isso, é importante estar aberto, receptivo ao diálogo, para discutir opiniões diferentes e aprender com elas.

A implicação da pesquisadora no campo de intervenção requer sintonia com os grupos e o ambiente, a disposição para trabalhos coletivos e em rede, ou seja, sem um cargo de poder (já que a hierarquia valoriza certas pessoas em função de sua profissão, grau de escolaridade ou cargos políticos e administrativos), criando um ambiente em que todos sintam-se à vontade para expressar-se. Na prática, em certos casos, a intenção da pesquisadora para uma atividade nem sempre é realizada da forma como foi planejada, já que num grupo, os objetivos precisam entrar em sintonia com a vontade e desejo dos participantes, com isso, poderíamos

imaginar a formação de um desenho-rizoma. As microintervenções ecosóficas materializam esse desenho-rizoma, já que potencializam a criatividade, a intuição e a sensibilidade. O desenho-rizoma é um desenho móvel, um desenho dançante.

A criação de um território existencial é um rizoma. Como num desenho que vai unindo as linhas e criando formas e cores. É importante lembrarmos de certas forças que movimentam o rizoma das microintervenções: a intuição, a autogestão, a autonomia, viver o momento presente (aqui e agora), o improviso, a experimentação. A experimentação abre espaço para os fluxos instituintes, conferindo imprevisibilidade ao campo de intervenção, podendo mudar radicalmente os objetivos e as práticas planejadas. E a autogestão cria um espaço de interconexão de ideias que somente no momento da reunião do grupo podemos saber o que será produzido.

Para isso acontecer, é importante a pesquisadora assumir o papel de facilitadora do grupo, e estar aberta as imprevisibilidades e a multiplicidade de caminhos que se abrem quando permite-se a proliferação de rizomas no campo de pesquisa ao deixar fluir esses canais de expressão da singularidade de cada participante, permitindo o agenciamento coletivo da pluralidade que caracteriza o trabalho das microintervenções ecosóficas e seu caráter autogestionado. A pesquisadora é uma agenciadora, uma facilitadora, uma mediadora dessas linhas do rizoma - pensamentos, histórias de vida, sonhos, objetivos, ideias, emoções, intuições, enfim, dessa complexidade geradora de emergências e potências de transformação de si, do outro e do ambiente. Esse tipo de trabalho é um desafio constante e nunca sabemos de antemão as produções desse tipo de processo.

No trabalho docente vivenciamos um pouco esse desconhecimento de como será o resultado de nossos objetivos e planejamentos de aula, e essa sensação da incerteza não é bem acolhida por nós professores, por isso, geralmente aprendemos a dominar e organizar a aula de maneira que as certezas e seguranças dominem nosso planejamento. Mas, nas microintervenções ecosóficas, tudo isso intensifica-se em virtude de abrirmos espaço para o desconhecido, acolhendo a incerteza, a insegurança, o medo, as linhas de fuga, os estranhamentos, etc. Abrir espaço para a experimentação é abrir espaço para a complexidade da vida, em suas dualidades, pluralidades e transversalidades. Edgar Morin (2011, p. 35) explica:

> Mas a complexidade não compreende apenas quantidades de unidade e interações que desafiam nossas possibilidades de cálculo: ela compreende também incertezas, indeterminações, fenômenos aleatórios. A complexidade

> num certo sentido *sempre tem relação com o acaso.*
> Assim, a complexidade coincide com uma parte de incerteza, seja proveniente dos limites de nosso entendimento, seja inscrita nos fenômenos. Mas complexidade não se reduz à incerteza, *é a incerteza no seio de sistemas ricamente organizados.* Ela diz respeito a sistemas semialeatórios cuja ordem é inseparável dos acasos que os concernem. A complexidade está, pois, ligada a certa mistura de ordem e de desordem, mistura íntima…

Esta pesquisa tem como foco a análise do rizoma das microintervenções ecosóficas, em sua perspectiva processual, analisar as relações e conexões das linhas desse rizoma, as emergências, intensificações e potências desse percurso de pesquisa na área da Educação Ambiental. Analisar como se estivesse imaginando/vendo o entrecruzamento dessas linhas tênues, às vezes coloridas, com movimento lento e às vezes rápido como a velocidade da luz, e todo esse movimento formando um grande desenho no espaço. Analisar imaginando e sentindo a dança dessas linhas rizomáticas, analisar os passos e movimentos desse campo dinâmico. E essa dança formando desenhos, linhas que se unem e dançam no espaço e no tempo.

Existem múltiplas realidades, dependendo da concepção de mundo de cada pessoa. Que realidade ou realidades forma esse rizoma de pesquisa?

Em muitos parágrafos usei o termo *infinito,* mas reforço que isso não significa atingir uma certeza absoluta nem uma lei universal, significa sim ampliar as perspectivas de pensamento, e ir além das dicotomias, antíteses e da formulação de certezas absolutas e leis universais. A complexidade convida-nos a aprendermos através do diálogo e também interagindo com a natureza, não só a humana, num misto de intelecto e sensibilidade.

O conceito de rizoma na filosofia de Deleuze e Guattari (1995) tem origem nos caules rizomáticos da botânica. É um pensar filosófico a partir do rizoma da botânica, uma analogia. O rizoma faz a crítica das estruturas arborescentes, fixas, das raízes pivotantes, axiais do pensamento e das estruturas rígidas da sociedade e a defesa da multiplicidade, de uma composição de linhas heterogêneas.

3.1.1 A concepção de rizoma na botânica

Para esse estudo da biologia, as referências são os livros de Amabis & Martho (2004), Paulino (2008) e Raven & Eichhorn (2001).

Na botânica, o rizoma é um tipo de caule, geralmente subterrâneo, com crescimento

horizontal paralelo à superfície do solo que constitui uma importante estrutura reprodutiva responsável pelo crescimento e desenvolvimento de uma planta. As plantas rizomáticas vasculares (são as que possuem vasos condutores da seiva) apresentam uma grande capacidade de proliferação no ambiente, já que, além da sua reprodução sexuada através das flores (produção de gametas e fertilização), também reproduz-se assexuadamente através da propagação vegetativa. A propagação vegetativa é a reprodução por meio do crescimento de estruturas vegetativas especializadas (não-sexuais), que incluem raízes, caule (chamadas de hastes) e folhas; mas aqui nos interessa o rizoma, devido à analogia com o seu conceito na filosofia de Deleuze e Guattari (1995). Um fato interessante é a capacidade das gemas do caule de diferenciarem-se em ramos ou raízes, isso ocorre devido à capacidade de totipotência dessas células (chamadas meristemáticas), que podem transformar-se e especializar-se em qualquer tipo celular, além de apresentar capacidade de se multiplicar.

O caule promove o intercâmbio entre folhas e raízes. O rizoma é um caule subterrâneo e poderíamos nos confundir com as raízes, em geral subterrâneas, mas os caules subterrâneos (rizomas) distinguem-se das raízes por apresentarem gemas ou botões vegetativos, a partir dos quais podem se desenvolver ramos e folhas, já as raízes não desenvolvem esses órgãos.

Na filosofia de Deleuze e Guattari, o rizoma é representado pela grama, pela erva daninha[22].

Existe uma diversidade de plantas rizomáticas, tais como: a espada-de-são-jorge, lírio-da-paz, bananeira, samambaia, agapanto, diversas espécies de grama, etc. Certas plantas tem algumas particularidades, como certos fetos e orquídeas que desenvolvem rizomas parcialmente aéreos, ou como no caso da batata-inglesa, inhame e gengibre, em que o rizoma acumula substância nutritiva, que são chamados de tubérculos caulinares.

É importante lembrar que as plantas rizomáticas possuem raízes que crescem ao redor do caule, e suas folhas são o órgão que fica exposto, fora do solo. A função da raiz é absorver água e nutrientes do solo que serão levados para as demais partes da planta, já o caule, é dar sustentação e fazer o transporte da seiva. No caso dos rizomas, além disso, o caule encarrega-se do crescimento da planta e, em certas espécies, também o armazenamento de substâncias nutritivas, como explicado anteriormente. À medida que os rizomas estendem-se, raízes e brotos podem surgir ao longo de certos intervalos do rizoma e transformarem-se em novas

[22] Particularmente, não me agrada o uso do termo "daninha" do nome popular "erva-daninha", já que em muitos casos, essas ervas são medicinais ou comestíveis para humanos e apresentam uma grande importância ecológica em seus ecossistemas. Um exemplo é a "tiririca" *(Cyperus rotundus)* que é considerada uma PANCs (Plantas alimentícias não convencionais) e também é medicinal. Ver site: https://www.jardineiro.net/plantas/tiririca-cyperus-rotundus.html.

plantas. Os rizomas invadem as áreas próximas à planta mãe e cada nó pode originar um novo eixo caulinar que vai espalhando-se pelo ambiente, essa característica é a razão de muitas ervas proliferarem rapidamente, em virtude da grande capacidade de crescimento do seu caule rizomático.

Para compreendermos o rizoma, estamos enfatizando o estudo do caule, mas não poderíamos deixar de falar nas folhas. As folhas são estruturas geralmente laminares e com células ricas em cloroplastos, que são organelas responsáveis pela fotossíntese[23]. Ao ingerirmos pão, batata, abóbora, estamos ingerirmos substâncias orgânicas[24] que as plantas produzem por meio da fotossíntese. Mesmo quando ingerimos um ovo ou uma carne, estamos ingerindo a energia que as plantas captaram originalmente da luz solar. Quando nos alimentamos automaticamente não percebemos o fluxo de energia nos ecossistemas – as substâncias orgânicas que constituem o corpo dos animais são produzidas a partir de vegetais que eles ingerem como alimento. Percebemos nisso, o rizoma da teia da vida, a interconexão da vida gerando mais vida, e da morte gerando vida.

Tanta beleza na sabedoria da natureza em gerar vida, alimento e as condições para estarmos aqui respirando, pensando e vivendo. E o que a humanidade está fazendo com tudo isso? Esta organização social, que é uma criação humana, e quem dita as regras são especialmente os detentores do poder econômico, político e midiático, lucram com o sistema que gera pobreza e degradação do planeta, que está destruindo a camada de ozônio, poluindo a atmosfera com gases tóxicos, poluindo a terra com agrotóxicos, envenenando pessoas, peixes, plantas, rios, mares, solo, etc. É dessa forma que a sociedade retribui à Mãe Terra pelo ar, pelo alimento e por tudo aquilo que temos. Imagina se o planeta nos cobrasse taxas e impostos para termos acesso ao ar, água e alimentos? Pois a natureza não cobra pelos seus bens naturais, talvez se meditássemos e sentíssemos o pulsar do funcionamento dos ecossistemas no planeta, poderíamos aprender a viver de outra forma. Refletir sobre o funcionamento dos ecossistemas nos ensina que podemos nos organizar socialmente com menos impactos ambientais e mais justiça social e ambiental. A sensibilização e conscientização ambiental são fundamentais para mudarmos as relações consigo mesmo, com o outro e com o ambiente.

Refletir sobre a falta de gratidão e respeito para com o planeta que nos dá a vida, faz-nos pensar nas escolhas e caminhos que a humanidade está trilhando. Mas, mesmo dentro

[23] A fotossíntese faz a conversão da energia luminosa (luz solar) em energia química (glicídios e outros compostos orgânicos), com isso, obtêm energia para o desenvolvimento da planta ou organismo.

[24] Substâncias orgânicas são aquelas formadas pelo elemento químico Carbono (C).

desse modelo hegemônico, existem muitas germinações no âmbito microssocial, de alternativas que promovem o cuidado e o respeito pela vida. Podemos citar o caso das propriedades agroecológicas, ecovilas, ONG's, centros de saúde popular e comunitária, projetos de Educação Ambiental, protetores de animais, cooperativas, empreendimentos de economia ecológica, criativa e solidária. Esses e outros exemplos mostram que é possível viver em sociedade e em sintonia com a natureza.

Praticamente todo gás oxigênio existente na atmosfera atual da Terra – cerca de 21% do volume do ar atmosférico – é resultante da fotossíntese. Enquanto os seres heterotróficos dependem de outros seres vivos para se alimentar, os seres autotróficos produzem, eles mesmos, seus nutrientes orgânicos (Amabis & Martho 2004, vol.1, a, p. 225 e 226).

Paulino (2008, p. 201) diz que certas atividades humanas comprometem a fotossíntese, interferindo no equilíbrio dos processos biológicos do ecossistema, nesse sentido, trataremos de dois casos: o desmatamento e o derramamento de petróleo nos mares. O desmatamento indiscriminado remove a cobertura vegetal do solo, expondo-o à ação de ventos e enxurradas, removendo suas camadas superficiais e férteis podendo torná-lo estéril e dificultando a sua recuperação. Já o derramamento de petróleo ocasiona o seu acúmulo na superfície da água, com apenas um centímetro, mas o suficiente para reduzir de duzentos para vinte metros o poder de penetração da luz na água, afetando a atividade fotossintetizante das algas, reduzindo-se consequentemente a produção de matéria orgânica que nutre direta ou indiretamente a quase totalidade dos demais seres vivos aquáticos, além de diminuir a disponibilidade de oxigênio na água, provocando a morte por asfixia de inúmeras formas de vida aeróbica (dependentes do oxigênio para sua respiração).

3.1.2 A concepção de rizoma na filosofia

A concepção de *ação em rede* é inspirada no conceito de rizoma (DELEUZE e GUATTARI, 1992, 1995), indicando que os caminhos percorridos na cartografia são tramados pela vida e estão em sintonia com as atitudes e decisões da pesquisadora, suas interações e relações sociais, seus conhecimentos e experiências, sucessos e fracassos. A atuação da pesquisadora é força de composição que anima o rizoma, enquanto o mesmo estabelece um jogo de mútuas correspondências com o ambiente e os seres vivos, sendo esse processo aqui entendido como *formação de si*. Uma maneira de se expressar com menos autocensura e de acreditar mais nos complexos dispositivos de autorregulação da vida, do

corpo humano, objetivando lidar de outra forma com regras arbitrárias e poderes impostos. Exigindo, na perspectiva da produção do conhecimento, a transmutação de uma forma de controle específica, o controle *ego-centrado*, tornando-se necessário um movimento da pesquisadora na direção de uma forma mais ramificada, policentrada, rizomática.

O rizoma refere-se a um mapa que é produzido, construído, sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas. No entanto, é preciso esclarecer que uma estrutura rizomática não é necessariamente flexível ou instável, pois é peculiar ao rizoma as linhas de solidez e organização. Tais formações definem territórios relativamente estáveis, mas isto não significa que exista algum modelo de ordem isento de qualquer tipo de transformação.

Para Deleuze e Guattari (1992, 1995), a estrutura do conhecimento não deriva, por meios lógicos, de um conjunto de princípios primeiros, mas se elabora simultaneamente a partir de todos os pontos sob a influência de diferentes perspectivas, métodos e conceitos. Trata-se de uma epistemologia em que a organização dos elementos não segue linhas de subordinação – com uma base ou raiz dando origem a múltiplos ramos – qualquer elemento pode afetar ou incidir sobre qualquer outro. O rizoma carece, portanto, de centramentos e linearidades.

Esses autores utilizam do recurso da analogia relacionando a noção de multiplicidade com o rizoma e dos modelos lineares, fixos e rígidos com a raiz pivotante ou axial de certas plantas.

No âmbito social, o rizoma é chamado de *ervas daninhas* por Deleuze e Guattari, no sentido da diversidade de culturas sociais e de ideias, de etnias, etc. Essa diversidade é muito mal vista pelo instituído, por isso, quando o rizoma-diversidade aparece, precisa ser aniquilado, para manter as raízes pivotantes e lineares dos padrões sociais e os pensamentos lineares e fixos, já que estes para persistirem e manterem sua força exigem as monoculturas da mente[25]. Atualmente no mundo vivemos um acirramento desses conflitos, em função da intensificação das crises econômicas e das guerras civis com milhares de refugiados, gerando ódio e discriminação, em muitos casos, até mesmo o fechamento das fronteiras de certos países. Com isso, nos momentos em que seria necessário uma maior união e acolhimento das culturas diferentes e do sofrimento dessas pessoas, muitos países fecham-se em torno de si mesmo, num movimento ego-centrado, típico de um pensamento raiz.

[25] Vandana Shiva é autora do livro *Monoculturas da mente: perspectivas da biodiversidade e biotecnologia.* São Paulo: Gaia, 2003.

A principal função da raiz é a fixação do vegetal no solo e a absorção e condução de água e sais minerais provenientes do solo. As raízes também podem armazenar reservas nutritivas, são as chamadas **raízes tuberosas,** presentes na cenoura, nabo, beterraba, mandioca, batata-doce. Retornando a questão das diferenças morfológicas[26] do rizoma e da raiz axial, a raiz axial é subterrânea, apresenta uma raiz principal e a partir dela crescem raízes secundárias menores, cuja função é absorver nutrientes e água. O crescimento da raiz principal é orientado pela gravidade, ou seja, em direção ao centro da Terra (geotropismo).

A seiva é para a planta o que o sangue é para os animais. A seiva é o líquido circulante no interior das plantas vasculares através de vasos específicos que conduzem água, sais minerais e outros componentes necessários para a planta. Assim como nos animais existem as veias e artérias para condução do sangue, nas plantas existem dois tipos de vasos condutores da seiva: o xilema e o floema. O xilema conduz a seiva bruta, que forma-se ainda nas raízes quando a planta absorve água e sais minerais do solo que serão conduzidos para o caule e as folhas. Nas folhas, a seiva bruta sofre transformações no processo de fotossíntese produzindo a seiva elaborada, conduzida pelos vasos do floema para todo o vegetal, nutrindo os tecidos e órgãos para o seu desenvolvimento pleno. Essa nutrição deve-se ao fato de que a seiva elaborada é constituída principalmente de uma solução de açúcares (glicose), um composto orgânico que se forma a partir de substâncias inorgânicas oriundas da seiva bruta. Essa explicação é para mostrar que o caule não é somente um órgão de sustentação da planta, mas também um órgão condutor de nutrientes vitais para a sua vida.

O processo da fotossíntese é muito belo e inspirador, transforma a energia luminosa do sol em energia química para nutrir os vegetais e organismos clorofilados, dessa forma, os vegetais produzem seu próprio alimento, por isso são chamados de organismos autótrofos. No caso dos vegetais, sintetizam compostos orgânicos (como a glicose) a partir de compostos inorgânicos (água, sais minerais) através da fotossíntese. É um processo físico-químico bem complexo, que não entraremos em detalhes, mas é importante refletirmos sobre essas transformações, regenerações, reaproveitamentos, reciclagem, decomposição, transformações, mutações e tantos outros processos da natureza. Temos muito a aprender observando e estudando esses processos. Poderíamos dizer que a fotossíntese é um sistema autopoiético (Maturana e Varela), auto-eco-regulador (Morin).

No ano de 2017, diversos problemas pessoais e profissionais, simultaneamente, intensificaram-se e bloqueou a vontade de dançar, de estudar, de ler e minha expressão como

[26] Morfologia: estudo da configuração e da estrutura externa de um órgão ou ser vivo.

um todo estava muito bloqueada. Além disso, uma tristeza profunda, um sentimento de opressão e de estar com as mãos e o corpo atados, presos, sem poder falar, sem poder mexer-me, uma falta de motivação para viver, para escrever e estudar, uma baixa auto-estima e a sensação de que tudo que acreditava e a forma de trabalho que desenvolvia em conjunto com os grupos não se enquadrava nos padrões e exigências das instituições. Analisando os fatos, observo que a falta de diálogo, de respeito com o outro e o autoritarismo foram alguns fatores que acionaram essas circunstâncias. Mas pergunto-me: Por que o medo do diálogo? Por que deixar certas questões na *penumbra?*

Uma angústia profunda como se aquela dor não fosse acabar nunca. É uma trama construída fria, meticulosa e cruelmente que prende porque envolve laços afetivos ou relações de poder no ambiente de trabalho. Um rizoma pode também ser construído, a mente humana pode criar cenários e circunstâncias para produzir vida ou produzir morte, saúde ou doença, para fazer o bem ou para destruir. E o pior, destruir consciente e legitimadamente, inclusive com engodo e mentiras. Nesses momentos, tenho a sensação que o ser humano é a espécie mais involuída do planeta, talvez as plantas sejam bem mais evoluídas do que nós.

O que é mesmo essa evolução?!

Diante das circunstâncias, é uma sensação de estar num bombardeio, como se a qualquer momento fosse acontecer algo ruim, já que as surpresas ruins eram frequentes e, estranhamente, repletas de coincidências.

A grande maioria dessas *coincidências* estão como uma névoa, ou seja, algo que ficou sem explicação, mas o que sabemos e temos os dados concretos já mostram a dimensão do que certas pessoas são capazes de fazer, até onde a manipulação, a mentira e a maldade humana pode chegar. Eis o que as instituições legitimam sob a égide da ética e da justiça. Ou a mentira, a manipulação e o abuso de poder são características da ética e da justiça? Após isso, aprendi que, para a manutenção do interesse de certos grupos e até mesmo de cunho pessoal, certos conchavos são feitos às escondidas, onde são tramados cenários e destinos, alheios aos holofotes da ética e da justiça. É um rizoma tramado na escuridão, nos subterfúgios, nos esconderijos, nas linhas de fuga… mas o rizoma está sempre em movimento e, assim como num momento está na escuridão, em outro está na luz. Mas isso é esquecido por pessoas que se consideram superiores às outras e muito poderosas, como se pudessem tudo controlar, manipulando o destino das pessoas como se fosse um diretor, uma diretora de um filme, e pudessem descartar personagens e criar circunstâncias e cenários na vida real, onde *os fins justificam os meios.*

Apesar disso, precisamos nos fortalecer para enfrentar a situação. Não sabia se conseguiria terminar o projeto de qualificação da tese[27], pois na sua escrita deparava-me com circunstâncias que não queria lembrar. Mas tive que enfrentar, e enfrentei, e estou aqui escrevendo esta tese. Uma pesquisa não são só as alegrias e a busca de *bons resultados, resultados satisfatórios.* Analisando as fotos, percebi que poucas fotos mostravam momentos de tristeza ou tensão e deparei-me com o costume que temos, mesmo como pesquisadores, em mostrar os momentos bons e felizes do nosso percurso da pesquisa. Isso é necessário refletir, porque dessa forma estamos excluindo a vida em sua complexidade quando selecionamos somente os bons momentos e descartamos e/ou apontamos minimamente os problemas, os percalços, os desafios e as tristezas do percurso. Muitas vezes, aquilo que escondemos e censuramos em nossos trabalhos científicos podem ser os elementos fundamentais de análise para novas descobertas, novos conhecimentos. A cartografia, no seu aspecto da implicação, provoca um conhecimento produzido pelos fluxos da vida.

Mesmo assim, digo que tive um intenso trabalho nas microintervenções para manter certas atividades e compromissos que assumi e que moviam meu desejo e, nesses ambientes, convivi com diversas pessoas que alimentaram minha vontade de continuar neste percurso e aliviaram minhas dores e tensões.

Em um determinado momento do percurso rizomático, senti o poder do instituído no meu próprio corpo e senti na alma o poder do autoritarismo. Tem momentos que não sabemos explicar os motivos de certos acontecimento em nossa vida, mas quero entender que seja para um aprendizado. E que as pessoas que ocupam cargos de poder, na realidade, investidos pelos próprios grupos que as elegem, tenham o respeito, a clareza e o diálogo para com as pessoas, para não gerar sofrimentos, dúvidas e desentendimentos de suas decisões.

Mas optei por respirar fundo e continuar o trabalho. A vida apresentou-me muitos desafios e, ao mesmo tempo, usei da criatividade para contornar as situações que se apresentaram. E, nessa criação de alternativas, tiveram pessoas que colaboraram com as microintervenções ecosóficas, primeiramente tive o apoio do meu marido e companheiro de trabalho Augusto Amaral, dos colegas do Grupo de Teatro Interativo (GRUTI), dos servidores e professores do CAIC, das Agentes Comunitárias de Saúde do Posto de Saúde/CAIC e o Grupo de Adolescentes, do Centro de Artes, do prof. Alfredo Martin e do meu orientador prof. Humberto Calloni.

No ano de 2018, ficaram latentes esses problemas, vindo a reaparecer em 2019. No

[27] Apresentação e aprovação em 15 de outubro de 2018.

final do ano de 2017, sentindo o peso desses problemas (que se iniciaram no início do doutorado em 2016), senti explodir algo em mim e uma vontade de gritar, de fazer algo, de expressar-me, de voltar a sentir o desejo de dançar e escrever e dessa vontade veio o desejo de pintar e desenhar, não entendi direito o motivo. Nasceu em mim uma vontade de expressar-me. Não sei desenhar, mas sempre gostei de rabiscar e fazer desenhos abstratos. Particularmente, não tenho aptidão para desenhos figurativos[28] e, naquele dia fui comprar folhas de desenho, pincel e tintas. Augusto, meu marido, estava escutando *Pink Floyd* na cozinha e então fui para a cozinha e armei o cavalete na mesa, afixei o papel e comecei a pintar ao som de *Pink Floyd*[29]. Senti a música e senti a dança em meu corpo, me senti dançando ao pintar, em cada risco um passo de dança, os passos de dança expressos nos riscos do pincel molhado de tinta. Foi restaurador, revitalizador, gratificante criar essa estratégia para superar de certa maneira todos esses sofrimentos, meus medos e bloqueios, mas não foi uma estratégia pensada, foi espontânea.

Tive uma sensação libertadora, essa expressão fez surgir uma força em meu corpo, já que anteriormente sentia-me extremamente fragilizada. No outro dia, o ambiente da pintura foi a área ao lado da cozinha, cheia de plantas e comecei a esfregar algumas folhas verdes e outras vermelhas (folhas de begônia) no papel, fazendo riscos com esse líquido e também riscos com a tinta. Inicialmente usei tinta a óleo e depois aquarela, com a tinta à óleo conseguia ter mais domínio do movimento da tinta no papel e, com isso, fazer borrões com um palito de madeira (espetinho de churrasco) e também com uma faca de patê, pequena e com a ponta arredondada, conseguia raspar a tinta que ia aos poucos secando e, assim, ia fazendo movimentos e misturas de cores bem interessantes. Digo interessantes, porque não considero os desenhos nem feios e nem bonitos, e é esse o objetivo. Simplesmente desenhar, sem pensar previamente no que fazer e sem ter essa vontade de fazer algo bonito, com isso, compreendi e senti um pouco mais quando Morin (2011, p. 13) fala do pensamento complexo, de ir além das dualidades, das antíteses. Ir além do feio e bonito, ou romper com esse paradigma do feio e bonito e mergulhar nas multiplicidades do rizoma, nas inúmeras nuances das cores, das formas, do imaginário. Desenhando a dança e o som, mergulhei nessas multiplicidades do rizoma.

Essa experimentação espontânea, intuitiva, produziu um ânimo em meu espírito e,

[28] Estilo artístico pautado na representação das formas do ser humano e outros seres vivos, paisagens, objetos, dentre outros. Disponível no site: https://www.todamateria.com.br/arte-figurativa/.

[29] BEST RECORD EVER MADE: Site: https://www.youtube.com/watch?v=gmHrHQEmp2Q.

naquele momento, voltei a ler, estudar e produzir este projeto. Mas, depois de alguns dias, novas situações sobre os mesmos problemas, e as imagens ruins voltaram a aparecer e esmaecer-me, mas agora eu estava com uma força maior, senti que os desenhos-dançados produziram uma energia em meu espírito. Ainda não conseguia dançar como antes, mas criei uma estratégia espontânea e intuitiva para dançar, a pintura-dança!

Entendi que essa explosão de ira e revolta que estava estancada em meu ser foi expressada através da pintura. A pintura restabeleceu em parte a alegria, a motivação e a vontade em mim. Pensando agora, se eu tivesse tomado as mesmas atitudes das quais eu sofri eu não teria entrado em contato com a pintura e não teria criado espontaneamente esse dispositivo de auto-libertação, já que minhas forças e pensamentos estariam na criação de métodos de vingança e em provocar conflitos e mentiras com extrema crueldade e frieza. Mas eu não sou assim e, apesar do sofrimento, sinto-me realizada por estar com a consciência tranquila e em usar criativamente esse momento de tristeza para despertar em mim algo tão significativo para essa pesquisa, a busca do entendimento do rizoma através das pinturas que eu realizei.

A expressão criativa permite transformarmos a tristeza em alegria. Felicidade, realização e satisfação são as palavras que definem esse momento impensável de criar as pinturas-dançadas, o meu rizoma dançante!

Pintei, sem saber o que ia produzir, sem saber o que exatamente queria, foi uma emoção forte, um desejo de sair de uma zona de paralisação em que me sentia presa sem saber que reação teria, uma vontade de sentir-me menos sufocada e presa. E, depois, ao longo dos dias observando os desenhos, fui percebendo que eram desenhos que expressavam o rizoma, o rizoma que eu estava vivenciando. Augusto, quando viu os primeiros desenhos, disse para mim que eles eram o rizoma. Foi como se tivesse acendido uma luz num recôndito da minha mente, foi gratificante perceber isso, senti a interconexão que faz parte do rizoma, da complexidade da vida. Nessa atitude de sair de casa e comprar tintas e pincel, não estava pensando em teorias e rizomas, mas sim, em fazer fluir meu corpo para a dança, fazer fluir minha mente para os estudos e escritas desta pesquisa e conseguir tranquilizar-me diante de diversas situações, ao mesmo tempo, nos âmbitos familiar e também profissional no período do doutorado, que deixavam-me sem reação, sem saber o que falar e fazer, uma sensação de opressão, paralisia e profundo sofrimento.

A manifestação da intuição nesse processo criativo foi a tônica desse movimento. As pinturas foram a criação de um território existencial que produzi para minha expressão, para a

expressão das diversas linhas, curvas, formas e cores dos rizomas que estavam atravessando o meu corpo.

A seguir, alguns desenhos que fiz e fazem parte dos dados produzidos na pesquisa. São consideradas experimentações intuitivas com a pintura.

Figura 4: Dança das cores no papel 1. Experimentação intuitiva com a pintura. Setembro de 2017. Produção da autora. Acervo pessoal.



Figura 5: Dança das cores no papel 2. Experimentação intuitiva com a pintura. Data: 23 de setembro de 2017. Produção da autora. Acervo pessoal.



Figura 6: Dança das cores no papel 3. Experimentação intuitiva com a pintura. Data: setembro de 2017. Produção da autora. Acervo pessoal.

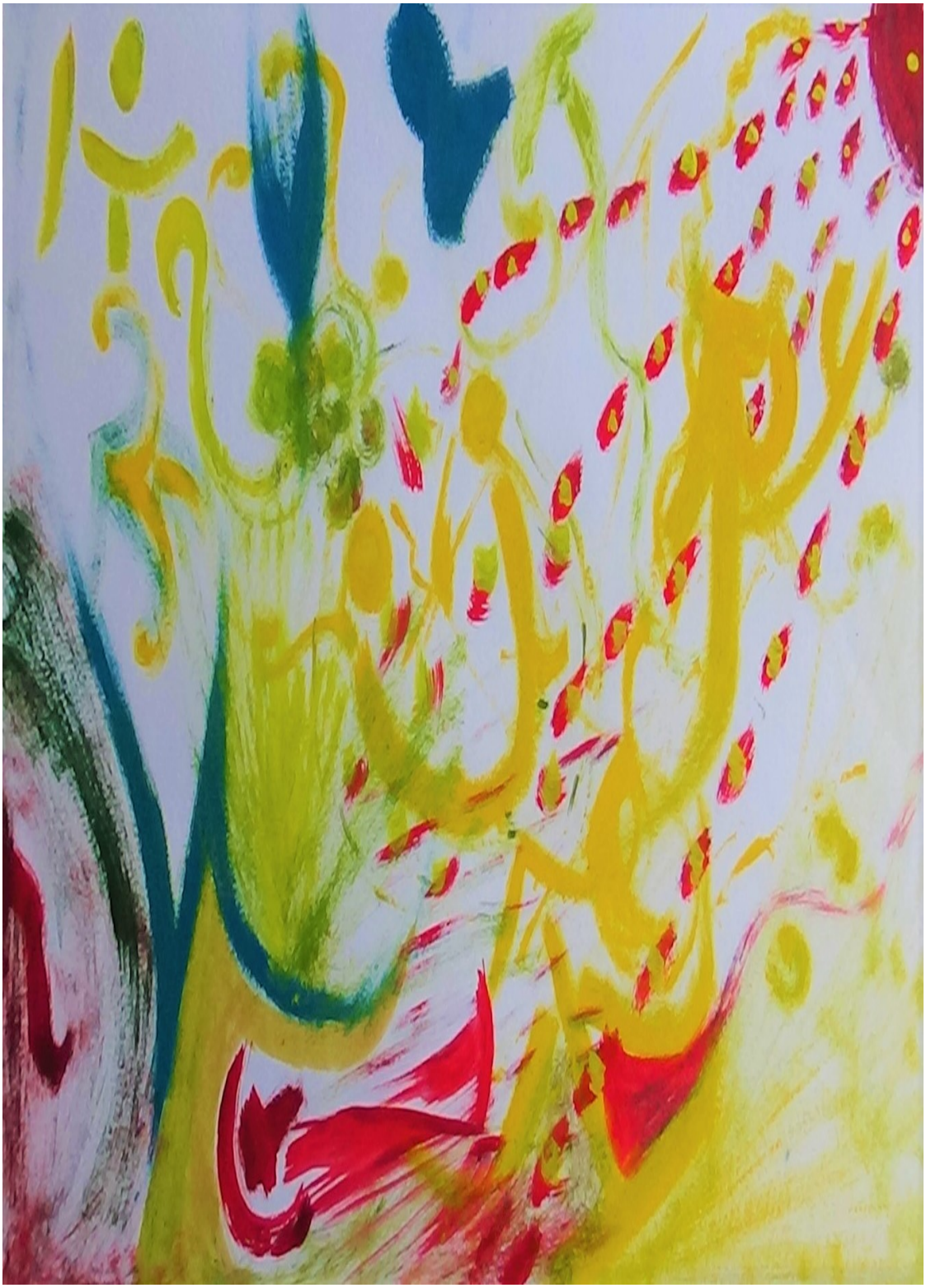


Figura 7: Dança das cores no papel 4. Experimentação intuitiva com a pintura, 2017. Produção da autora. Acervo pessoal.



Figura 8: Dança das cores no papel 5. Experimentação intuitiva com a pintura, 2017. Produção da autora. Acervo pessoal.



As demais experimentações intuitivas com a pintura estão nos Apêndices 3 a 7 (pp. 211 a 215). Os desenhos estão em uma posição, mas, cada pessoa pode observá-lo nas mais variadas posições e visualizar formas, linhas e desenhos diferentes numa mesma tela.

Conectando linhas desta teia rizomática sinto que o desejo de fazer essas pinturas (segundo semestre de 2017), tem relação com uma oficina de criatividade na disciplina *As Três Ecologias de Félix Guattari* (ver Figura 2, p. 30). Percebo uma linha do rizoma reterritorializando-se. Uma memória corporal atualizando-se. Nessa oficina, pela primeira vez, compreendi que o desenho, a pintura e a dança podem ser um dispositivo de expressão de sentimentos e pensamentos. Para quem é do campo das artes, isso pode ser simplista mas, para mim que sou do campo da biologia, foi algo novo. Muitos conceitos até sabemos intelectualmente, mesmo que superficialmente, mas, quando sentimos na pele pelo menos uma fração daquilo que entendemos intelectualmente, surgem transformações na vida. Novos pensamentos e ações impregnados de um novo sentimento.

Qual o desenho desse rizoma? Compreendi que os desenhos que pinto são rizomas (Apêndices 10, 12, 18, 19 e 20. Páginas 221, 226, 233, 235 e 236), porque são fluídos, não faço uma elaboração prévia do projeto, vou desenhando os riscos, e os próprios riscos vão tomando formas abstratas e, após terminar o desenho, pode-se identificar objetos, rostos, etc. E, cada pessoa ao observar esses desenhos, pode enxergar outras formas de objetos, pessoas ou paisagens, mesmo em figuras abstratas, mostrando a multiplicidade de análises, observações e sentimentos. Ao contrário do desenho figurativo, onde geralmente, na imagem de uma caneta, todos verão somente a caneta, ou seja, a imagem representa uma única forma e determina a única representação do objeto. Ainda tenho muito para refletir sobre o rizoma e o método de pesquisa nesses rabiscos coloridos, e considero-os uma microintervenção ecosófica no processo da pesquisa de doutorado. Também considero uma inspiração do meu *clown* Raio de Sol.

Anteriormente, explicamos que o rizoma é um tipo de caule na área da biologia, mas qual a importância do rizoma na filosofia de Deleuze e Guattari? O rizoma é o intermezzo, a conexão entre a raiz e as folhas, o que fica entre eles, é o "meio", o entrelugar, o caminho de passagem. Já a raiz é a extremidade, é uma terminação do corpo da planta. Deleuze e Guattari valorizam o *meio*, o caminho de passagem entre um lugar e outro, um condutor de seivas, daí a ideia de entrelugar, num movimento de romper o paradigma da dualidade, das posições hierárquicas de inferior e superior, das posições fixas e pré-definidas, dos pré-conceitos, enfim, dos paradigmas que produzem a reprodução, fixidez e rigidez da vida em seu

movimento, em seu conjunto e obstaculizam a expressividade e criatividade.

O rizoma é o movimento de concepção da vida como obra de arte, numa multiplicidade de caminhos da expressividade e inventividade, valorização da vida em suas diferenças e biodiversidades, compreendendo o termo socioambiental não como união de diferenças, mas inclusão do *socius* no *ambiens* e do *ambiens* no *socius,* entendendo o termo socioambiental a partir da noção de rizoma, ou seja, linhas que se cruzam e entrecruzam, que se conectam, que dançam juntas formando uma rede, um tecido, uma malha em que não se distingue uma única linha, mas se vê uma trama, o conjunto das linhas, e nesse conjunto, sabe-se que foi formado por linhas individuais, agora não mais unitárias, mas múltiplas formadas por unos.

A citação abaixo explica o pensamento da metodologia a partir do rizoma:

> A diversidade que é matéria do pensamento e carne do texto é descrita, então, como linhas que se condensam em estratos mais ou menos duros, mais ou menos segmentados e em constante rearranjo – como os abalos sísmicos pela movimentação das placas tectônicas que compõem a Terra. Os mil platôs se mantêm lado a lado sem hierarquia e sem totalização...
> Em um sistema acêntrico, como conceber a direção metodológica? A metodologia, quando se impõe como palavra de ordem, define-se por regras previamente estabelecidas… Por sua vez, a cartografia propõe uma reversão metodológica: transformar o *metá-hódos* em *hódos-metá.* Essa reversão consiste numa aposta na experimentação do pensamento – um método não para ser aplicado, mas para ser experimentado e assumido como atitude. Com isso não se abre mão do rigor, mas esse é ressignificado. O rigor do caminho, sua precisão, está mais próximo dos movimentos da vida ou da normatividade do vivo, de que fala Canguilhem. A precisão não é tomada como exatidão, mas como compromisso e interesse, como implicação na realidade, como intervenção (PASSOS et al., 2009, p. 9 e 10).

Essa citação esclarece o método utilizado para a escrita desta tese, o método cartográfico. Um método de experimentação, intervenção e produção de rizomas porque cria territórios existenciais e desterritorializa modelos de padronização da sociedade e da vida.

Uma experimentação do pensamento, uma experimentação do método, uma abertura de passagem aos entrelugares, à criatividade, ao improviso, aos fluxos da vida.

O rigor do caminho é a criação da obra-viva. O rigor do caminho está nos processos criativos do método para a produção de uma obra orgânica, uma obra constituída por linhas e formas que se movimentam, formando o desenho dançante - o rizoma. Tal é o funcionamento das microintervenções ecosóficas. A criação de uma obra viva produzindo amor, solidariedade, sensibilização e conscientização ambiental através do trabalho autogestionado

em grupo.

Não existe uma única percepção da realidade, por isso, o desafio de elaborar a metodologia de forma responsável, criteriosa e ao mesmo tempo livre. Livre para o pensamento, no sentido de abrir espaço para a criação e produção da pesquisadora e, por conseguinte, expressar nas suas palavras esse convite para que o leitor siga seus próprios caminhos de compreensão, refazer e ressignificar este rizoma a partir das suas experiências, histórias de vida e reflexões. Dessa maneira, fazendo proliferar rizomas e conexões e múltiplas formas, e danças, e fluxos. Mas, cada uma com uma singularidade de desejos, de sonhos, de convicções, argumentações e defesas.

O pensamento sobre o rizoma faz sentir algo extremamente fluido, mas nessa fluidez existem zonas de intensificações, que são os desejos e convicções, argumentações. Esse é o posicionamento da pessoa no rizoma, no fluxo fluído dessa composição de matéria e energia no espaço-tempo, da razão e da intuição, do existente e não existente, de cores, de texturas, de sentidos, formas e manifestações. O posicionamento perante essa miríade de sensações é importante, mas um posicionamento que sente, pensa, reflete, intui e busca a compreensão analisando a rede que compõe o rizoma, e não uma única linha de pensamento arborescente como uma raiz, centralizada e dominante.

Nesses tempos sombrios do fortalecimento de pensamentos arborescentes, urge germinar rizomas de amor, solidariedade e cooperação para desenvolver um pensamento complexo e sensível nas práticas pedagógicas e em nossas relações sociais e ambientais.

A investigação de processos na pesquisa esbarra na dificuldade da elaboração do método. A metodologia na ciência clássica é muito estruturada e com objetivo de testar e comprovar hipóteses para alcançar resultados. Também elaborar um problema de pesquisa bem definido. Ou seja, um engessamento e uma predefinição de um *esqueleto* em que a função é dar corpo a essa estrutura, isso representa moldar a pesquisa nessa concepção de mundo, fragmentado, reprodutor de modelos e hierarquizado, delimitando o pensamento a fronteiras pré-definidas e permitidas socialmente, dificultando a criatividade e a intuição que permitiriam a concepção de algo inovador. É relevante explicar que as inovações permitidas pelas instituições estão atreladas ao mercado, aos ganhos políticos e econômicos que enriquecem uma parcela ínfima da sociedade, provocando as injustiças sociais e ambientais.

Na cartografia, não há o *esqueleto*, é preciso criá-lo e dar *corpo* ao método, neste caso, com base nas microintervenções. A pesquisa científica representa os padrões e modelos do mundo em que vivemos e, como o discurso no campo da Educação Ambiental defende a

busca pela transformação da sociedade, seria necessário e mais coerente a pesquisa científica em Educação Ambiental romper com esses modelos que são legitimados pelo sistema social.

Passos et al. (2009) entendem a cartografia como acompanhamento de processos, é um método processual. O que vem a ser acompanhamento de processos? Como estudar processos acompanhando movimentos? Alguns dispositivos colaboram com esse trabalho: diário de campo, registros fotográficos e audiovisuais, o diário de campo coletivo, criação de grupos de discussão, etc. Em minhas experiências com as microintervenções ecosóficas, que é um método cartográfico, percebo que elas não só acompanham os processos, mas produzem esses processos, e isso acontece porque a pesquisadora está implicada nele e não é somente uma mera observadora. Relembrando a biologia do rizoma, este caule produz o seu próprio crescimento de forma multidimensional, rizomático, num movimento que poderíamos denominar de autopoiético.

As estratégias da pesquisa cartográfica não se enquadram no modelo da ciência moderna, que recomenda métodos de representação de objetos preexistentes. Nas microintervenções, com a criação dos processos, torna-se impossível essa representação fidedigna da realidade, à priori. Até por que a realidade é criada e ressignificada pelo fato do trabalho autogestionado que caracteriza as microintervenções. Desse modo, como identificar problemas, hipóteses e métodos que corroborem ou refutem a hipótese onde o campo de pesquisa cartográfico é um território existencial que ainda não existe, por que é concebido e gestado no momento da microintervenção. Esse tipo de investigação privilegia a criação e ressignificação do próprio saber e fazer científico. E, relacionando com a experiência das pinturas, sinto o engessamento do método clássico da pesquisa e a impossibilidade de utilizá-lo para pesquisas com microintervenções ecosóficas.

A realidade é um plano de composição de elementos heterogêneos. A pesquisa clássica, representa a realidade de uma única perspectiva e trabalha com essa percepção homogênea, fragmentada e estruturada da realidade. Mas existe uma outra percepção de que existem múltiplas realidades e percepções de realidades, essa composição de planos heterogêneos mostra o sentido da cartografia - acompanhar os processos do percurso, a implicação em processos de produção de subjetividade e a conexão de linhas formando o rizoma. O rizoma e a composição da multiplicidade de planos heterogêneos da existência.

A homogenização e a consideração de um único plano-raiz, fortalece e legitima a dominação pelo saber que gera poder, as hierarquias, burocracias e o poder da professora e pesquisadora no processo educativo. Essa mudança de pensamento e atitude é difícil

acontecer porque, para isso, é necessário romper ideias engessadas e consideradas *corretas, seguras e certas* pela sociedade e instituições, por isso, quando irrompe algo diferente do estabelecido, é considerado *errado, inseguro e ameaçador* ao sistema tão *correto e indefectível*. Que sistema é esse tão infalível? Por que é considerado assim? E por que outras formas de pensar e viver são errados e inseguros?

Esta tese defende a pesquisa cartográfica ao mesmo tempo que a problematiza. Problematizar as microintervenções de uma pesquisadora implicada na investigação, tem o objetivo de aprimorar os estudos desse tema e de meu trabalho como educadora ambiental. Um trabalho de análise, autoanálise e problematização é importante numa pesquisa em que a pesquisadora está implicada no campo de intervenção, para perceber a complexidade que compõe esse campo, a força, as transformações, a beleza, as criações, as descobertas do conhecimento e também a debilidade, a fraqueza, a angústia, o desânimo, o caos, a desordem e as incertezas que fazem parte do trabalho.

Mostrar os entrecruzamentos dos rizomas que fazem parte desse campo de intervenção, não somente as *luzes*, mas também as *trevas*, mostrar as dualidades, as antíteses, os fatos considerados satisfatórios e também os não satisfatórios, é um desafio, já que vivemos numa sociedade de aparências, precisamos aparentar que estamos sempre *bem e felizes*, mostrar a *beleza* e o *politicamente correto* mas, por acaso somos todos perfeitos? Somos sempre felizes e belos?

Escrevendo este projeto, observo claramente esses padrões sociais emergindo em minha mente, em certos momentos, querendo mudar algo que já redigi no texto. São os meus condicionamentos querendo manter a mesma forma de redação que sempre tive, os meus medos e inseguranças de relatar e analisar certos momentos de crise e sofrimento durante a pesquisa e em outros aspectos da vida, já que para realizar esse tipo de pesquisa precisei me *torcer* e olhar para mim mesma como se enxergasse todo o meu ser num grande espelho, em que é possível ver múltiplas dimensões. Recordo agora de uma escultura: um homem que vai esculpindo-se a si mesmo.



Figura 9: Escultura *Self Made Man* da artista Bobbie Carlyle

A Figura 9 mostra um homem lapidando a si mesmo e tomando forma o seu corpo a partir de uma pedra bruta. Uma imagem forte, mostrando a força e a vontade para trabalhar com as ferramentas martelo e formão.

Uma curiosidade: como este homem construiu a sua cabeça? A cabeça autoconstruiu-se? Ou apareceram primeiro as mãos e os braços para construir a cabeça? Mas, se for assim, de onde surgiram as mãos e os braços? De alguma outra cabeça? De algum Deus ou Deusa? Essas perguntas fazem parte de uma série de pensamentos imaginativos que proliferaram em minha mente ao ver a imagem. Interessante como uma foto, uma imagem *congelada* pode conter tantos atravessamentos e tantos territórios a percorrer o pensamento – rizomas de ideias buscando compreender cada elemento da foto, ou talvez buscando compreender a própria vida…

Mais uma história que tentamos encontrar *o fio da meada,* neste caso, o início e o fim da criação de um corpo humano. Aí penso no rizoma, sem um início e sem um fim. Penso na criação em seus movimentos de fluxo contínuo, produzindo transformações, metamorfoses e transmutações.

O processo de produção desta pesquisa foi também um processo de produção de si, de autoformação (Apêndices 11, 14, 16 e 17. Páginas 225, 229, 231 e 232) e ensinou a recriar-me, entendi que isso requer mergulhar no caos de si mesmo e ir aos poucos esculpindo e recriando a si mesmo, mas é um recriar-se continuamente. É um trabalho doloroso e difícil,

mas que promove um aprendizado de si e das relações com o outro e com o mundo de uma forma intensa e uma sensação que vale a pena passar por tudo isso. Vale a pena manter os ideais, as convicções, as utopias, os valores e não existe dinheiro no mundo que pague tudo isso. A felicidade não está no dinheiro e no poder, a felicidade está nas pequenas coisas, na sutileza, tudo aquilo que, na maioria das vezes, os padrões sociais não valorizam, aquilo que nem se vê com olhos, ou passa desapercebido. Isso é o que há de mais precioso na vida e aí está a felicidade. Pergunto-me, como no processo educativo vamos mediar aprendizagens que valorizem as sutilezas e belezas da vida? Como as microintervenções podem promover isso?

Além disso, as microintervenções, as vivências cotidianas e os estudos ao longo do doutorado fizeram-me construir, destruir e reconstruir a mim mesma. Meus pensamentos, ações e percepções da realidade estão muito transformadas, mas certas características e valores que tenho desde criança ainda persistem, estão aqui e agora comigo em meio a essas transformações, mostrando que a recriação também é a ressignificação de valores da vida, da própria história. Essas características persistentes seriam a minha essência? Seriam linhas do rizoma que persistem desde o nascimento e fazem parte da composição junto com outras linhas rizomáticas que se desenvolvem ao longo da vida? Ou será que essas linhas vieram antes do nascimento? Ou depois da morte?

Pois é, o pensamento complexo leva-nos a uma infinidade de interconexões rizomáticas que se proliferam em uma diversidade de territórios existenciais no pensamento, emoções e intuições. E as microintervenções podem transformar esses pensamentos e imaginações em matéria física, criando alternativas para romper com as linhas duras instituídas socialmente e introjetadas em nossa subjetividade. Podemos dizer que as microintervenções são um método na área da Educação Ambiental que abre caminhos para gerar desacomodações no instituído e mudanças na percepção de mundo, promovendo o desejo da transformação, porque utiliza-se da criatividade e da sensibilização.

> Os mil platôs se mantêm lado a lado sem hierarquia e sem totalização. Tal geologia filosófico-política convoca a uma decisão metodológica, ou melhor, a uma atitude (*ethos* da pesquisa) que opera não por unificação/totalização, mas por "subtração do único", como na fórmula do n-1. Menos o Uno. Menos o Todo, de tal maneira que a realidade se apresenta como plano de composição de elementos heterogêneos e de função heterogenética: plano de diferenças e plano do diferir frente ao qual o pensamento é chamado menos a representar do que a acompanhar o engendramento daquilo que ele pensa. Eis então o sentido da cartografia: acompanhamento de percurso, implicação em processos de produção, conexão de redes ou rizomas (PASSOS et al., 2009, p. 10).

O objetivo não é descrever conceitos com precisão, mas conceitos móveis, com aberturas e conexões, conceitos como linhas de um rizoma, que se cruzam e entrecruzam, num movimento constante de reformulação dos mesmos e de uma reforma do pensamento. Construção, desconstrução, reconstrução, criação… Esse movimento gera vida, oxigena as teorias e práticas, faz proliferar os rizomas do pensamento complexo.

Nas metodologias tradicionais prescrevem-se regras prontas e objetivos precisos, ou seja, caminhar para alcançar metas pré-fixadas. Na cartografia, as metas são traçadas no percurso, de forma orgânica, vivencial, em sintonia com a vida e seus movimentos. O caminho metodológico da cartografia é a experiência entendida como um saber↔fazer, um saber que emerge do fazer e vice-versa. Transformar para conhecer. A cartografia não tem como objetivo a realização de um conjunto de métodos e metas para alcançar um resultado final, mas sim, valorizar o processo, a produção dos dados da pesquisa, potencializar um pensamento que cria alternativas para enfrentar os desafios cotidianos, trabalhar em grupos de forma autogestionada (PASSOS et al., 2009, p. 18).

Deleuze e Guattari em Mil Platôs falam da escrita como texto-agenciamento, livro-multiplicidade e feito de diferentes datas e velocidades. Um livro-rizoma. O pensamento é chamado a acompanhar o engendramento daquilo que ele pensa. O sentido da cartografia é acompanhamento de percursos, implicação em processos de produção, conexão de redes ou rizomas. A cartografia surge como um princípio do rizoma que atesta, no pensamento o princípio *inteiramente voltado para uma experimentação ancorada no real* (DELEUZE E GUATTARI, 1995, p. 21).

Conhecer é criar realidades de si e do mundo, não se contentar com a mera representação da realidade. Nessa perspectiva, o conhecimento gera mudanças na forma como percebemos a realidade e, no processo de pesquisa, ao percebermos a realidade na sua complexidade, conscientizamo-nos da necessidade da criação de um método de pesquisa. O processo, numa pesquisa rizomática, são as diversas interações e interconexões entre os diversos elementos que, numa pesquisa tradicional, são intitulados de sujeito e objeto da pesquisa, mas também envolvem o ambiente e todo o contexto. O território é muito mais abrangente que o sujeito e o objeto da pesquisa, por isso, ao invés de referir-nos a sujeito e objeto, referimo-nos à complexidade de relações que se estabelecem na criação de um território existencial quando trabalhamos com as microintervenções ecosóficas. Acompanhar e produzir as microintervenções ecosóficas não fragmentam o conhecimento e as múltiplas dimensões da vida, mas conectam o que na pesquisa clássica está separado ou, em muitos

casos, nem é contemplado.

O objeto e o sujeito numa pesquisa rizomática são elementos que fazem parte do processo, da trama de inter-relações que se estabelecem no território de intervenção. Se, em determinado momento, objeto pode ser sujeito e sujeito pode tornar-se objeto, por que fragmentar esses elementos na pesquisa? Esse fato revela o nosso pensamento fragmentado e compartimentado, fruto de uma estrutura educacional e social que reina a separação, a criação de fronteiras, o medo, a fragmentação do conhecimento e a burocratização da vida.

O fato da pesquisadora perceber-se sujeito e objeto no campo de intervenção induz não só a análise da produção dos dados, mas também a sua autoanálise no percurso de uma pesquisa implicada. A análise e autoanálise são fundamentais num trabalho de autogestão.

Analisar as relações que se estabelecem nesse tipo de pesquisa, sem prescrever elementos numa posição fixa e sem realizar projetos estritamente fechados em si (sem espaço para a criação) é deixar o fluxo dos acontecimentos constituir, juntamente com o planejamento, as definições que se tornam móveis, dos conceitos e elementos constituintes do processo. Na produção de conceitos móveis, a certeza e incerteza coabitam, os conceitos móveis estão nos entrelugares, nos territórios fronteiriços e, por isso, potentes de germinações para brotar novos rizomas.

As muralhas que fragmentam os saberes impedem a comunicação através dos entrelugares, ou seja, dos saberes presentes nessas regiões fronteiriças.

No processo cartográfico, a pesquisadora está com uma atenção aberta aos acontecimentos do território, já que seus pensamentos estão fluindo de forma rizomática, permitindo perceber os ruídos, o acaso, o caos, a incerteza, o acolhimento do inesperado. As experiências vão ocorrendo, muitas vezes fragmentadas e sem um sentido imediato. Ao contrário, a pesquisa clássica norteia o pensamento numa única linha, uma estrutura arborescente que formula previamente o percurso metodológico, com seus objetivos, sujeitos, objetos, fenômeno material, fenômeno social, hipótese, problema de pesquisa, ou seja, tudo bem fragmentado, pré-concebido e pronto para ser respondido e analisado com certezas quase que absolutas.

Refletindo sobre a análise desse tipo de pesquisa, é preciso estar atenta ao elemento perturbador, aquele que aciona a atenção da pesquisadora para dar um zoom, focar nesse elemento do rizoma. Imaginar esses fenômenos como num microscópio eletrônico de varredura[30], que produz imagens de alta resolução, em que do todo podemos ver as imagens

[30] Mais informações: <https://www.portalsaofrancisco.com.br/biologia/microscopia-eletronica-de-varredura>.

inclusive no seu plano tridimensional. Qual foco? Quem foca? Como proceder nas análises das conexões do todo↔parte?

Visualizar um microscópio é ver todo o campo visual numa lente de aumento baixa e desbravar todo esse campo, quando encontrar aquilo que deseja focar porque encontra aí algo de seu interesse, aumentar o zoom, aumentar a lente e verificar os detalhes desse campo, a partir daí, conectar os rizomas do todo e da parte, se precisar, voltar para o todo e procurar outro campo para dar o zoom e continuar a investigação todo↔parte, e ir compreendendo o fenômeno a partir dessas conexões. Toda análise de pesquisa é muito particular e reflete a percepção do pesquisador. Mas, dessa forma, numa perspectiva rizomática e cartográfica, torna-se muito mais particular, já que a seleção dessas conexões do todo↔parte é muito mais singular, privilegia a singularidade, a inventividade, o raciocínio intuitivo, emocional e lógico no processo de análise dos mapas móveis. Numa pesquisa implicada, ver o campo é ver a si mesmo, ver o que produziu em conjunto com os grupos, ver o que acionou a criação.

A pesquisa que envolve os processos criativos e a Educação Ambiental requer uma atenção sensível ao território de intervenção para perceber o diferente, as perturbações, dissonâncias e tudo aquilo que não é percebido em pesquisas com metodologias tradicionais. A busca leva-nos a encontrar, a descobrir a existência de uma infinidade de possibilidades além do instituído socialmente, criamos o que não conhecíamos, embora já estivesse presente, como virtualidade. A composição do rizoma, o conhecimento que se produz não resulta da representação de uma realidade preexistente. Conhecimento do território surge como composição do que está dado e das virtualidades presentes no ambiente. Um aprendizado importante do livro *Pistas do Método da Cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade,* (PASSOS et al., 2009) é: A invenção se dá **através** do cartógrafo e não por ele, pois não há agente da invenção. É uma ideia que exige profunda reflexão.

As microintervenções rompem as linhas duras (modelos instituídos) do rizoma, ativando as linhas de produção de subjetividade (movimentos instituintes), por isso, causa desacomodação, incômodo e muita reflexão para o entendimento do novo conhecimento proveniente de um novo fato. Ou, pode causar repulsão e a pessoa recusar-se ter contato com aquele elemento novo. Ou a sensação de medo do novo.

E a noção de rizoma faz-nos compreender que os caminhos de passagem se multiplicam, proliferam entradas e saídas, inícios e terminações, poderíamos dizer unicamente caminhos, trilhas, um crescimento da planta multidimensional, sem um plano superior e inferior, sem uma hierarquia, sem uma linha de crescimento preestabelecida, mas uma dança

de linhas, uma dança de diversas cores de tintas, de inúmeras formas que se manifestam e ficam marcadas no tempo, espaço, dimensão, formando desenhos, danças, muitas vezes abstratas e caóticas, outras vezes com formas definidas, desenhos ordenados. Desenho e dança, dança e desenho na produção de formas rizomáticas. As microintervenções são práticas que apresentam essas particularidades. O que é uma dimensão nesse sentido?

O objetivo desta pesquisa não é criar leis ou princípios invariantes, mas interligar linhas (as hastes do rizoma). A escrita/criação e a sistematização dos dados produzidos é uma ligação desse emaranhado de linhas, identificá-las, reconhecê-las, reconhecer a parte e o todo e ir tecendo um arranjo de acordo com o fluxo autopoiético, auto-eco-organizador. Então nesse caso, estamos tratando a escrita desse texto como algo vivo, não um ser vivo, mas uma construção viva de formas, ideias, linhas, fatos, relatos, escritos, vividos, ressurgidos, uma dança-desenho que se plasma em palavras, em pensamentos, criações, sonhos, utopias, palavras que registram microintervenções ecosóficas, que registram a própria vida. Poderíamos pensar neste como um texto autopoiético? Se pensarmos que ele tem a capacidade de produzir-se a si mesmo, proliferando, construindo e reconstruindo ideias e práticas, acreditamos que podemos compreendê-lo como um texto autopoiético ou como diria Morin, auto-eco-organizador.

Rizoma, devir, reinvenção de si e do ambiente, novas percepções, novas paisagens, novo corpo, novas sensações, um novo mundo…
Como será sentir isso?

Experimentações do corpo desenhando e dançando paisagens



Figura 10:

Reflexões da Raio de Sol
Reflexus do céu na lagoa

Cabeça para cima ou cabeça para baixo?
O céu na lagoa ou a lagoa no céu?
Oh! Um trapiche no céu! Uma ponte no céu da lagoa!
Pessoas caminhando no céu da lagoa e cabeças voltadas para a lagoa do céu
Os cabelos no céu da lagoa como labaredas de fogo!
O ar, a água, o fogo. Onde está a terra?
O céu da lagoa entremeado de troncos de árvore
E uma mulher dança nessa árvore. Mulher-fruto, mulher-galho
Árvore está no céu ou na terra? Talvez na água?!
A incerteza movimentando o pensando para a descoberta. Infinitas descobertas.
Rizomas de pensamentos, de imagens, de imaginações

Rizo, Rima, Ri~zo~ma
Devir

A Figura 10 está propositalmente invertida com o objetivo de desestabilizar o sentido da visão, tencionar o pensamento, para provocar uma sensação diferente no sentido da visão. Quando enxergamos algo muito diferente, nosso corpo entra em alerta e os pensamentos buscam compreender esse estranho. Desacomodar, provocar tontura e estranheza. É assim que nos sentimos quando vivenciamos algo novo nas microintervenções ecosóficas. É assim que nos sentimos ao perceber e sentir a vida como rizoma. A percepção artística confere essa capacidade de pensar numa lagoa situada no céu. Não só pensar, mas criar essa nova realidade através da edição da imagem. Criar aquilo que está em nossos pensamentos e devaneios.

Figura 11: Dança na árvore com o Grupo de Dança Contemporânea Berê Fuhro Souto



Ensaio do grupo de dança contemporânea – dançando na árvore. Local: Praia do Laranjal, Pelotas/RS. Data: maio de 2014. Fotografia: Berê Fuhro Souto.

A Figura 11 é a foto na posição original e foi tirada pela professora de dança e ativista cultural de Pelotas, Berê Fuhro Souto[31]. Na época, o grupo ensaiava o espetáculo *Palavra Coreografada.* Participei durante alguns meses, mas em julho não pude dar continuidade a dança. Um momento curto de tempo na dança, mas intenso em experiências.

A experiência de dançar numa grande árvore de plátanos foi singular e surreal, uma experimentação, a sensação de devir-árvore com seus galhos e ver os pássaros e seus ninhos, ver a lagoa, o céu e as pessoas ao dançar na árvore, tudo tornou-se muito diferente, tudo ao meu redor tornou-se um outro mundo. As sensações guiaram o corpo mais do que o pensamento. A intuição tomou o lugar da razão e o toque na árvore era como se fosse o sentido da visão, era como se eu enxergasse a árvore com as mãos, já que elas eram a minha sustentação naquele ambiente cheio de galhos e folhas. Se minhas mãos falhassem, eu poderia cair no chão. Uma atenção intuitiva e instintiva. Talvez tenha sentido, mesmo que minimamente, como a árvore integra-se com o ambiente em que se encontra. Mesmo a árvore sendo imóvel, senti uma estranha liberdade mesmo que presa ao chão, quando o vento com força atingia meu corpo e os galhos da árvore, aquela sinfonia de movimento das folhas e galhos fez sentir-me um dos galhos da árvore. Criar movimentos e dançar num território rizomático.

Ser humano e devir árvore. Sentir-se galho de árvore é um aprendizado de desapegar-se da condição de superioridade do ser humano perante os demais seres da natureza. É sentir que a árvore tem na sua existência um tipo de "sabedoria" (não sei a palavra adequada a usar) que ainda não conseguimos perceber e compreender. Ou melhor, a compreensão está em valorizarmos e desenvolvermos uma alma sensível, a sensibilidade com a natureza e nos tornarmos seres sensíveis, intuitivos e amorosos.

Sentir

Analisando minhas sensações ao ver a foto invertida é importante relatar que senti meu *clown* Raio de Sol, por isso, o título é Reflexões da Raio de Sol. Inicialmente, ao ver a foto invertida, veio o desconforto, a tontura, a estranheza. Após sentir o *clown,* veio o riso, a vontade de enxergar e perceber algo diferente na imagem, de brincar com as palavras e

[31] Diretora e coreógrafa do Centro Contemporâneo Berê F. Souto. Ela faleceu de câncer no início de 2017. Mais informações sobre seu trabalho no site: https://palavracoreografad.wixsite.com/centrocontemporaneo/ber--fuhro-souto

imagens e, a partir disso, o livre fluir das ideias.

O olhar do *clown* quer ver o diferente, o inusitado, o engraçado, o desconhecido. Isso movimenta o pensamento *clownesco.*

O nosso devir-criança salva-nos da dureza e preconceitos da nossa condição de adultos! O devir-criança, o clown é puro fluxo rizomático de pensamento.



Figura 12: Foto original da dança na árvore (sem edição). Fotografia: Berê Fuhro Souto. Maio de 2014.

A professora de dança Berê publicou a foto na página do *Grupo Palavra Coreografada* no *Facebook* e eu compartilhei. Abaixo, alguns comentários de amigos e mensagens que escrevi na postagem da foto (Figura 12):

> **Raquel Avila Amaral:** Berê, essa foto é bem significativa para mim. Momento maravilhoso hoje no grupo "Palavra Coreografada". Muito bom recordar os tempos de infância brincando/dançando na árvore. Isso era o que eu mais fazia na pereira de casa (hoje a pereira não existe mais, foi cortada)... O nome do grupo é palavra coreografada, mas tem sentimentos que vivi dançando no grupo, e principalmente esse interagindo com a árvore, que não

> tem como expressar em palavras, ou tem e ainda não descobri, ou preciso inventar... como não me considero muito boa nas palavras, acho melhor expressar só com o corpo mesmo... Estamos na busca sempre! (17/05/2014 às 20h50).
> **Comentário da pessoa 1:** Raquel ninja… (17 de maio de 2014, às 20h58).
> **Raquel Avila Amaral:** a gente fazia casinha na pereira aqui em casa, tanto nos troncos quanto no chão, com pedaços de madeira e panos. Até na chuva uma vez brincamos, colocamos uma telha "brasilit", fizemos uma portinha e levávamos comida, banquinhos, fazíamos lanche, inventávamos um monte de histórias com as bonecas... nem lembrava mais disso, mas agora com essa intervenção urbana na árvore, lembrei tudo isso. É muito bom lembrar de bons momentos (17 de maio de 2014, às 21h17).
> **Raquel Avila Amaral:** Essa semana está arbórea para mim... sexta-feira envolvida com árvores, hoje dançando na árvore, preciso ver o significado da árvore...(17 de maio de 2014, às 21h27).

Sistema autopoiético e a reinvenção de si – produzir a si mesmo. Os seres vivos são seres que estão em constante processo de produção de si, em incessante engendramento de sua própria estrutura. Autoprodução do vivo. O rizoma tem essas características de um sistema autopoiético. O próprio devir-criança ou devir-galho é uma autoprodução de si, uma autoprodução a partir do processo criativo – obra-viva.

O tempo como rede de processos ou de linhas que se bifurcam, convergem, divergem, encontram-se, desencontram-se e formam um emaranhado que não tem início nem fim, e sim, uma multiplicidade de elementos visíveis e tantos outros invisíveis. O rizoma mostra o percurso do processo criativo. Essa força inventiva está presente nas dimensões da natureza, é preciso acessá-la, mobilizá-la nas microintervenções. O conceito de rizoma surge no contexto da ciência biológica de Maturana e Varela por intermédio da noção de rede autopoiética.

O mais relevante nas microintervenções ecosóficas são os processos criativos e os entrelugares, os resultados não são o objetivo principal. O rizoma configura-se pelas conexões estabelecidas no ambiente e sua estrutura é multidimensional e não-linear.

O rizoma provoca tensionamentos e problematizações que incitam o questionamento das instituições, das burocracias e de tudo o que está instituído na sociedade. Ao longo desse estudo, pergunto-me: Por quê as instituições de ensino tem tanto medo de arriscar-se com o uso de novas metodologias? Por quê o paradigma científico dita regras e não faz uma autoanálise de suas práticas e teorias? Nossas práticas e teorias no campo da Educação Ambiental estão realmente transformando nossas vidas, a vida das pessoas ao nosso redor e transformando o mundo? Ou será que dentro dos centros de pesquisa estamos fortalecendo ainda mais a fragmentação do conhecimento, a valorização da competição e do autoritarismo,

a falta de diálogo, o preconceito e a exclusão social? Quais, como e com que finalidade são realizadas as pesquisas que contemplam bairros pobres? Qual o impacto de nossas pesquisas para as comunidades pobres de nossas cidades? E para a formação humana no âmbito de uma Educação Ambiental?

Refletindo sobre isso, penso imediatamente no projeto neoliberal instituído na CAPES e grandes centros de pesquisa à nível nacional e internacional, formatando e valorizando certos indicadores de produtividade, tal qual o funcionamento de uma empresa privada. E os pesquisadores, mesmo os mais críticos do capitalismo, muitas vezes defendem esses procedimentos sem o mínimo questionamento e estimulando a competitividade, o egoísmo e a vaidade, ou seja, fortalecendo e legitimando o projeto neoliberal do capitalismo selvagem dentro das universidades e centros de pesquisa. Nesse cenário, muitas vezes menosprezamos o senso de cooperação e solidariedade, mas nos curvamos ante tudo isso. Acredito ser possível cumprir as metas das instituições sem fomentar a competitividade. É necessário refletir sobre isso.

A citação a seguir trata do trabalho do cartógrafo no território da pesquisa:

> (…) O aprendiz-cartógrafo, numa abertura engajada e afetiva ao território existencial, penetra esse campo numa perspectiva de composição e conjugação de forças. Constrói-se o conhecimento com e não sobre o campo pesquisado. Estar ao lado sem medo de perder tempo, se permitindo encontrar o que não se procurava ou mesmo ser encontrado pelo acontecimento.
> A maioria dos manuais de metodologia indica a necessidade de penetrar no campo de pesquisa sabendo de antemão o que se pretende buscar. O aprendiz-cartógrafo inicia o seu processo de habitação do território com uma receptividade afetiva. Tal receptividade não pode ser confundida com passividade. Na receptividade afetiva, há uma contração que torna inseparáveis termos que se distinguem: sujeito e objeto, pesquisador e campo de pesquisa, teoria e prática se conectam para a composição de um campo problemático (PASSOS, 2009, p. 137).

Costa (2014, págs. 69-70) diz que para cartografar é preciso estar num território e entende o cartógrafo como um compositor, que com/põe na medida em que cartografa, é um criador de realidade. A cartografia é uma prática investigativa que, ao invés de almejar um resultado ou conclusão, busca acompanhar o processo. Na cartografia, a pesquisadora não sabe, de antemão, os acontecimentos do percurso e quais serão as tramas do rizoma, qual serão os passos da sua dança que se compõe com outros, não sabe quais serão os encontros (com pessoas e ambientes ou até mesmo consigo mesma) e seus acontecimentos. Isso permite

a presença do acaso, do impensado e do imprevisto no processo de pesquisa.

Por isso, não existe domínio da pesquisadora sobre o método, e sim, uma dança, uma composição conjunta de passos, de planejamentos, de ordem e desordem, de acasos que constituem um território rizomático, num movimento contínuo de acontecimentos e aprendizados.

Território: Impregnar o local com a energia, o desejo, a vontade do grupo em realizar a microintervenção. A formação do território começa a partir de um conjunto de fatores que interligam uma infinidade de linhas constituindo um desenho-móvel, um rizoma, e dessa forma, aos poucos vai tomando forma e concretizando acontecimentos, impregnando o território de memórias, desejos e energias, provenientes das relações das pessoas entre si e destas com o ambiente, enfim, dos fluxos da natureza presente nesse processo de microintervenção ecosófica. Quando a pesquisadora vai para um novo projeto, ela leva dentro de si a dança desses territórios já percorridos para produzir uma nova "dança", carregada de intensidades das memórias de acontecimentos anteriores, mas que ressignificam-se no presente para tornar-se futuro, ou seja, um novo projeto de microintervenção. Ou seja, um fluxo de rizomas que reiniciam seu crescimento a um novo território. Por isso, o entrelaçamento do passado, presente e futuro. Para exemplificar esse entendimento, menciono aqui uma das microintervenções ecosóficas que constitui a produção coletiva do filme "Mãe, eu tô grávida".

Costa (2014, p. 71) diz que a cartografia não é um método fechado e estruturado. A pesquisadora inventa o seu método, suas estratégias, em consonância com as relações, com os sonhos, as ideias, suas lembranças, histórias e desejos que estabelece no seu território de intervenção. A cartografia distingue-se do método de pesquisa positivista. Assumir-se uma pesquisadora implicada no seu próprio método de pesquisa é não ser neutro, e sim, produtor dos dados e promotor das microintervenções em conjunto com o grupo.

Defendo uma pesquisa que dança, num movimento de criação que desenha e pinta linhas no ambiente em suas múltiplas dimensões. Esse é o rizoma. O rigor do método está amalgamado com os movimentos da vida, da experimentação, da pintura, da dança, da poesia e tantas outras expressões referentes aos processos criativos que vão além da racionalidade.

Passos et al. (2009, p. 73) afirma que o pesquisador-cartógrafo está receptivo aos acontecimentos do percurso. Mas diante de tantos registros, acontecimentos, fatos, enfim, dos dados da pesquisa, como saber quais serão relevantes para compor o rizoma? Costa (2014) nos diz que é a força do encontro gerado. Refletindo em minhas experiências de vida, nas

microintervenções ecosóficas e no que venho estudando, a escolha dos dados da pesquisa partem de uma sutileza dos fluxos correntes que geram forças e eventos que entrecruzam o passado, o presente e o futuro, ou seja, desejos que se desdobram e tem sua continuidade ao longo do tempo, normalmente assumindo outras formas, mas tendo o mesmo sentido, a mesma vontade ativa.

Santos (2006, p. 77 e 78), defende que cada método é uma linguagem e a realidade responde na língua em que é perguntada. Esta tese é fruto de um método cartográfico que entende a pesquisa como um rizoma. O rizoma é a linguagem e a percepção da realidade perpassa o rizoma.

Quando digo que desejo fazer um rizoma, significa que desejo misturar, amalgamar teoria e prática e análise em todo o corpo do texto. A possibilidade de pensar em separar os capítulos em epistemologia, metodologia, resultados, análises e conclusões comprovam um grau de fragmentação mas, didaticamente, optei por dividir em certos capítulos, mesmo sabendo que as conexões estarão presentes em todo o corpo do texto. E também porque a mistura mostra a inseparabilidade entre o conhecer e o fazer, o pesquisar e o intervir, toda cartografia é um conhecer-fazendo. Não separar o método da teoria, nem a teoria do método.

Costa (2014) ensina-nos que cartografar é estar, e não olhar de fora. Só se faz cartografia arriscando-se.

Também diria, artistando-se.

3.2 Microintervenção ecosófica

Por onde iniciar a tese? Meus pensamentos estão enrolados como num novelo de lã, mas para escrever é preciso “puxar um fio”. Um único fio, de infinitas possibilidades. Mas, se todos os fios estão interconectados, esse único fio que emergir será um holograma que registra todas as infinitas possibilidades O uno no múltiplo e o múltiplo no uno. E também o uno no uno e o múltiplo no múltiplo. A cartografia revela as interconexões dessas infinitas possibilidades, a partir dos trajetos percorridos pela pesquisadora juntamente com os grupos nas microintervenções.

Uma sugestão feita por um dos professores da banca foi assistir o vídeo *O que é*

Rizoma?[32],em que Joseph Vogl refere-se ao rizoma como um labirinto sem um minotauro no centro. Um labirinto que não apresenta centro, nem periferia e não há começo nem fim, constituindo-se como um sistema de atalhos e desvios, não sendo uma linha reta e direta. O rizoma é uma estrutura de passagens, que poderíamos chamar de entrelugares. E, dada essas características, é um caminho obscuro e confuso sendo o lugar do encontro, das imprevisibilidades, já que é um sistema aberto e autônomo. Como fazer uma pesquisa rizomática sem sentir-se totalmente confuso? É preciso valorizar e desenvolver a intuição, porque ela nos guia nas infinitas linhas do rizoma.

Em minhas an-danças, o rizoma é um desenho que dança e forma múltiplas realidades a cada interconexão de suas linhas. Um *labirinto* sem muros, sem delimitação de espaços e direções, sem solo nem céu. Um território de livre trânsito e de múltiplas possibilidades.

O rizoma e o labirinto fizeram-me pensar na hipótese da pesquisa – no *problema* da hipótese. Num modelo de pesquisa tradicional, a hipótese precisa ser bem formulada para indicar os passos a serem dados até a comprovação ou refutação da mesma. Isso requer a compreensão da pesquisa como uma linha reta e direta (sem atalhos e desvios), consistindo de um começo (introdução) e um fim (conclusão) com o máximo de clareza e previsibilidade para a pesquisadora ter o domínio dos fenômenos e dos dados. É um tipo de pesquisa extremamente racional, não levando em consideração as inúmeras capacidades do ser humano.

Portanto, neste percurso cartográfico que investigo as microintervenções ecosóficas e o rizoma, consistindo num sistema aberto, sem começo nem fim, uma pesquisa baseada em processos criativos repletos de imprevisibilidades e múltiplas possibilidades. Nesse contexto, como elencar uma hipótese? Como nortear a direção de uma pesquisa em que o caminho não tem uma direção previamente definida? Na realidade, o caminho está em processo constante de criação! Nesta investigação, o conceito que representa a formulação de uma hipótese não cabe na essência e na multiplicidade do rizoma produzido num processo cartográfico de microintervenção ecosófica.

A microintervenção ecosófica é um conceito teórico-prático desenvolvido nesta tese, inspirado nos ensinamentos do prof. Alfredo G. Martin Gentini e nos estudos e microintervenções realizadas no percurso da pesquisa. Recentemente, publicamos o seguinte artigo: *Grupo como dispositivo: a microintervenção ecosófica nos processos de formação em*

[32] Disponível no site: https://www.youtube.com/watch?v=2k-wWziPk-g.

educação ambiental[33], cabe salientar que a microintervenção é um método de pesquisa (embasada na *Análise Institucional* e *As Três Ecologias de Félix Guattari*), que o prof. Alfredo utilizava em suas aulas, sendo um método que promoveu múltiplos rizomas no PPGEA/FURG, dentre eles, a criação do *Laboratório Audiovisual de Pesquisa em Educação Ambiental*[34], a produção de diversos audiovisuais a partir dos temas de pesquisa dos estudantes da disciplina[35] As Três Ecologias de Félix Guattari (I e II) e também a orientação de dissertações e teses no PPGEA, tais como dos pesquisadores e professores Augusto L. Medeiros Amaral[36], Cláudio Tarouco de Azevedo[37], Aline Cristina Calçada[38], dentre outros.

No caso da presente pesquisa, o acolhimento desta proposta pelo professor orientador Humberto Calloni foi fundamental e determinante para este trabalho, principalmente, para a liberdade na execução das microintervenções realizadas na FURG. Com isso, tomaram corpo os planejamentos dos projetos e ideias das microintervenções, e temos o presente registro e aprendizado que tais ações desencadearam, para entender os rizomas desse tipo de filosofia e metodologia de trabalho científico, a partir da cartografia, análises dos dados produzidos na pesquisa.

A microintervenção ecosófica é um tipo de metodologia, um caminho a ser construído e trilhado pela pesquisadora em conjunto com os grupos. Embasado na cartografia, é um método de experimentação e criação que abre espaço para a ação e reflexão, crítica às injustiças sociais e ambientais, desacomodação e indignação com os padrões instituídos e, com isso, a produção de territórios existenciais. Na prática, confere a percepção das possibilidades de transformação de uma determinada realidade, dada como imutável ou intransponível, descortinando as dificuldades e desafios dessa transformação, além da criação de novas realidades. Lidar com essa energia do instituinte requer muita vontade, coragem, convicção e persistência, pois os embates são constantes. O atrito, o tensionamento ao poder instituído e os processos criativos são a tônica de uma microintervenção.

A microintervenção ecosófica é um tipo de pesquisa-intervenção, fundamentada no método da cartografia, um método processual na investigação de processos de produção de subjetividade, na produção de realidades. Requer procedimentos mais abertos e inventivos, por isso, a relevância das artes compondo essas práticas. O método da cartografia não visa a

[33] Disponível no site: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022018000100438&lng=en&nrm=iso&tlng=pt.
[34] Atualmente, o LAPEA encontra-se vinculado ao Centro de Artes da FURG. Site: http://www.lapea.furg.br/.
[35] Disponível em: https://www.youtube.com/user/LAPEAFURG.
[36] Disponível em: https://sistemas.furg.br/sistemas/sab/arquivos/bdtd/0000010288.pdf.
[37] Disponível em: https://sistemas.furg.br/sistemas/sab/arquivos/bdtd/0000010277.pdf.
[38] Disponível em: https://sistemas.furg.br/sistemas/sab/arquivos/bdtd/0000010495.pdf.

elaboração e formulação de regras ou protocolos, como nos modelos científicos tradicionais onde indicam modelos de representação de objetos preexistentes. Ao contrário, a cartografia reverte essa ideia para conceber a criação de um método que esteja em sintonia com o caráter processual da investigação.

> Por isso, a ocupação de um território numa pesquisa não pode ser iniciada com um problema fechado, sabendo de antemão o que se busca. Tal posicionamento fecha o encontro com a alteridade do campo territorial, permitindo muitas vezes só encontrar o que já se sabia ou, o que é muito pior, não enxergando nada além dos seus conceitos e ideias fixas (PASSOS et al., 2009, p. 138).

A produção de dados e análise das microintervenções são um conjunto de estudos de teorias que me acompanham desde o mestrado e tantos outros aprendizados fruto da história de vida e da tecitura dessa história com a história de tantas outras pessoas, e animais, e ambientes e energias, mostrando que, mesmo quando pensamos que estamos totalmente isolados escrevendo uma tese, todas essas relações nos acompanham no pesamento e na escrita, na nossa própria existência. Tudo isso forma um rizoma de interconexões entre a Educação Ambiental Ecomunitarista, a Teoria da Complexidade de Edgar Morin, os estudos sobre complexidade e interdisciplinaridade de Humberto Calloni, As Três Ecologias de Félix Guattari, a Teatralidade Humana, a Educação Ambiental Biorrizomática, o conceito de rizoma de Deleuze e Guattari que, amalgamados com as demais dimensões da vida, estão tomando corpo e espírito nesta pesquisa.

O campo de intervenção é o campo de análise. A implicação do pesquisador no campo de pesquisa coloca em questão os ideais de objetividade, neutralidade, imparcialidade do conhecimento. Analisar as implicações coletivas de todos que integram o campo de intervenção. Não há neutralidade do conhecimento, pois toda pesquisa intervém sobre a realidade o observador está sempre implicado no campo de observação e a intervenção modifica o objeto.

A teatralidade humana, a partir das oficinas de *clown*, desconstruíram minha percepção de corpo, e fui descobrindo um corpo-mutante do *clown* em mim. Um corpo que transita entre as virtualidades, são territórios rizomáticos que permeiam as emoções do momento, o estado psicológico emocional do instante presente no improviso, um corpo que rompe com os modelos e as representações sociais, que se expressa, se manifesta, faz visível suas descobertas e aprendizados. Um dos aprendizados do *clown* é o improviso e, para isso,

aprender a viver o momento presente, o aqui e agora, já que no improviso o corpo entra numa outra frequência e acessamos outros territórios existenciais de nós mesmos, das outras pessoas, dos seres vivos e do próprio território de intervenção. Essa experimentação potencializa a sensibilidade e a intuição permitindo sentirmos esses múltiplos planos da realidade e percebermos a multiplicidade de significados e sentidos de tudo o que nos constitui e nos rodeia, por exemplo, com sua imaginação, sensibilidade e intuição, o clown transforma uma bolinha de tênis num planeta através da sua expressão corporal mediada pelo improviso.

As microintervenções são práticas abertas às circunstâncias da vida, não se trata de um planejamento fechado em si no intuito de reproduzir um projeto pré-elaborado, pelo contrário, ela valoriza as composições, os intercâmbios, a complexidade, a sensibilidade e a intuição. Envolve a produção de subjetividade, autogestão e autoanálise para produção do conhecimento. Em relação ao conhecimento, é importante analisar o medo como bloqueio da criatividade e sua relação com as instituições e os condicionamentos às normas sociais e buscar a força de transformação do humano pelo improviso, experimentação, criação de grupos-sujeito, para superar os medos e romper com as amarras do instituído. Ou seja, construir movimentos instituintes, complexos, rizomáticos, descentralizados. Esse tipo de pensamento é extremamente perigoso para o Estado e para a perpetuação do *modus operandi* de suas instituições educacionais, administrativas, financeiras, policiais, políticas e, portanto, manter os benefícios que todo esse aparato social promove para as altas castas sociais e grupos restritos.

Escrever uma tese-rizoma e trilhar o caminho da complexidade. A complexidade terá algum caminho? A cartografia requer pesquisar as conexões no rizoma e, para isso, a implicação da pesquisadora em habitar um território, o território existencial a ser investigado. E a investigação, na microintervenção ecosófica, envolve a intervenção microssocial para produção de subjetividade, por isso, a participação ativa da pesquisadora no território a ser investigado é essencial. Essencial é criar um ambiente propício e fecundo para as expressões criativas, produzindo conhecimento, autoconhecimento e bem-estar físico, mental, emocional e espiritual.

O livre fluir do pensamento e da expressão projeta rizomas que perturbam o ambiente na prática das microintervenções, ameaçando a estabilidade e fazendo aparecer o que está submerso dentro e fora de nós, dentro e fora das instituições. Perturbar significa afetar, problematizar. A perturbação atua como os *atratores estranhos* (CAPRA, 1996, p. 99-129),

que chamaria de *atratores caóticos,* onde ao incindir sobre determinado ponto e em certas condições atuais do sistema, captura-o na sua totalidade, gerando comportamentos globais. Como explicam Maturana e Varela (1986, p. 98):

> (…) já que todo sistema autopoiético é uma unidade de múltiplas interdependências, quando há uma dimensão nela que é afetada, é como se arrastasse atrás de si todo o organismo a experimentar mudanças correlativas em muitas dimensões ao mesmo tempo.

Efeito global da perturbação local. O *clinamen* também apresenta essa premissa. Acredito que essa é uma boa ideia para estudar e relacionar às microintervenções ecosóficas, ou seja, estudar a forma como uma perturbação local, no caso uma microintervenção de ação microssocial, afeta ou pode afetar o global, o sistema macro. Percebo isso nas microintervenções porque perpassa as múltiplas dimensões humanas: mental, emocional, intuitiva, corporal, desacomodando o corpo e o pensamento e incitando desejos de transformação de comportamentos e vontades, acionando forças e ideias que desconhecíamos de nós mesmas/os. E não só causando o que consideramos como *bem e/ou bom,* mas para certas pessoas pode causar um mal estar e um desejo de conservar os seus padrões de pensamento e comportamento, em função da crença nos modelos sociais e na racionalidade, sendo assim, tudo o que é diferente disso gera incômodo, mal estar e rechaço. O mediador do grupo deve estar atento a esse fato, analisando a sua própria prática como educador e a dinâmica de cada integrante do grupo e suas relações entre as pessoas e o ambiente, para que esses elementos sejam subsídios para repensar e refazer as suas práticas e oficinas.

O fato da perturbação local ser independente do efeito global torna os resultados imprevisíveis. Pequenas perturbações podem gerar grandes mudanças. Os acoplamentos são sempre temporários e relativos, sendo constantemente questionados frente a novas situações suscitadas pelo rizoma e suas relações com o ambiente. As microinterevenções provocam esses agenciamentos, acoplamentos e perturbações.

As microintervenções produzem uma abertura a certas dimensões da natureza, e isso é possível porque estimulam as emoções, os sentidos, a criatividade, a intuição e a imaginação, capacidades desvalorizadas nos processos educativos. As instituições de ensino valorizam a racionalidade e o conteúdo programático com suas inúmeras *grades* curriculares, o termo *grades* é muito coerente com a filosofia dessas instituições… Ao invés da multiplicidade de linhas de um rizoma interligando os saberes, tem-se as grades que os separam, resultando num

conhecimento fragmentado da vida. O entendimento da autopoiese está no sentido do rizoma e não de um deus ou um ser divino criando a vida, mas a própria vida criando-se e recriando-se continuamente, simplesmente o funcionamento da natureza, com seus processos físicos, biofísicos, fisiológicos e bioquímicos alimentando esse sistema belo, simples, complexo. Trilhar um percurso cartográfico é acreditar nos fluxos da natureza, é acreditar na vida, acreditar na produção de um pensamento complexo, amoroso, sensível e solidário.

Percorrer os caminhos do rizoma exige convicção, coragem, vontade, lutar contra o medo e a vergonha de apresentar-se na redação de uma tese implicada em sua pesquisa, apresentar-se como ser humano em todos os seus aspectos, não somente o racional. Aflorar a sensibilidade, a solidariedade, o cuidado, desenvolver valores que preservem e regenerem a vida em todas as suas manifestações é uma necessidade dos educadores ambientais em seus processos educativos. A pesquisa implicada mostra-nos a nossa força, a nossa fraqueza, as nossas virtudes e os nossos defeitos, só é possível transformar nossos pensamentos e práticas se conhecemos nossas trevas e nossa luz. Uma força muito especial consagra os que decidem percorrer o caminho de uma pesquisa que tem como método a cartografia: a força da criação, de trabalhar com processos criativos nas microintervenções ecosóficas. A esperança (espera-ativa), a utopia criativa, de transformar a si e o mundo em que vive, desenvolver uma alma *sensiente*, sensível à natureza, de cuidado consigo, com o outro e o mundo.

Entrar em contato com o território das microintervenções é estabelecer o encontro com a multiplicidade de rizomas, relações que se estabelecem, para que essa multiplicidade de contatos nos façam pensar, refletir e agir. A pesquisadora precisa estar atenta, trabalhar sua observação, em especial ao que é incomum, estranho, fora dos padrões. E, no momento em que se encontre em territórios conservadores, busque acionar e despontar esse incomum, esse estranho, aquilo que é desvalorizado e despercebido. Isso causa um grande abalo no funcionamento linear das instituições. É esse abalo que buscamos, essa desacomodação, principalmente de quem detém o poder e deseja conservar atitudes conservadoras, preconceituosas e autoritárias.

Costa (2014, p. 74 e 75), indica que o grande instrumento de razão de uma cartografia é o corpo, saber ouvir, sentir o corpo, saber acioná-lo. A cartografia é uma prática corporal, o corpo é elemento fundamental na pesquisa cartográfica. A função do cartógrafo é dar passagem, fazer passagem, ser passagem, o cartógrafo lida com territórios moventes, por isso, o pesquisador ter a sensibilidade e desenvolver um saber multi/implicado, multifocal, frágil e um tanto provisório.

O cartógrafo é cientista e artista. Sua pesquisa faz uma conexão dos múltiplos campos que se sobrepõem e atravessam-se no seu trabalho. Ele mistura e mistura-se com os outros e com o ambiente criando o seu método de intervenção, produzindo uma obra-viva.

Como apresento o rizoma que compõem as microintervenções desta pesquisa? De que são constituídos os rizomas das microintervenções? Analisando esses questionamentos, percebo a multiplicidade de interconexões estabelecidas em distintos territórios, períodos de tempo, pensamentos, emoções, ideias, utopias, sensações, intuições. Quais são os territórios? Quais são os tempos? Quais são as sensações? Quais são os processos?

No caso desta pesquisa, os processos são os percursos produzidos a partir dos desenhos e pinturas, dos vídeos e edições dos vídeos, da dança no Templo das Águas e na aula da disciplina As Três Ecologias de Félix Guattari I e II, da horta comunitária, dos diversos trabalhos coletivos na Casa do Caminho, no Grupo de Teatro Interativo, na casa onde moro, no pátio da vizinha Nevanir, Os percursos são caminhos, linhas do rizoma desenhadas e tecidas pelas experimentações dos grupos em sua expressão criativa. Microintervenções ecosóficas são rizomas, potencializando forças instituintes nos grupos-sujeitos.

O rizoma são os fluxos fluídicos que desconhecem as fronteiras existenciais, as fronteiras entre o humano e os demais seres vivos, as fronteiras entre a existência e a não-existência. São as conexões que se processam através dos processos criativos provocando e acionando certas rupturas dos padrões instituídos. Um desses fluxos fluídicos que desconhecem fronteiras é o amor.

A Educação Ambiental, na perspectiva das microintervenções ecosóficas, é um campo de produção de realidades e conhecimentos sensíveis à natureza, transformadora dos ambientes para desenvolver a amorosidade, a intuição e os processos criativos estimulando a sensibilização ambiental, a autogestão, autonomia, solidariedade e a expressão intuitiva e criativa do ser humano. O campo da Educação Ambiental está em todos os lugares, sua ação inter e transdisciplinaridade nos espaços formais, não-formais e informais, incluindo a própria criação desses espaços, chamados de *espaços de convivência* por Humberto Maturana.

O campo rizomático, ou campo de afecção, ou campo do emocionar (porque ao analisar uma microintervenção, não exclui da análise as outras microintervenções) é o campo de intervenção. O termo intervenção causa-me desconforto por dar a impressão de uma interferência imposta e lembra a intervenção militar. Tenho a consciência de que isso não é a ideia do autor.

Azevedo (2013, p. 312), ao desenvolver a tese de uma Educação Ambiental

Biorrizomática, diz "(…) Uma pesquisa com Educação Ambiental Biorrizomática que procura linhas de potência capazes de transversalizar a pesquisa, o ensino e a extensão na produção de dados envolvidos em processo de Educação Ambiental." Os experimentos produzidos na tese foram as poéticas audiovisuais e os processos de criação, e considerou que promovem o cuidado, as relações saudáveis e acionam transversalidades capazes de produzir novas perspectivas sobre a vida e também produz novos conhecimentos nos grupos que participaram das experimentações. Essas atividades, na perspectiva ético-estética é um dos caminhos para desenvolver valores humanos, a autogestão e a autoanálise dos grupos para a produção de conhecimentos para além da razão e contribuir para o respeito às múltiplas formas de existência no rizoma da vida.

O objetivo desta pesquisa não é "desvelar verdades" escondidas, mas proliferar rizomas reflexivos, questionamentos, críticas, sugestões, criações, singularizações, solidariedades, movimentos instituintes (movimentos rizomáticos), descentralizados e plurais, múltiplos, complexos.

As microintervenções permitem-nos ter consciência de que somos capazes de construir outras realidades. Que realidade queremos construir? Que realidades foram construídas nas microintervenções? Que realidades os grupos querem construir? Quais são seus sonhos e utopias?

Os processos educativos e criativos acionam a capacidade de criação e percepção de novas realidades possíveis e, em certos casos, até mesmo as consideradas impossíveis. A produção de obras-vidas vai ressignificando a vida, promovendo novos sentidos éticos, estéticos e poéticos ao fazer pedagógico no campo da Educação Ambiental. Desejo que este rizoma inspire as pessoas para suas criações e singularizações. Não para a reprodução e o medo, mas sim, para a criação, a emergência do novo, de um novo broto do rizoma. Desenvolver os brotos do rizoma para as proliferações de processos criativos e novas obras-vivas!

A microintervenção ecosófica fundamenta-se na Ecosofia (GUATTARI, 1990 e 2015) e envolve questões ligadas ao meio ambiente (Ecologia Ambiental), a subjetividade humana (Ecologia Mental) e as relações sociais (Ecologia Social).

As microintervenções ecosóficas implicam uma relação estreita entre ensino, pesquisa, extensão e processos grupais, fundamentando-se no campo epistemológico da Análise Institucional (LOURAU, 2014 e LAPASSADE, 2016). Surgem da necessidade de lidar com a complexidade da problemática socioambiental e estão ligadas à necessidade de produzir, com

auxílio de métodos e técnicas artístico-pedagógicas, movimentos instituintes. Promovendo micro-transformações no cotidiano, perturbando o que há de estático e imutável na dimensão instituída da realidade e colocando em questão o que as instituições sociais determinam como estabelecido. Trabalhando conteúdos, propondo experimentações e intervenções comprometidas com a sustentabilidade, favorecendo uma noção de conjunto das relações que a universidade estabelece com outras instituições, com o cotidiano dos estudantes e com a comunidade em geral, na perspectiva de qualificar a análise e a ação inter e transdisciplinar.

Nesta perspectiva, o desenvolvimento de atividades de ensino e extensão respaldados pela pesquisa científica torna-se fundamental, na medida em que nos voltamos para a constituição de uma organização social menos desigual, mais justa e humana, onde cuidar de si e de seu grupo social é indissociável do ato de cuidar dos demais seres vivos e do meio ambiente. Tornando cada vez mais necessário o aprofundamento teórico, a intervenção, o diálogo interdisciplinar e a coordenação de esforços visando promover as capacidades complexas do humano.

A base teórica está articulada com as atividades em laboratório, saídas de campo, intervenções socioambientais, rodas de conversa e aulas expositivas, tornando os estudantes implicados no processo investigativo na medida em que participam, envolvem-se, propõem soluções, pelo menos parciais, para os problemas detectados por eles mesmos, com isso, suas iniciativas podem ser exemplos para a sua comunidade. Mas um exemplo para a criação e não um exemplo de reprodução. Tais práticas pedagógicas procuram estabelecer um fluxo dialógico dos conteúdos teóricos estudados em sala de aula com a vida cotidiana e o mundo. Buscamos construir um espaço de ensino-aprendizagem que privilegie o espírito investigativo, criativo e sensível em relação às questões socioambientais, tendo como ponto de partida os diversos contextos dos estudantes, seus locais de moradia, suas comunidades, seus bairros, seus grupos de convívio, etc.

O campo do empírico, aqui entendido como campo de experimentação, é um território delimitado pelas possibilidades que surgem no decorrer das atividades desenvolvidas pelos estudantes. Nele é imprescindível a criação de estratégias e a tomada de decisões em consonância com os imprevistos e adversidades, conforme as relações sociais que se compõem e recompõem, enfim, de acordo com as continuidades e interrupções que ocorrem no percurso.

Nessa perspectiva, são desenvolvidas não somente a cognição, mas também as capacidades afetivas, emocionais, inventivas, intuitivas e motrizes, contemplando a iniciativa,

a cooperação, a autogestão grupal, autonomia e a análise dos processos grupais vivenciados.

A Teatralidade Humana (AMARAL, 2013), é um dos principais subsídios técnico e teórico-conceitual das dramatizações. Os problemas detectados nos diversos contextos em que os estudantes estão inseridos, ao serem transpostos para o tempo-lugar do laboratório (sala-de-aula ou outro espaço educativo), são reelaborados em forma de dramatização orientada, fazendo emergir alternativas que talvez ainda não tivessem sido levadas em consideração pelo grupo – outras perspectivas, outros modos de perceber e de lidar com os mesmos problemas.

Essas experimentações cênicas, filmadas para que posteriormente possamos analisá-las (as filmagens são usadas para compor os audiovisuais experimentais), problematizam os modos de existência, as relações sociais, a forma que as pessoas e os grupos lidam com as questões ambientais nos diversos contextos, ampliando as possibilidades de entendimento, argumentação, diálogo e resolução das mesmas. Esse reelaborar, ao assistirmos os vídeos, produz um processo de análise e autoanálise em que conseguimos nos ver, refletir sobre nossas atitudes e, com isso, ampliar nossa consciência.

No que tange ao modelo de educação, reflitamos a partir das ideias de Krishnamurti em seu livro *A educação e o significado da vida.* No primeiro capítulo explica que a educação convencional produz um modelo de educação para dar segurança, conforto, aceitação social e tornar uma pessoa importante, com o mínimo de reflexão, impede a sensação de descontentamento e espontaneidade, gerando o temor. A padronização da educação é a padronização do homem, é arriscado ser diferente do grupo ou resistir ao ambiente, diz Krishnamurti. Padronizar a educação é padronizar o pensamento humano impedindo sua livre expressão e seus mecanismos próprios de aprender e ensinar; de perceber, pensar e sentir a si mesmo e ao mundo.

A educação escolar e familiar ensina-nos que necessitamos procurar o conforto na vida, onde podemos viver com o mínimo de conflito possível, assim, não ousamos dar um passo sequer para sair desse isolamento. Este medo da vida, da luta e de novas experiências, mata nosso espírito de aventura; temos medo de ser diferentes do nosso próximo, tememos pensar em desacordo com o padrão social vigente, num falso respeito a autoridade e a tradição (KRISHNAMURTI, p. 8).

Krishnamurti (p. 8 e 9) classifica dois tipos de revolta: uma revolta violenta, que é mera reação, sem inteligência, contra a ordem vigente e uma revolta inteligente, que, não sendo reação, nasce com o autoconhecimento, com a percepção do nosso próprio pensar e sentir. Só quando enfrentamos a experiência tal como se apresenta, quando não evitamos

perturbações, é que podemos manter a inteligência altamente desperta; e a inteligência altamente desperta é intuição — o único guia seguro na vida. O autor explica que, se a vida tem um significado mais alto e mais amplo, que valor tem nossa educação se nunca descobrimos esse significado? Podemos ser superiormente cultos; se nos falta a profunda integração do pensamento e do sentimento, nossas vidas são incompletas, contraditórias e cheias de temores torturantes e, enquanto a educação não abranger o sentido integral da vida, bem pouco significará.

Krishnamurti (p. 11) diz que fomos todos preparados pela educação e o ambiente para a busca de proventos e segurança pessoal, para lutarmos em nosso próprio interesse. Embora costumemos dissimulá-lo com frases amenas, fomos educados para várias profissões dentro de um sistema que se funda na exploração e no temor com sua concomitante avidez. Tal educação acarretará, inevitavelmente, confusão e tribulações para nós e para o mundo, pois cria em cada indivíduo aquelas barreiras psicológicas que o separam e o mantêm isolado dos outros.

Nas pags. 11 e 12, ele diz que há uma eficiência inspirada pelo amor, que leva muito mais longe, que é bem superior a eficiência da ambição; e sem o amor, que traz a compreensão integral da vida, a eficiência gera a crueldade. Krishnamurti pergunta: Não é isso exatamente o que ora acontece no mundo inteiro? A educação atual está aparelhada para a industrialização e a guerra, e desenvolver a eficiência é seu alvo principal; estamos dentro da engrenagem desta máquina de competição impiedosa e destruição mútua. Se a educação conduz a guerra, se nos ensina a destruir ou a ser destruídos, não falhou completamente?
Krishnamurti defende que para existir o que ele chama de “educação correta” é indispensável compreender o significado da vida como um todo, e “compreender a vida é compreender a nós mesmos, este é o princípio e o fim da educação” (p. 12). Se não buscarmos uma integral compreensão da vida, os nossos problemas individuais e coletivos só tenderão a crescer, em profundidade e extensão.

Outro ensinamento é que a compreensão de nós mesmos extingue o medo. Para enfrentar as complicações, tribulações e imprevistos da vida, deve o indivíduo ser infinitamente flexível e, portanto, livre de teorias e de certos padrões de pensamento. A educação não deve estimular o indivíduo a adaptar-se à sociedade ou a manter-se negativamente em harmonia com ela, mas ajudá-lo a descobrir os valores verdadeiros, que surgem com a investigação livre de preconceitos e com o autoconhecimento e, caso não haja o autoconhecimento, a expressão individual transforma-se em arrogância, com todos os seus

conflitos agressivos e ambiciosos (p. 13 e 14).

Para Krishnamurti, o homem ignorante não é o sem instrução, mas aquele que não conhece a si mesmo; e insensato é o homem intelectualmente culto ao crer que os livros, o saber e a autoridade podem dar-lhe a compreensão. A compreensão advém com o autoconhecimento, que é o conhecimento da totalidade do nosso processo psicológico, dessa forma, a educação, no sentido genuíno, é a compreensão de si mesmo, pelo individuo, porque é dentro de cada um de nós que se concentra a totalidade da existência (p. 15).

Krishnamurti diz que é necessário saber ler e escrever, aprender engenharia ou outra profissão, mas critica a valorização da técnica e faz o seguinte questionamento: a técnica nos dará a capacidade de compreender a vida? O autor não tem dúvida de que a técnica é secundária e, se a técnica é a única coisa pela qual estamos lutando, nesse caso estamos negando o aspecto mais importante da vida. A vida é dor, alegria, beleza, fealdade, amor e, quando a compreendemos integralmente, em toda a sua variedade, essa compreensão cria sua própria técnica. Mas o inverso não é exato: a técnica nunca produzirá a compreensão criadora (p. 16).

Em relação as aulas da disciplina As Três Ecologias de Félix Guattari, aprendi que as oficinas junto as atividades didático-pedagógicas e o desenvolvimento da pesquisa, contribuem com o processo de criação e efetivação das microintervenções ecosóficas, registradas em audiovisuais, implicando numa relação estreita entre ensino-aprendizagem e processos grupais. Elas tem como ponto de partida um projeto de pesquisa, criado pelos próprios alunos no componente curricular As Três Ecologias de Félix Guattari, com orientações gerais sobre a implementação dessas microintervenções junto às comunidades ou o tema de suas pesquisas. Todavia, um detalhamento passo a passo da metodologia não pode ser especificado a priori, pois as microintervenções ecosóficas estão atreladas às demandas dos estudantes, as suas realidades cotidianas, aos grupos sociais e contextos em que estão inseridos e somente serão conhecidos ao longo do processo. Tudo isso torna o trabalho das microintervenções muito peculiar, singular e promotor de criações.

As microintervenções ecosóficas surgem da necessidade de lidar com a complexidade da problemática socioambiental e estão ligadas a importância de produzirmos, com auxílio de métodos e técnicas artístico-pedagógicas, movimentos instituintes. Promovendo micro-transformações no cotidiano, perturbando o que há de estático e imutável na dimensão instituída da realidade (AMARAL, 2013) e colocando em questão o que as instituições sociais determinam como sendo proibido, permitido ou indiferente (BAREMBLITT, 2012). As

microintervenções ecosóficas são filmadas, editadas e transformadas em audiovisuais experimentais pelos próprios graduandos, problematizando o caráter imanente das complexas e indissociáveis questões ligadas às ecologias ambiental, mental social.

É importante mencionar novamente o professor Alfredo G. Martin Gentini, cujo trabalho docente na disciplina As Três Ecologias de Félix Guattari I e II no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da FURG, transformou meus pensamentos e contribuiu para recriar-me como pesquisadora e educadora. Inspirou-me a trilhar o caminho das microintervenções ecosóficas e transformar minha prática docente. As microintervenções do prof. Alfredo influenciaram o trabalho e a vida de muitos alunos e alunas.

O Grupo de Teatro Interativo*,* no ano de 2016, desenvolveu o processo de iniciação do *clown.* O *clown* é um tipo de palhaço improvisador, caracteriza-se por transgredir as regras, subverter máscaras e papéis sociais, desafiando a ordem vigente e perturbando representações socais. Atua no palco, nas ruas, escolas, praças, hospitais, enfim, em espaços públicos e privados. O *clown* mostrou-se na coragem, improviso e capacidade de reinventar máscaras e papéis sociais, na forma de relacionar-se com o ambiente, na experimentação de línguas estranhas e de linguagens corporais imanentes, na participação crítica, imaginativa, sensível e inventiva do grupo.

Porém, o Grupo de Teatro Interativo avançou timidamente com relação às intervenções socioambientais fora do espaço do laboratório. As experimentações *clownescas* geram vários questionamentos, dentre eles: Entre uma experimentação e outra não existirá um potencial inventivo bloqueado pela cristalização de papéis sociais? Será que as experimentações com o *clown* podem contribuir com a invenção de modos de existência e coexistência mais voltados para o cuidado de si, do outro e do meio ambiente? Essas e outras questões impulsionam as investigações.

As atividades, registradas em um diário de campo coletivo (Grupo do *Facebook*), problematizam as questões socioambientais e ampliam a reflexão em torno da relação consigo, com os outros e com o ambiente. No diário de pesquisa são postados os audiovisuais das intervenções, o detalhamento técnico das oficinas, tópicos dos seminários de pesquisa, links de blogs e sites, informações divulgadas no *Facebook,* artigos publicados em eventos e periódicos acadêmicos, diálogo dos participantes do grupo, fotos das atividades desenvolvidas, livros e textos, bem como, informações e notícias.

O *clown* induz o crescimento dos brotos do rizoma, a criação do novo, de novas práticas e pensamentos rizomáticos. A atuação do *clown* potencializa os entrelugares, os

espaços que permitem a interconexão das múltiplas dimensões da natureza e a expressividade humana, a expressão das suas emoções, intuições e criatividade. Nas poucas experimentações em que os *clowns* foram para ambientes externos da FURG, percebemos que muitas pessoas ficavam com medo da interação. Por quê o medo de interagir com um *clown?* Será o medo de um ser estranho? Será o medo de sentir o seu próprio *clown?* O medo de entrar em contato com suas emoções e com sua capacidade de reinventar-se? Medo de ser outro? Medo!?

No momento em que os *clowns* vão para ambientes fora do laboratório (sala de aula), indica o acontecimento de uma intervenção, uma microintervenção ecosófica. A experimentação é o coração das microintervenções, mas nem sempre uma experimentação é uma microintervenção, já que pode restringir-se somente ao ambiente do grupo. A experimentação passa a ser também uma microintervenção quando sai do ambiente do grupo e expressa-se em outros territórios e para outras pessoas.

Clown, um corpo em experimentação. Um corpo que desafia a gravidade ao criar asas e voar como um pássaro, que desafia a ciência ao fazer chover com sua varinha mágica, que é poético ao oferecer uma rosa a um cachorro... O que o seu *clown* pode fazer?

O *clown* mostra o ridículo do humano, o ridículo da sociedade e de seus padrões rígidos de funcionamento, além da possibilidade do ser humano em criar novos valores e novas práticas de vida, novos pensamentos e novos sentimentos, a possibilidade de perceber e pensar a si e ao mundo de outra forma, com sensibilidade, criatividade, poesia, em consonância com os fluxos da natureza e de sua singularidade, um sentir-se natureza numa atitude de respeito para com todas as formas de vida, um cuidado para o bem-estar da vida.

O *clown* é a intensificação do potencial de criação do ser humano. A expressão *clownesca* é rizomática porque cria novas perspectivas e percepções de si, do outro e do ambiente, porque aciona devires e porque faz brotar no corpo as sensações da multiplicidade que constitui esse próprio corpo, o ambiente em que habita e as infinitas interações corpo e ambiente. O *clown* é a expressão do rizoma que constitui a nossa natureza, ele nos religa a nossa criança e ela expressa-se no adulto através dessa força que habita nossos corpos. A força do *clown* é a sua capacidade de descoberta e de criação, apresenta-se com uma espontaneidade, uma inocência pueril, é a nossa criança interior. O *clown* atua no improviso e está conectado com o presente, com o aqui e o agora, nesse estado de consciência, a mente não divaga no passado e no futuro, mas vive o momento presente, abrindo passagem para os entrelugares, territórios do rizoma, de criação do novo. Assim é o dispositivo do *clown.*

O *clown* tem um pensamento rizomático. Um pensamento que dança, desenha, pinta

realidades e sente suas criações.

O processo de criação do corpo do *clown* permite acessar a mente de nossa criança-interior de forma simples e espontânea, fazendo fluir a intuição e criatividade no corpo, independente de sua idade. O *clown* é uma força latente em todas as pessoas. Basta acioná-la!

Ele tem e, ao mesmo tempo, não tem a intenção de subverter regras e dogmas e nem de desafiar o instituído, ele só quer expressar-se, saber e sentir quem é, e que mundo é esse. Sentir quem pode ou poderia ser. Sentir essa multiplicidade de criações e energias constituintes de seu ser. Sentir o seu caos, suas trevas; sentir sua luz e suas cores em todas as suas nuances, sentir o seu potencial de criação no caos. Sentir a sua capacidade de criação. De seu ser humano, de seu ser em devir. Mas, quando o vemos em ação, realmente ele subverte as regras e os dogmas, desafiando o instituído. Parece uma contradição, por quê? Por que ele não é deste mundo, ele não compreende este mundo repleto de fronteiras, preconceitos e fragmentações.

O *clown* é a manifestação da nossa conexão com o rizoma da vida em sua complexidade.

A implicação do *clown* com sua própria criação abre um caminho para pensarmos como ser um pesquisador implicado em sua pesquisa. O método cartográfico é rizomático.

No Grupo de Teatro Interativo, em nossa atuação como pesquisadores e educadores ambientais, o objetivo é refletir, analisar e promover oficinas e intervenções socioambientais para desenvolver a inventividade humana, que está ofuscada numa sociedade que zela pela repetição de padrões pré-estabelecidos, normalmente apropriados para fundamentar os mais variados regimes opressivos e reprodutores dos valores e do modo de existência hegemônico, relacionados com as injustiças e os graves problemas socioambientais da contemporaneidade.

O processo de iniciação do *clown* contribui para a produção de um conhecimento inovador, a formação e o desenvolvimento humano problematizando as representações sociais a partir das experimentações cênicas e intervenções socioambientais, realizadas pelo Grupo de Teatro Interativo em laboratório de pesquisa. Este aspecto do modo de atuação do *clown* vincula-se a uma forma de aprendizado e produção de saberes especialmente interessada nos *erros* cometidos pelo corpo, que incluem expressões corporais consideradas socialmente inadequadas, movimentos esquisitos, comportamentos absurdos, enfim, as manifestações ridículas do humano. Pressupomos que há uma potência nos corpos que rompem com as condutas esperadas e atitudes previsíveis, ficando evidente a liberação da inventividade nesses momentos em que o humano rebela-se contra os padrões de normalidade instituídos e, ao invés de repetir o mesmo, produz diferença, invocando uma maneira de atuar mais voltada

para o processo do que para as formas acabadas e os resultados. Entendemos que os ambientes instituídos estão saturados de previsibilidade e ordenação, por isto, defendemos a invenção do dispositivo *clownesco* como contraponto: estabelecendo outras correlações de força entre caos e ordem.

O *clown* mostrou-se na coragem, improviso e entrega dos participantes, na capacidade de reinventar máscaras e papéis sociais, na forma de se relacionar com o meio ambiente, na experimentação de línguas estranhas e de linguagens corporais imanentes, na expressão corporal espontânea, no envolvimento, motivação e alegria durante a elaboração do figurino e da maquiagem, na participação crítica, imaginativa, sensível, reflexiva e inventiva do grupo.

Porém, o Grupo de Teatro Interativo avançou timidamente com relação às intervenções socioambientais propriamente ditas, que envolvem intercâmbio com o ambiente externo (em um primeiro momento na própria Universidade, com a perspectiva de avançar nos espaços escolares, ruas da cidade, zonas de conflito socioambiental, etc.), exposição de si mesmo e interação com o público. Talvez porque esse seja o momento mais complexo, de maior tensionamento, ou seja, quando rompemos as fronteiras do ambiente *protegido* do laboratório e avançamos em direção ao ambiente externo que é mais instável. Isso implica um maior grau de intensidade em relação às atividades desenvolvidas no laboratório, no sentido de deslocar-se para além dos lugares seguros, desterritorializar-se, lidar com imprevistos, desnudar-se num sentido mais amplo, expor seu ridículo aos outros e ao mundo, apresentar-se de outro jeito, com outro papel social, outra máscara, sob o signo de outras representações. Talvez isto tenha sido percebido como ameaça pelos membros do Grupo suscitando temores e inibições.

A experiência com o *clown* ensina-nos a necessidade em valorizar a vida e entrar em uma conexão espiritual com a natureza, desenvolvendo atividades cooperativa e solidariamente, ampliando a sensibilidade e a capacidade criativa, desejando um futuro melhor, partilhando sonhos e utopias, rompendo com a alienação e cegueira em relação a nossa capacidade de criação.

Cuidar é respeitar.

Outro aporte teórico que inspira este trabalho é a Educação Ambiental Ecomunitarista, um dos aspectos do Ecomunitarismo, que apresenta uma proposta de sociedade alternativa, e se justifica na ideia de que o atual modelo econômico não resolverá os graves problemas ambientais dentre outras problemáticas sociais. Por isso, propõe que se organizem ações, em que o cuidado e respeito pela vida guiem os aspectos econômicos e sociais, numa perspectiva

ecológica e de vizinhança solidária.

O Ecomunitarismo (VELASCO, 2008) é uma proposta de sociedade alternativa, e se justifica na ideia de que o atual modelo econômico não resolverá os graves problemas ambientais decorrentes da poluição e degradação crescente dos bens naturais, além da fome, miséria, guerras, dentre outras problemáticas sociais, inerentes ao enriquecimento de uma parcela mínima da população mundial. Por isso, propõe que se organizem ações, em que o cuidado e respeito pela vida e pela natureza guiem os aspectos econômicos e sociais, numa perspectiva ecológica e solidária. E, mesmo que essas intervenções socioambientais possam parecer difusas e em pequena proporção em relação ao modelo hegemônico, atualmente muitas pessoas e grupos estão construindo sítios, ecovilas, hortas comunitárias, ou seja, agrupamentos humanos e ações sociais comunitárias, onde existe um aspecto em comum, o desenvolvimento de modos de vida ecológico e solidário, voltados a uma integração com a natureza na busca de saúde e bem-estar para todos e, portanto, um caminho para vivermos num mundo ambientalmente saudável, uma alternativa para enfrentar os graves problemas socioambientais da atualidade, decorrentes da ganância do homem e destruição sem limites da natureza.

A microintervenção ecosófica da horta comunitária na Casa do Caminho e no pátio da casa da vizinha Nevanir tem relação com o aspecto de vizinhança solidária do Ecomunitarismo.

A criação da horta comunitária busca intensificar as transversalidades, as capacidades emocionais, inventivas, afetivas e intuitivas do humano, enfatizando a participação e o aprendizado coletivo, a autonomia e os processos autogestivos. As atividades realizadas apresentam-se como alternativas possíveis para desenvolver tais capacidades.

As hortas comunitárias são espaços de produção de novos modos de coexistência, promovendo o cuidado consigo mesmo, com o outro e com o meio ambiente, a integração com a natureza para a produção e consumo de alimentos saudáveis. Nosso objetivo é fomentar as relações de vizinhança solidária e analisar como a horta comunitária pode contribuir para a produção de modos de coexistência que façam emergir as potencialidades latentes do humano, suas capacidades críticas, sensoriais, intuitivas e inventivas.

A horta comunitária relaciona-se com o aspecto da economia ecológica e solidária do Ecomunitarismo, já que envolve o trabalho voluntário dos moradores, incentivando a comunidade para uma vizinhança solidária, de integração das pessoas com a terra, com a natureza. Participei das microintervenções ecosóficas da horta comunitária na ONG Casa do

Caminho em Pelotas e Canguçu/RS, e também na casa da vizinha Nevanir, bairro Areal, Pelotas/RS.

O restabelecimento de uma vizinhança solidária e atenta à melhoria da qualidade de vida no bairro é uma tarefa de primeira importância na mudança das relações humanas e entre estes e o ambiente. A educação formal e os meios de comunicação são dois espaços fundamentais para a crítica ecomunitarista e as novas tecnologias de comunicação permitem criar brechas na muralha que os meios de comunicação, principalmente a TV, constroem diariamente em volta do capitalismo (VELASCO, 2005, p. 197). É importante divulgar as microintervenções do grupo para a conscientização e divulgação das ações comunitárias e, assim, a possibilidade de engajar mais pessoas e mostrar que é possível concretizar as demandas e necessidades de um grupo.

O homem é um ser de relações e transformando-se, ele transforma a realidade As relações que se tecem na horta promovem um ambiente educativo de sensibilização ambiental, conhecimento, diálogo, troca de saberes, histórias de vida, entendimento sobre o trabalho realizado, compreensões de mundo, dentre outros aspectos. As ações transformam o ambiente, ao mesmo tempo que transformam o indivíduo e o grupo, nesse sentido, a aprendizagem se dá nas relações, seja com o solo e a chuva, com os elementos da natureza, com as plantas na horta, seja no uso de ferramentas e criação de alternativas para resolver situações no convívio comunitário. Essas relações podem oscilar, em alguns momentos serem satisfatórias e noutros causarem insatisfação, ao longo do tempo irem aflorando sensações diversas, às vezes contraditórias, rupturas, aproximações, afastamentos, e tudo isso relaciona-se ao processo de aprendizagem no trabalho comunitário. Estar atento a esses fluxos pode ajudar a compreender o funcionamento do grupo, e pensar metodologias que ampliem o potencial interventivo nas hortas.

Portanto, buscamos desenvolver uma atitude de cooperação e solidariedade para o enfrentamento dos problemas cotidianos durante o plantio, promovendo valores que estão sendo suprimidos numa sociedade que valoriza a competitividade, o individualismo e o egoísmo. Este é um dos objetivos da proposta ecomunitarista.

Para efetivar e fazer-se possível as propostas ecomunitaristas, a Educação Ambiental Ecomunitarista deve combinar o ensino-aprendizagem com a ação comunitária, seja na sala de aula ou nos espaços não-formais de educação (VELASCO, 2008, p. 179). A ação humana é capaz de promover transformações nos padrões sociais vigentes, e no caso da horta comunitária, estamos nesse processo de aprendizagem coletiva, onde o ambiente educativo é a

relação com a terra, com as plantas, as sementes, os moradores do bairro, etc. E esse ambiente ramifica-se nas relações com outros espaços, seja na hora do almoço ou café, enfim, nas conversas e ideias conjuntas que vamos tecendo. Entendemos que a aprendizagem nesse espaço não-formal, se dá por meio do diálogo, da troca de saberes, do convívio, ou seja, refere-se ao trabalho comunitário, aproximando as pessoas e formando relações de cuidado com o próximo e a natureza.

A concepção de utopia do Ecomunitarismo e também o que Paulo Freire chama de *denúncia e anúncio*, a partir da nossa prática, entendemos que as microintervenções ecosóficas são manifestações e concretizações dessa crítica social e criação de outros modos de coexistência com os outros e a natureza. Nesse sentido, entendemos o espaço da microintervenção como um espaço de crítica e produção de outras realidades através das microintervenções ecosóficas, para o desenvolvimento e concretização de ideias criadas pelo grupo que atua na horta. Como nos ensina Paulo Freire (2011, p. 95) “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”. O mundo das relações.

Acreditamos no potencial de transformação social das hortas comunitárias, em seu aspecto ***educativo***, em que há a formação de um grupo, com o diálogo entre pessoas com diversos saberes, promovendo uma aprendizagem colaborativa. No seu aspecto ***ecológico*** porque não polui o ambiente, não faz uso de agrotóxicos e não provoca outros problemas ecológicos, constituindo-se em novas relações sociais e ambientais, uma nova forma de perceber e sentir a terra, a água, o ar e, vivenciando no cuidado com a horta, as inter-relações entre os elementos da natureza e seres vivos. No seu aspecto ***social***, em uma economia solidária, num trabalho comunitário, ao vivenciar na esfera microssocial um novo horizonte de possibilidades alternativas ao modelo político e econômico vigente.

A microintervenção da horta comunitária pode contribuir para motivar pessoas do bairro a plantarem nos seus pátios e também nas praças e espaços públicos, podendo surgir a criação de outras ações que se façam necessárias para a comunidade, e resolver pelo menos parcialmente, os problemas vivenciados. Quando falamos em problemas, não nos referimos somente ao aspecto econômico, mas também emocional e psicológico. É claro que, em muitos casos, é necessário apelar às instâncias do poder público, para isso, é importante a construção de espaços sociais do grupo para o diálogo, a integração e formulação de proposições para serem levadas à prefeitura e outros órgãos do governo, reivindicando melhorias para a comunidade. A formação do grupo da horta comunitária dá força a essas ações. Em relação a

isso, na horta comunitária da Comunidade Santo Antônio, Vila Gotuzzo (Bairro Fragata, Pelotas/RS), conseguimos um trator emprestado para limpar o terreno e retirar o capim que estava alto e ocupava toda a área do terreno.

Freire (2011, p. 101) diz que o homem é um ser inconcluso, e por isso, seu permanente movimento na busca do *ser mais,* da humanização de si. Não há homens sem mundo, sem realidade, o movimento parte das relações homens-mundo. O *ser mais* não pode realizar-se no individualismo, no isolamento, mas sim, na comunhão, na solidariedade, o que confere a vocação histórica de *ser mais.* De acordo com Paulo Freire, não há diálogo senão há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há amor que a infunda. Ressaltamos que o amor é um sentimento que nos torna sensíveis.

Analisando o processo, constatamos que o trabalho solidário e cooperativo, a integração e cuidado com a natureza através do cultivo orgânico, conduzem-nos a produção de rizomas criativos, onde percebemos a nossa potencialidade de criar outras realidades - territórios existenciais intensificando nossa intuição, criatividade, sensibilidade, o cuidado de si, do outro e do ambiente. Essa é a tônica desse processo. Ainda sentimos as limitações que os padrões sociais nos impõe, mas mesmo assim, presenciamos a força de transformação provocado pelo trabalho em grupo, intervenções que criam alternativas para solucionar e/ou lidar com os sérios problemas socioambientais.

Novos territórios proporcionam novos aprendizados, novos desafios. A reinvenção de si e do mundo requer criação, numa atitude de sermos artesãos de nós mesmos, numa criação contínua de nós mesmos, seja na horta comunitária ou no Grupo de Teatro Interativo. Nos espaços educativos é necessário planejar metodologias que priorizem os processos criativos, possibilitando mudança de pensamento para o desenvolvimento de outra formas de viver em sociedade, formas essas que contemplem a ecologia e tenham como prioridade a vida. Esse desenvolvimento de outras possibilidades de viver em sociedade, a partir dos processos criativos das microintervenções ecosóficas, relaciona-se a produção da obra-viva numa reinvenção de si e das relações sociais e ambientais.

O desafio é analisar os movimentos das linhas do rizoma - desterritorialização, bem como a criação de novos territórios existenciais ao longo da pesquisa, isso relaciona-se com as transformações dos ambientes em que atuam os grupos. Esta análise também procura esclarecer a concepção filosófica, os objetivos e peculiaridades de um processo aberto à multiplicidade de saberes científicos e saberes populares.

O ato de pesquisar como a abertura do espírito humano ao mundo. A abertura ao mundo revela-se pela curiosidade, questionamento, exploração, investigação e a paixão de conhecer manifesta-se pela estética. Pela emoção, pela sensibilidade, pelo encantamento diante do nascer e do pôr do sol, da lua, das nuvens, das montanhas, pela beleza das plantas e dos animais, canto dos pássaros, etc (MORIN, 2012, p. 40). Tal ideia de Edgar Morin, remete-nos ao *clown* e ao olhar inocente e espontâneo das crianças, mostrando aos adultos a sensibilidade com a natureza. O *clown* ensina-nos sobre a sensibilização ambiental.

Simbiose

> Em 1879, o biólogo alemão Heinrich Anton de Bary (1831-1888) criou o conceito de **simbiose** (do grego *syn*, juntos, e *bios*, vida) para designar a relação ecológica próxima e interdependente de certas espécies de uma comunidade, com consequências vantajosas ou desvantajosas para pelo menos uma das partes. Podem-se distinguir quatro tipos de simbiose: inquilinismo, comensalismo, mutualismo e parasitismo (Amabis & Martho, 2004c, p. 350).

O líquen é um organismo formado pela associação de duas espécies diferentes, inclusive de reinos diferentes - certas espécies de fungos (Reino Fungi) com certas algas (Reino Protista) ou cianobactérias (Reino Monera), num tipo de relação simbiótica chamada de mutualismo. A alga (ou a cianobactéria) realiza a fotossíntese, produzindo matéria orgânica para o fungo; este, por sua vez, facilita a absorção de água e de nutrientes para as algas e também envolvem as algas com suas hifas, protegendo-as contra a desidratação. Nesse caso, as duas espécies que interagem obtêm benefícios.

Essa associação permite que as algas e os fungos (constituintes dos líquens) sobrevivam em locais onde nenhuma das duas espécies sobreviveria isoladamente. O estudo dessas características apresenta um rompimento das fronteiras de reinos e espécies, ao invés de uma separação e fragmentação para classificação taxonômica criada pelos cientistas, os processos biológicos fluem de outra forma, a partir de conexões químicas, fisiológicas, ambientais que podem integrar seres de diferentes reinos e espécies para sobreviverem em ambientes que seriam inóspitos para essas mesmas espécies se estivessem separadas. Um fato interessante é que os líquens são suscetíveis à poluição atmosférica, principalmente à presença de dióxido de enxofre, por isso, são relativamente raros em cidades muito industrializadas.

O pensamento complexo permite investigarmos os fenômenos percebendo e sentindo a interligação entre eles, suas relações entre os diversos ambientes e conhecimentos. O líquen, em sua relação entre dois reinos diferentes, está num entrelugar, pensando filosoficamente.

Esta tese defende uma Educação Ambiental que integre, transversalize, na prática, a educação formal, não formal e informal. Os fundamentos da Educação Ambiental, a Educação Ambiental não formal e a Educação Ambiental para a formação dos professores, para um diálogo dos saberes científicos e populares e produza inovações metodológicas baseada na singularidade dos educadores, dos grupos e na criatividade. Como isso é possível? Esta cartografia anuncia as microintervenções ecosóficas como um caminho.

Perceber os entrelugares, os líquens, as misturas, os híbridos, é perceber que na essência, a Educação Ambiental integra e não fragmenta o conhecimento. As diversas áreas de conhecimento tem as suas peculiaridades, mas elas estão inter-relacionadas com os demais saberes. Nessas inter-relações está a trama do rizoma, acionando os entrelugares, suscitando um pensamento complexo.

Na dissertação que defendi em 2014 (AVILA, 2014) no PPGEA, concluí que careciam noções de ecologia nos estudos de Educação Ambiental no curso de Licenciatura em Educação do Campo UAB/UFPel. Por isso, nesta tese, entrelaço uma relação da Educação Ambiental que conjugue a crítica social, a microintervenção e a biologia, sinto satisfação em dar continuidade aos estudos da dissertação e também desbravar tantos caminhos diferentes e inovadores no doutorado, graças às microintervenções ecosóficas.

Morin diz que o conhecimento que propõe é complexo porque: reconhece que o sujeito humano estudado está incluído no objeto; porque concebe inseparavelmente a unidade e a diversidade humana; porque concebe todas as dimensões ou aspectos, atualmente separados e compartimentados da realidade humana, que são físicos, biológicos, psicológicos, sociais, mitológicos, econômicos, sociológicos, históricos (MORIN, 2012, p. 18).

A partir do estudo de Morin (2012, p. 27) entendo a tese como uma criação, uma emergência que se dá num jogo entre ordem/desordem/interação/organização, cada termo está em complementaridade e em antagonismo com os outros. Faço uma transposição do que Morin diz sobre o mundo físico para o planejamento desta tese. As organizações nascem de encontros aleatórios e obedecem a um certo número de princípios, determinando a ligação dos elementos desses encontros num todo. Neste caso, estou organizando as interações de ordem e desordem para a emergência da argumentação, da defesa desta tese. Poderíamos dizer que a tese é uma intensificação do rizoma, um broto que agregou diversas linhas organizadas para

esta argumentação.

Morin (2012, p. 35) diz que o *homo sapiens* só se realiza plenamente na e pela cultura, e não há cultura sem as aptidões do cérebro humano, e não haveria palavra nem pensamento sem cultura. Não esqueçamos: o mesmo *homo* que é *sapiens,* também é *demens*.

> A cultura é o que permite aprender e conhecer, mas também é o que impede de aprender e de conhecer fora dos seus imperativos e das suas normas, havendo, então, antagonismos entre o espírito autônomo e sua cultura (MORIN, 2012, p. 36).

Nosso processo de aprendizagem e nossa constituição como seres humanos se dá na cultura. E vivemos na cultura do mundo capitalista. Como promover estratégias de ensino que contraponham esses valores instituídos nas próprias instituições de ensino? Como se mover nessa contradição? Entre os valores idealizados e os valores do mundo? Como fazer com que a prática educativa da Educação Ambiental promova mudanças nas mentes, nos corações e nas atitudes de nós mesmos, dos estudantes e dos grupos? Será que em nossas práticas estamos promovendo a criação de outros valores? Será que, apesar das diferenças, estamos dispostos para isso?

Nesse momento, uma imagem vêm-me à mente: um senhor idoso, de uns 70 anos de idade, com um saco pesado nas costas cheio de materiais recicláveis que ele estava coletando do lixo. Estava anoitecendo e ele começa a remexer na lixeira em frente a casa. Eu e meu marido entrávamos na garagem. Era um entardecer frio e com uma garoa fina. Uma sensação de indignação invade-me a alma, uma vontade de convidá-lo para tomarmos um café, jantar e conversar. Que mundo é esse?! Esse homem deveria estar em casa, confortável, com uma comida quente na mesa, recebendo uma aposentadoria digna que pudesse viver sem precisar estar catando lixo à noite, no frio e pegando garoa. O trabalho de catador é um trabalho digno e colabora com a preservação ambiental, mas quando vejo, principalmente, uma criança ou um idoso catando lixo e em condições indignas, me dói o coração. E o que aconteceu? Entrei em casa com esse sentimento e não tive coragem de convidá-lo para entrar ou fazer alguma coisa por aquele catador. Fui invadida por um misto de sentimentos como o medo e a vergonha de parecer que eu era louca, isso imobilizou-me.

Pergunto-me: quantas vezes deixei de realizar meus sentimentos e desejos que estão em minha alma por medo de ser assaltada ou enganada e também por medo de ser taxada como louca? Pois é, uma luta entre o meu desejo e a minha racionalidade impregnada de

conceitos e preconceitos.

Li esse parágrafo no diário de campo, mas essas palavras não conseguiram expressar o forte sentimento que senti naquele anoitecer. Por isso, a importância da fotografia. Uma fotografia daquela cena expressaria melhor o sentimento.

A educadora ambiental necessita acreditar na emergência de outros valores, no desenvolvimento dessa multiplicidade, nas inúmeras potencialidades do indivíduo, relacionadas ao cuidado, a solidariedade, ao amor e perceber que é preciso transformar a si e ao mundo. Perceber que é preciso e também é possível. As microintervenções mostram a possibilidade de transformação do instituído através dos processos criativos. É possível.

As microintervenções ecosóficas provocam uma transgressão do pensamento, fazendo-nos colocar em dúvida certos padrões sociais. Morin (2012, p. 102 e 103) diz que o pensamento elabora concepções, ele pode ser limitado, inibido e intimidado por verdades estabelecidas pela normalização, mas há um pensamento original que pode desenvolver-se dentro da norma imposta, mas o pensamento mais original é aquele que, no seu próprio movimento, transgride a norma. O pensamento pode ter suas falhas, seus fracassos, porque não é onisciente, todo processo isolado de pensamento, levado ao extremo, conduz à cegueira ou ao delírio. A razão não regulada pela experiência, leva à racionalização, logicamente coerente, mas empiricamente falsa.

Os processos criativos presentes nas microintervenções produzem espaços de transgressão das normas, a busca por um pensamento original através da intuição, da inteligência criativa e da reinvenção de si e das relações com os outros seres e com o ambiente. Esse tipo de pesquisa permite uma ação integrada do corpo, mente, emoção e tudo o que constituiu o ser humano.

Reconhecer o papel do inconsciente e do imaginário na criatividade leva-nos a aceitar o seu mistério. Será o mistério a plenitude da complexidade? O mistério como algo além da nossa compreensão humana racional? Através da arte, sentimos esses mistérios, que não são explicados no momento racionalmente de imediato, mas a vida aos poucos vai desvelando-os sem nunca revelá-los totalmente. Inspiração ou mesmo possessão que nos põe diante do ato criador. Imaginário na produção do real, real na produção do imaginário. A obra do artista dá existência a uma emanação do espírito, espírito este individual porque habita um corpo e, simultaneamente, coletivo e livre porque para existir é preciso estar em relação com o planeta e o cosmos em sua infinidade de energias. É interessante pensar uma pesquisa científica como uma obra de arte, um processo de criação. Isso é possível através das microintervenções

ecosóficas.

Que sensação é essa: analisar o objeto da pesquisa e ver que estou nele, que faço parte dele juntamente com os grupos e fatos e fenômenos, fui provocada e provoquei a sua formação junto com os participantes dos grupos. Olhar o objeto é também olhar a mim mesma, olhar-me como Educadora Ambiental, atuando da forma que acredito. Atuei da forma como acredito e defendo ser uma Educadora Ambiental.

No processo cartográfico das microintervenções aprendi que não é possível traçar um perfil de como ser uma educadora ambiental (Apêndice 22, p. 249). O rizoma mostra a importância da singularidade do percurso da formação do educador ambiental. Formação esta que é constante e contínua. Singularidade esta que está sempre em movimento. E cada pessoa produz no seu próprio processo educativo e criativo o seu *ser e estar sendo* Educador Ambiental. Aí está a singularidade de uma pesquisa que forma seres criativos e não a produção de pesquisadores e educadores ambientais como linhas de montagem numa fábrica, onde pouco se cria e muito se reproduz.

Aí está o desafio dos educadores ambientais e professores de todas as áreas do conhecimento: potencializar a capacidade de cada pessoa produzir e expressar-se nas suas singularidades!!!

As metodologias de pesquisa, em grande parte enaltecem a racionalidade, racionalidade é uma disposição mental que suscita um conhecimento objetivo do mundo exterior, elabora estratégias eficazes, realiza análises críticas e opõe um princípio de realidade ao princípio do desejo. Contudo, a racionalidade não é única e soberana, o ser humano também possui o afeto, a emoção, a loucura e o delírio, o imaginário, o lúdico, o estético, o mitológico, o religioso. (MORIN, 2012, p. 116).

O delírio, a fantasia, a loucura e o imaginário fazem parte do ser humano, mas numa pesquisa tradicional tudo o que não é racional é rechaçado. Esses aspectos desvalorizados são a essência do *clown*. O *clown* permitiu-me mergulhar na complexidade, no tecido do rizoma, perceber e sentir meu potencial de criação e minha capacidade de reinvenção de mim mesma, rir dos meus erros, dos meus medos, das minhas certezas, do meu medo do ridículo, foi uma experiência muito forte como pessoa, e principalmente no meu trabalho de pesquisadora, sair da rigidez dos papéis sociais, assumir os medos e ridículos, assumir o erro e fazer dele motivo de riso, assumir o desconhecimento e fazer consciência através da emoção, do riso, do choro, de uma manifestação do espírito que engloba a complexidade do ser. Refletir através do riso e do ridículo. Saber que é possível refletir não só com a razão.

Esses aspectos da teatralidade humana abarcam a complexidade das linhas rizomáticas de meu ser. Do meu ser humano, do meu ser natureza, do meu ser Raquel, do meu ser Raio de Sol. O amarelo e o azul, as cores do meu ser. O céu e o sol, meu espírito está mais no céu do que na terra. No céu do acreditar no impossível, no céu da utopia ecomunitarista, no céu de tornar possível o impossível. Será isso a minha essência criança manifestando-se em mim? Ela se manifesta assim? Minha criança está aqui, junto com minha maturidade. Meus 4 anos (idos anos de 1981) estão aqui junto com meus 42 anos (janeiro de 2020). E antes do meu nascimento, em 1977? E depois dos 42 anos de agora? Está nas mãos do tempo, está nas mãos do vento… está aí num movimento caótico, desorganizado e organizado, que quando vai se manifestar inicia o processo da criação, da organização.

Mergulhamos no devir com o clown.

O *clown* é o sementeiro da criação de um pensamento novo, de pensar o antigo de forma nova, de inovar a si e as relações com o outro e o ambiente. O tempo... o velho, o novo, o presente do tempo! A criança, o bebê, o idoso, o jovem, o adulto estão em cada célula do corpo plasmada no tempo. Aprendemos com o *clown* a conhecer e enfrentar os medos e as vergonhas, assim, sentimos desabrochar a inocência perdida, a meiguice, o amor fraternal. Na experiência com o *clown*, percebi que nossa cultura afasta-nos desses valores, nossa sociedade aparta-nos da nossa criança e dos valores que são considerados bobos, tolos, idiotas. Pois então, o que fazer? Assumir que também somos criança. Que uma das linhas do rizoma de nossa existência é a criança. O que mais podemos fazer?

Assumir-se também criança é desafiar um modelo de sociedade adultocêntrica, que valoriza o adulto por ser produtivo para o sistema econômico, desvalorizando as crianças e a educação infantil.

Rizoma é dança de passos elaborados e simultaneamente improvisados, de pés que marcam o território de intervenção, um território de águas, é dança *clownesca* desestabilizando papéis sociais de uma sociedade adoecida pelas regras, pelas normas, pela sede de poder e dinheiro. Rizoma é um devir-dança que pinta e desenha outros mundos, outras realidades. O rizoma-dança convida a dançar com a natureza, a dançar com seus sonhos, com seus encantamentos, dançar com sua imaginação, criando outras possibilidades de viver, criando outros mundos, criando um outro modo de viver em integração com a natureza.

Uma dança planejada e improvisada simultaneamente. Tese como tecitura de um rizoma tramado pelas microintervenções ou a tese como dança, uma coreografia dos fluxos, coreografia livre, planejada e improvisada simultaneamente.

Como estou dançando com isto que vejo, que sinto, que experimento? Quem dança? Raquel, Raio de Sol.

Quais são os territórios dessa dança? Quais são os territórios dessa pesquisa que dança, desenha e pinta mundos?

Ao escrever esses parágrafos, lembrei-me de uma música[39] da infância:

Aquarela

Numa folha qualquer
Eu desenho um sol amarelo
E com cinco ou seis retas
É fácil fazer um castelo
Corro o lápis em torno da mão
E me dou uma luva
E se faço chover, com dois riscos
Tenho um guarda chuva
Se um pinguinho de tinta
Cai num pedacinho azul do papel
Num instante imagino
Uma linda gaivota a voar no céu
Vai voando, contornando
A imensa curva norte-sul
Vou com ela viajando
Havaí, Pequim ou Istambul
Pinto um barco a vela
Branco navegando
É tanto céu e mar
Num beijo azul
Entre as nuvens vem surgindo
Um lindo avião rosa e grená

[39] Música Aquarela. Toquinho. Diponível em: https://www.letras.mus.br/toquinho/49095/. Acesso em 23/01/2020.

Tudo em volta colorindo
Com suas luzes a piscar
Basta imaginar e ele está partindo
Sereno e lindo
E se a gente quiser
Ele vai pousar
Numa folha qualquer
Eu desenho um navio de partida
Com alguns bons amigos
Bebendo de bem com a vida
De uma América a outra
Consigo passar num segundo
Giro um simples compasso
E num círculo eu faço o mundo
Um menino caminha
E caminhando chega no muro
E ali logo em frente a esperar
Pela gente o futuro está
E o futuro é uma astronave
Que tentamos pilotar
Não tem tempo nem piedade
Nem tem hora de chegar
Sem pedir licença
Muda nossa vida
E depois convida
A rir ou chorar
Nessa estrada não nos cabe
Conhecer ou ver o que virá
O fim dela ninguém sabe
Bem ao certo onde vai dar

Vamos todos
Numa linda passarela
De uma aquarela que um dia enfim
Descolorirá
Numa folha qualquer
Eu desenho um Sol amarelo
Que descolorirá
E com cinco ou seis retas
É fácil fazer um castelo
Que descolorirá
Giro um simples compasso
E num círculo eu faço o mundo
Que descolorirá

Composição: Maurizio Fabrizio / Guido Morra / Toquinho / Vinícius de Moraes

Ao ler essa música/poema, é como se estivesse lendo uma tese que trata sobre *clown,* devir e processos criativos, tal é a complexidade e simplicidade da letra. Algumas palavras e infinitos sentimentos e conhecimentos sobre a vida.

Para o entendimento desta escrita, referencio-me ao vol 1, do livro Mil Platôs, de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995, p. 10) que tratam o livro como um *agenciamento,* e como tal, uma multiplicidade, por isso, um livro não tem objeto nem sujeito, já que é feito de diversas correlações. Numa primeira leitura, pode parecer estranho dizer que um livro não tem sujeito, sendo que sempre tem o nome de um autor, mas o que está sendo dito é que o autor só escreve porque houve um agenciamento.

Escrita como cartografia.

> (…) É preciso fazer o múltiplo, não acrescentando sempre uma dimensão superior, mas, ao contrário, da maneira simples, com força de sobriedade, no nível das dimensões de que se dispõe, sempre n-1 (é somente assim que o uno faz parte do múltiplo, estando sempre subtraído dele). Subtrair o único da multiplicidade a ser constituída; escrever a n-1. Um tal sistema poderia ser chamado de rizoma. Um rizoma como haste subterrânea distingue-se absolutamente das raízes e radículas… (DELEUZE & GUATTARI, 1995, p. 14).

De acordo com Deleuze e Guattari (1995) o rizoma confere certas características ao método desta pesquisa:

1 e 2) Princípios de conexão e heterogeneidade: qualquer ponto do rizoma pode ser conectado a qualquer outro ponto. Nesse aspecto, Deleuze e Guattari trazem para exemplificar, a questão da linguagem. A partir desse princípio, defendo uma metodologia de conexão e retroalimentação (auto-eco-organização) dos dados da pesquisa, *microintervenções ecosóficas,* onde não existe um início, um princípio, uma entrada, e nem um fim, uma conclusão, mas sim, um processo de auto-eco-organização, um rizoma. As relações, os fluxos, as interconexões são o foco da investigação.

Esse fato dá mais liberdade para o leitor fazer as suas reflexões e também liberdade para fazer conexões diferentes das que a autora desta tese propõe. Uma característica fundamental no rizoma é a descentralização. Realizar uma prática pedagógica, escrever uma tese, propor uma metodologia que não tem uma "raiz principal" é o desafio da proposta do rizoma. Penso que ter uma hipótese é uma forma centralizadora de produzir uma tese, já que são raízes axiais, centralizadoras de modelos preestabelecidos que engessam o pensamento e dificultam o acionamento de uma percepção multifocada e a produção criativa dos dados de uma pesquisa cartográfica a partir das microintervenções.

3) Princípio da multiplicidade: as multiplicidades são rizomáticas.

> (…) Uma multiplicidade não tem sujeito nem objeto, mas somente determinações, grandezas, dimensões que não podem crescer sem que mude de natureza (as leis de combinação crescem então com a multiplicidade)… (DELEUZE & GUATTARI, 1995, p. 15).

Agenciamento como uma multiplicidade de conexões, e muda de natureza à medida que aumenta suas conexões. O rizoma é formado por linhas, linhas que conectam pontos. Na metodologia, as conexões entre as microintervenções ecosóficas, os fatos registrados no diário de campo, na memória, nos audiovisuais, nos desenhos-dança, nas fotografias, nas páginas dos grupos de pesquisa do *Facebook,* etc. Tudo isso está conectado na trama do rizoma formando significados e compreensões da vida e dos fatos em suas múltiplas perspectivas e interações.

4) Princípio de ruptura a-significante: todo rizoma compreende linhas de

segmentaridade, onde ele é estratificado, territorializado, organizado, significado e também compõe-se de linhas de desterritorialização pelas quais foge sem parar. Deleuze e Guattari (1995, p. 17) dizem que "Há ruptura no rizoma cada vez que linhas segmentares explodem numa linha de fuga, mas a linha de fuga faz parte do rizoma". No meu entendimento, a emergência de linhas de fuga não são rupturas do rizoma e, sim, uma formação do rizoma.

Microintervenção ecosófica: conhecendo o rizoma, redesenhá-lo, promover e provocar torções, fissuras, produzir outros desenhos para a realidade… Esse desenhar outra realidade é a desterritorialização, criar outros territórios existenciais. Os processos criativos permitem a criação desses novos territórios.

5 e 6) Princípio de cartografia e de decalcomania: um rizoma não pode ser justificado por nenhum modelo estrutural ou gerativo. Ele não se encaixa a uma estrutura pivotante (raiz central, pivotante, axial) objetiva sobre a qual se organizam estados sucessivos. O mapa faz parte do rizoma, um mapa é uma experimentação ancorada no real. Ao referirmo-nos à cartografia, usaremos o termo rizoma, ou seja, quando menciono rizoma estou falando na cartografia. O mapa produz subjetividade.

> O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação. Uma das características mais importantes do rizoma talvez seja a de ter sempre múltiplas entradas... (DELEUZE & GUATTARI, 1995, p. 21).

Deleuze e Guattari, na citação acima, mencionam que uma das características mais importantes do rizoma talvez seja ter múltiplas entradas. O rizoma como um labirinto sem início nem fim, sem centro nem periferia. O rizoma como um mapa aberto a múltiplas conexões. O rizoma como uma produção singular de cada pessoa para a percepção e criação de novas realidades.

Os sistemas arborescentes são sistemas hierárquicos que comportam centros de significância e de subjetivação, autômatos centrais como memórias organizadas, são sistemas centrados. Já o rizoma é um sistema a-centrado, em que os fenômenos são intercambiáveis. Na pág. 27, os autores usam a expressão **n-1** para representar a multiplicidade a-centrada, sem

uma organização central, a multiplicidade (rizoma) rejeita todo autômato centralizador, **N** será sempre **n-1.**

O pensamento complexo é rizomático porque faz conexões, não cria modelos rígidos e estruturados.

Características do rizoma: conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer; põe em jogo regimes de signos muito diferentes, inclusive estados de não-signos; o rizoma não se deixa reconduzir nem ao Uno nem ao múltiplo; ele não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes de direções movediças; não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda; constitui multiplicidades lineares a *n* dimensões, sem sujeito nem objeto, no qual o Uno é sempre subtraído (n-1).

> Uma tal multiplicidade não varia suas dimensões sem mudar de natureza nela mesma e se metamorfosear. Oposto a uma estrutura, que se define por um conjunto de pontos e posições, por correlações binárias entre estes pontos e relações biunívocas entre estas posições, o rizoma é feito somente de linhas: linhas de segmentaridade, de estratificação, como dimensões, mas também linha de fuga ou de desterritorialização como dimensão máxima segundo a qual, em seguindo-a, a multiplicidade se metamorfoseia, mudando de natureza (DELEUZE & GUATTARI, 1995, p. 32).

Um exemplo de árvore arborescente de raízes axiais é o fascismo, regido pelo autoritarismo e o medo.

O rizoma é um sistema a-centrado, não hierárquico e não significante. Relação de tudo. Relação – devires. Um rizoma é feito de platôs. Gregory Bateson serve-se da palavra *platô* para designar algo muito especial: uma região contínua de intensidades, vibrando sobre ela mesma, e que se desenvolve evitando toda orientação sobre um ponto culminante ou em direção a uma finalidade exterior. Plano de imanência.

Para Deleuze e Guattari (1995, p. 21), um platô é "toda multiplicidade conectável com outras hastes subterrâneas superficiais de maneira a formar e estender um rizoma".

Conceitos são linhas da multiplicidade. Como escrever um texto em que os conceitos se encontrem na dimensão da multiplicidade?

> De forma alguma pretendemos ao título de ciência. Não reconhecemos nem cientificidade nem ideologia, somente agenciamentos. O que existe são os agenciamentos maquínicos de desejo assim como os agenciamentos coletivos de enunciação. Sem significância e sem subjetivação: escrever a *n* (toda enunciação individuada permanece prisioneira das significações dominantes, todo desejo significante remete a sujeitos dominados). Um agenciamento em sua multiplicidade trabalha forçosamente, ao mesmo

> tempo, sobre fluxos semióticos, fluxos materiais e fluxos sociais (independentemente da retomada que pode ser feita dele num corpus teórico ou científico). Não se tem mais uma tripartição entre um campo de realidade, o mundo, um campo de representação, o livro, e um campo de subjetividade, o autor. Mas um agenciamento põe em conexão certas multiplicidades tomadas em cada uma destas ordens, de tal maneira que um livro não tem sua continuação no livro seguinte, nem seu objeto no mundo nem seu sujeito em um ou em vários autores. Resumindo, parece-nos que a escrita nunca se fará suficientemente em nome de um fora. O fora não tem imagem, nem significação, nem subjetividade. O livro, agenciamento com o fora contra o livro-imagem do mundo. Um livro rizoma, e não mais dicotômico, pivotante ou fasciculado. Nunca fazer raiz, nem plantar, se bem que seja difícil não recair nos velhos procedimentos (DELEUZE & GUATTARI, 1995, p. 33).

A produção de uma tese significa aprender a pôr ordem nas próprias ideias e ordenar os dados. Construir um objeto que, como princípio, possa também servir aos outros (ECO, 1998, p. 5).

Humberto Eco (1998, p. 22) diz algo interessante, no tópico que trata *O que é cientificidade?* – o estudo do objeto deve dizer algo que ainda não foi dito, ou rever sob uma ótica diferente o que já se disse. A pesquisa deve ser útil aos demais, quando descrevo sonhos e fatos cotidianos em consonância com as microintervenções, na verdade entendo como fazendo parte das microintervenções os sonhos, os relatos do diário de campo e os fatos que fazem parte da vida cotidiana e, quando trago isso para a pesquisa científica, é para mostrar minhas fraquezas, minhas forças, meus sucessos e insucessos, e tudo aquilo que está presente no trabalho dito acadêmico e que uma pesquisa tradicional não permite discutir.

Nesse momento, quando relato aspectos pessoais, mostro que a pesquisa e a vida são amalgamadas. É uma pessoa humana que escreve a tese, um ser não só racional, mas emocional, sensível… é um ser humano com uma existência, com uma história, que não "veste" uma máscara de pesquisadora, mas sendo pesquisadora, quer mostrar-se humana. Por isso, os fatos cotidianos, os sonhos, os devaneios, os fatos pitorescos e misteriosos, dentre outros relatados no diário de campo, são considerados a *não-linearidade* desta pesquisa, e aparecem aqui porque são tão importantes quanto os dados produzidos nas microintervenções que foram selecionadas para a investigação.

Por quê normalmente a aceitação somente dos dados "lineares" e "assépticos" nas pesquisas acadêmicas? Esse é um dos motivos de minha escolha pelo método cartográfico: acolher a não-linearidade e a singularidade na pesquisa científica e, a partir disso, compreender o processo em fluxo com a complexidade da vida, das relações. Os relatos

pessoais, os sonhos, apresentam uma importância científica por estarem intrinsecamente relacionados aos processos cartográficos e às teorias aqui fundamentadas. São fios de uma mesma teia, que são afetados e afetam os processos criativos da pesquisa, o seu rizoma.

Neste percurso cartográfico, aprendi que construo *rizomas*, caminhos de múltiplas entradas, num fluxo de retroalimentação, que existe uma retroalimentação dos dados/fatos do percurso. A cartografia e a auto-organização de Morin, a auto-organização de Prigogine e Haken, a autopoiese de Maturana e Varela, ou seja, há um fluxo constante de energia em que o produto de um processo, alimenta o outro processo e assim sucessivamente. Uma microintervenção alimenta a próxima.

Morin (2011, p. 6) diz que o pensamento complexo "trata-se de exercer um pensamento capaz de lidar com o real, de com ele dialogar e negociar." O pensamento complexo integra e não fragmenta a realidade. Não eliminar a contradição interna. Morin deixa claro que o conhecimento completo é impossível, um dos axiomas da complexidade é a impossibilidade, mesmo em teoria, de uma onisciência. Se o pensamento complexo integra a realidade, a formação do rizoma nas microintervenções ecosóficas produz novas realidades, novos territórios existenciais.

Aprendi também a importância da não-linearidade, da instabilidade, dos sistemas afastados do equilíbrio. A cartografia abre espaço para a desordem, enquanto os sistemas clássicos e tradicionais de metodologia científica privilegiam a ordem, a classificação, engessando o pensamento. A radicalidade dessa ideia é possível experimentar por meio do dispositivo do *clown.*

A seguir, relato um momento relevante que denota minha insatisfação sobre a escrita da tese:

> Hoje, 28 de setembro de 2017. Estou aqui vendo os 3 arquivos da minha tese, todos com textos fragmentados, pedaços, retalhos do percurso, ou será pescurso? Cartografia, sociopoética, complexidade, ecomunistarismo, Educação Ambiental – teorias que são lentes para compreensão do mundo, são perspectivas do mundo, ou será de mundos? Quantos mundos temos? A infinidade de perspectivas que temos do mundo são a infinidade de mundos que temos… ou criamos? ou podemos criar? Agora abri um novo arquivo, não mais chamado de Tese, mas chamei-o de Raio de Sol, peço que o sol ilumine minhas trevas/travas, ilumine meu inconsciente para dar expressão a essas formas abstratas que me povoam. À luz da sabedoria, à luz da compreensão de mim mesma, porque compreender o que se passa em mim, no meu inconsciente é o caminho para a escrita e compreensão da minha vida/pesquisa/tese. Deixo claro que, não é compreender na totalidade, mas sim ir compreendendo, no sentido do processo dessa compreensão.
> Minha dificuldade é aprofundar-me numa teoria e mergulhar numa única

> perspectiva, por isso, estou com dificuldade na escrita, tudo que penso não está satisfazendo-me, quero escrever de uma forma que não sei ainda, que desconheço, mas sinto estar aqui comigo agora, mas não está pronta. Sinto que preciso criar, criar minha afeição à escrita, criar uma vontade de escrever, eis meu desafio, já que as microintervenções, as práticas da pesquisa ficam inscritas/escritas no tempo, na memória do mundo, nessa teia de relações que os encontros promovem, nas relações com o ambiente, com as plantas, com a natureza. Na tese, minha função é escrever cientificamente a respeito disso que vivo, e como é difícil escrever a complexidade, escrever o sentido, o vivido. Enfim, preciso ser mais prática e arriscar-me pelas tramas da cartografia, pela teia da vida, das microintervenções (Diário de campo da pesquisadora. Data: 28/09/2017).

Analisando esse relato, um dos motivos da insatisfação é a sensação do não saber, num território desconhecido, porque está sendo criado e precisa ser refletido e analisando mais profundamente. A reflexão, na perspectiva do rizoma, não é uma compreensão que precisa amadurecer, mas sim, expandir. Expandem-se as múltiplas conexões e, com isso, proliferam rizomas de compreensão do fato ou objeto da análise nesse campo heterogêneo e multifacetado. O relato explicita a busca pelo embasamento teórico, dentre diversos autores e teorias estudadas e, num dado momento, a necessidade de tomar a decisão de pensar e escrever sobre as microintervenções e, a partir daí, referenciar os autores e as teorias no fluxo da escrita da tese.

O relato data de setembro de 2017. Nesse período estava enfrentando muitas dúvidas e incompreensões, mas enfrentei meus medos e consegui arriscar-me na escrita, o que culminou na defesa e aprovação do projeto de qualificação da tese (em outubro de 2018). Acredito que poderia arriscar-me mais e enfrentar mais os meus medos, mas a vida é um aprendizado e sempre teremos essa impressão que poderíamos ter feito mais e melhor.

No livro de Passos et al. (Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade, 2009), vejo rabiscos de canetinha colorida, riscos abstratos (Apêndice 18, p. 233) meu inconsciente expressando-se e tentando decifrar o caos que sentia ao estudar o rizoma. A cartografia é, antes de tudo, um mergulho da pesquisadora em seu inconsciente e, assim, ir buscando a compreensão desse mundo em si, das interconexões dos eventos objetivos com a sua parte subjetiva. Dessa forma, a *lente* da observação e análise da investigação complexifica-se ao cartografar processos.

A Ecosofia defende a produção da subjetividade. Nas microintervenções observa-se a construção coletiva do conhecimento, nas relações consigo e com os demais seres vivos e com o ambiente. Somos uma coletividade, nosso inconsciente está povoado de muitas imagens,

histórias, muitas pessoas conhecidas e tantas outras desconhecidas, uma multiplicidade de sensações e energias. Como trabalhar essa complexidade de dados numa pesquisa rizomática?

Apoiar a investigação no seu modo de fazer, o ponto de apoio é a experiência entendida como um saber-fazer, um saber que emerge do fazer. Transformar para conhecer a realidade. Nas experimentações e em práticas que envolvem processos criativos na pesquisa, percebemos que elas ampliam nossa consciência sobre a realidade. Produzir realidades é ampliar a compreensão sobre a realidade, pois se desejo produzir outra realidade é porque existem motivos e insatisfações com a realidade dada.

Como escrevemos no artigo (AMARAL et al. 2018, p. 8), as microintervenções instiga-nos a pesquisar certas possibilidades de intercâmbio com o meio que sejam abertas aos devires: devir-água, devir-vegetal, devir-animal, devir-inumano... *devir-outro*. Não se trata de um processo passivo, em absoluto, pois o humano transforma-se transformando. Os devires promovem a sensibilidade e o cuidado com a vida, já que no momento que me experimento *outro* – experimento devir água, ar, ou um pássaro, ou um peixe, uma pedra, permito-me vivenciar na perspectiva do outro, por exemplo, os desequilíbrios ecológicos causados pelo modelo de sociedade, destruindo a vida em favor do lucro e do enriquecimento de uma ínfima parcela da população. O devir permite-nos sentir o outro.

Pensando no processo autopoiético, a escrita da tese poderia ser como fazendo parte da autoprodução de si da própria pesquisadora (num processo de autoformação), dos leitores e dos grupos de microintervenção que se formaram, se formam e se formarão para determinadas ações no âmbito da Educação Ambiental. Não desejo o título de cartógrafa, nem de marxista, nem de anarquista, nem de analista institucional, mas de Educadora Ambiental, ou somente Educadora. Não me sinto à vontade com os rótulos que a academia faz questão de reverenciar (ou rótulos que são cunhados para designar as pessoas), rótulos criam preconceitos, títulos, hierarquias que elevam num grau de superioridade umas pessoas em detrimento de outras, multiplicando as fronteiras. Se identifico-me *cartógrafa*, sinto-me construindo um muro para a complexidade da profissão que exerço como professora, educadora. Cargos, títulos, menções honrosas, com todo o respeito, se servissem para alguma coisa, não viveríamos com tantas injustiças. A sociedade ensina-nos a valorizar e almejar esses títulos, sem pensar na responsabilidade moral e ética dos mesmos.

Estudando o livro *A Teia da Vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos* (1996) do autor Fritjof Capra (no capítulo 6: A Matemática da Complexidade), percebo a representação física do caos, a imagem do sistema caótico mostrando o seu comportamento

que, surpreendentemente, não é meramente aleatório, mas exibe um nível mais profundo de ordem padronizada. Sistemas não-lineares não tem um resultado final, uma previsão exata, isso é impossível nesse tipo de sistema, da mesma forma que a microintervenção, aberta às oscilações do sistema, aos imprevistos e improvisos, é uma pesquisa processual em que o planejamento inicial não é cumprido rigorosamente, já que os fluxos da dinâmica dos eventos e decisões do grupo influem e normalmente modificam o projeto inicial, mostrando que as microintervenções são um sistema aberto à complexidade da vida em seus fluxos rizomáticos.

Interessante seria fazer uma relação dos sistemas não-lineares, o funcionamento dos atratores estranhos e, principalmente, da geometria fractal e a ordem-caos do conjunto de Mandelbrot com o funcionamento das microintervenções ecosóficas em seu fluxo rizomático. A matemática do caos e o rizoma, a ordem e desordem no caos... Ao ver no livro as imagens produzidas pelas equações não-lineares de sistemas caóticos e das impressionantes imagens produzidas pelos atratores de Ueda e de Lorenz, intuo que surgirão diversos aprendizados para a compreensão do rizoma na filosofia e da compreensão da incerteza, da desordem, dos acasos, do improviso e imprevisto, enfim, desses elementos do caos que constituem as microintervenções ecosóficas.

Ordem-caos. O primeiro território que habitamos é o corpo da nossa mãe e éramos uma única célula que se multiplicou através de mitoses constantes e, num dado momento, certas células diferenciaram-se para a formação dos diversos tecidos e órgãos do corpo. Poderíamos dizer que essa diversidade de formas que assumimos através dessas transformações na gestação é um fractal? (CAPRA, 1996, pgs. 117-129).

Pois se a ordem e o caos está na natureza, na própria natureza da constituição da vida, qual a razão do nosso receio de acolhê-los nas práticas educativas e pesquisas científicas? Se em nossas pesquisas, excluímos essa existência do caos da natureza, será que elas apontam a *verdade* e a *certeza* que tanto buscam e apregoam? Por que o rechaço do erro, da incerteza, da dúvida, da instabilidade, do inseguro nas pesquisas científicas e nos espaços educativos? Por que o medo de sairmos dos espaços seguros? Por que o medo de arriscar?

Ao pesquisar, levamos nossos medos para a investigação. Vivemos como se não fôssemos morrer, como se vivendo, não estivéssemos morrendo a todo instante. Rechaçamos a morte, a tristeza e tudo o que nos faz sofrer. Mas isso também faz parte da vida. E, como fica a complexidade da natureza de nossa pesquisa se desconhecemos ou ocultamos isso de nós mesmos? Como isso aparece na seleção e análise dos dados? E na produção dos dados? Ou melhor, nesse caso, seria uma representação dos dados – uma representação dos dados

guiada pelo medo. Pois é, a metodologia tradicional de pesquisa nos considera *seres superiores* na natureza, não entende que os seres humanos pesquisadores são animais, são seres vivos no planeta Terra, são NATUREZA e, como tal, contém em si toda essa complexidade da teia da vida, da natureza. Que contradição! Ser natureza e, ao mesmo tempo, não assumir-se natureza numa metodologia tradicional de pesquisa.

O dispositivo grupal buscou intensificar as transversalidades, as capacidades emocionais, inventivas, afetivas, imaginativas e intuitivas do humano, privilegiando a participação e o aprendizado coletivo, a autonomia, a solidariedade e os processos autogestivos. As atividades realizadas apresentaram-se como alternativas possíveis para desenvolver tais capacidades, colocando em movimento forças instituintes nos processos grupais, promovendo a ação-reflexão e o cuidado de si, do outro e do ambiente.

As forças instituintes expressaram-se na coragem de trilhar um caminho que não está dado e dar abertura aos processos criativos que, em muitos casos, apresentaram-se opostos ao modelo instituído, como é o caso das experimentações com o *clown,* a manifestação da criança interior, da ingenuidade, da inocência, do desejo da descoberta, de surpreender-se em ver o novo em objetos e situações corriqueiras e simples da vida. Esse ambiente de criação abre espaço para o desenvolvimento das capacidades sensíveis, emotivas e intuitivas do ser humano, por isso, promove tanta estranheza numa estrutura social em que o pensamento dominante é cartesiano, linear e conservador das regras institucionais.

As microintervenções ecosóficas tem o potencial de gerar perturbações nas instituições sociais, tensionando-as. Com isso, pode-se perceber que é possível criar outras formas de convivência, em grupos autogestionados, mesmo não sendo tarefa fácil em função dos nossos condicionamentos. Essas alternativas podem levar à busca de transformações das relações consigo, com os outros seres vivos e com o ambiente. Essas transformações podem ser muito sutis ou até mesmo mudar radicalmente a vida da pessoa, dependendo de como irá sensibilizar cada pessoa do grupo. No campo da Educação Ambiental, essas transformações relacionam-se aos processos criativos, a sensibilização ambiental, a problematização e transformações que visam o desenvolvimento da sensibilidade, da capacidade de cuidar, de ser solidário, criativo e cooperativo.

A mudança não é automática, e sim, gradual, com avanços e retrocessos em relação aquilo que almejamos. Depende das pessoas, do ambiente, das relações, dos acontecimentos, dos agenciamentos e tudo isso vai tecendo as mudanças na vida. Estamos sempre numa composição de relações. As microintervenções priorizam a produção de mudanças. Somos

provocados a mudar e provocamos mudanças também, dessa forma, podemos aproveitar os conflitos e as diferenças para nossa transformação, e não para causar brigas, discórdias e destruição.

Num trabalho em grupo é fundamental a *composição de desejos*, para que o educador não seja impositivo, autoritário, unilateral, numa relação verticalizada, mas sim, fomente um processo dialógico, solidário, sensível e criativo na produção e proliferação de rizomas de respeito, amor e valorização da vida.

E C O

4 Mapa do Rizoma

4. ECO 4.

E C O

E C O

E C O

MAPA

E C O C E

O C E C O M

O C E C O

O C E

E C O

O C E

RIZOMA

4.1 Os processos criativos e a produção de microintervenções ecosóficas

E C O escrito com espaços entre as letras E, C, O

Espaços para circular o ar, espaços para circular o vento, espaços livres para proliferarem rizomas e multiplicarem caminhos

O ECOmapa do rizoma apresenta e analisa o percurso de um conjunto de microintervenções ecosóficas realizadas entre 2016 a 2019, período referente a pesquisa de doutorado. Contemplando a multiplicidade e atemporalidade do rizoma, cada microintervenção vai remeter-se a outros fatos que estão conectados a ela e podem ser de períodos anteriores a 2016 ou até mesmo sonhos e desejos para o futuro. Não sabemos de antemão como essas linhas irão conectar-se.

Fazem parte da produção dessas conexões de linhas do rizoma as fotografias, desenhos, audiovisuais, poesias, pequenos textos, anotações, relatos e rascunhos do diário de campo e materiais diversos presentes nos grupos do *Facebook* Grupo de Teatro Interativo e Plantio Comunitário.

A produção dos dados constitui-se numa obra-viva, orgânica, baseada em processos criativos de natureza instituinte, portanto, rizomática. Produção rizomática de dados da cartografia (pesquisa).

A análise dos dados referentes às microintervenções ecosóficas será realizada a partir das interconexões das linhas do rizoma. Aqui, o rizoma corresponde ao mapa (ECO) móvel do percurso cartográfico, que vai se formando ao mesmo tempo que produz intuições, afetos, sensações, percepções, sentidos e compreensões no campo da Educação Ambiental, fundamentada numa pesquisa repleta de microintervenções com a implicação da pesquisadora no processo criativo, rizomático e ecológico.

Hoje, 30 de outubro de 2019, a análise suscitou meu pensamento para dar um nome ao mapa, que até o momento seria denominado *rizoma*. Porém, no dia 30 de outubro de 2019, ao editar o vídeo da experimentação intuitiva no Templo das Águas, olhando o vídeo e sentindo aquele lugar, o vento, a terra, as plantas e a relação do meu corpo naquele ambiente, percebi que eu estava em casa nessa recordação do Templo das Águas (senti o Templo das Águas

como a minha casa), por isso, batizei o vídeo de *E C O.* A natureza é a nossa casa. O planeta é o nosso *oikos.* Ampliar a compreensão de *casa* não só como a habitação onde vivemos (lar), mas também o ambiente onde esta habitação se encontra, seu bairro, cidade, país, mundo, planeta, galáxia, cosmos.

Ecologia: *Eco* deriva do grego *oikos* e significa *casa.* Mas, dependendo da área do conhecimento (por exemplo, a física) ou em outras línguas, *eco* pode ter outros significados. Neste contexto, o foco da análise do termo E C O está na Ecologia.

Quais são as nossas casas, os nossos ecos? Quais são os territórios do nosso rizoma?

O eco como território do rizoma. Normalmente pensamos que nossa casa é um território seguro. Reflitamos: Nossa casa é um território seguro? O que é um território seguro? O que são nossos ecos? Onde estão nossos ecos?!

Casa – Lar – Terra – Pátio – Horta – Água – Ar…….

A inspiração para pensar a *casa* como um caminho para analisar o rizoma foi sugestão presente no parecer de um dos professores da banca de qualificação do projeto de tese que enfatizou a *casa* como um elemento transversalizante das microintervenções realizadas no percurso da pesquisa. Esse foco, para a análise dessa complexa tecitura de linhas, é importante para a elaboração do mapa e, a partir de então, a ECO vai constituindo-se, tomando forma e corpo na tese.

A E C O é o coração desta tese.

A primeira *casa* de nosso corpo é a barriga de nossa mãe. Ao nascer, temos uma casa (lar) e, ao longo do tempo, podemos até trocar de casa. Pensando melhor, será que temos uma primeira casa? Seria a barriga de nossa mãe ou o próprio planeta Terra? Que pretensão é essa do pensamento em buscar e elencar um *primeiro*, uma *primeira* casa?

Esses *inícios* e *primeiros* que o pensamento tenta fixar não fazem parte de uma pesquisa cartográfica, não constitui o rizoma. Convém lembrar que o rizoma é o entrelugar, é o meio, é o *intermezzo*, é o caule que faz multiplicar raízes móveis. Raízes e caules múltiplos, linhas de interconexões e linhas de fuga.

Nosso corpo é o E C O onde habitam nossos pensamentos, desejos, intuições, memórias. Essa *casa* é constituída pela pele e demais órgãos do corpo regidos pelas batidas do coração, pelas trocas gasosas dos pulmões e pelo funcionamento de diversos órgãos. As relações entre os órgãos e a relação do corpo com os seres vivos e o ambiente permitem a nossa existência.

Na etapa final da escrita da tese, ao ler os livros *Gesto Inacabado: processo de criação artística* (1998) e *Redes da Criação: construção da obra de arte* (2006) da autora Cecília Almeida Salles, percebi que esta tese é a cartografia do rizoma de produção de uma obra de arte. Uma obra de arte como a criação de novas possibilidades para o pensamento e prática de uma Educação Ambiental embasada nas Três Ecologias de Félix Guattari. Tenho consciência de que, como tal, causa desconforto e incompreensão para as pessoas que lerem esta tese e não tiverem esse tipo de experiência, em virtude de envolver a singularidade e a subjetividade. Aqui estão registrados pensamentos, reflexões e a produção de uma linguagem que emerge da prática de uma pesquisa implicada, imbricada, amalgamada com a produção de uma obra-viva, com os fluxos da vida e a concepção de rizoma que Deleuze e Guattari propõem e que fundamenta as microintervenções produzidas nesta pesquisa. Em relação a experiência como pesquisadora, digo que a potência desse tipo de trabalho causa profunda transformação na forma de pensar e na percepção de si e do mundo, e também o entendimento sobre a minha própria vida, as relações com a natureza, ensinando-me sobre como ser uma educadora ambiental. A autoanálise é imprescindível para a pesquisadora perceber o que pensa, como pensa, o que quer, o que fazer e como fazer, principalmente nas microintervenções ecosóficas. A autoanálise do processo de microintervenção é um procedimento importante para a autoformação do educador ambiental.

O rizoma é compreendido como mapa "é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente" (Deleuze e Guattari, 2011, p. 30). As metamorfoses e reconexões, na maioria das vezes, são imprevisíveis e impensadas.

A produção de conhecimento a partir do acompanhamento dos processos e da produção de subjetividade está intimamente ligada aos processos criativos das microintervenções. Nesse sentido, a pesquisa é considerada uma intervenção criativa e crítica da realidade, não sendo apenas um modelo para representá-la. E há o envolvimento implicado e reflexivo do pesquisador no processo da pesquisa – que é um campo – campo como mapa, rizoma. O mapa, rizoma como campo de intervenção para o entendimento, percepção e intuição de uma realidade complexa, em constante movimento.

O método da cartografia concebe a prática da pesquisa como ação corporificada. Na cartografia, o pesquisador não domina a natureza, mas inspira-se nela, a contempla, percebe a beleza da vida, de estar vivo e sentir-se natureza. Uma produção de conhecimento sensível à vida e suas belezas. A sensação de cuidar da vida e produzir mais vida.

Ao percorrer o caminho de uma pesquisa embasada no método cartográfico, percebi o motivo que me levou a trilhar esse caminho. Compreendi que meus pensamentos são acionados a partir da intervenção e dos processos criativos, sem isso, meus pensamentos não são motivados a pensar sobre algo, preciso acionar o meu corpo na relação com o ambiente, estar num campo de intervenção com suas linhas rizomáticas, para os pensamentos entrarem num fluxo de reflexão e análise. Importante para minha tarefa de pesquisadora é compreender de que forma meu pensamento processa-se, já que estou implicada na pesquisa. Quão difícil ou incoerente seria estar implicada numa pesquisa e não perceber como processa-se meus pensamentos e são mobilizadas minhas ações. Com isso, o motivo para estar nesse caminho é porque o rizoma e a cartografia refletem minha vida e meus ideais como Educadora Ambiental. Por isso, as microintervenções ecosóficas.

Foi difícil enfrentar meus medos. E a análise do diário de campo representou isso, um enfrentamento. Até chegar ao doutorado, não aprendi a observar a mim mesma, e sim, somente o outro. Nunca analisei a mim mesma e a forma como eu realizava a pesquisa, não aprendi a ser crítica de mim mesma, a ser crítica e observadora de minha atuação como pesquisadora. A partir dos estudos e pesquisas no doutorado, iniciei essa atitude de olhar a mim mesma como pesquisadora e compreender que não só analiso o campo em seus fenômenos, como analiso também a mim mesma em tudo aquilo que me constituo. Por isso, esta tese é o início desta outra forma de estar sendo pesquisadora e vem a ser um aprendizado permanente de autoformação. Percebendo minhas dificuldades, consigo entender melhor a dificuldade do outro. Conseguindo entender o que nos move, conseguimos pesquisar o que move o ambiente e suas linhas – rizoma.

Esta tese é um rizoma que percorre meu corpo, meu espírito e as múltiplas relações que foram estabelecidas com as diversas pessoas e ambientes que fazem parte do percurso desta pesquisa: pátios de casas em que morei, a Casa do Caminho, a disciplina As Três Ecologias de Félix Guattari, o sítio da Sirlei, Comunidade Santo Antônio, CAIC, CuidATIVA, Grupo de Teatro Interativo: pesquisa e intervenção socioambiental (FURG), Grupo de Teatro Interativo: teatro e terapia (UFPel), em suas expressões do cuidado com as plantas na horta comunitária, nas oficinas de teatro e dança pessoal, na produção de audiovisuais, fotografias e tantas outras práticas nos mais diversos grupos.

O entendimento de que todas essas microintervenções constituem um ECOmapa do rizoma, um desenho-dança que interliga linhas no ambiente e produz realidades, faz perceber este tipo de pesquisa como uma obra de arte orgânica porque flui com a intuição e a expressão

criativa de forças e desejos imanentes repletos de sonhos e utopias criativas, de movimentos instituintes. Deixar o pensamento fluir na intuição é desterritorializar-se, é produzir novos territórios existenciais, é reinventar-se ao reinventar o ambiente através das microintervenções ecosóficas, especialmente em virtude da experimentação.

Onde termina um pátio e começa outro? Onde termina uma casa e começa outra? Quais as fronteiras entre a barriga da mãe e o Planeta? O útero da mãe é o próprio ventre do Planeta Terra.

Os muros, as fronteiras são construções sociais autoritárias, segregatórias e separam aquilo que está naturalmente interconectado. As energias e os fluxos da natureza são forças que atravessam muros e fronteiras.

As microintervenções demonstram um potencial de conexão de ambientes – o pátio e a horta comunitária, por exemplo. Essa conexão é o ECOmapa do rizoma que se tece para a produção dos sonhos e utopias criativas que fazem parte da vida do pesquisador e das pessoas que percorrem esse tipo de caminho. O rizoma vai desenvolvendo-se e sempre criando possibilidades para a realização dos propósitos e desejos, e no percurso, podem acontecer rupturas (linhas de fuga), modificações ou até um momento de pausa (estado latente ou estacionário), mas isso também faz parte do rizoma – o movimento e a pausa, a continuidade e a descontinuidade. Os dados mostram esse funcionamento dos fluxos rizomáticos, como o leito de um rio com suas curvas, retas, sinuosidades, onde a água vai percorrendo esse caminho.

O ECOmapa do rizoma faz compreender a tese como a expressão da criação de uma obra viva, vivenciada, experimentada. Interessante analisar que uma cartografia mostra o percurso da pesquisadora, assim como a autora Cecília Salles, em seus livros, fala do processo de criação da obra de arte como aspecto fundamental da análise feita pelos críticos de arte. Segundo a autora, a obra de arte em exposição é uma das partes do processo criativo do artista e, a crítica de arte deveria envolver não só a obra considerada *pronta e acabada*, mas todo o percurso do processo criativo até chegar no dito *resultado final.*

Por que a tese como obra de arte?

Quando utilizamos métodos de pesquisa que envolvem processos criativos, é possível compreender a pesquisa científica como obra de arte, uma obra viva e, dessa forma, as microintervenções ecosóficas contemplam esse tipo de pesquisa.

Em consonância com os estudos de Cecília Salles, especialmente do livro *Redes de Criação: a construção da obra de arte*, cada microintervenção e cada registro – dado da

pesquisa é uma obra, uma obra de arte que vai compondo-se com outros registros (obras da criação) até chegar o momento em que o próprio artista/pesquisador fica satisfeito com o que vê e interrompe o processo, ou em virtude de prazos é necessário parar. Mas esse *término* não é o fim, é somente uma pausa e, a partir daí, novas criações serão realizadas, novas linhas do rizoma irão desenvolver-se e dar continuidade as novas obras, novos brotos que vão constituindo o ECOmapa do rizoma. Mas uma *nova obra* estará repleta de sensações e aprendizagens provenientes das obras anteriores, dos rascunhos, dos protótipos, ou seja, dos fragmentos que não aparecem diretamente na obra final, mas sem eles, a obra final não existiria. Isso faz pensarmos: o que é mais importante, o rascunho ou a obra final? Como chegar na obra final sem o rascunho?

Por isso, o entendimento do conceito de rizoma não limita nossa percepção aos fragmentos, ou seja, as obras separadas no tempo e espaço, inclusive fragmentadas do seu próprio processo de criação, mas sim, faz-nos perceber a complexidade de cada obra/microintervenção, e conseguimos perceber e visualizar essas interconexões de linhas, esse belo arranjo/desenho composição de uma obra que não tem início nem fim, mas é formada de processos repletos de inúmeras relações, sensibilidades e criações.

O processo de criação da obra de arte envolve os registros de sensações, pensamentos, alegrias, tristezas, angústias, euforias, e tudo aquilo que inspira o artista à produção de sua obra, tais registros constituem o caminho percorrido até a formação da arte final, ou seja, os rabiscos e rascunhos interligando-se com todas as linhas do processo também correspondem a obra de arte. Percebo que o processo e a conclusão *parcial* da obra a ser apresentada é um rizoma de conexões, disrupções, pausas, movimentos, em que etapa faz parte desse desenvolvimento do rizoma, formando o mapa. O mapa móvel. Nesta tese, formar o nosso mapa é formar o nosso E C O, a nossa casa**na**tureza.

Uma informação relevante e tem relação com a escrita desta tese é que escuto música[40] clássica ou música com sons da natureza quando estou escrevendo. Isso estimula a minha sensibilidade e intuição, integrando-me com a natureza e os sons das águas, do vento, das árvores, pássaros, mesmo estando em casa, provocando um relaxamento, uma atitude de reflexão e inspiração. Esses sons, essas músicas também inspiram as palavras e a linguagem da escrita da tese.

No livro *Van Gogh: O suicidado pela sociedade,* Antonin Artaud diz que a sociedade

[40] Algumas dessas músicas estão disponíveis nos seguintes links: https://www.youtube.com/watch?v=DhvQN5N_9MA; https://www.youtube.com/watch?v=Qo7XwpUvsvE; https://www.youtube.com/watch?v=BiqlZZddZEo; https://www.youtube.com/watch?v=fb4XPUolXek

com a legitimidade das suas instituições, condena à loucura e outras doenças mentais, todas as pessoas que sentem e percebem o mundo diferente da maioria das pessoas que se submetem passivamente às regras e educação estabelecidas. Quem não aceita e desobedece essas regras é estereotipado como louco. Os loucos revelam as chagas, as doenças, os preconceitos, as sombras de uma sociedade que não quer se ver, tem medo de ver a si mesma, sua loucura, suas injustiças, sua crueldade. Artaud retrata muito bem a crueldade humana ao falar da forma como a sociedade trata a loucura. E também um mundo novo que descortina ante nós, ao entrarmos em contato com a genialidade de certos artistas, como Van Gogh.

> Porque a pintura de Van Gogh não ataca um certo conformismo dos costumes, mas as próprias instituições. E até a natureza exterior, com seus climas, suas marés e suas tormentas equinociais não podem mais, depois da passagem de Van Gogh pela Terra, conservar a mesma gravitação (ARTAUD, s/d, p. 9).

Interessante refletir nessa citação, que a natureza inspira a arte e a própria arte constitui uma produção rizomática que inspira, transforma a natureza. Transforma nossa percepção da própria natureza, por exemplo, após ver o quadro dos girassóis de Van Gogh, observamos de outra maneira os girassóis, como se ampliasse nossa percepção do que é um girassol. Da mesma forma, quando lemos um livro ou passamos por uma experiência significativa, vamos transformando nossos pensamentos e atitudes, ampliando nossa compreensão sobre a vida e o mundo. Esse fato aconteceu comigo, de forma determinante e transformadora em minha vida, ao estudar Deleuze e Guattari e participar das aulas e oficinas de criatividade do professor Alfredo Martín, permitindo-me compreender a Educação Ambiental como fonte produtora de sentidos, sensibilidades e criações. As criações transformam o nosso corpo e o ambiente, assim como o ambiente transforma o nosso corpo produzindo ideias e intuições para criações, num movimento circular e contínuo, autopoiético.

A partir do percurso no doutorado no PPG em Educação Ambiental e, principalmente das aulas do prof. Alfredo, as linhas do rizoma proliferaram em diversos ambientes (ecos): trabalhei como voluntária na Casa do Caminho (horta comunitária), fui facilitadora das oficinas do Grupo de Teatro Interativo: laboratório de pesquisa e intervenção socioambiental (PPGEA/FURG) e, atualmente, sou voluntária e facilitadora das oficinas do Grupo de Teatro Interativo: teatro e terapia na Unidade CuidAtiva, FAMED/UFPel. Integro um grupo que teve projeto aprovado no Procultura/Prefeitura de Pelotas, com o trabalho intitulado *Paisagens Culturais: Mapa Visual das Águas de Pelotas,* um projeto de Educação Ambiental,

Ecoturismo, Artes Visuais e fotografia, que iniciou sua execução este ano, 2020.

As experiências com as microintervenções constituiram-me como Educadora Ambiental, compreendendo e, ao mesmo tempo, produzindo práticas autogestionadas e artístico-pedagógicas de Educação Ambiental. E esse constituir-se Educadora Ambiental está intrinsecamente ligado à autoformação, ao desenvolvimento da singularidade, dos processos criativos individuais e em grupo e de uma relação sensível com o ambiente e atenta as suas belezas e simplicidades.

Frequentemente, este tipo de pesquisa é tido como um mundo desconhecido, desconfortável e incompreendido para quem não conhece ou não teve essa experiência. Por isso, desde o início do percurso, algo me assustava: era o *olhar desse outro,* do preconceito de quem desconhece essa percepção de mundo e, com isso, comecei a perceber em meu corpo um sentimento paralisante, ainda tenho esse sentimento que aflorou quando iniciei a trilhar este caminho – estou referindo-me ao medo. O medo de ser incompreendida, o medo de ser repreendida, o medo da censura, o medo de considerarem ridículo e insignificante este tipo de trabalho, o medo de me tacharem como louca, ou seja, todos esses adjetivos que desrespeitam e menosprezam uma pessoa e seu trabalho. Mas, mesmo assim, enfrentei todos os problemas relacionados ao medo e acredito que o enfrentamento impulsionou a coragem, inclusive esta tese é a própria concretização do enfrentamento dos meus medos. Esse sentimento sempre existiu em mim, mas aflorou fortemente neste momento e, ao invés de escondê-lo de mim mesma, resolvi enfrentá-lo. Caso não tivesse enfrentado, provavelmente não estaria aqui defendendo esta tese e nem realizando os trabalhos e projetos ao qual faço parte.

Para isso, um passo importante é deixar fluir a intuição, acreditar na intuição e ter segurança do que está fazendo, observar os frutos do trabalho, participar e perceber as diversas transformações, ouvir o relato das pessoas que compõem os grupos, assistir os vídeos, ver as fotos, ler os textos e artigos publicados, enfim, estar satisfeita e sentir que seu trabalho e atitudes estão em sintonia com seus sonhos e seu pensamento e espírito e perceber que tudo isso também sensibiliza e tem significado para as pessoas e os grupos. Refletindo sobre meu trajeto como pesquisadora, consigo olhar com satisfação o trabalho que realizei e realizo nas microintervenções ecosóficas, percebendo os problemas e desafios e pensando como posso fazer diferente, dessa forma, aperfeiçoando continuamente o trabalho e aprendendo com o percurso.

As microintervenções ecosóficas tratam de uma educação ambiental que desperta sentidos e sensibilidades a partir dos processos criativos e autogestionados. A autogestão é

como se dá o funcionamento das microintervenções ecosóficas com o intuito de formar grupos-sujeito. Desenvolver e exercitar a expressão criativa, o respeito, o cuidado, a solidariedade, a cooperação, a sensibilização ambiental são objetivos das práticas.

As microintervenções ecosóficas acionam a relação do corpo com as suas habilidades, capacidades, emoções, não sendo somente a razão o guia da percepção e compreensão do mundo, mas sim, o rizoma que nos constitui como seres humanos habitantes do planeta Terra. Com isso, buscamos reinventar nosso corpo, nossas sensações, nossa percepção para reinventar a compreensão da realidade, do mundo, dessa forma, percebemos a nossa capacidade de transformação da realidade, a partir de nossos sonhos e utopias movidos por nossos desejos de um mundo melhor. O intuito é desenvolver a sensibilidade para o cuidado de si, do outro e do ambiente.

Nesta pesquisa, a relação das microintervenções ecosóficas com os processos criativos foi tornando-se cada vez mais evidente, portanto, este estudo foi essencial para avançar no entendimento sobre o ECOmapa do rizoma e também sentir esta tese como uma obra de arte, uma obra-viva.

Salles (1998), em seu livro *Gesto inacabado: processo de criação artística,* trata do processo criador e, ao estudá-lo, compreendi mais claramente o motivo pelo qual escolhi trilhar o caminho da cartografia e envolver os processos de criação nos métodos de pesquisa.

As microintervenções ecosóficas apresentadas nesta tese revelam algo que somente foi possível manifestar-se em minha vida e trabalho ao cursar a disciplina As Três Ecologias de Félix Guattari ministrada pelo professor Alfredo Martín, em março de 2013. A partir daí, minhas inquietações filosóficas, críticas e incompreensões teóricas do modelo marxista, deu lugar a uma satisfação e uma sensação de tranquilidade em estar percorrendo um caminho que se identifica com minha trajetória de vida, minhas danças, minhas ideias, meus sonhos e utopias. Estranho falar na sensação de *tranquilidade* num método que abarca as incertezas e os imprevistos na pesquisa mas, para mim, a pesquisa clássica com a busca por certezas absolutas e verdades inquestionáveis perturbava-me profundamente e sentia-me inquieta e insegura quando iniciei o trabalho como pesquisadora. Sentia como se faltasse algo, como se faltasse muito no trabalho que realizava, e sempre ficava uma sensação de vazio, de haverem inúmeras lacunas e faltavam conexões.

O método das microintervenções ensina que estamos sempre aprendendo como fazer pesquisa e como sermos educadores ambientais. Apresento nesta tese, uma forma que relaciona-se com o método da cartografia e da compreensão da pesquisa como ECOmapa do

rizoma, formando desenhos que dançam e pintam realidades, não limitando-se ao tempo do curso de doutorado ou ao prazo de *conclusão* e defesa da tese. Entender a pesquisa como ato criador conduz a um pensamento rizomático.

Os percursos criativos são os registros da pesquisa, os dados produzidos na cartografia, constituindo o ECOmapa do rizoma. O pesquisador está implicado por realizar o ato criador e, sendo assim, acionar essa miríade de linhas rizomáticas no sentido de interconectarem-se certas linhas previsíveis (para ele e para o grupo) e também, as imprevisíveis. As microintervenções tem baixo grau de previsibilidade e um alto grau de imprevisibilidade.

Os processos criativos são inerentes às artes, mas todas as áreas da ciência podem utilizar seus métodos para a produção de dados, permitindo ampliar a expressão das capacidades do pesquisador, sua singularidade, ou seja, além da razão, estimular a intuição, a sensibilidade, a emoção. Dessa forma, o ato criador manifesta-se numa ciência arte, sensível às emoções e à intuição, transformando a pesquisa científica numa obra de arte, na criação de uma obra viva, uma obra de arte criadora de espaços em que o protagonista é o grupo e suas ações autogestionadas. Espaços que valorizam a vida em todas as suas formas, o cuidado de si, do outro e do ambiente.

De acordo com esse pensamento, o mapa do rizoma (E C O) mostra as metamorfoses do processo investigativo criativo das microintervenções ecosóficas, quando forma o desenho com linhas que unem acontecimentos no tempo e espaço, e cada linha e até mesmo os espaços vazios criam um significado que mostra uma representação do percurso. O movimento, a força que anima essas conexões (linhas) é a dança, já a manifestação de cada passo é o desenho, registrado numa fotografia ou num rascunho da cena, ou seja, as partes do ECO (mapa móvel). Além de dança, também poderíamos chamar essa força de *clown*; a força é a autopoiese, a energia que anima a vida, é a energia da natureza na sua multiplicidade e potencialidade de criação.

O estudo da obra de Salles (1998) traz a ideia de uma crítica genética na área da arte e da ciência, ou seja, o trabalho do crítico de arte não se restringiria somente à análise do resultado final da obra do artista – a obra em exposição - mas abrangeria todo o processo criativo, isso incluiria o diário de campo, anotações, desenhos, rabiscos, histórias pessoais, as diversas etapas da obra e, inclusive, suas obras anteriores e planejamentos futuros. Ou seja, o que entendemos como obra de arte não se enquadraria mais nesse conceito de *obra final*, mas num processo de criação que, ao invés de fragmentar tempo e o espaço, conecta os tempos, os espaços e as diversas obras de arte/criações numa compreensão que denominamos rizoma.

Na ciência tradicional, o resultado final é sobremaneira mais relevante do que o processo que fez originar esse dito produto. O resultado é importante porque ele é o produto que será exibido, vendido, e nossa sociedade tem fixação na exibição dos produtos na vitrine como mercadorias. No caso da comunidade científica, os produtos são os resultados das pesquisas formatadas em teses, dissertações, artigos, resumos, etc. E todos esses materiais tem uma exigência: ao final, anunciar os resultados e as conclusões. Ora, esse estilo de texto mostra o pensamento cartesiano, na maioria das vezes no campo da ciência, e leva a uma linearidade na metodologia e um *enjaulamento* do pensamento do pesquisador, restringindo a complexidade do seu pensamento, sua capacidade intuitiva e criativa e também de perceber as nuances sutis do seu percurso de pesquisa. Esse pensamento linear, dificulta que entre em contato com as sensações, energias constituintes do seu corpo, de suas relações e do ambiente.

Energia esta que percebe as linhas do rizoma, possibilitando *mergulhar* nessa teia e, portanto, provocar e ser provocado pelo rizoma, permitir-se **criar com** essas linhas e **ser criado por** elas, permitir-se **dançar com** essas linhas, permitir-se **desenhar a dança** dessas linhas do ECOmapa do rizoma.

A tese como obra de arte é uma pesquisa viva, é a produção de fenômenos na própria vida, de forma consciente, por isso, em fluxo constante que extrapola a elaboração de resultado e conclusão, indo além das palavras, imagens, tabelas e gráficos de uma pesquisa tradicional. Indo além porque é criação que se recria constantemente– autopoiese.

Nas microintervenções ecosóficas, o objetivo não é formar artistas nem gênios das artes, isso pode servir para donos de galerias de arte ou empresários do ramo que precisam de artistas talentosos para fazerem marketing e venderem seus trabalhos e ideias. Para o educador ambiental, o professor, pouco importa se a pessoa é um grande talento ou um gênio das artes, o importante é expressar-se criativamente e mostrar sua singularidade. Mostrar sua singularidade é mostrar para o mundo o seu talento, a sua percepção criativa e intuitiva do mundo e, com isso, reinventar a si mesmo e o ambiente, dessa forma há o aprendizado e o desenvolvimento da sensibilização ambiental no processo criativo. Um processo educativo, criativo e sensível que valoriza a livre expressão humana para todas as pessoas, independente das suas condições sociais, físicas ou mentais.

O rizoma abrange as experimentações (nos Apêndices estão muitos rascunhos, experimentações do pensamento), os desenhos e rabiscos, as palavras sem nexo, os sonhos, os planos que não se concretizaram, mas se transformaram em outros, em textos que não estão na

tese mas provocaram ideias e outros textos que fazem parte desta tese, acontecimentos da vida pessoal e a história de vida que escrevem e analisam o ECOmapa móvel, rizomático. O rizoma e suas metamorfoses do percurso criativo da pesquisa.

Nesse método, pesquisa é criação.

Inclusive, o vídeo do Templo das Águas, que inspirou a ideia de rizoma desta tese, o desenho-dança e as pinturas, foi editado mas não foi publicado – a luta contra o medo, com a espada de bambu lutei contra meus medos, dancei com meus medos, enfim, enfrentei meus medos. Esse vídeo não está público. E, mesmo não sendo público, foi um momento chave, um *clinamen* para a escrita desta tese e minha compreensão do rizoma. Na época, jamais imaginaria que teria tanto significado esse vídeo, foi filmado por acaso no celular, não se tinha intenção de fazer um vídeo, somente passear e, de repente, tudo acontece – o corpo e o ambiente tornam-se rizoma. Essa experimentação de dança no Templo das Águas e as pinturas acionaram a ideia de relacionar as microintervenções ecosóficas com o rizoma e suas interconexões constituindo o ECOmapa do rizoma.

A crítica genética ensina-nos a compreender a pesquisa científica como uma obra em constante criação e valorizar a gênese da obra é tão importante quanto o que chamamos de resultado final. O conceito da crítica genética é um conceito que faz entender o funcionamento da microintervenção ecosófica como rizoma. O foco da atenção é o processo de criação, algo que não existia começa a existir a partir das relações estabelecidas, relações compreendidas como linhas do ECOmapa do rizoma. Dessa forma dá-se a implicação da pesquisadora, ou seja, nos passos dados formando o desenho-dança desse processo complexo, singular e plural, individual e coletivo. Uma dança coletiva que registra seus desenhos no rizoma da vida, da natureza.

Interessante observar que, quando leio certos parágrafos desta tese, existe uma diferença quando a leitura é acompanhada de música clássica. A leitura junto com a música dá um sentido novo às palavras, mas, quando leio sem a música ao fundo, em muitos momentos, as mesmas palavras perdem esse sentido, esse encantamento. A arte cria sentidos e emoções. Encantamento da vida é obra de arte. Encantar-se com a vida é perceber a obra-viva da natureza.

A diversidade de linguagens (ver Apêndices) nos registros da pesquisa, tais como escrita, audiovisual, fotografia, desenhos, dentre outras, caracteriza as microintervenções ecosóficas. Na prática pedagógica, os processos de criação produzem conhecimento, um conhecimento complexo, rizomático, porque é um conhecimento advindo não somente da

razão, mas do corpo em movimento, das emoções e da intuição. Um conhecimento que se manifesta pela expressão da integralidade das capacidades humanas, ou seja, não entende o ser humano como predominantemente racional e científico, mas também emocional, intuitivo e criativo.

Na microintervenção ecosófica há a produção dos dados, em virtude do processo de criação da pesquisa. Os desenhos que produzi são manifestações materiais do fenômeno mental, emocional e intuitivo de um determinado tempo no processo de produção da pesquisa para esta escrita e faz parte do processo de busca de como produzir a tese, como pensar o embasamento teórico e as microintervenções ecosóficas. Nesse momento de incertezas, inseguranças, medos e dificuldade em fazer escolhas, surge a pintura como experimentação intuitiva e a decisão e o entendimento da minha pesquisa como rizoma. Atualmente, no período final de escrita da tese, veio a compreensão da cartografia das microintervenções como um desenho-dança no ambiente, constituindo o ECOmapa do rizoma.

Esta tese é a intensificação do rizoma de um processo criativo que só pôde ser construído por estar repleto de dúvidas, incertezas, insatisfações, revoltas e indignações. Esses sentimentos, dentre outros que já citei, impulsionaram meus desejos e pensamentos a refletir sobre a vida e, neste caso, refletir sobre os dados produzidos nas microintervenções e suas múltiplas conexões no rizoma. É a manifestação material de pensamentos, emoções, angústias, felicidades, tristezas, satisfações e insatisfações dentre tantos outros sentimentos que tive nesse percurso criativo, intuitivo, racional e relacional. Por isso, complexo. Por isso, rizomático.

Nas microintervenções, assim como na arte, tornamos físico aquilo que pensamos, sentimos e intuímos. A obra é produzida e, simultaneamente, autoproduz-se. Não há um domínio total dos acontecimentos quando colocamos algo em prática, as variáveis proliferam-se continuamente. A experimentação produz novas linhas no rizoma. A experimentação é essa tecitura que se faz com as diversas linhas do rizoma, unindo e desunindo e reunindo até formar a obra-viva, sempre em processo, nem acabada e nem inacabada. Seguir a coreografia do desenho e a pintura da dança (Apêndices 2 a 7, pp. 209 a 215).

Como ultrapassar a mera descrição do percurso criador?

Na cartografia, os fatos e fenômenos isolados não são tão importantes quando os mesmos estão inseridos em seus processos, ou seja, em relação. A percepção do aspecto relacional entre fatos e fenômenos aciona o pensamento complexo e vai criando as linhas que vão compondo o rizoma. Isso produz uma percepção nova da realidade, percepção de novas

compreensões. O processo de criação permite-nos conhecer uma nova realidade de nós mesmos e do mundo (Apêndices 12, 13, 14 e 15. Páginas 226, 228, 229 e 230). Quando compreendemos algo, compreendemos mais a nós mesmos. Quando produzimos algo, produzimos algo em nós mesmos. Nas microintervenções, quando produzimos algo em grupo, estamos nos reinventando individual e coletivamente, e reinventando o ambiente ao nosso redor. Concomitante à produção criativa acontece a produção do conhecimento, um conhecimento rizomático relacional, criativo, intuitivo, expressivo e integrado a multiplicidade de dimensões da natureza (humana e não-humana).

A experimentação vai tecendo o rizoma do processo de criação de uma obra-viva (obra de arte) numa pesquisa baseada na microintervenção ecosófica. Nesse tipo de pesquisa, abre-se espaço ao acaso no ato criador.

O processo de criação do pesquisador não é um ato neutro, mas sim, perpassa a sua perspectiva ético-estética e revela seus valores, as suas relações com a natureza e sua percepção de mundo, o que pensa sobre o mundo e o que faz em sua vida são reveladas em suas criações.

> O artista, como seu primeiro leitor, faz a biografia da obra na medida em que pode interferir e assim o faz quando sente necessidade e, como conseqüência, novas formas vão surgindo. Ele é agente e testemunha do ato criador. É nessa interferência que observamos o ato criador como uma trajetória de experimentações… (SALLES, p. 42, 1998).

O artista é o agente e testemunha do ato criador. Essa ideia faz pensar na relação com a atitude do pesquisador implicado numa pesquisa-intervenção. Na experimentação, o projeto não é claramente conhecido e vai definindo-se no percurso criativo interventivo.

O estudo dos livros da Cecília Salles fez-me perceber e entender esta tese como um ato criador, produzida através de experimentações no processo criativo das microintervenções ecosóficas. Um ato criador que forma rizomas. Que dá sentido a uma Educação Ambiental que valoriza a produção do conhecimento através de experimentações estéticas que potencializam a sensibilidade, o cuidado, a solidariedade e a criatividade na formação humana, seja no âmbito de uma educação formal, informal e/ou não-formal, transversalizando a extensão, pesquisa e ensino.

Em um trabalho coletivo, a confiança é fundamental para a interação entre pessoas e a criação das obras-vivas (microintervenções ecosóficas) do grupo, constituindo o ECOmapa do rizoma. O rizoma requer a realização de métodos que acionem os processos criativos.

As experimentações criam espaços para que os participantes entrem em contato com capacidades e sensações que até então não conheciam, as pessoas sentem-se artistas porque realmente são, e fazem suas criações, entram em contato com sua sensibilidade e criatividade. Singularidade e capacidade de criar algo gera uma energia nova no corpo, em função de dar-se conta, de começar a ter consciência dessa capacidade que é capaz de transformar a si e ao ambiente. Não é necessário comprar nem pedir emprestado, está dentro de cada um de nós. Sair da inércia, dos hábitos e costumes enraizados e que aparentemente nos oferecem segurança. Experimentação requer arriscar-se, mostrar-se, apresentar sua criação para si e para o mundo, para isso, é preciso ter confiança, fé, enfrentar o medo e os modelos preconcebidos. Enfrentar o medo de ser e fazer diferente (ver Apêndice 17, p. 232).

Salles (1998) diz que o ato criador é como um contínuo processo de dar forma a matéria, uma ação sensível e intelectual que estabelece novas conexões.

Conteúdo e forma. Muitas vezes não consegui dar forma ao conteúdo, tive que esperar um tempo e fui lendo livros, pensando no rizoma e, de repente, ao escrever vem a forma de tal conteúdo. Ou vem o conteúdo e a forma ao mesmo tempo. Também sinto que certas escritas que fiz, tem o conteúdo, mas ainda não consegui dar a forma. Esta tese registra aquilo que aprendi num determinado tempo e, com o tempo, vai rizomatizando-se e ampliando tal conhecimento. Escrever uma tese é sistematizar as experiências e estudos, analisar, organizar o pensamento e tomar consciência do significado do percurso da pesquisa para a vida do educador e do seu papel para a sociedade.

A incompletude é inerente ao processo, mas nesta tese, seleciono percursos e analiso as linhas do rizoma e, de certa forma, desenho uma dança desse rizoma. Mas ele continua na sua incompletude e continuidade.

Saber viver. Entender as experiências da vida como um aprendizado. A nossa vida é um criar-se e recriar-se a todo momento. Que criação estamos fazendo de nós mesmo? Que alimentos estamos ingerindo? Que relações estabelecemos com as pessoas, com os outros seres vivos e com o ambiente? Quais rizomas estamos tecendo? Qual o desenho-dança desses rizomas? Qual o ECOmapa do rizoma de nossa vida?

> Lembrar não é reviver mas refazer, reconstruir, repensar com imagens de hoje as experiências do passado. A memória é ação. A imaginação não opera, portanto, sobre o vazio, mas com a sustentação da memória. (Salles, 1998, p. 100)

O dispositivo é o agente da criação, da transformação, do acionamento das linhas do

rizoma. A microintervenção ecosófica é a arte de tornar visível outras realidades, criar essas outras realidades, por isso, é importante valorizar as singularidades de criação do método do pesquisador, a técnica e suas modificações se dão a partir das necessidades que vão surgindo no campo de experimentação.

Edição do vídeo: cortes, substituições, a construção de uma narrativa, contar uma história com as imagens em movimento.

> Acompanhando processos criativos, percebe-se que as opções pelos recursos criativos podem ser alvo de modificações ao longo do percurso. Desse modo, fica claro que esses procedimentos não são, necessariamente, pré-selecionados e determinados pelo artista, mas são, na maioria dos casos, encontrados durante o percurso. (SALLES, 1998, p. 109)

Tal citação refere-se ao trabalho do artista no processo criativo da produção de uma obra de arte e é similar ao percurso de um pesquisador na microintervenção ecosófica, em que os acontecimentos vão sendo produzidos no próprio processo criativo. No percurso criativo vai surgindo a descoberta de novas possibilidades do método. Por isso, um método rizomático.

Mais do que para ser explicado e teorizado, o rizoma é para ser acionado em seus processos de experimentação e criação.

Processo criativo da escrita: É importante ressaltar que as múltiplas linguagens potencializaram a formação rizomática do método. Muitas reflexões foram frutos da análise de fotos, audiovisuais, experimentações, anotações, músicas, uma lembrança impregnada de emoções, sensações, sensibilidades que busca dar conteúdo e forma a esta redação. As experimentações impulsionam a pesquisadora criar o método de pesquisa e ir além dos padrões formais, por isso, o rizoma fundamenta a teoria e a prática, a tese é composta de múltiplas linguagens, que não se somam, mas amalgamam-se num conjunto heterogêneo e, ao mesmo tempo, único. Em muitos casos, uma foto foi o dispositivo para uma ou muitas ideias e muitos parágrafos escritos neste texto. Muitas anotações do diário de campo motivaram a seleção das fotos ou vice-versa e também foram inspiradoras de diversas conexões de ideias.

> Nos documentos de processo são encontrados resíduos de diversas linguagens. Os artistas não fazem seus registros, necessariamente, na linguagem na qual a obra se concretizará. Ao acompanhar diferentes processos, observa-se na intimidade da criação um contínuo movimento tradutório. Trata-se, portanto, de um movimento de tradução intersemiótica, que, aqui, significa conversões, ocorridas ao longo do percurso criador, de

> uma linguagem para outra: percepção visual se transforma em palavras; palavras surgem como diagramas, para depois voltarem a ser palavras, por exemplo.
> Nosso olhar, no momento, volta-se para esse íntimo da criação que é tocado pela transmutação de códigos. As linguagens que compõem esse tecido e as relações estabelecidas entre elas é um dos aspectos que dão unicidade a cada processo. (SALLES, 1998, p. 114 e 115)

Esta citação é importante para a decisão de inserir diversos rascunhos, rabiscos, desenhos, relatos de pesquisa de campo, poesias, fragmentos de texto, folhas de caderno com anotações de aulas e palestras, ideias de projetos, mapas do rizoma e tantos outros materiais que coloquei no Apêndice. Inspirada nesses estudos sobre processos criativos, percebi a relevância do diário de campo e desses fragmentos e rascunhos que, muitas vezes, podemos não usar em nossas análises ou analisar mais superficialmente.

A microintervenção ecosófica, em seus processos criativos, produz conhecimentos que promovem problematizações em relação a nossas relações com a sociedade e o ambiente.

O percurso criativo e o processo de conhecimento:

> O percurso criativo pode ser observado sob a perspectiva da apreensão de conhecimento que gera. A ação do artista é levada e leva à aquisição de informações e à organização desses dados apreendidos. E, assim, estabelecido o elo entre pensamento e fazer: a reflexão está contida na práxis artística (JARDIM, 1993). O percurso criador deixa transparecer o conhecimento guiando o fazer, ações impregnadas de reflexões e de intenções de significado. A construção de significado envolve referência a uma tendência. A criação é, sob esse ponto de vista, conhecimento obtido por meio da ação.
> A percepção artística, como já vimos, é o instante em que o artista vai tateando o mundo com olhar sensível e singular. Sondar o mundo é uma forma de apreensão de informações, que são processadas e que ganham novas formas de organização. A percepção é, portanto, uma possibilidade de aquisição de informação e, conseqüentemente, de obtenção de conhecimento. (SALLES, 1998, p. 122)

Nas primeiras páginas da tese, iniciei mencionando o amor e a vida. Eis que as linhas do rizoma durante esses anos levaram-se a encerrar este texto também com estas mesmas palavras: amor e vida. Para pensar o motivo desta afirmativa é necessário pensar na força produtora das ideias desta tese: as microintervenções ecosóficas. Nesse caso, a microintervenção que estou envolvida atualmente - voluntária e facilitadora do Grupo de

Teatro Interativo: teatro e terapia, na Unidade CuidAtiva[41]: Rede de Cuidados Paliativos, Faculdade de Medicina FAMED/UFPel.

Em 2016, iniciei meu percurso no Grupo de Teatro Interativo: laboratório de pesquisa e intervenção socioambiental na FURG, com término em 2017. E, em 2019, o GRUTI reterritorializa-se e desenvolve o seu rizoma no Grupo de Teatro Interativo: teatro e terapia, ao atuar na CuidAtiva – Rede de Cuidados Paliativos da UFPel. Eu e Augusto Amaral somos facilitadores das oficinas de teatro, para pessoas portadoras de doenças degenerativas, especialmente a doença de Parkinson e também usuários dos serviços de saúde mental. As oficinas do Grupo de Teatro são semanais e ocorrem no Teatro da CuidATIVA, prédio da Laneira, Bairro Fragata (Pelotas/RS).

A Unidade CuidAtiva em Pelotas é especializada em cuidados paliativos e consiste num conjunto de práticas, composto por uma equipe multidisciplinar, que visa tratar pacientes com doenças sem cura e o objetivo é oportunizar mais qualidade de vida e bem-estar para pessoas acometidas por doenças crônicas que ameaçam a vida, incluindo patologias oncológicas, neurodegenerativas, doenças pulmonares, cardíaca, hepática e renal avançadas, AIDS, fibromialgia, entre outras.

Na Unidade Cuidativa são desenvolvidas atividades clínicas (Ambulatório de Cuidados Paliativos), fisioterapia, educação física, acupuntura, terapia ocupacional e as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICs), tais como reiki, dança circular, meditação, trabalho com plantas medicinais, arteterapia, música e teatro, visando aliviar a dor total: física, emocional, social e espiritual.

Na Unidade CuidATIVA, quando chegamos na entrada do prédio, enxergamos um muro. Um muro que foi construído pela reitoria um ano antes e retirou 1/3 do espaço físico do prédio. Estranhamento, o muro serviu para abrigar parte do arquivo morto da universidade (inclusive tem uma foto que aparece os arquivos na janela e bem grande escrito ARQUIVO MORTO), bem próximo da entrada do prédio e visível para todos. Que impacto a reitoria queria causar com isso? Uma janela mostrando arquivos mortos e os enfermos ao lado passando de muleta, cadeira de rodas, caminhando em passos lentos e alguns até sendo carregados para serem atendidos. É uma cena surreal. Nem parece verdade o que registra a foto. Se me contassem, seria difícil de acreditar. Mas a foto diz mais do que palavras.

Refletindo sobre a microintervenção na Unidade CuidATIVA a partir do ECOmapa do rizoma, recordo do Curso de Saúde Mental Comunitária e Prevenção de Suicídio

[41] Informações nos links: https://www.facebook.com/unidadecuidativapelotas/ e https://www.youtube.com/channel/UC2P8YY8YYhUynb-pHOW27jg

(Apêndice 24, p. 251) que participei no ano de 2014, através de um Projeto de Extensão da FURG, coordenado pelo prof. Alfredo Martin e ministrado por ele e pelo prof. Augusto Amaral e promovido na ONG Casa do Caminho. Teve duração de um ano. Esse curso e a experiência que tive desde 2013 na Casa do Caminho, contribuíram para o trabalho que realizo no grupo de teatro com pessoas portadoras de doenças degenerativas e usuários dos serviços de saúde mental. Também nesse caso, a disciplina As Três Ecologias de Félix Guattari forneceu ferramentas e conhecimentos para atender e entender essas pessoas através do dispositivo artístico-pedagógico do teatro.

O desejo impulsiona o pensamento à criação. Pensamento e corpo. Despertar a sensibilização ambiental, o cuidado com a vida em todas as suas manifestações ao promover experimentações na produção de um conhecimento sensível, problematizador e criativo na educação ambiental. Um conhecimento produzido pela intervenção no ambiente, através das microintervenções ecosóficas.

As microintervenções ecosóficas apresentam o potencial de produzir outras realidades. Que realidades foram produzidas no Grupo de Teatro Interativo: teatro e terapia[42] em 2019, na Unidade CuidAtiva (FAMED/UFPel)?

Para responder essa pergunta, é importante narrar o seguinte fato:

O Parkinson é uma doença degenerativa do sistema nervoso central, crônica e progressiva, causada pela diminuição da produção de dopamina. O quadro clínico é composto por tremor involuntário, dificuldade de deglutição, perda de força muscular, rigidez muscular, distúrbios posturais e da fala, perda do equilíbrio, dentre outros (REIS, 2004, p. 34). As pessoas tem seu corpo e suas funções modificadas e a rotina diária totalmente transformada pela doença, sendo um abalo psicológico para os pacientes e seus familiares.

Nessas condições, com todos esses problemas que a doença acarreta, será possível portadores de Parkinson produzirem e apresentarem um espetáculo de teatro?

Aceitamos o convite de uma professora de psicologia da UFPel para sermos voluntários na CuidAtiva e, na primeira visita, percebemos o desafio de fazer teatro com pessoas acometidas com doenças crônicas. Ao iniciarmos a microintervenção em abril de 2019, não sabíamos se isso era possível. Nosso principal interesse não é produzir espetáculos e, sim, desenvolver a auto-estima, a expressão corporal e criativa, promover a autogestão e autoanálise do grupo e reelaborar as histórias de vida, especialmente a partir do momento em

[42] Página no *Facebook:* https://www.facebook.com/groups/969573663063562/. O grupo é privado, portanto, é necessário pedir autorização ao administrador.

que o médico informou que possuíam a doença. Mas o grupo, mesmo com todas as dificuldades e limitações dos movimento do corpo, teve a força de vontade e, em dezembro de 2019, apresentou o espetáculo *Não sei se vou conseguir*[43].

Relembrando o momento que uma participante, numa roda de conversa, enquanto planejávamos o espetáculo, disse que não sabia se ia conseguir subir no palco e fazer parte do elenco. Por isso, o nome da peça *Não sei se vou conseguir.* Este poderia ser o título da minha tese também, mas, assim como o espetáculo foi apresentado e nossa amiga conseguiu subir no palco e apresentar-se, cá estou defendendo a tese e posso escrever: CONSEGUI!!!

4.2 Experimentando caminhos no ECOmapa do Rizoma

Todos os dados produzidos são experimentações constituindo o ECOmapa do rizoma.

As fotografias e os registros do diário de campo são analisadores do processo e compõem a narrativa da tese.

Morin, no capítulo *A humanidade da humanidade*, diz que a expressão artística é a expressão do espírito. E que o espírito humano abre-se ao mundo, revelando-se pela curiosidade, questionamento, exploração, investigação, pela paixão de conhecer. O espírito manifesta-se pela estética, pela emoção, pela sensibilidade, pelo encantamento do nascer e do pôr-do-sol, da avalanche das ondas, das nuvens, das montanhas, dos abismos, do cantar dos pássaros; e essas emoções vivas estimulam a cantar, desenhar, pintar.

As microintervenções ecosóficas produzem conhecimentos a partir da prática, da experimentação, de uma prática sensível às artes e à natureza.

Os processos criativos são forças instituintes e criam algo novo. A criação do novo, com base nos valores que embasam esta tese, perturba os padrões sociais preconceituosos, conservadores, fixamente instituídos e mantenedores das desigualdades sociais e injustiças tanto sociais quanto ambientais.

Importante refletirmos: que ou quais acontecimentos mudaram o rumo de nossa vida até aqui? O que acionou essa transformação ao radicalmente novo? Como foi lidar com o desconhecido em si mesmo? Qual o significado disso para nossa história de vida?

---

[43] Vídeo do espetáculo disponível nos links: https://www.youtube.com/watch?v=iU9GkwpoFBA; https://www.youtube.com/watch?v=HctRuwpqRw4; https://www.youtube.com/watch?v=-M8Dvup0bEM; https://www.youtube.com/watch?v=x_VyJ-ssyT4; https://www.youtube.com/watch?v=4r4-Aeq-nVs&t=522s; https://www.youtube.com/watch?v=Yb6HuUR3u7g; https://www.youtube.com/watch?v=qkN0kqNuNG0.

Essa reflexão é necessária porque se não percebemos essas transformações radicais em nossas vidas, como perceberemos ou criaremos essas transformações nos ambientes?

O ECOmapa do rizoma funciona por meio da autogestão nas microintervenções ecosóficas. Os coletivos organizam-se para a resolução de problemas e invenção de soluções, realizam agenciamentos coletivos, produzem seus saberes e organizam-se socialmente, mesmo dentro de um sistema repleto de burocracias. Muitas vezes, realizam funções que seriam de responsabilidade das instituições e grupos dominantes. Essa é uma forma de gerar tensionamento para transformações no instituído.

Os instituídos devem abrir espaço para o instituinte, a fim de estar no processo mutante da vida. O instituído, para ser funcional à vida social, deve estar acompanhado da transformação da vida social, para produzir cada vez mais novos instituídos, que sejam apropriados aos novos estados sociais. O instituído tem o caráter de conservador, de resistência. Já o instituinte tem o caráter revolucionário, criativo e transformador. (BAREMBLITT, 2012)

GRUTI CLOWN

A apresentação do *clown* revela a forma inusitada do nosso ser. O improvável, o caos, o próprio caos do processo criativo de reinvenção de si e do mundo. Atuação no improviso. *Clown* é uma força instituinte.

Acionamos nossas memórias corporais de criança quando apresentamos nosso *clown*. Acionamos o nosso devir-criança. A linguagem do *clown* é a linguagem da criança, uma linguagem pré-verbal, uma atitude de descoberta, de sensibilidade para consigo, com o outro e com o ambiente. O *clown* tem uma linguagem criativa e intuitiva.

As microintervenções estão embasadas no paradigma ético-estético: Ético diz respeito a responsabilidade com a vida em todas as suas manifestações. A parte estética diz respeito à criação do novo. A lógica cartesiana e seu pensamento fragmentador e binário é obstáculo para a produção do novo, dos processos criativos produzirem novas formas de coexistência e relações com a natureza.

A expressão do *clown* silencia a mente, pensar agora é sentir e agir, é uma nova forma de pensar, um pensar-fazendo, um pensar-sentindo. Através do devir-criança, descobrimos um mundo novo, nessa nova percepção do mundo, podemos transformar tudo, o nariz do *clown* não é uma máscara para esconder-se, mas para descobrir-se, para descobrir o mundo. *Clown* é uma corporificação do rizoma, porque faz conexões, rompe conexões, multiplica compreensões. O *clown* ensina que o caos é criador. Através do *clown* sentimos o caos e a

criação, é algo muito intenso e exige muita coragem, vontade e sensibilidade.

No processo de iniciação do *clown*, no Grupo de Teatro Interativo da FURG, meu nome Raio de Sol teve inspiração na primeira lembrança que tive em minha existência. O *clown* e a sensibilidade e curiosidade da criança. Percebi a importância do devir-criança para desenvolver nossa sensibilidade e criarmos uma relação de respeito, cuidado e amor com a natureza.

Os desenhos e brincadeiras com minhas sobrinhas Sabine e Stella tornaram-se algo importante para essa nova percepção da natureza. A seguir, descrevo uma brincadeira com a Sabine no pátio da casa de meus pais:

Brincadeiras no pátio com minha sobrinha Sabine Avila Blank: na época com 6 anos de idade. Este ano, Sabine fez 12 anos:

> Eu e Sabine brincando na terra, e ela diz: “Eu preciso saber plantar porque vou ser médica e preciso plantar um coração para colocar nas pessoas”.
> Outro momento foi quando ventava forte no pátio, Sabine fez a dança do vento e, pulando e fazendo movimentos com as mãos e braços, disse: “quem pega o vento não sabe o que fazer”. (Anotação do diário de campo, ano: 2014)

A arte é uma linguagem que provoca sensações, sentimentos e criações. Nos descobrimos na criação, nos reinventamos na criação. A dificuldade de acolher os modos diferentes de pensar e perceber o mundo não permite desterritorializarmos para dialogar com o outro. Na criança, esse desterritorializar-se é algo natural, ela pode ser vento, pode brincar de ser um pássaro e voar, etc.

Em tratando-se da ecologia mental, as microintervenções formam um terreno fértil para e exploração de si mesmo, pensamentos, sentimentos e identificar os aspectos novos e ameaçadores que vão surgindo nas experimentações. Conhecer esses territórios desconhecidos de si é um elemento-chave para a autoanálise do processo criativo. E também mudar essa atitude de sentir medo do novo. É libertador enfrentar o medo. O facilitador conduz o grupo nesse caminho através de uma relação de confiança. Por isso, é importante criar um ambiente propício para as pessoas libertarem-se das suas vergonhas e medos e arriscarem-se no processo criativo.

Carl Rogers (1977) chama de atitude de abertura à experiência. O facilitador aprender a ter uma atitude de confiança em cada pessoa do grupo, confiança na capacidade criativa e de superação. É relevante não somente para o trabalho do terapeuta, mas também do facilitador

das microintervenções ecosóficas.

O facilitador não pode prever como seu planejamento inicial ficará após iniciar uma microintervenção. O facilitador é aquele que conduz o grupo num caminho de criação de territórios existenciais, de produção de subjetividade, das relações entre as pessoas e com o ambiente. Compreende que os processos criativos das microintervenções criam novos territórios e produzem rizoma. Abrindo à compreensão da multiplicidade de possibilidades da vida e das escolhas de vida. Os processos criativos ativam a força da expressão singular de cada pessoa, isso gera uma reverberação em todas as dimensões do seu espírito.

Nesse sentido, as microintervenções promovem essa atitude de abertura através de uma experiência criativa, de pensamentos livres sem sofrer deformação pelos mecanismos de proteção e defesa. A importância de criar dispositivos para essa atitude de abertura à experiência e trabalhar com as emoções e sensibilidade, através da expressão dos sentimentos.

Carl Rogers descreve o *funcionamento ótimo da personalidade* como a capacidade de confiar no seu organismo, funcionando em toda a sua complexidade, sendo uma pessoa capaz de enfrentar todos os seus sentimentos e não se sentiria ameaçada por nenhum deles. Rogers diz que novos sentimentos integram-se a uma estrutura de personalidade mais flexível. A terapia não-diretiva favorece o caráter fluido da personalidade, sua singularidade. Ao contrário das terapias tradicionais que tentam enquadrar a pessoa nos padrões aceitos socialmente e são orientadas por resultados pré-definidos e pré-conceituosos.

Segundo Rogers, o funcionamento ótimo da personalidade revela o indivíduo como ser criador, com uma atitude acolhedora em face à realidade externa e interna, e sua capacidade de modificar suas relações com o meio, por isso, teria uma existência criadora e liberaria efeitos criadores.

Rebelar-se da ordem estabelecida, dos padrões sociais e do autoritarismo das hierarquias nas instituições, produz o novo, coloca-nos em contato com o caos (a desordem) com nossa força criativa e começamos a perceber a multiplicidade da vida e criar os nossos próprios caminhos, nosso rizoma. Não ser conformista, mas criativo.

A abertura à experiência confere segurança ante um evento novo, mesmo não prevendo seu desenvolvimento. O medo inibe a criação.

Frequentemente, pessoas determinadas por um estrutura rígida, são previsíveis., mas quando abre-se à experiência e ao modo de vida existencial, há uma diminuição da previsibilidade do comportamento. Rogers fala de uma terapia centrada no paciente, que aumenta a atitude de abertura à experiência e o indivíduo será receptivo aos dados únicos de

toda a situação e menos previsível será o seu comportamento. Estar aberto às circunstâncias é uma atitude de ser artista ao ir criando a sua obra-viva. Para isso, é preciso romper com os automatismos, a mecanicidade do cotidiano. Estar aberto às circunstâncias é estar no fluxo do rizoma, em sua fluidez e multiplicidades.

A produção de uma obra viva em si mesmo (ecologia mental), em seu próprio corpo é ter a liberdade de reinventar-se. Reinventar-se é ir transformando a ecologia mental, social e ambiental. Os processos criativos colocam-nos em contato com a lógica da multiplicidade e, através deles, tecemos novas linhas produtoras de novas conexões, constituindo o rizoma. O rizoma é percebido e produzido através de dispositivos que acionam os processos criativos. No caso desta tese, as microintervenções ecosóficas.

O *funcionamento ótimo da personalidade* é um modelo teórico embasado no trabalho do terapeuta Carl Rogers, onde a pessoa que exerce livremente a plenitude das potencialidades de seu organismo, busca a manutenção e valorização de si mesma, manifesta uma conduta social e adaptativa, espírito criador cujos fatos não se deixam prever facilmente, que não cessa de evoluir e desenvolver-se.

Ninguém é integralmente saudável e nem integralmente doente. A terapia com base em processos criativos visa potencializar a expressão dessas capacidades latentes da pessoa, acionando seus mecanismos orgânicos e psíquicos de produção da saúde física, emocional, mental e espiritual. Isso rompe com o modelo de tratamento predominantemente focado na doença e tratamento a partir de medicamentos alopáticos, modelo que produz lucro para as indústrias farmacêuticas.

Nesta tese, podemos relacionar a *atitude de abertura à experiência* com as microintervenções ecosóficas e seus dispositivos do teatro, *clown*, dança pessoal, produção audiovisual, desenhos, pinturas.

A seguir, exemplificamos as expressões criativas dos *clowns* do Grupo de Teatro Interativo, mostrando suas brincadeiras, suas descobertas, seus conhecimentos na formação de seu ECOmapa do rizoma e seus desenhos-dança com as linhas rizomáticas.

Dia 08 de maio, 2018 vi uma notícia da Anita, integrante do Grupo de Teatro da FURG, ela estava atuando no hospital com o seu *clown* Catapluft. E Lucas (Apêndice 25, pg. 253), o *clown* Popoca, está fazendo aulas de dança e apresentando-se em várias cidades.

Reflexões da Cataflut sobre o processo de iniciação do clown:

> “Acreditar menos em mim e mais na vida” Guzito
>
> O que dizer do processo de criação do Clown? Como expressar em meras palavras algo que se tem dificuldade em sentir? Não se deve esquecer-se de dois sutis e importantíssimos detalhes: não se trata de criação, mas sim de desabrochar, e uma vez iniciada esta caminhada não há retorno ou desistência. Expressar que é um caminho sem volta pode soar um tanto assustador para alguns, mas é menos mafioso do que parece.
> Quem em sã consciência, de livre e espontânea vontade gosta de expor o que possui de mais íntimo, o que considera mais constrangedor a desconhecidos? Aliás, quais são os meus desejos mais secretos, minhas fragilidades mais doloridas que nem eu mesma conheço e muito menos reconheço? São essas e tantas outras perguntas que colorem a face do Clown como Pierrô. Antes das risadas, piruetas e piadas é preciso enfrentar o medo da exposição de si e para si. Processo que pode ser de angústias, lágrimas, negação, estranhamento.
> Olhar-se no espelho clownesco é tarefa árdua. O olhar através de si a fim de entrar em contato com a intimidade do outro além de aterrador é surreal para não se dizer bizarro. Falar assumidamente sobre a bizarrice desta viagem pode afugentar possíveis Clowns, por isso é preferível usar termos como “surreal”, “onírico” e outros equivalentes que neste momento me escapam. O que torna tudo tão peculiar é a forma como se passa a sentir e perceber a si próprio, as cores, os aromas, o toque do outro. É nessa interação de enfrentamento entre o que se tem de mais íntimo e nos escapa contra o medo do julgamento alheio que surge o Clown. Dessa forma surgem as cores de Augusto, suas trapalhadas, suas idiotices.
> Através de risadas de si mesmo o Clown resgata uma leveza pueril que a vida e tempo tomam para si e nos deixam a mercê de um abismo de cobranças absurdas em prol de ideais mais absurdos ainda. Aceitar o Clown que se possui é aceitar-se em sua totalidade; seja melancólico ou alegre, decrépito ou esfuziante, sensual ou amorfo.
> Parafraseando Simone de Beauvoir, não se nasce Clown, desabrocha-se Clown.

Abaixo, o texto que escrevi no Google Docs para que fizéssemos um texto coletivo:

> Agosto de 2017. Texto no Google Docs - Raquel: Nas primeiras linhas do capítulo 8 chamou-me atenção o significado do termo clown, que significa “camponês”, morador do campo, o que trabalha na terra. Meu clown é “Raio de Sol” e tem íntima relação com a natureza, a terra, a germinação das sementes, a alegria, a vitalidade, a vida! Mas semana passada, não estava sentindo-me bem e senti que o sol em alguns momentos pode estar opaco, fraco, e pensei algo que não estava no horizonte da Raio de Sol, que em alguns momentos as nuvens encobrem o sol. Então Raio de Sol expressa alegria, mas em certos momentos pode ser tristeza. Tive esse entendimento na semana passada, ao realizar a 1° tarefa, quando tive que pensar na forma de expressar o sol e o vento.
> A diferenciação do clown, palhaço americano e o clown europeu, em que o primeiro dá valor às gags, ao número, no que o clown irá fazer e o segundo valoriza em como irá fazer a cena, uma lógica mais individual. Entendo que nosso trabalho engloba esses dois tipos. O clown combina o cômico e o trágico, e tem uma seriedade naquilo que realiza, e o clown “é a encarnação do trágico na vida cotidiana; é o homem assumindo sua humanidade e sua

> fraqueza e, por isso, tornando-se cômico".
> A relação dos dois tipos clássicos de clown - o branco e o augusto - que representam a sociedade e o sistema, nos ensinam os mecanismos de dominação do branco e os mecanismos de superação do augusto. Em cena, aprendemos maneiras e atitudes de como enfrentar situações de autoritarismo e opressões durante o improviso e também assistindo os clowns. Capítulo 8 (O *Clown* e a Improvisação Codificada)BURNIER, 2009

Abaixo, o texto narrando o processo de iniciação do *clown* Raio de Sol (agosto de 2017):

> Postagem no grupo *in box* (no Facebook) dos componentes que escreveram o artigo para o EDEA 2017:
>
> Raquel:
> Pois bem, como nasceu Raio de Sol?
> Nas roupas coloridas, cheia de badulaques, com cordas, cordões, balões, tecidos, enfim, uma indumentária muito esquisota, heheh. Será que Raio de Sol veio de outro planeta? Que planeta será esse ? Que galáctica neuronal e muscular e nervosa é essa? Qual neurônio inventou isso de Raquel ser Raio de Sol?
> ahhh, temos muitas sombras... seerá que raio de sol veio daquele mundo sonbrio e escuro do inconsciente? mas como assim? a luz do sol brotando das trevas???!!! só conheço a luz pq existe as travas, desculpa, trevas!
> Guzito, numa certa vez, perguntou-nos qual nosso nome clown, e depois de um tempo, num dia de sol, o sol iluminou minhas travas/trevas e..... plimmmm!!! RAIO DE SOL apareceu! acho que o sol iluminou aquele neurônio que tava com a lâmpada quebrada, hehehe.
> Mas Raio de Sol tinha mais coisas para me mostrar... Na madrugada, após acordar-me de um sonho, mais exatamente dia 18 de julho de 2017 (olha meu diário de campo em ação! só com ele saberia o dia!). Agora me dei conta que foi bem no dia do aniversário da minha irmã Cintia! Voltando à madrugada, fiquei pensando em como escrever de forma que as palavras pulsem, vibrem a comolexidade, e pensei: Meu nome é Raquel, mas poderia ser qualquer outro... raio de sol, pérola azull... qual mais? Pq esse e não outros? Eu, eu, eu, eu... quem sou eu??? Que eu maluco é esse? Parece ser mais tranquilo para meu espírito ser raio de sol do que Raquel! Que maluco!
> Queridaos amigos clowns, mais do que brincadeiras e aprendizagens e processos educativos, o clown está nos ensinando um autoconhecimento desse nosso eu, que não entendemos direito quem é. O legal não é entendER, mas sim, ir entendENDO. Não é chegar num ponto final, mas sim, num processo, num caminho, num trajeto, num rizoma e ir caminhando…
> Nessa madrugada de reflexões clownwscas sobre raio de sol, me veio à mente a lembrança da minha primeira percepçãoe sensação de mim como pessoa, de sentir que eu existia e estava viva - vi um raio de sol entrando pela janela de vidro da porta de casa quando eu morava na Av. Fernando Osório, e esse sol iluminava todo o corredor da casa, e olho para os lados e vejo brinquedos e minha irmã na minha frente. Acho que eu tinha uns 3 ou 4 anos e minha irmá 1 ou 2 anos.Fiquei tão feliz! Uma lembrança da minha primeira percepção de existência, que eu existo, e a primeira coisa que vejo é o raio de sol! é o sol! Linguinha pintou o raio de sol na minha testa, nesse momento, linguinha me batizou com sua tinta amarela reluzente e brilhante.

> Lingunha fez o batizado do sol na Raio de Sol.Com seu pincel mágico, batizou-me invocando o sol, e o sol resplandeceu na minha testa, na minha cabeça. E as sombras deram início ao dia.O clown só é clown porque somos uma trupe, um grupo.Como tudo está em movimento, não sei quais outras descobertas terei. O que mais lembrarei da minha infância? O que Raio de Sol irá mostrar-me? Vamos lá! Seguindo em frente!2° semestre de 2013

Nesses textos, verificamos os *clowns* descobrindo-se, como diz a Anita, desabrochando-se! No caso da Catapuft, ela deu outro nome ao processo de iniciação do clown, que é: desabrochar o *clown.* No caso da Graziele, ela problematizou a prática de batizar o *clown* e perguntou porque é necessário dar um nome ao *clown*? Diversas opiniões sobre um mesmo tema. Isso acontece quando os facilitadores propõem um grupo-sujeito num processo criativo autogestionado. Um rizoma de opiniões, sensações, intuições, problematizações. Criações!

Uma atividade realizada no segundo semestre do ano de 2013, no estudo do livro *Introdução ao pensamento complexo,* de Edgar Morin, do Grupo de Pesquisa As Três Ecologias de Félix Guattari, quando atuávamos no Plantio Comunitário da Comunidade São João Batista, Bairro Areal, Pelotas/RS. Esse foi o primeiro texto que fiz e tratava somente da complexidade:

> Após essa autoanálise, estudei o capítulo e fiz o seguinte texto:
> A complexidade é um tecido, um tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, incertezas, indeterminações...é uma mistura das teses e antíteses, da ambiguidade e multiplicidade de nosso pensamento, que deveria refletir nossa integração com a natureza. Os fenômenos naturais existem de forma complexa, e só poderemos compreender melhor com um pensamento complexo, unificador, múltiplo e incluso, que é a essência do pensamento complexo. A complexidade busca pensar o que todos vivem, desde a interação entre cultura e natureza até o imaginário, o sonho, a utopia, a poesia. A palavra complexidade pode denotar confusão, incerteza, desordem. Morin nos diz que "A complexidade é uma palavra problema e não uma solução", dessa forma, o complexo não se pode resumir a palavra complexidade. Um pensamento que não tem a pretensão de controlar e dominar o real, e sim, um pensamento que se deixa permear pelo fluxo das energias da natureza, que liberta, e não aprisiona a essência...um pensamento capaz de lidar com o "real" e de com ele "dialogar e negociar". Mas o que é o real para nós? A complexidade é o reconhecimento do princípio de incompletude e incerteza. O pensamento complexo aspira ao conhecimento multidimensional, que não isola o objeto de seu contexto, do seu devir. É um saber não fragmentado, não compartimentado, não redutor, é o reconhecimento do inacabado, da incompletude do conhecimento. A disjunção entre filosofia e ciência privou a possibilidade da ciência de "conhecer a si própria, de refletir sobre si própria e mesmo de se conceber cientificamente". O princípio da disjunção isolou as áreas do conhecimento – natural e social – separando natureza de sociedade, natureza e ser humano. Ao mesmo tempo, o ideal do conhecimento científico clássico era descobrir uma "ordem perfeita". O

pensamento simplificador é incapaz de conceber a conjunção do uno e do múltiplo. Isolar os objetos é não conceber o "elo inseparável entre o observador e a coisa observada". O tecido, a complexidade, as totalidades são fragmentadas e separam-se em disciplinas nas instituições de ensino. Pergunto-me: como enfrentar e resolver os problemas ambientais, sociais, educacionais, políticos, econômicos...com esse tipo de ciência e pensamento vigentes?
"Uma parte do real é irracionalizável e a racionalidade não tem por missão dialogar com o irracionalizável". Mas o que é o real???
"Reintegrar o homem entre os seres naturais para distingui-lo neste meio, mas não para reduzi-lo a este meio".
"As estruturas permanecem as mesmas, ainda que os constituintes sejam mutantes, assim acontece não apenas com o turbilhão, ou a chama da vela, mas com os organismos, onde nossas moléculas e nossas células renovam-se sem cessar, enquanto o conjunto permanece aparentemente estável e estacionário".
A auto-organização é a organização da vida. Se pensarmos numa célula, ela possui sua auto-organização fisiológica e estrutural. Penso que, em muitos casos, de acordo com o nosso modo de vida, agimos como uma "máquina artefato" (simplesmente organizada), sem uma individualidade, uma autonomia, e somos levados pela correnteza das ideologias político-partidárias, propagandas, mídias, formas formatadas de pensar, se vestir, enfim, de viver. Somos "máquinas vivas", já que nosso organismo é constituído por um conjunto de órgãos e suas funcionalidades que se interligam com a totalidade formando o indivíduo. Temos uma auto-organização, mas esta auto-organização está interconectada com a auto-organização de outros indivíduos e da natureza como um todo. Da mesma forma a célula tem sua auto-organização, mas está interconectada com a auto-organização de outras células e órgãos e sistemas e substâncias. Se colocarmos a "luoa" na célula, ela é auto-organizada, mas se colocarmos nossa "lupa" no organismo, ele também é auto-organizado. Acredito que para analisar o processo de auto-organização de um sistema precisamos selecionar, pinçar onde vamos direcionar nosso foco, nossa "lupa", para isso, temos que elencar nossa intencionalidade de pesquisa do fenômeno para investigá-lo, ou seja, nossos objetivos "iniciais" da pesquisa, para compreendermos suas funcionalidades.
A auto-organização de um sistema não é independente, ela está interconectada, depende de outros sistemas, mesmo que indiretamente. Por exemplo, uma célula com sua auto-organização só realiza suas funções se absorver nutrientes do sangue, ou seja, sua auto-organização interna depende de fatores externos (que se integram a sua auto-organização, fazem parte da sua auto-organização que não é fechada, e sim, aberta) para dar continuidade e existência a sua auto-organização.
Em relação à auto-organização e autogestão, eu poderia tratar aqui da sociedade, da educação, da economia, política...mas acredito que aqui no face não seria o melhor ambiente para conversar sobre isso, é melhor continuar falando na célula, já que o pensar sobre o processo, sobre o princípio, é o mesmo, só mudaríamos a direção da "lupa".

Na auto-organização da máquina viva há a renovação, há vida e morte de células, mas o processo é contínuo e não acaba, o processo é o mesmo. Por exemplo, todo o ciclo de vida de uma célula epitelial não dura mais de 21 dias, e a pele se renova, mas não temos o desaparecimento de nossa pele para o aparecimento de uma pele nova, continuamos tendo a pele, o

> aparecimento-desaparecimento ou vice-versa, se dá de forma constante e a aparente desorganização (morte celular) acontece de forma organizada (novas células) no processo de regeneração celular. Na auto-organização não devemos limitar, ou seja, criar fronteiras aos sistemas, na natureza as fronteiras são permeáveis, possuem poros, já que queiramos ou não, somos transpassados pelas diversas energias e componentes da natureza (falo de natureza natural e social). Nesse caso, o que continua é o processo, e, para acontecer isso, ocorre a renovação de seus componentes, sejam eles estruturais ou químicos. Nesse caso, Morin fala que na auto-organização da máquina viva há "grande confiabilidade do conjunto e fraca confiabilidade dos constituintes" (p. 31). A lógica de funcionamento da natureza é a lógica da complexidade, onde há uma autonomia e auto-organização relativas. Na minha opinião, a auto-organização já é uma auto-eco-organização, ou usaríamos a auto-eco-organização somente para organismos vivos e componentes da natureza? Na auto-eco-organização ocorrem trocas, relações com o ambiente, há um sentido de dependência e ao mesmo tempo individualidade, independência, acredito que essa é a proposta do pensamento complexo, pensar a inclusão das antíteses, romper as fronteiras do dualismo e integrar.

Aprendemos com o nosso *clown* que somos capazes de reinventar a nós mesmos, nossas relações com o outro e o ambiente. Descobrimos que temos dentro de nós as incertezas e inseguranças e que não podemos almejar em nossas pesquisas certezas e verdades absolutas, porque a vida é feita de certezas e incertezas. O *clown* apresenta para nossos corpos a multiplicidade da natureza humana e não-humana, o que nos faz pensar muito além do dualismo, das antíteses e contradições. O *clown* é um corpo que cria o seu próprio corpo, é um corpo que se liberta das amarras sociais. Essa experimentação de si, frequentemente provoca tontura, medo, enjoo, uma sensação de sair fora de si mesmo, de estar em um outro planeta, num universo paralelo, tal é a condição de alienação que temos de nossa intuição e criatividade e tantas outras capacidades que possuímos, mas estão aprisionadas. A sensação provocada ao assistir o vídeo do Cláudio *devir animal*, é a sensação de aprisionamento de nossas capacidades criativas. Quantas criações artísticas, ecológicas e fraternas poderíamos estar realizando se não estivéssemos aprisionados por tantas burocracias, preconceitos e teorias-raízes que segregam as pessoas ao ponto de incitarem até mesmo a violência e tantas práticas opressoras?

Abaixo, um fragmento do diário de campo e o encantamento que começo a sentir e tudo o que começo a perceber ao meu redor (ver Apêndice 14, p. 229):

> No dia 01 de janeiro de 2014, vi borboletas no pátio cor laranja ferrugem no pé de hortelã. Na janela do quarto, um pássaro comeu um inseto. Através das grades da janela vejo os galhos das árvores balançando ao vento, esse

> movimento expressa o vento. Ao mesmo tempo que vejo esse cenário, de repente aparece um pássaro cortando o horizonte e mescla-se ao cenário do vento balançando os galhos e folhas das árvores. Ele aparece de baixo para cima, de forma forte e decidida. Meu olhar não para de querer ver essa imagem. Entre as grades do quarto, a natureza me conta mais um mistério ao som de Bachianas n° 5. https://www.youtube.com/watch?v=bLZD0XplYrI. Bidu Sayão - Bachiana nº 5 - Cantilena. De Heitor Villa-Lobos - Bachiana Brasileira nº 5. E https://www.youtube.com/watch?v=maQ8t8mJkTM - Villa Lobos - Bachianas Brasileiras n? 5 Filarmônica de Berlim.

Particularmente, não gosto de ópera, mas não lembro o motivo de estar escutando essa música. Será que se eu não estivesse ouvindo essa música, minha atenção se voltaria para essa cena? Ou tudo isso aconteceria ao meu redor e eu não enxergaria nada?

Quantas cenas e paisagens acontecem constantemente e não vemos? E não sentimos? E não ouvimos? E não intuímos?

Quantas realidades possíveis deixamos de criar???

Nesse dia, também observei a fumaça do incenso (ver Apêndice 23, p. 250) e, da mesma forma que vi a dança das folhas da árvore pela janela, vi a dança na fumaça do incenso e tive a sensação que tal movimento de dança não finalizava quando a fumaça desaparecia. Por que essa sensação de continuidade do movimento, da dança?

Além de analisar o exterior, estar implicado gera um movimento de voltar-se para si, analisar a si mesmo e essa atitude provoca a autocrítica. Estar implicado rompe com a ideia de exterior e interior de si mesmo, já que na microintervenção, o pesquisador produz outras realidades dentro e fora de si mesmo. Ao invés de perceber uma fronteira entre exterior e interior, o pesquisador percebe o rizoma que interconecta o seu próprio corpo a tudo aquilo que é chamado de *exterior.* O exterior e o interior de si misturam-se, na realidade, a separação é uma produção mental e social. Nós, como pesquisadores, temos a capacidade de produzir outras ideias, outras produções mentais que sejam rizomáticas e não lineares e fragmentadas. Mas, para isso, é importante desenvolver a capacidade da intuição.

Numa pesquisa clássica, a pesquisadora busca analisar o fenômeno, mas não analisa a si mesma. Que tipo de análise ela produz desse fenômeno sem analisar a si mesma e a sua implicação com tal fenômeno? Uma pesquisa que forma uma muralha entre o pesquisador e o mundo, uma pesquisa que coloca o pesquisador num pedestal, numa posição de superioridade. Que tipo de pesquisa essa atitude produz para a sociedade? Que tipo de pesquisadores são formados com esse modelo de pensamento?

A proteção das fronteiras dos países são um dos motivos de guerras. Em nossa

subjetividade os conhecimentos estão separados por fronteiras, ou seja, praticamente estamos aprisionados mentalmente por esses paradigmas e, em nossos espaços acadêmicos, essas fronteiras produzem verdadeiros conflitos pelo poder, regalias e benefícios para si e seus grupos em detrimento de outros. Fronteiras, grades, prisões, guerras, conflitos.

Somos capazes de produzir outros modos de fazer ciência? Somos capazes de produzir outros modos de coexistência? Somos capazes de romper as grades do pensamento linear e cartesiano e libertar nosso pensamento na produção do rizoma e da complexidade? Temos o desejo profundo e a coragem para isso?

As microintervenções ecosóficas tem o desafio de mostrar que é possível produzir outras realidades, outros métodos de pesquisa e contribuir para isso.

O rizoma produz um pensamento processual e relacional, transformando nossa forma de pensar e perceber o mundo, ao multiplicar nossos ângulos de visão. O pensamento rizomático está sempre criando e recriando novas conexões do desenho dançante.

> O objeto, que está sendo criado, se tomado nessa visão temporal, é mutável; construir esse objeto, que permanentemente flui no tempo, implica ser algo que tende a. escapar. Transitoriedade acarreta inacessibilidade (Colapietro, 2004). A relação entre o que se tem e o que se quer reverte-se em contínuos gestos aproximativos - adequações que buscam a sempre inatingível completude. O artista lida com sua obra em estado de contínuo inacabamento, o que é experienciado como insatisfação. No entanto, a incompletude traz consigo também valor dinâmico, na medida em que gera busca que se materializa nesse processo aproximativo, na construção de uma obra específica e na criação de outras obras, mais outras e mais outra. O objeto dito acabado pertence, portanto, a um processo inacabado. Não se trata de uma desvalorização da obra entregue ao público, mas da dessacralização dessa como final e única forma possível. (SALLES, p. 21, 2006).

Cecilia Salles (2006, p. 36) ao tratar do trabalho do crítico de arte, na perspectiva de uma crítica genética, diz:

> Um outro aspecto que envolve a criação é que a continuidade do processo, aliada a sua natureza de busca e de descoberta, leva-nos a encontrar formulações novas, trazidas. por este elemento sensorial do pensamento, ao longo de todo o processo. Sob esta perspectiva, todos os registros deixados pelo artista são importantes, na medida em que podem oferecer informações significativas sobre o ato criador. A obra não é fruto de uma grande idéia localizada em momentos iniciais do processo, mas está espalhada pelo percurso. Há criação em diários, anotações e rascunhos.
> A criação como processo relacional mostra que os elementos aparentemente dispersos estão interligados; já a ação transformadora envolve o modo como

> um elemento inferido é atado a outro. Os elementos selecionados já existiam, a inovação está no modo como são colocados juntos; ou seja, na maneira como são transformados. A inovação da inferência se encontra na singularidade da transformação: algumas dessas combinações são inusitadas. A atividade estética tem o poder de reunir o mundo disperso, lembra Bakhtin (1992). As construções de novas realidades,pelas quais o' processo criador é responsável, se dão, portanto, por meio de um percurso de transformações, que envolve seleções e combinações. (SALLES, p. 35, 2006).
>
> Antes de mais nada, precisamos nos entregar à dedicada e à aguçada observação dos documentos com os quais lidamos e tirar os procedimentos de .criação que buscamos de dentro deles. Para que isso aconteça, devemos nos apropriar de um olhar interpretativo relacional, que seja capaz de superar - nossas tendências para a segmentação das análises e que se habilite a estabelecer nexos e nomeá-los; -As descrições de segmentos isolados devem, assim, abrir espaço para interpretações das relações que os conectam. Narrar o que acontece de um gesto para outro não leva também à compreensão do movimento. Queremos entender como se constrói o objeto artístico e não recontar como se deu a seqüência dos eventos ou das ações do artista. Estes eventos, por sua vez, não podem ser tomados como etapas, em uma perspectiva linear, mas como nós ou picos da rede, que podem ser retomados a qualquer momento pelo artista. Nossa leitura deve ser capaz de interconectar esses pontos e localizá-los em um corpo teórico formado por conceitos organicamente inter-relacionados, como falávamos na apresentação. Esse movimento do olhar do crítico deve reverter em uma maior compreensão sobre os modos de desenvolvimento de obras e, conseqüentemente, sobre os procedimentos de um pensamento em criação. Devemos aprender a lidar com a criação na perspectiva temporal onde tudo se dá na continuidade, ao longo do tempo - no universo do inacabamento. Para tal, precisamos estar alertas à sua inserção na história e na cultura; compreender sua relação com o futuro e lidar com a impossibilidade de se definir início e fim, entre tantas outras questões. A continuidade não é cega, mas tem tendências, que enfrentam a intervenção de acasos. Buscamos a compreensão dessas tendências (o que os artistas querem de suas obras) e seus modos de ação (como vão manuseando e amoldando seus desejos e seus materiais). Na contínua transformação, uma coisa passa a ser outra. Olhando para o processo em uma perspectiva ampla, que tipo de movimento está sendo estabelecido? Do que são feitas as tendências desse movimento? (SALLES, 2006, p. 36 e 37).

O rizoma como a interconexão dessas linhas que compõem uma multiplicidade de interações constituintes de uma prática instituinte a partir de processos criativos das microintervenções para a produção de outras realidades e outros modos de coexistência no âmbito microssocial.

Quais as relações entre as microintervenções ecosóficas produzidas nesta pesquisa?

O ECOmapa do rizoma é apresentado como uma narrativa visual e temporal das interconexões das microintervenções ecosóficas produzidas nesta tese.

4.3 Desenhando a dança do rizoma da horta comunitária



4.4 Desenhando a dança do rizoma do filme *Mãe, eu tô grávida* - uma produção do Grupo de Teatro Interativo: pesquisa e intervenção socioambiental e Grupo de Adolescentes do Posto de Saúde (CAIC/FURG e NASF V)

O trabalho com o Grupo de Adolescentes do Posto de Saúde do CAIC foi uma produção autogestionada e resultou no filme *Mãe, eu tô grávida*, do Grupo de Adolescentes da Unidade Básica de Saúde da Família do Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente[44] CAIC/FURG, em parceria com o Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF V) e do Grupo de Teatro Interativo: pesquisa e intervenção socioambiental[45] (GRUTI), sendo o GRUTI um Projeto de Extensão do PPGEA/FURG. Também tivemos a colaboração do Curso de Artes Visuais da FURG. Em dezembro, teve a exibição do filme no auditório do CAIC para a comunidade.

Os adolescentes estudam no CAIC e moram no bairro Castelo Branco (Rio Grande/RS) ou arredores, e nosso objetivo foi produzir coletivamente audiovisuais, a partir da proposta do dispositivo pedagógico da horta comunitária para desenvolver a vizinhança solidária e a autogestão a partir do plantio de alimentos orgânicos para trabalhar questões da educação ambiental no bairro Castelo Branco. Mas, em conversa com as Agentes Comunitárias de Saúde e com o Grupo de Adolescentes, o tema de interesse do grupo era a gravidez na adolescência.

Figura 13: Crachá do Grupo de Adolescentes



CONTROLE DE PRESENÇA/ANO:									

Frente Verso

Confeccionados para organização da turma. Ano: 2017. Produção da pesquisadora.

[44] Site do CAIC: http://www.caic.furg.br/pt/.
[45] Vinculado ao Grupo de Pesquisa (CNPq) *As Três Ecologias de Félix Guattari.*

As reuniões da equipe organizadora eram frequentes e numa delas, identificamos que muitos estavam faltosos, nesse caso, as agentes comunitárias entraram em contato com os adolescentes e as famílias e resolvemos, além da chamada oral, fazer uso do crachá. Cada aluno começou a usar o crachá como controle das presenças. Verificamos que após o uso do crachá e contato com os jovens e suas famílias, não tivemos mais esse tipo de problema. Os adolescentes gostaram de usar o crachá (Figura 13, p. 168) e verem sua identificação com a foto e o nome do grupo do qual fazem parte. É importante informar que os pais e responsáveis de todos os alunos do Grupo de Adolescentes assinaram o termo de compromisso para uso de imagem (fotos e filmagens da produção do audiovisual).

A microintervenção ecosófica é um dispositivo pedagógico de autogestão na produção de experimentações que promovam a sensibilização ambiental e a problematização de questões socioambientais que são relevantes para o grupo, no intuito de intervir e criar alternativas para tais problemáticas. E deparamo-nos com a complexidade que configura o campo de intervenção, compreendendo suas incertezas, indeterminações, interações aleatórias (MORIN, 2011) que se fazem presentes quando colocamos em prática o planejamento.

A microintervenção no Grupo de Adolescentes iniciou em agosto de 2017, com oficinas semanais, em que levamos a proposta de produzirmos um documentário sobre a realização da horta comunitária no bairro. Inicialmente, os adolescentes fizeram filmagens[46] (com o uso do celular) do ambiente, das plantas e dos animais da sua casa e do bairro, mostrando as belezas e os problemas socioambientais da localidade (ver Apêndice 25, p. 253). Mas não era o desejo do grupo em fazer a horta comunitária e, sim, tratar o tema *gravidez na adolescência.* A partir dessa decisão, iniciamos o roteiro do filme, para isso, dividimos os 40 adolescentes em grupos e combinamos que elaborassem o roteiro oralmente e gravassem o áudio no celular.

Posteriormente, durante as filmagens, percebemos que a dramatização da história de um dos grupos teve um bom resultado e não seria possível realizarmos a filmagem dos roteiros de todos os grupos, então, decidiu-se pela produção de um só roteiro. Para a filmagem, utilizamos os equipamentos do LAPEA[47] (câmeras de vídeo, tripé, caixa de som) e para a edição, o *notebook* da autora desse texto e o computador do laboratório do Curso de Artes Visuais para fazer a arte final. Os diálogos foram improvisados pelos atores/adolescentes com a orientação do diretor. O local de filmagem foi o CAIC (sala-de-

[46] Vídeo do Lucas Bandeira (Clown Popoca): Programa Clownice Debate. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xaEIzuildJs>. Acesso em: 10 fev 2020 às 18h30.

[47] LAPEA: Laboratório Audiovisual de Pesquisa em Educação Ambiental. Site: http://www.lapea.furg.br/.

aula, biblioteca, espaço da horta e jardim de plantas medicinais e áreas externas ao prédio).

Além das oficinas presenciais, nos comunicávamos via grupos do *Whatsapp* e do *Facebook* para a organização das atividades, informações e diálogos, postagens de materiais para estudo, fotos e filmagens do processo da microintervenção.

A produção do filme teve inúmeros desafios, já que estávamos ingressando num grupo com uma rotina de atividades e sabíamos que apresentar uma proposta nova poderia não ser aceita, além da dificuldade de realizar um filme com um grupo de 40 adolescentes sem experiência em dramatização. Conversando com as agentes de saúde, fomos informados que uma das estudantes estava arranhando seu quadril com lápis e participando do jogo da *Baleia Azul* na internet e, ao final, leva a pessoa ao suicídio. A mãe da adolescente veio conversar conosco e informou que quando a adolescente começou a fazer o filme, ela melhorou a auto-estima e não estava mais automutilando-se. A formação do grupo com um objetivo comum, produzir o próprio filme, influenciou na vida desses jovens.

Mas, analisando o processo, constatamos que houve a confluência de certos fatores: o trabalho coletivo com as agentes comunitárias de saúde; o apoio e colaboração da coordenação da UBSF/CAIC, do NASF V e do CAIC; nossa disposição em mudar o planejamento inicial das hortas comunitárias para o tema de interesse do grupo – a gravidez na adolescência; a percepção dos adolescentes de que o filme era uma produção deles, ou seja, que o grupo seria autor do roteiro e os diálogos seriam improvisados por eles, e nosso papel seria dirigir e colaborar com o processo. Esses fatores conjugaram-se para o êxito do filme e referem-se à iniciativas embasadas, principalmente, nos estudos sobre autogestão de grupos.

O resultado foi a produção do curta-metragem *Mãe, eu tô grávida,* culminando na sua exibição, em dezembro de 2017, no auditório do CAIC, com a presença dos adolescentes, seus pais, familiares, profissionais do Posto de Saúde/CAIC, professores e servidores do CAIC, pesquisadores do Grupo de Teatro Interativo, colaboradores do Curso de Artes Visuais/FURG e convidados da comunidade.

O filme está disponível no link: https://www.youtube.com/watch?v=KDPhbb2X3l4.

O filme produzido pelos adolescentes enfatiza a importância dos projetos de extensão, ensino e pesquisa numa prática pedagógica autogestionada com a participação ativa dos adolescentes e de um trabalho integrado e comprometido. Em função dessa integração e colaboração do CAIC/FURG, UBSF/CAIC, NASF V e Curso de Artes Visuais da FURG em parceria com o Grupo de Teatro Interativo, foi possível realizar esse belo e exitoso projeto.

Durante a produção desse filme, precisei aprimorar-me na técnica de edição de

imagens. Fui editando a cada filmagem e, no final, todos as filmagens já estavam pré-editadas. Quando fiz a edição final, foi mais fácil e tive a colaboração do Centro de Artes da FURG (Fernanda, Guilherme e Gobatto) na realização da arte final do filme. Mesmo organizando previamente o planejamento, fazer produção audiovisual é extremamente trabalhoso e, para mim, que não sou da área, exigiu estudo e aperfeiçoamento da técnica.
A intenção era realizar uma edição coletiva, mas não tivemos tempo de capacitar os adolescentes para edição e produzir o filme ao mesmo tempo. Iríamos realizar isso e outros planejamentos no próximo ano, mas, infelizmente, o projeto não pode ter continuidade.

A criação das cenas por meio do improviso dos adolescentes, tem relação com a ecosofia mental, sua subjetividade e sua imaginação. Com isso, a reinvenção da relação consigo mesmo, com o seu corpo, com o ambiente, seus pensamentos e com a vida. Os processos criativos na educação propiciam a reinvenção de si e das relações com o outro e com o ambiente.

A microintervenção transita no entrelugar, naquilo que existe e naquilo que está sendo criado, que está em vias de ser criado através do processo criativo, nas experimentações.

Um fato interessante é que no início de 2017, o Grupo de Teatro Interativo realizou uma apresentação *clownesca* para as crianças do maternal do CAIC. Foi um momento cheio de brincadeiras, mas o início foi tenso, porque não sabíamos como as crianças iriam reagir, se poderiam ficar com medo ou chorar. Mas, quando os *clown* entraram em cena logo veio as risadas e as crianças ficaram muito atentas e participativas. A intervenção com o *clown* transforma o ambiente num laboratório livre em que as crianças não são observadas para serem pesquisadas, mas o próprio pesquisador é criança também. Pesquisamos a criança a partir de nosso devir-criança, isso muda completamente a investigação do pesquisador em seu campo de implicação. Acessar o devir-criança para aprender com a criança e com as relações estabelecidas no território de intervenção (As Três Ecologias).

Acessar o *clown*, o devir-criança, é um desterritorializar-se ao fazer rizoma, descobrir-se criança, descobrir que é possível desenhar, pintar e dançar outras realidades, outros mundos. Quando algo novo é criado, entra em conflito com o que já existe. Pode ser incompreensível e, por isso, é preciso criar conceitos e novos entendimentos. É importante registrar esses novos conceitos não só com a linguagem escrita, mas utilizando a arte para criar novas linguagens, novos símbolos de compreensão e sensação do novo. Na reinvenção de si, da ecologia mental, acontece esse conflito do que somos e do que vamos criando de nós mesmos. Novas formas de ser e estar no mundo.

As instituições são planejadas para que o novo não se manifeste, visto que desestrutura a ordem e a organização dos padrões estáveis e seguros, próprios do seu funcionamento. E do funcionamento de um pensamento-raiz, linear.

Em uma entrevista com Gregório Baremblitt (https://www.youtube.com/watch?v=8FgLBsTwoJA), ele diz que temos um corpo multipotencial capaz de criar coisas inimagináveis, dependendo do dispositivo utilizado. A razão não explica tudo.

Aprendi nas oficinas de criatividade da disciplina As Três Ecologias de Félix Guattari que é preciso desautomatizar a nossa vida e expressar nossas múltiplas capacidades através de dispositivos artístico-pedagógicos, como o *clown*.



Figura 14: Passeio dos *clowns* na área externa do prédio da Psicologia/FURG. Maquiagem de Cleberson Milão (*clown* Linguinha). Ano: 2016. Acervo pessoal.

OS *CLOWNS* E O CACHORRO: Uma nova realidade se aparece quando coloquei o nariz e fomos em grupo andar pelos corredores do prédio da Psicologia-FURG, numa microintervenção do Grupo de Teatro Interativo, em 2016. Era o prédio, mas a sensação era de estar num lugar diferente, bem diferente daquele que transitava nos encontros do grupo toda a semana. A área externa também era diferente, na rua, encontramos um cachorro e, aos olhos do *clown* Raio de Sol, o cachorro ficou diferente, as plantas eram diferentes, quando as toquei, senti a textura diferente. Em minhas sensações, não tinha o pensamento “isso é uma

planta" ou "isso é um cachorro", "ou essa é a fulana ou fulano", em minha mente não tinha um nome para identificar tal ser, seja em relação a seu nome como pessoa ou sua espécie. Mas percebia que era diferente, mas o que mais fazia sentido para mim não era o que tinha de diferente, mas essa sensação de igualdade entre todos – percepção rizomática da realidade. Analisando essa experimentação, entendo o funcionamento da criação de territórios existenciais, de uma nova realidade, da proliferação de sentidos e percepções do rizoma.

A expressão humana envolve não só a linguagem verbal e escrita. Os processos criativos fazem emergir o inconsciente através de linguagens não-verbais. Nossa fala está presa a padrões sociais de aceitação e medo, por isso, nossa fala não expressa tudo aquilo que somos e que podemos ser, criar. Esta censura dificulta a expressão criativa.

Atitudes de autoritarismo e rigidez do pensamento raiz é opressivo porque gera o medo que paralisa e não abre espaço para o pensamento rizomático e sua multiplicidade de potências criativas. A estrutura de nossa sociedade fundamenta-se no autoritarismo, hierarquia e burocratização. Esses e outros aspectos acomodam os indivíduos e forçam o seu enquadramento, alinhamento com as normas sociais ou de determinados grupos ou instituições, que podemos chamar de grupo-objeto. Transformar essa estrutura de raiz no nível microssocial é o desafio das microintervenções ecosóficas - criar rizoma e não raiz, como ensina-nos Deleuze e Guattari.

É de suma importância o educador acreditar e desenvolver a capacidade criativa dos seus alunos, não somente no campo das artes, mas em todas as áreas do conhecimento.

Ao trabalhar com os dispositivos artísticos-pedagógicos das microintervenções, aprendemos a reinventar a nós mesmos, nossas relações e reinventarmos o ambiente. Com isso, temos uma atitude de protagonistas e não somente de espectadores dos acontecimentos. Esse fato gera uma força instituinte potente nos grupos. A falta de valorização e inclusão dos processos criativos nas práticas pedagógicas, estimula uma educação que não cria dispositivos transformadores da realidade, nesse caso, os educandos são formados para integrar-se à sociedade e seus modelos instituídos de exploração da natureza.

A ação criadora dá sentido à vida.

A lembrança da minha casa-pátio remete-se a brincadeiras, animais e plantas. A construção de casa na árvore, casa de tábua no chão, ao lado da árvore, com bancos de tijolos e tábuas. Mesmo na chuva usava essas casas, e fazia pontes com tábua em lugares mais alagados do pátio. E, dentro de casa, eu tinha uma barraquinha e minha irmã outra, onde colocávamos os brinquedos e inventávamos inúmeras histórias e aventuras.

Para entender o ECOmapa do rizoma no CAIC/FURG, tem um outro evento anterior as oficinas de teatro do GRUTI, um trabalho que realizei na época do mestrado com a Vania Paschoal, em que realizamos oficinas de desenho e diálogo com as crianças sobre suas brincadeiras em casa e no bairro. Após, fizemos uma caminhada com eles e as professoras no Bairro Castelo Branco (Rio Grande/RS), onde os estudantes tiraram fotos. E eu e Vania montamos um mural para exposição dessas fotos e desenhos das crianças no evento da Educação Ambiental - CPEASUL/EDEA, no ano de 2012, no espaço do CIDEC-SUL.

Ao assistir novamente os vídeos, emocionei-me ao ver as crianças e relembrar todo o processo e acolhida das professoras e de todos os funcionários do CAIC em colaborar com nosso trabalho.

Abaixo, estão os sites para assistir os vídeos:

- Exposição: *A Educação ambiental a partir das crianças: Imagens, lugares e proposições.*
Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=dxUVRnba3DY

- Processo para a exposição: *EA a partir das crianças: Imagens, lugares e proposições*:
Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=TEI57JoQq0M&list=UUBvpMSGCGF8w53bMLjrVVpQ

As microintervenções intensificam os rizomas de afeto, fraternidade, solidariedade, generosidade, respeito com a natureza, quando produzimos um campo de intervenção impregnado com esses valores. As pessoas que formam esses grupos, impregnam sua energia e seus valores no ambiente.

Refletindo sobre as microintervenções no CAIC, e tecendo a linhas do rizoma, em 2012 participei das oficinas e exposição de fotos das crianças. Em 2017, iniciamos as oficinas de teatro no CAIC com o GRUTI, culminando na produção do audiovisual *Mãe, eu tô grávida,* com o Grupo de Adolescentes do Posto de Saúde do CAIC. Esse percurso constitui o ECO mapa do rizoma das microintervenções ecosóficas no CAIC/FURG. Um rizoma repleto de linhas de afeto, colaboração, acolhimento, criatividade, trabalho colaborativo e saudades!!

No trabalho das microintervenções, é impossível realizar qualquer projeto de forma solitária, por isso, fazer a rede de colaboradores é fundamental. No caso do CAIC, a colaboração de todos permitiu nosso trabalho frutificar e rizomatizar. Sinto o território CAIC, um ambiente proliferador de rizomas amorosos, criativos, solidários e propulsores de

inovações das práticas pedagógicas no campo da Educação Ambiental.

O ECO mapa do rizoma: Cada uma das microintervenções ecosóficas são uma obra-viva, apresentam um desenho dançante da realidade, um desenho vivo, produzido e plasmado nos três registros ético-estéticos - ecologia mental, social e ambiental. A microintervenção ecosófica é um ato criador.

A microintervenção é um dispositivo artístico-pedagógico produtor de sentidos e sensibilizações através das artes (teatro, dança, vídeos, fotografias), enfim, ações experimentais, abertas ao improviso e as capacidades sensíveis e intuitivas, acionando nossa atenção ao estado presente, estar presente no aqui e no agora. O ato criador é a própria experimentação, a experimentação dessas linhas caóticas, que o experimentador artista vai conduzindo essas linhas a uma forma, a uma ordem, a uma criação, uma obra viva que destaca-se porque difere das normalizações e padronizações do que é aceito socialmente.

Como sentir o rizoma? Na experimentação percebemos o rizoma, sentimos a força e o potencial de transformação dos processos criativos. Em minha experimentação de pintura e dança expressei o rizoma, materializei o rizoma. Materializei nas pinturas a dança da criação da minha percepção de rizoma. Sentir e perceber o rizoma é muito singular de cada pessoa, um processo muito íntimo, de reinvenção de si. Com isso, aprendi a importância de recriar-se constantemente como educador ambiental, como professor, enfim, em todos os aspectos da sua vida.

Analisando a cartografia, percebemos as pistas do rizoma. As pistas não são resultados fixos, mas são elementos a serem conectados com outros elementos (pistas) e, a partir dessas relações, toma forma um sentido, um desenho móvel de uma compreensão do rizoma.

“Imanente à cartografia, temos o rizoma e por meio dele vamos conseguindo observar e, melhor dizendo, cartografar a multiplicidade, os agenciamentos, os devires e as potências que emergem na pesquisa” (AZEVEDO, p. 117, 2013).

Cláudio Tarouco de Azevedo (p. 118, 2013), sobre a educação ambiental biorrizomática diz: “Esse é um caminho em que as coisas, aparentemente desconectadas da pesquisa, podem brotar como diferentes forças inovadoras para a ciência. Porque é o olhar do pesquisador que tem que buscar a sensibilidade de perceber de maneira rizomática esse trajeto. Um olhar disponível para se surpreender com os aparentes acasos e com a possibilidade de ressignificar suas experiências.”

Problematizar nossas certezas é fundamental para descobrir o novo, ou melhor, produzir o novo. No diário de campo, encontrei uma anotação sobre as minhas percepções

sobre o corpo, na época, estava envolvida na microintervenção da horta comunitária.

> O corpo como uma escrita de si. Sem lápis, sem caneta, sem papel, sem uma combinação de letras e sons, sem as regras de uma gramática, sem a língua, sem a fonética. O corpo como linguagem universal, compreensível a todos, contando através de movimentos, gestos e sentimentos a sua história, a história de todos, a história do mundo e do universo. O corpo falando, gritando, gemendo, sorrindo, cantando, chorando, gesticulando, energizando, se expressando, transmutando, captando as energias do ambiente, de si e dos outros. O corpo artístico, político, místico, transcendental selvagem singular, único, múltiplo, plural. As palavras não alcançam toda a expressão da energia da natureza, talvez os grandes poetas atravessem esse portal… mas o corpo vai além, porque todos sentem, todos compreendem a energia dos sentimentos… sentir é uma linguagem universal, sem pátria, sem fronteiras, sem uma linguagem, sem um idioma. Essa perspectiva une as pessoas a essas energias, ao sentimento. (Anotação do diário de campo, maio ou junho de 2015)

Observei que todos os rascunhos escrevi a partir de 2013 e são frutos da disciplina As Três Ecologias de Félix Guattari I e II, nas aulas do prof. Alfredo Martín, que orientava os alunos a escreverem um diário de campo. Pessoalmente, minha sensação era de estranheza em ter um diário de campo, porque não me sentia à vontade de escrever sobre meus sentimentos, minhas incertezas, problemas, dúvidas, principalmente minhas angústias e aspectos da vida pessoal. Mas todos os ensinamentos do professor eram exatamente aquilo que eu tinha medo e não tinha vontade de fazer no diário de campo. Por isso, o meu diário de campo sempre foi um somatório de rabiscos, desenhos, palavras e frases desconexas, frases e textos em qualquer papel que estava em minha frente, não importava se já estava escrito ou rasgado ou tinha algo impresso. A maioria dos materiais que estão no Apêndice, fazem parte do meu diário de campo.

Analisando isso, percebo que os fragmentos expressam o medo da pesquisadora em expor seus medos, sua subjetividade e perceber suas debilidades e fraquezas. E não é somente medo de expor-se para outras pessoas mas, principalmente, para si mesma. Outra constatação foi de que as anotações mais fragmentadas, mais rabiscadas e cifradas eram as mais potentes e com mais elementos para a reflexão. Uma tentativa de organizar os fragmentos, uma tentativa de ir compreendendo o caos da experimentação de um pensamento que deseja ser rizomático, que experimenta o rizoma, a multiplicidade de percepções da natureza.

As tentativas de escrita do diário de campo foram a experimentação do pensamento expressa na linguagem escrita. Esses rascunhos parecem fragmentos - fragmentos de textos, de pensamentos, de desenhos, de pinturas, de percepções da realidade, fragmentos da própria tese e seu percurso rizomático de microintervenções ecosóficas.

5 TRANSCLUSÕES DE UM PERCURSO RIZOMÁTICO NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Como redigir uma conclusão numa tese rizomática?

Como cartografar a dança-desenho do rizoma em sua multiplicidade?

É um problema pensar na conclusão de uma tese que não finaliza nessas páginas e não encerra seu tempo com a finalização do doutorado.

Na pág. 47 desta tese escrevi:

> No momento desta escrita, percebo que a Apresentação e a Introdução da tese estão repletas de justificativas, e a intenção era de produzir uma mistura, um texto-amálgama, desfazendo as fronteiras entre os capítulos, em que na apresentação consta teoria, objetivos, metodologia, justificativa, problemática, análises, considerações, reflexões, etc. E os capítulos fossem uma indicação de certas ideias a serem explicitadas, até mesmo para o texto ser didático.

Em relação à conclusão, não está restrita somente neste capítulo, mas todo o texto está repleto de conclusões que se conectam às microintervenções ecosóficas, as reflexões e análises, constituindo o ECOmapa do rizoma.

O ECOmapa do rizoma corresponde a casa, é um gráfico que mostra o mapa móvel nas suas múltiplas relações, interpretações e explicações. Nesse momento de finalização da escrita da tese, apresento transconclusões de um percurso rizomático na Educação Ambiental, produzido através das microintervenções ecosóficas, e seu desenho-dança é intitulado de ECOmapa do rizoma. Para isso, teceremos interconexões entre as microintervenções ecosóficas para irmos compreendendo o desenvolvimento e proliferação desse rizoma, em que os dados produzidos na pesquisa são moventes, movidos e movimentados por afetos e valores.

Ao longo da pesquisa, principalmente na etapa final, algo foi fundamental para a compreensão e organização do pensamento para analisar esse emaranhado de dados produzidos na pesquisa: o estudo sobre os processos criativos. A partir daí, percebi a tese como uma obra de arte, mas considero mais apropriado o termo obra-viva. As microintervenções ecosóficas produziram subjetividades e criações, propiciando aos grupos e pessoas sentirem a força de reinvenção de si mesmos e das suas relações com os outros seres vivos e com o ambiente.

A tese como obra-viva é representada graficamente com o ECOmapa do rizoma. O

ECO é a casa, nossa casa comum, o planeta Terra e o cosmos, nossa casa habitação, nossa casa bairro, nossa casa cidade, casa país, etc. Problematizamos as fronteiras da casa, do ECO, assim como as fronteiras do conhecimento, a fragmentação dos saberes, a separação dos saberes científicos e populares. O rizoma mostra a interconexão dessas casas-ecos como uma grande casa comum em que estamos conectados, afetamos e somos afetados, mesmo que nossa mente crie sistemas hierarquizados, fragmentados, burocratizados e autoritários, estamos todos conectados em nossa *casa comum,* a natureza. Se vivemos numa realidade com diversas injustiças e problemas socioambientais, o que vamos criar em nossas práticas pedagógicas para mudar isso?

Esta tese aponta o caminho de que é necessário criar outras realidades de forma autogestionada, criativa, solidária e cooperativa. Ao criar outras realidades no processo de microintervenção, percebemos a multiplicidade de nossas capacidades humanas e todas são importantes em nossa vida, por isso, percebemos a evidência de que é falsa essa valorização da racionalidade. Nossa expressão criativa, nossa intuição, nossa imaginação e desejo pode criar outros mundos, fomentando nossa esperança (espera-ativa) de um mundo regido pelo amor, pelos valores ético-estéticos da solidariedade, fraternidade, cooperação e criatividade. Essa é a produção de obras-vivas que desejamos em nossas práticas e reflexões no campo da Educação Ambiental. Amor à vida!

Ao refletir sobre as linhas constituintes do ECOmapa do rizoma, quais realidades foram criadas pelos grupos nas microintervenções ecosóficas?

Grupo de Teatro Interativo: No espetáculo *Não sei se vou conseguir*, apresentado no final de 2019 no Teatro da CuidAtiva, produzi um vídeo com imagens filmadas na Marumbi, praia do Mar Grosso(São José do Norte/RS). Filmagens que estavam guardadas há 4 anos numa pasta em meu computador e, na produção do espetáculo, surgiu a oportunidade de fazer um vídeo que foi projetado no momento final do espetáculo. Nesse momento, surgiu a conexão do rizoma das filmagens da Marumbi em São José do Norte (ano de 2016) e o espetáculo *Não sei se vou conseguir* na Unidade CuidAtiva UFPel (ano de 2019). O Grupo de Teatro Interativo: pesquisa e intervenção socioambiental da FURG projetou seu rizoma para a Unidade CuidAtiva da UFPel, agora intitulado Grupo de Teatro Interativo: teatro e terapia. Na FURG, produzimos o filme *Mãe, eu tô grávida*[48] (2017) e, na CuidAtiva produzimos o espetáculo *Não sei se vou conseguir*[49] (2019), o vídeo *Mensagem do Guardião*[50] (2020) e o

[48] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=KDPhbb2X3l4&t=846s
[49] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=iU9GkwpoFBA
[50] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=beEKwAOFKGk&t=33s

vídeo-teatro *Chimarrão CuidAtivo*[51] (2020), nesse período de isolamento social na pandemia.

Analisando o ECOmapa do rizoma, compreendemos que as microintervenções ecosóficas são produtoras de obras-vivas em constante autoprodução ao longo do tempo, e os processos criativos potencializam o desenvolvimento das capacidades criativas, sensíveis e intuitivas. Tais capacidades são essenciais para a sensibilização ambiental nos processos educativos na área da Educação Ambiental.

O ECOmapa do rizoma mostra a produção de territórios existenciais e a consciência que temos a capacidade de criar novas percepções da realidade e reinventar a própria realidade, formando um novo desenho-dança, uma nova obra-viva da realidade. É a obra viva que se recria permanentemente, autopoieticamente.

Para descrever e analisar o rizoma é preciso desenhar a dança dos fluxos da vida em suas múltiplas conexões. Desenhar a dança não somente no papel, mas desenhar a dança no corpo, na mente, na terra, na água, no ar, no ambiente em suas múltiplas dimensões. Redesenhar a nossa própria vida e sua teia de relações.

Nesta tese, a multiplicidade do rizoma é compreendida na perspectiva dessas linhas atravessarem os espessos muros da insensibilidade, do preconceito, da fragmentação dos saberes, egoísmo, disputa pelo poder a qualquer preço, autoritarismo, violência e vaidade. É relevante ressaltar que as microintervenções não são boas nem más, a atitude do pesquisador e seus valores no campo de intervenção é que criam, coletivamente com os grupos, os objetivos a serem alcançadas. Caso a intenção do pesquisador seja gerar conflitos, confusões, e discórdias, suas microintervenções não serão ecosóficas, e sim, egóicas – egocentradas.

As microintervenções ecosóficas são um dispositivo acionador da proliferação de rizomas. A obra-viva é a produção criativa de si e das relações com o outro e com o ambiente na produção de conhecimentos e sensibilidades através da reinvenção de si e das relações com os outros seres vivos e o ambiente.

As microintervenções ecosóficas continuam desenhando o ECOmapa do rizoma, mesmo após o término do doutorado, com a continuidade dos projetos que realizo no Grupo de Teatro Interativo (como voluntária e facilitadora das oficinas de teatro na CuidAtiva/UFPel), no projeto aprovado pelo Procultura/Pelotas *Paisagens Culturais: Mapa visual das águas de Pelotas* e na construção da empresa CRIAR formação e desenvolvimento humano, atuando como Educadora Ambiental. A continuidade dessa pesquisa também será através da redação de artigos científicos, textos e produção de vídeos sobre o ECOmapa do

[51] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=XZyoXcOVJ18&t=49s

rizoma e as microintervenções ecosóficas.

O ECO mapa do rizoma exibe o desenho das microintervenções ecosóficas em que o pesquisador está implicado na pesquisa. As microintervenções mostram a pesquisa científica como a criação de uma obra viva, e o processo de reinvenção de si e das relações com o ambiente que tal pesquisa provoca na vida da pesquisadora e dos grupos envolvidos. Essa reinvenção se dá por meio de dispositivos que acionam forças instituintes e de produção de subjetividade - dispositivos artístico-pedagógicos. Tais métodos produzem novos territórios existenciais formados a partir da multiplicidade de linhas rizomáticos em direções aleatórias e imprevisíveis, mas guiadas pelos valores humanos do amor, solidariedade, cooperação e o cuidado de si, do outro e do ambiente movidos pela autogestão, criatividade e sensibilização ambiental. Mas não prevemos como as microintervenções irão afetar a vida dessas pessoas e como será a reinvenção dos ambientes e das relações, já que os conhecimentos são produzidos coletivamente e não impostos pelo educador.

Os grupos e pessoas são produtores da sua própria arte (obra viva). Cada pessoa não é objeto e nem espectador, e sim, um artista, um criador de realidades na sua vida e no mundo.

A seguir, algumas germinações da produção do ECOmapa do rizoma, e as interconexões nas microintervenções com teatro, dança, horta comunitária, em espaços educativos formais, como nas instituições de ensino, e não-formais, em ONG e na vizinhança. Pintura, desenho, imaginação, fotos, audiovisual, textos, criação coletiva, solidariedade, cooperação, vizinhança solidária, bem-estar, cuidado, natureza, arte, educação ambiental, sensibilização ambiental, valores humanos!

AMOR

É preciso amor para poder pulsar
É preciso paz para poder sorrir
É preciso a chuva para florir

Fragmento da música *Tocando em frente,* dos cantores e compositores
Almir Sater e Renato Teixeira












52










Teatro













Figuras 15: Microintervenções do GRUTI – Foto do Grupo de Adolescentes do Posto de Saúde do CAIC após a exibição do filme. E os cartazes do filme no CAIC/FURG e do espetáculo na CuidAtiva/UFPel



Placa confeccionada por voluntários da Casa do Caminho. Local: Casa do Caminho, Pelotas/RS. Acervo pessoal.

REFERÊNCIAS

AMABIS, José Mariano; MARTHO, Gilberto Rodrigues. *Biologia:* Biologia das Células. 2ª ed. Vol. 1. São Paulo: Moderna, 2004a.

_____. *Biologia:* Biologia dos Organismos. 2ª ed. Vol. 2. São Paulo: Moderna, 2004b.

_____. *Biologia:* Biologia das Populações. 2. ed. Vol. 3. São Paulo: Moderna, 2004c.

AMARAL, Augusto Luis M. *Teatralidade humana:* estudos sobre a relação corpo ambiente em um processo cartográfico na educação ambiental. Tese (Doutorado em Educação Ambiental) – Universidade Federal do Rio Grande/Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Rio Grande, 2013.

AMARAL, Augusto Luis Medeiros; GENTILI, Alfredo Guillermo Martin; AMARAL, Raquel Avila. Grupo como dispositivo: a microintervenção ecosófica nos processos de formação em educação ambiental. *Revista Educação e Pesquisa***,** São Paulo, vol. 44, págs. 1 - 18, março de 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022018000100438&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 23 ago. 2018.

AMORIM, Filipi; CALLONI, Humberto. Sobre o conceito de amorosidade em Paulo Freire. *Conjectura:* Filos. Educ., Caxias do Sul, v. 22, n. 2, p. 380-392, maio/ago. 2017. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/4807>. Acesso em 03 set. 2018.

ARTAUD, Antonin. *Van Gogh: O suicidado pela sociedade*. 2° ed. Editor: Robson Achiamé. Rio de Janeiro: Achiamé, s/d.

AVILA, Raquel Alves Pereira. *A Educação Ambiental no curso de Licenciatura em Educação do Campo:* uma análise à luz da Educação Ambiental Ecomunitarista e do Ecomunitarismo (o caso da turma 1 – UAB/UFPel, Pelotas/RS). Dissertação (mestrado em Educação Ambiental) – Universidade Federal do Rio Grande, Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Rio Grande/RS, 2014. 331f.

BARCELOS, Valdo; MADERS, Sandra. *Humberto Maturana e a Educação: educar no amor e na liberdade.* Santa Maria: Editora e Gráfica Caxias, 2016.

BAREMBLITT, Gregorio. *Compêndio de Análise Institucional e outras correntes:* teoria e prática. 6º ed. Belo Horizonte: Editora FGB/IFG, 2012.

AZEVEDO, Cláudio Tarouco de. *Por uma Educação Ambiental Biorrizomática: cartografando devires e clinamens através de processos de criação e poéticas audiovisuais.* Tese (doutorado em Educação Ambiental) – Universidade Federal do Rio Grande, Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Rio Grande, RS, 2013. 350f.

CALLONI, Humberto. Os sentidos da Interdisciplinaridade. Pelotas: Seiva, 2006.

CALLONI, Humberto (Org.). *Educação ambiental e complexidade:* ensaios - tomo 1. Porto

Alegre: Editora Fi, 2017. Disponível em <https://docs.wixstatic.com/ugd/48d206_7beb47b4e2644c7dabedd5b7b3630c27.pdf>. Acesso em 05/09/2018.

CAPRA, Fritjof. *A Teia da Vida:* uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Editora Cultrix – Amana Key. 1996.

COSTA, Luciano Bedin da. *Cartografia:* uma outra forma de pesquisar. *Revista Digital do LAV*, Santa Maria, vol. 7, n.2, p. 66-77, mai./ago, 2014.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs:* Capitalismo e Esquizofrenia. Vol.1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

ECO, Humberto. *Como se faz uma tese.* 14° edição. São Paulo: Editora Perspectiva. 1998.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido.* 50ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GUATTARI, Félix. *Que es la Ecosofia?* Textos presentados y agenciados por Stéphane Nadaud. 1º ed. Ciudad Autônoma de Buenos Aires: Cactus, 2015.

_____, Félix. *Caosmose:* um novo paradigma. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

_____, Félix. *As Três Ecologias.* Campinas: Papirus, 1990.

KASTRUP, Virgínia. *A invenção de si e do mundo.* Uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LAPASSADE, Georges. *Grupos, organizações e instituições.* Petrópolis: Vozes, 2016.

LOURAU, René. A análise institucional. 3º ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

MATURANA, Humberto; VERDEN-ZOLLER, Gerda. *Amar e Brincar:* fundamentos esquecidos do humano. São Pailo: Palas Athena, 2004.

MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo.* 4ª edição. Porto Alegre: Sulinas. 2011.

_____, Edgar. *O Método 5: A humanidade da humanidade*. 5ª edição. Porto Alegre: Sulina, 2012.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (Orgs). *Pistas do método da cartografia:* Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PAULINO, Wilson Roberto. *Biologia.* Vol. 2. 1ª ed. São Paulo: Ática, 2008.

RAVEN, Peter; EICHHORN, Susan E. *Biologia Vegetal.* 6ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001.

REIGOTA, Marcos. *O que é educação ambiental.* 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2009.

REIS, Telmo. *Doença de Parkinson: pacientes, familiares e cuidadores.* Porto Alegre: Palloti, 2004.

SALLES, Cecilia Almeida. *Gesto inacabado:* processo de criação artística. São Paulo: FAPESP : Annablume, 1998. 168 p.

_____. *Redes da criação: construção da obra de arte.* 2ª edição. São Paulo: Horizonte, 2006.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Um discurso sobre as ciências.* 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.

SHIVA, Vandana. *Monoculturas da mente:* perspectiva da biodiversidade e da biotecnologia. São Paulo: Gala, 2003.

VELASCO, Sirio Lopez. FILOSOFIA POLÍTICA HOJE: Democracia para além dos partidos? *Filosofazer.* Passo Fundo, ano XIV, n° 27, p. 73 a 83, 2005. Disponível em: <http://repositorio.furg.br/xmlui/bitstream/handle/1/1598/FILOSOFIA%20POL%C3%8DTICA%20HOJE.pdf?sequence=1>. Acesso em: 11 set. 2018.

VELASCO, Sirio Lopez. *Ética para o século XXI:* Rumo ao ecomunitarismo. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2005.

VELASCO, Sirio Lopez. *Introdução à Educação Ambiental Ecomunitarista.* Rio Grande: Ed. da FURG, 2008.

Sites:

Bobbie Carlyle e o homem que busca de si mesmo. Disponível em: <http://www.gilbertogodoy.com.br/ler-post/bobbie-carlyle-e-o-homem-que-busca-de-si-mesmo>. Acesso em 26 de fev. 2020 às 9h33.

Programa Clownice Debate. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xaEIzuildJs>. Acesso em: 10 fev 2020 às 18h30.

Eu quero Biologia. Disponível em: <http://www.euquerobiologia.com.br/2017/09/propagacao-vegetativa.html>. Acesso em 19/04/2018, às 14h.

Grupo de Teatro Interativo PPGEA FURG. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iCIPl-qFujM >. Acesso em 05 out. 2018 às 11h.

KRISHNAMURTI. *A educação e o significado da vida.* Editora Cultrix. Disponível em: <https://krishnamurtibox.files.wordpress.com/2015/09/a-educac3a7c3a3o-e-o-significado-da-vida-j-krishnamurti.pdf>. Acesso em 18/07/2019 às 17h.

Mãe, eu tô grávida. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KDPhbb2X3l4&t=847s>. Acesso em 22 abr 2019 às 9h30.

Mensagem do Guardião. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=beEKwAOFKGk&t=69s>.

Música Aquarela. Toquinho. Diponível em: https://www.letras.mus.br/toquinho/49095/. Acesso em 23/01/2020, às 14h30.

Normas acadêmicas. Disponível em: < https://issuu.com/cibelevasconcelosdziekaniak/docs/manual_de_normaliza____o_28-07-2014>. Acesso em 20/02/2020, às 11h45.

OFICINA DE CRIAÇÃO: experimentações estéticas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=A0WLeIX2rxU>. Acesso em 02 jan 2020 às 8h.

Roda de Chimarrão CuidAtiva. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XZyoXcOVJ18&t=52s>.

Vida. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rCrDlzUV6C0&t=3s>. Acesso em: 28 de julho 2019.






CASA DO CAMINHO



APÊNDICE 1 - PROJETO APRESENTADO PARA A SELEÇÃO DE DOUTORADO NO PPG EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL DA FURG, 2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

PROJETO DE TESE

RAQUEL ALVES PEREIRA AVILA

EDUCAÇÃO AMBIENTAL ECOMUNITARISTA. IMPLEMENTAÇÃO JUNTO À COMUNIDADE SANTO ANTÔNIO (VILA GOTUZZO), BAIRRO FRAGATA, PELOTAS/RS

PROVÁVEL ORIENTADOR: SIRIO LOPEZ VELASCO

OUTUBRO, 2015

1. TEMÁTICA

O projeto está alicerçado em experiências que possibilitam uma formulação propositiva referente a importância e a viabilidade da prática Ecomunitarista da Educação Ambiental, junto à Comunidade Santo Antônio, na Vila Gotuzzo no Bairro Fragata, em Pelotas/RS. A pesquisa tem como tema a implementação da proposta da Educação Ambiental Ecomunitarista, junto à comunidade Santo Antônio, que faz parte da rede de comunidades "Casa do Caminho". O trabalho da Casa do Caminho é desenvolvido desde 1998 na cidade de Pelotas e algumas localidades da zona rural. A Casa do Caminho (https://www.youtube.com/watch?v=FgVLxvXk3-U), é uma ONG (Organização Não Governamental), vinculada à Pastoral Ecumênica de Saúde Popular e coordenada pela Irmã Assunta Marcolina Tacca. São oferecidas terapias alternativas, tais como: homeopatias (com a produção de homeopáticos), massagem, reiki, acupuntura e atendimento psicossocial. Também há cursos de massoterapia, homeopatia, fitoterapia, produção de queijo, dentre outros. Em muitas comunidades há o plantio agroecológico de plantas medicinais (para a fabricação das homeopatias) e de frutas, legumes e verduras. O trabalho voluntário garante o funcionamento da casa e permite o atendimento gratuito às camadas mais pobres em Pelotas e algumas localidades da zona rural, como a Coxilha dos Campos, em Canguçu e a colônia Maciel, na região rural de Pelotas. Além de descrever resultados, o trabalho permitirá uma interpretação e enunciação teórica, visando o aprofundamento e a compreensão do tema abordado. O mesmo visa a prática das propostas da Educação Ambiental Ecomunitarista, integrando saberes populares e científicos através do diálogo, pesquisa e intervenção em conjunto com a comunidade e, dessa forma, promovendo um desenvolvimento sustentável em concordância com as demandas, desejos e necessidades da população local. Ultimamente, têm surgido várias obras sobre educação ambiental. Entretanto, o atual estudo não quer apenas expor comentários, mas suprir lacunas através de uma prospecção que viabilize a tese que será formulada com base na práxis e nas fontes referenciais do tema. Nesse sentido, a importância e a viabilidade da implantação da Educação Ambiental Ecomunitarista estarão justificadas na comunidade enfocada. No trabalho voluntário junto à Casa do Caminho, que é um espaço promotor de práticas alternativas ao sistema vigente e que valoriza os saberes da natureza, percebemos a aproximação com a filosofia ecomunitarista, por isso, presenciamos na prática muitos conceitos que existem na teoria, além de outros que são inerentes aos eventos e fluxos dos acontecimentos. A motivação para essa pesquisa também advém dos estudos sobre o ecomunitarismo na minha dissertação, das concepções sobre a educação ambiental

ecomunitarista formuladas pelo professor Sírio Lopez Velasco e a pedagogia do oprimido de Paulo Freire, cujos ensinamentos estimulam a criação de propostas político-pedagógicas alternativas ao capitalismo, privilegiando o trabalho social comunitário junto às camadas mais pobres da sociedade, problematizando as situações de injustiça e dos problemas socioambientais, no sentido de promover ações coletivas para a transformação e/ou minimização dos problemas. Para isso, também utilizar-se-á como um instrumento artístico-pedagógico, o Teatro do Oprimido de Augusto Boal. A metodologia utilizada será a pesquisa-ação na área da Educação Ambiental. De acordo com o orientador no doutorado, dispomo-nos a eventuais mudanças e contribuições para este projeto.

2. JUSTIFICATIVA

Inicialmente, apresento minha formação acadêmica e experiência profissional. Sou bacharel e licenciada em Ciências Biológicas pela UFPel, mestre em Educação Ambiental pela FURG, tenho experiência de 4 anos como professora estadual no Ensino Fundamental, Médio e EJA e atuo desde 2011 como tutora a distância do curso de Licenciatura em Educação do Campo UAB/UFPel. Participo do grupo TOCO (Teatro do Oprimido na Comunidade) da UFPel (blog do TOCO: http://tocoufpel.blogspot.com.br/) e sou membro da equipe pedagógica para a implantação da EFASUL - Escola Família Agrícola, em Canguçu/RS (mais informações no site: http://www.cangucu.rs.gov.br/site/noticia/visualizar/id/3463/?Video-Implantacao-da-EFA-Sul-marcara-passo-decisivo-na-reversao-do-exodo-rural.html). Sou voluntária da Casa do Caminho desde 2013, quando participei das atividades do plantio comunitário na paróquia São João Batista, no Bairro Areal, em 2014 atuei na horta da Casa do Caminho no bairro Três Vendas e, nesse ano, participo na horta comunitária da Comunidade Santo Antônio, na Vila Gotuzzo, Bairro Fragata. Também tive algumas participações no horta comunitária da Coxilha dos Campos, na zona rural de Canguçu. Os problemas socioambientais inerentes ao capitalismo estão presentes em todas as esferas sociais, gerando a fome, a miséria, as doenças e a contaminação ambiental pelo uso de agrotóxicos, dentre outros. Os moradores da cidade, principalmente da periferia, tem uma riqueza cultural que precisa ser valorizada e ser utilizada como recurso para novas formas de relações sociais e de produção, voltadas a uma perspectiva comunitária e afastando-se do capitalismo. O campo teórico da Educação Ambiental Ecomunitarista fundamenta-se na perspectiva de superação do capitalismo e, em muitos casos, a criação de alternativas autogestionadas, muitas vezes simples, baseadas numa

vizinhança solidária, integração de saberes regionais e científicos, rodas de conversa para a tomada de decisões em grupo de forma consensual, numa comunicação livre e simétrica. A Educação Ambiental, em muitos casos, está servindo para analisar e pontuar os problemas socioambientais das comunidades. Esse é um trabalho importante, mas também é fundamental a intervenção socioambiental em conjunto com a comunidade, no sentido de promover transformações para a resolução dessa situação. Estamos vivendo num mundo com graves problemas ambientais, que atingem diretamente nossa saúde física e mental, estamos sofrendo diariamente as consequências da falta de responsabilidade e sensibilidade para com o meio ambiente e com os seres humanos. Os medicamentos sintéticos causam sérios riscos ao ecossistema, geram resíduos perigosos ao ambiente, e predominantemente a alopatia é a mais recomendada pelos médicos. É claro que existem casos em que a única alternativa são os medicamentos sintéticos, mas muitos casos podem ser tratados com a homeopatia e uso de chás, é importante a valorização da cultura do campo e dos saberes populares sobre o uso das plantas medicinais, numa integração dos saberes científicos com os saberes culturais dessas regiões. Infelizmente, nas cidades e em muitas regiões rurais estão se perdendo essa cultura do uso da medicina natural, tendo em vista a facilidade de adquirir os medicamentos na farmácia, e os médicos terem estes como a única opção para o alívio e cura das doenças. É essencial que se observe as atividades cooperativas e solidárias, voltadas ao cuidado com as pessoas e o meio ambiente. Para que se possa descortinar um futuro melhor, não menos imperioso é tratar-se a alienação humana, que possui características epidêmicas na atualidade. Nesse sentido, a conscientização problematizadora deve levar à ação e é fundamental a tomada de decisões capazes de provocar as mudanças que se fazem necessárias. Esta pesquisa oportunizará o fortalecimento de iniciativas alternativas ao sistema capitalista, um tipo de ação transformadora, com criações coletivas e solidárias, que respeitem a natureza humana e não humana, promovendo a sustentabilidade social e ambiental de um dado ambiente. A motivação para a realização desta pesquisa é o desejo e a vontade de promover criações em conjunto com um grupo de pessoas, que sejam alternativas ao sistema capitalista, porque entendemos que a sustentabilidade dos ecossistemas e o bem-estar e saúde dos seres humanos e do mundo dependem de novas relações humanas e de uma outra lógica de produção, distribuição e consumo, aproximando-se de relações comunitárias, solidárias, que utilizem tecnologias sustentáveis e respeitem a cultura e saberes da região. A Casa do Caminho apresenta esse perfil em sua essência. A agroecologia e as terapias alternativas presentes na Casa do Caminho representam uma relação de respeito do ser humano ao mundo, à terra, às

plantas, ao funcionamento dos ecossistemas, aos seres humanos, enfim, respeito à vida. Promovem a saúde humana e ambiental, com a produção de alimentos sem agrotóxicos e uma medicina natural, beneficiando a todos, principalmente as camadas mais pobres da sociedade. Mas necessita-se um fortalecimento e ampliação dessas ações, inclusive com novas ideias concebidas pelo grupo. Esse ano, em minha atuação como voluntária da Comunidade Santo Antônio, tomei a iniciativa de formar o grupo da horta comunitária, num terreno grande da comunidade com uma terra muito boa, que há algum tempo atrás, já tinha sido plantada. É muito gratificante realizar um trabalho comunitário, e estar junto com a Irmã Assunta é um aprendizado constante. É louvável a sua força e persistência ante as dificuldades, e seu amor e dedicação para com os doentes e os pobres. Muitas pessoas chegam nos locais de atendimento chorando, doentes, com problemas gravíssimos e histórias de vida com sofrimentos terríveis, e depois da consulta e tratamento, sentem-se acolhidas, aliviam suas dores e ficam mais felizes. O que presenciamos na Casa do Caminho não tem preço que pague, é muito lindo e emocionante estar nesse lugar de cura, de amor, de acolhimento, alívio das enfermidades e cuidado para com as pessoas. O estudo justifica-se também ante a necessidade de propostas de educação ambiental, principalmente em comunidades carentes, visando a promoção de práticas educativas voltadas à sensibilização da coletividade sobre as questões ambientais e sobre temas ligados a saúde, agroecologia, organização e a participação social na defesa da qualidade de vida e do meio ambiente. Esse projeto propõe-se a fortalecer e implementar o trabalho de saúde comunitária e agroecologia na Comunidade Santo Antônio, tendo como fundamentação teórica a Educação Ambiental Ecomunitarista, em conjunto com as demandas da comunidade e de forma dialogada. A proposta surge da necessidade de projetos que ofereçam sustentação e continuidade às ações em curso. Justifica-se, ainda, ante a premência de consolidação dos conceitos de educação ambiental fundamentados na prática da reflexão e ação frente aos problemas socioambientais detectados. As iniciativas de ações em educação ambiental continuam a ser esporádicas, muitas sem a menor participação e apoio das instituições encarregadas da sua promoção, dificultando o trabalho dos educadores ambientais e a implantação de projetos que visem esses objetivos. Por isso, a conscientização significa o desvelamento crítico da realidade e a sua transformação, mediante práticas que permitam a preservação e a permanente regeneração da natureza não-humana e humana. A educação ambiental à luz do ecomunitarismo apresenta uma abordagem ética e política que contribui para a formação de sujeitos críticos e transformadores da sociedade (VELASCO, 2008). Diversas experiências nesta área têm colhido bons frutos e instigam novas incursões visando o

aprimoramento desses resultados. Exemplificativamente, pode-se citar o trabalho de Ecomunitarismo levado a efeito na Comunidade Ceval (FONTOURA, 2010 e CORRÊA DA SILVA, 2006), em que os moradores debaixo da ponte de Pelotas/Rio Grande, foram realocados para a propriedade de uma fábrica desativada, a Ceval, onde foram construídas casas, e houve o resgate da cidadania com a alfabetização de crianças e adultos, confecção de carteiras de identidade, instalação de uma cooperativa de reciclagem, dentre outras ações, através de um trabalho interdisciplinar com estudantes da UCPEL. Após o desenvolvimento do projeto, constatou-se que a totalidade das crianças encontrava-se estudando, circunstância que emprestou significativo valor ao trabalho. Também se verificou que a partir da educação disponibilizada, houve uma efetiva melhora nas condições de saúde das pessoas. A pesquisa-intervenção leva em consideração o diálogo com as pessoas, as necessidades apontadas por elas, e uma ação conjunta e dialogada para a proposição de alternativas para solucionar e/ou minimizar as situações detectadas. Na comunidade Santo Antônio, a qual é o foco desse projeto, estão sendo levadas a bom termo inúmeras experiências praticadas pelos voluntários, em nosso grupo da horta comunitária temos um agricultor, e aprendemos muito sobre o plantio. No grupo da horta comunitária vivenciamos o aprendizado através de relações de companheirismo e diálogo, já que conversamos e nos ajudamos, propiciando um aprendizado colaborativo e troca de saberes entre todos. E também fizemos uma articulação com a EMBRAPA Clima Temperado, e tivemos a colaboração de um pesquisador dessa entidade, que auxilia trabalhando e ensinando procedimentos de manejo do solo, no sentido de ter um bom desenvolvimento das plantas. Nesse momento, tivemos a integração de saberes técnicos com saberes populares, e nessa integração, um aprendizado colaborativo.

Em nossa dissertação de mestrado em Educação Ambiental, apresentada junto ao PPGEA/ FURG (Avila, 2014), observamos como resultado da pesquisa, que os participantes das cidades abrangidas pelos polos educacionais, enalteceram a importância de projetos ambientais que visem a relação teoria/prática e promovam a reflexão e ação no sentido de intervenções socioambientais. Ao mesmo tempo, os entrevistados revelaram uma importante consciência ecológica, baseada nas práticas extensionistas na comunidade, fato que corrobora a importância de uma prática comunitária da educação ambiental para a conscientização e as ações interventivas, no sentido de resolução ou minimização dos problemas detectados pelos estagiários. Este estudo contribuirá para o fomento de práticas de Educação Ambiental que privilegiem uma contextualização socioeconômica e cultural da realidade, promovendo mudanças por meio de ações de sensibilização e conscientização dos problemas ambientais

enfrentados pela comunidade, através de uma intervenção participativa, contextualizada, política e ética. O trabalho voluntário lida com outras formas de satisfação, outros valores que não estão ligados ao lucro. Os benefícios são de satisfação pessoal em estar num ambiente de cura e amor ao próximo, de estar em contato com a natureza, trabalhando com a terra, semeando e colhendo alimentos, de participar de um aprendizado colaborativo entre pessoas e também um aprendizado direto com a natureza, de estar cuidando e sendo cuidado na convivência com as pessoas e com o meio ambiente. Nesse aspecto, relaciona-se com o ecomunitarismo, de uma atitude de cooperação e solidariedade para o enfrentamento dos problemas socioambientais e, com isso, o desenvolvimento de valores humanos, tais como solidariedade, cooperação e amor ao próximo, fraternidade, que estão sendo suprimidos numa sociedade que valoriza a competitividade, o egoísmo e o lucro. O ecomunitarismo propõe que se organizem ações alternativas ao sistema capitalista, em que o cuidado e respeito pela vida e pelo mundo guiem os aspectos econômicos e sociais, numa perspectiva ecológica e solidária. Segundo Altieri (2004), a agroecologia integra os princípios agronômicos, ecológicos e socioeconômicos incluindo dimensões ecológicas, sociais e culturais. Ainda diz que a agricultura sustentável sustenta o enfoque agroecológico, é a manutenção da produtividade agrícola com o mínimo possível de impactos ambientais e com retorno financeiros adequado à meta de redução da pobreza, assim atendendo as necessidades sociais das populações rurais do continente.

Os recursos naturais são mantenedores e geradores da vida e precisam ser preservados. O uso de agrotóxicos na agricultura causa sérios problemas para o ecossistema e doenças nos agricultores e consumidores desses alimentos, principalmente o câncer está ligado a muitas substâncias presentes nos agrotóxicos. A agricultura com base na monocultura e uso de agrotóxicos servem a uma lógica capitalista de lucro unicamente, e sem preocupação com o bem estar humano e ambiental, por isso, a horta comunitária agroecológica nas redes de comunidade da Casa do Caminho, é uma alternativa para uma alimentação saudável e uma economia ecológica e solidária, com respeito ao ecossistema local e à saúde dos agricultores e consumidores. Futuramente, tem um grande potencial para ampliação dos participantes, tanto dos voluntários que moram na cidade, quanto de pessoas da própria comunidade, numa relação de vizinhança solidária para o plantio comunitário agroecológico, e atenta à melhoria da qualidade de vida na comunidade. Essa reunião de pessoas, a partir do plantio comunitário agroecológico, pode formar cooperativas e criar outras ações que se façam necessárias a sua comunidade, e resolver, pelo menos localmente, os problemas vivenciados. É claro que em

muitos casos, é necessário apelar às instâncias do poder público, para isso, é importante a construção de espaços sociais do grupo para o diálogo, a integração e formulação de proposições para serem levadas à prefeitura e outros órgãos do governo, reivindicando melhorias para a comunidade. A formação de um grupo dá força as ações e reivindicações.

A Casa do Caminho, com suas terapias alternativas, o uso de uma medicina natural, o plantio agroecológico e o trabalho voluntário, podem ser considerados aspectos referentes a ações alternativas ao sistema capitalista e que convergem com o ecomunitarismo. A humanidade sofre as consequências de uma sociedade que prioriza o lucro acima da vida. A medicina tradicional baseada em medicamentos alopáticos, muitas vezes utilizados como única forma de cura das doenças, não abre espaço para os saberes culturais, regionais, espiritualistas. Os medicamentos sintéticos causam sérios problemas ao ecossistema, geram resíduos perigosos ao meio ambiente e podem gerar dependência e até danos à saúde do usuário. A sociedade apregoa procedimentos ditos oficiais, dogmas que não podem ser contestados, fechando espaço para saberes milenares de povos do campo ou culturas tradicionais. A integração dos saberes científicos com os saberes culturais e regionais, numa perspectiva ecológica, seria mais interessante para nossa sociedade, não só na questão da medicina, mas em todas as esferas.

O ecomunitarismo indica caminhos e defende alternativas para o desenvolvimento de outras formas de coexistência, ecomunitárias, que envolvem o cuidado consigo, com o outro e com a natureza. Criar alternativas que visem a solidariedade entre as pessoas, o respeito pela natureza, seus componentes bióticos e abióticos, enfim, pelo planeta. Alternativas essas que não dependam de dinheiro, ou que dependam de muito pouco, alternativas que dependem principalmente da ação coletiva de pessoas, da colaboração voluntária de pessoas engajadas nessa perspectiva de desenvolver outras formas de convivência social. O trabalho da Casa do Caminho tem um papel muito relevante no atendimento de pessoas menos favorecidas economicamente, que não tem condições de comprar medicamentos e também de buscar um atendimento diferenciado, com base em produtos naturais. O uso da fitoterapia respeita o corpo e o meio ambiente, por não fazer uso de produtos sintéticos que agridem o meio ambiente. Vivemos num mundo de sintéticos, químicos, de avanços científicos que muitas vezes não levam em consideração uma ética ambiental, de cuidado e preservação da natureza, e isso ocorre em função do lucro.

O Ecomunitarismo é uma proposta de sociedade alternativa ao modelo capitalista, e se justifica na ideia de que o atual modelo econômico não resolverá os graves problemas

ambientais decorrentes da poluição e degradação crescente dos bens naturais, além da fome, miséria, guerras, dentre outras problemáticas sociais, inerentes ao enriquecimento de uma parcela mínima da população mundial. Por isso, propõe que se organizem ações, em que o cuidado e respeito pela vida e pelo mundo guiem os aspectos econômicos e sociais, numa perspectiva ecológica e solidária. E, mesmo que essas intervenções socioambientais possam parecer difusas e em pequena proporção em relação ao modelo hegemônico, atualmente muitas pessoas e grupos estão construindo sítios, ecovilas, ou seja, agrupamentos humanos e ações sociais comunitárias (que é o caso da Casa do Caminho), que tem um aspecto em comum, o desenvolvimento de modos de vida ecológico e solidário, voltados a uma integração com a natureza na busca de bem-estar para todos e, portanto, um caminho para vivermos num mundo ambientalmente mais saudável, uma alternativa para enfrentar os graves problemas socioambientais da atualidade, decorrentes da ganância do homem e destruição sem limites da natureza.

A atividade produtiva tem relação preponderante e condiciona as relações sociais, portanto, buscamos na prática da agroecologia um trabalho comunitário e voluntário, sem uso de agrotóxicos, numa atitude de respeito a saúde da natureza (humana e não-humana), a integração de pessoas do campo e da cidade, a reconciliação e aproximação das pessoas através de uma vizinhança solidária e, dessa forma, o desenvolvimento de novas relações sociais. O plantio orgânico de plantas medicinais nas comunidades da Casa do Caminho contribui para a sustentabilidade na produção dos fitoterápicos e, no caso das frutas, verduras e legumes, para o consumo de alimentos saudáveis. Ou seja, o plantio está intimamente relacionado com a promoção da saúde humana e ambiental, bem como uma atitude de solidariedade, já que essas plantas servirão para o tratamento homeopático e demais terapias alternativas de pessoas, muitas delas das camadas mais pobres da sociedade (AVILA et al, 2014).

Nossa intenção é levar a horta comunitária para a casa das pessoas, para as escolas, praças, terrenos de outras comunidades, com o objetivo de tratar da autonomia alimentar, alimentação saudável, economia ecológica e solidária, trabalho comunitário com a vizinhança, e utilizar como instrumento artístico-pedagógico o Teatro do Oprimido. E fazer uma parceria com as escolas e associações de bairro, para multiplicar as ações das hortas comunitárias.

A pesquisa da comunidade-pesquisadora apresenta relações com a Educação Ambiental Ecomunitarista, na sua prática de intervenção comunitária e relação com a aprendizagem, numa ação transformadora da realidade, de caráter educativo e colaborativo,

diálogo e trabalho conjunto com agricultores e pessoas da região, integrando conhecimentos técnicos com saberes populares. Realizamos ações coletivas que procuram lidar com as questões socioambientais detectadas.

3. QUESTÃO DE PESQUISA

Que acontecimentos a prática interventiva da pesquisadora juntamente com o grupo vão suscitar, no concernente aos pressupostos do Ecomunitarismo?

4. HIPÓTESE

Esse tipo de trabalho, em que a pesquisadora está analisando e atuando ativamente no processo, juntamente com o grupo, tem o potencial de complementar e fornecer novos horizontes a teoria ecomunitarista, com base nos eventos que irão ocorrer durante o processo da pesquisa. Entendemos que a formulação de uma tese nesse contexto, irá colaborar com o aprimoramento dos trabalhos e projetos realizados na Casa do Caminho.

5. OBJETIVOS

A partir do que já se conhece e a vista das perspectivas futuras, o projeto envolve os seguintes objetivos:

A partir do que já se conhece e a vista das perspectivas futuras, o projeto envolve os seguintes objetivos:

- Realizar uma pesquisa-ação, tendo como local, a Comunidade Santo Antônio, na vila Gotuzzo, bairro Fragata, Pelotas/RS:

- Fomentar a participação da comunidade na horta comunitária, com o intuito de planejar e desenvolver uma proposta de Educação Ambiental Ecomunitarista, de forma coletiva e dialogada com a comunidade;

- Realizar oficinas de Teatro do Oprimido com o grupo, especialmente a técnica do Teatro-fórum, juntamente com as rodas de conversa, para problematização, reivindicação, tomada de decisões, ações autogestionadas ou pedido à órgãos públicos;

- Utilizar a horta comunitária para incentivar as pessoas a terem horta em casa, principalmente aquelas em situação de vulnerabilidade alimentar; - Integrar as escolas do bairro, associações de bairro e outros grupos com o trabalho de saúde popular e horta comunitária agroecológica; - Promover a valorização da cultura local, do trabalho comunitário e do modo de viver em conúbio com a natureza. Nesse sentido, convidar agricultores,

professores, donas de casa e pessoas do bairro (ou de outros bairros) que tenham saberes sobre horta, para as rodas de conversa com o grupo e troca de saberes e experiências;

- Buscar parceria e apoio técnico da EMBRAPA Clima Temperado, através de seus projetos, tais como: Projeto quintais orgânicos da EMBRAPA, integrando os saberes populares com saberes técnico-científicos.

6. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A pesquisa será fundamentada na proposta do Ecomunitarismo, na área da Educação Ambiental. Segundo o autor: Ecomunitarismo é a ordem sócio-ambiental pós-capitalista na qual os seres humanos reconciliam-se entre si, para permitir e incentivar o desenvolvimento multifacetado de cada sujeito, e se reconciliam com o restante da natureza, mantendo em face a ela uma atitude permanente de preservação e regeneração (VELASCO, 2008). O ecomunitarismo talvez nunca seja atingível, mas é fundamental para apontar um caminho para mudanças. O sistema capitalista é responsável pelos problemas ambientais e sociais. Por isso, é necessário pensar um modelo pós-capitalista com ênfase na sustentabilidade, em que a educação ambiental contenha uma abordagem ética e política. Nesse cenário, surge a proposta do Ecomunitarismo, idealizada pelo Prof. Dr. Sirio Lopez Velasco (2008). Segundo Sachs, existe um imenso potencial para programas de autoconstrução assistida de moradias, melhoria das condições de vida nas favelas, saneamento, captação de água, construção de escolas, dentre outros, financiados por contribuições voluntárias em forma de trabalho gratuito. Ainda diz que “A ajuda mútua pode ser transformada numa poderosa alavanca do desenvolvimento” (Sachs, 2009, p. 97). O Ecomunitarismo, no plano pedagógico, propõe a superação da educação bancária pela educação problematizadora, em que os educadores e educandos tornam-se agentes do desvelamento crítico da realidade e de sua transformação, numa relação dialógica entre educador e educando (VELASCO, 2005). No pressuposto de Freire (1991), a educação é uma forma de intervenção no mundo, uma intervenção participativa, contextualizada, política e ética. Por isso, a necessidade de desenvolver práticas de Educação Ambiental que privilegiem uma contextualização socioeconômica e cultural da realidade. A Conferência de Tbilisi estabelece que a EA adote um enfoque global, com base interdisciplinar e reconheça a interdependência entre o meio natural e o meio artificial em seus aspectos econômico, político, social e ecológico (DIAS, 2004). A Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (RJ, 1992), conhecida como Rio-92, enfatizou que a EA deveria: reorientar a educação para o desenvolvimento sustentável e

compatibilizar objetivos sociais com os ambientais de preservação da vitalidade e diversidade do planeta. Um dos documentos mais significativos foi a Agenda 21, que apresenta um Plano de Ação para a sustentabilidade humana e reconhece a EA como um processo de promoção estratégico desse novo modelo de desenvolvimento (DIAS, 2004). A Lei Federal n°. 9.795, sancionada em 27 de abril de 1999, institui a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA). Essa Lei estabelece que todos possuem direito à educação ambiental, e, no seu Artigo 2.°, reza que "A educação ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não formal" (DIAS, 2004). A PNEA conceitua a Educação Ambiental não-formal no Artigo 13: "Entendem-se por educação ambiental não-formal as ações e práticas educativas voltadas à sensibilização da coletividade sobre as questões ambientais e à sua organização e participação na defesa da qualidade do meio ambiente". O Poder Público (níveis federal, estadual e municipal) incentivará: II – a ampla participação da escola, da universidade e de organizações não-governamentais na formulação e execução de programas e atividades vinculadas à educação ambiental não-formal (ProNEA, 2005). A **Constituição da República Federativa do Brasil,** promulgada em 1988, no capítulo VI, artigo 225, estabelece: "Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações"; para assegurar a efetividade desse direito, cabe ao Poder Público "promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente". Lopez Velasco, sobre a EA Ecomunitarista, diz que:

> Essa EA deve ocupar os espaços das ações de bairro, os movimentos sociais, os sindicatos, os partidos, os comunicadores engajados nessa causa e os líderes religiosos quando descobrirem que a "religião" consiste etimologicamente em re-ligar os seres humanos entre si e com o restante da natureza (Lopez Velasco, 2012, p. 157).

O homem está usando sua racionalidade para destruir, a si, aos seus semelhantes e à natureza. O ser humano não deve moldar-se à esse tipo de economia vigente no capitalismo e, sim, a economia é que deve servir para o bem de todos os seres humanos, de forma ecológica e solidária. Por isso, é necessário utilizar a criatividade, a solidariedade, a autonomia de pensamento e criação nas práticas educativas, nesse caso, de educação não-formal, e veremos o desabrochar das habilidades e capacidades da essência dos indivíduos.

> Aos protagonistas da liberação social cabe a tarefa de reforjar referências teóricas que iluminem uma via de saída possível para a história que atravessamos, a qual é mais aterradora do que nunca. Não somente as espécies desaparecem, mas também as palavras, as frases, os gestos de solidariedade humana. Tudo é feito no sentido de esmagar sob uma camada de silêncio as lutas de emancipação das mulheres e dos novos proletários que constituem os desempregados, os 'marginalizados', os imigrados (Guattari, 1998, p. 26).

A produção agroecológica tem relação com a economia ecológica e solidária proposta pelo Ecomunitarismo, porque respeita a saúde humana e ecológica quando não utiliza agrotóxicos e fertilizantes químicos, que contaminam o solo, a água e os alimentos, causando intoxicação dos agricultores e consumidores. Convém lembrar que os ciclos da natureza podem transportar essas substâncias tóxicas para outras propriedades, outras cidades e regiões mais distantes, aumentando o alcance da contaminação. O Ecomunitarismo compreende o trabalho na economia ecológica e solidária como um acordo consensual dos produtores livremente associados em que cada pessoa trabalha segundo suas capacidades e recebe segundo as suas necessidades particulares e familiares. É importante estreitar o trabalho ao desenvolvimento e a prática das vocações humanas, gerando felicidade e prazer. A economia ecológica pauta-se pela norma ecológica, tendo como princípios a preservação e regeneração da natureza, e com o uso de tecnologias ecologicamente sustentáveis. As necessidades humanas devem priorizar o consumo sustentável e as práticas agroecológicas (agricultura orgânica) apoiadas nos 3 R´s (reduzir, reutilizar e reciclar). A economia é solidária porque há o trabalho comunitário, em que cada pessoa trabalha segundo suas capacidades, e a divisão dos produtos do trabalho é feita segundo as suas necessidades. O dinheiro não é a moeda de troca, não gerando o lucro. Essa mudança de uma lógica capitalista para uma ecomunitária, gera mudanças nos valores humanos e nas relações sociais, ou seja, uma mudança na concepção econômica tenciona transformações em outras esferas, como a educação, e vice-versa. A EA Ecomunitarista apresenta vários aspectos, dentre eles, elencamos para análise aqueles mais condizentes com a educação não-formal: ação transformadora da realidade através de intervenções socioambientais; trabalho educativo, colaborativo e coletivo; dialogar com agricultores e outros trabalhadores e pessoas da região, integrando conhecimentos técnicos com o saberes regionais. Realizar ações coletivas para resolver, pelo menos parcialmente, as questões socioambientais detectadas. Essas questões tem relação com

práticas que desenvolvam o espírito de vivência ecomunitária e da transformação social.

O modo de produção da sociedade condiciona as relações sociais, portanto, as relações de trabalho estão interligadas à existência humana e a formação de seus valores e sua cultura. Marx e Engels dizem que:

> A maneira como os homens produzem os seus meios de existência depende, antes de qualquer coisa, da natureza dos meios de existência já encontrados e que eles precisam reproduzir. Não se deve considerar esse modo de produção sob esse único ponto de vista, ou seja, enquanto reprodução da existência física dos indivíduos. Ao contrário, ele representa, já, um modo determinado da atividade desses indivíduos, uma maneira determinada de manifestar sua vida, um modo de vida determinado. A maneira como os indivíduos manifestam sua vida reflete exatamente o que eles são. O que eles são coincide, pois, com sua produção, isto é, tanto com o que eles produzem quanto com a maneira como produzem. O que os indivíduos são, depende, portanto, das condições materiais da sua produção (MARX & ENGELS, 1998, p. 11).

Nos espaços formais e não-formais de educação é necessário planejar metodologias que priorizem os processos criativos e a pesquisa, investigação da realidade, dessa forma, é possível uma mudança de pensamentos e paradigmas para o desenvolvimento de outra formas de viver em sociedade, formas essas que contemplem a ecologia e tenham como prioridade a vida. Para efetivar e fazer-se possível as propostas ecomunitaristas, a Educação Ambiental Ecomunitarista deve combinar o ensino-aprendizagem com a ação comunitária, seja na sala de aula ou nos espaços não-formais de educação (VELASCO, 2008, p. 179). A ação humana é capaz de promover transformações nos padrões sociais vigentes, e no caso do plantio comunitário agroecológico, estamos nesse processo de ensino-aprendizagem coletivo, onde o ambiente educativo é a relação com a terra, com as plantas, as sementes, as pessoas... seja no sítio ou nos canteiros da horta na Casa do Caminho. E esse ambiente ramifica-se nas relações com outros espaços, seja na hora do almoço ou café, seja na conversa com outros voluntários e pessoas que buscam as terapias alternativas. Entendemos que a aprendizagem nesse espaço não-formal, se dá por meio do diálogo, da troca de saberes, do planejamento e ação conjuntas, do convívio, ou seja, tudo isso refere-se ao trabalho comunitário, aproximando as pessoas e formando relações de cuidado com o próximo e a natureza. O aprendizado do grupo compreende não só a relação entre os participantes, mas também a relação com a terra, com o ambiente. Nesse âmbito do aprendizado em grupo, conscientização e sensibilização ambiental, o Teatro do Oprimido é uma ferramenta artístico-pedagógica muito potente,

porque a pessoa utiliza como meio de expressão não só a fala, mas o corpo todo, com seus pensamentos e sentimentos, dessa forma, as emoções provocam com mais intensidade a sensibilização e a conscientização ambiental. O Teatro-fórum é uma das técnicas do Teatro do Oprimido, e apresenta um aspecto estético-político, Boal (2002) diz que ele é um ensaio para a vida, por meio do qual as pessoas experimentam possibilidades de atuação, reivindicação das opressões vividas ou testemunhadas no contexto social.

A produção agroecológica em seu aspecto de uma economia ecológica e solidária proposta pelo Ecomunitarismo, e o estabelecimento de uma vizinhança solidária e atenta à melhoria da qualidade de vida no bairro é uma tarefa de primeira importância na mudança das relações inter-humanas e entre os homens e o meio ambiente (LOPEZ VELASCO, 2005). Acreditamos no potencial de transformação social da agroecologia, em seu aspecto de uma economia solidária, num trabalho comunitário em que todos se beneficiam dos produtos e serviços, e ecológica porque causa menos problemas ambientais, já que diminui as áreas de desmatamentos e degradação do solo, não faz uso de agrotóxicos, há um cuidado com a saúde do agricultor e consumidor e não provoca a destruição dos mananciais hídricos e outros problemas ecológicos, constituindo-se em novas relações sociais e ambientais. Reigota (2004) cita que os problemas ambientais foram criados por homens e mulheres e deles virão as soluções. Estas não são obras de gênios, de políticos ou tecnocratas, mas sim de cidadãos e cidadãs. O caráter histórico e, portanto, mutável a partir da ação dos seres humanos, da interação ecossistêmica na relação recíproca entre os sujeitos e entre estes e o mundo é que poderá realizar a emergência de novas formas de organização social.

7. METODOLOGIA

A metodologia para o desenvolvimento deste projeto é a pesquisa-ação. Segundo Thiollent (1994), a pesquisa-ação é um processo de construção do conhecimento da realidade em que pesquisadores, pesquisados e demais pessoas envolvidas na investigação tem participação ativa no processo de tomada de decisões frente aos problemas enfrentados. A metodologia do presente projeto de pesquisa consiste em:

- Realizar mutirões de trabalho na horta;

- Organizar rodas de conversa, e convidar pessoas conhecedoras do tema em estudo, para dialogar “in loco” com o grupo, visando a integração dos conhecimentos técnicos e populares, para intervenções socioambientais;

- Articular palestras com pesquisadores da EMBRAPA e também o recebimento de

mudas de plantas, através do Projeto Quintais Orgânicos (http://www.projetoquintais.org.br/);

- Realizar oficinas do Teatro do Oprimido na comunidade e escolas do entorno, como instrumento artístico-pedagógico para a problematização das questões socioambientais suscitadas, no sentido da conscientização, sensibilização e transformação da situação. Para isso, fazer uso da técnica do Teatro-fórum;

- Promover a pesquisa coletiva do grupo. O pesquisador deve exercer o papel de auxiliar de planejamento, observação, elaboração de hipóteses, testes das mesmas e elaboração de resultados, numa atividade investigativa que visa à redescoberta, reconstrução dos conhecimentos mediante a reflexão dialogada;

- A partir do trabalho coletivo de diálogo, investigação e sistematização elaboradas pelo grupo, promover ações voltadas a informação e intervenção, autogestionadas, na busca de soluções para problemas socioambientais existentes comunidade, embasada na Educação Ambiental Ecomunitarista. Entendemos que esta pesquisa contribuirá com aspectos inovadores para a Educação Ambiental Ecomunitarista, já que a ação no campo da pesquisa irá amalgamar-se com a teoria, fazendo emergir elementos novos para a mesma;

- Nos casos em que a ação autogestionada do grupo não possa resolver, apelar às instâncias do poder público. Por isso, é importante a construção de espaços sociais do grupo para o diálogo, a integração e formulação de proposições para serem levadas à prefeitura e outros órgãos do governo, reivindicando melhorias para a comunidade. A formação de um grupo dá força as ações e reivindicações;

- Trabalhar a Educação Ambiental em consonância com o local, valorizando a cultura dessa região, com as características da localidade, utilizando saberes, costumes, e as próprias características do ambiente, para a busca de alternativas com base em tecnologias sustentáveis para a resolução das situações;

- Integrar os professores das escolas do entorno para vivências nesse local, realização de produções pedagógicas, artísticas e culturais, trabalho na horta, promovendo o conhecimento da produção das homeopatias e sua utilização, estudo e cultivo das plantas medicinais, realização de pesquisa descritiva e experimental pelos alunos, no sentido da transdisciplinaridade;

- Realizar uma avaliação constante do projeto, em conjunto com a comunidade.

8. REFERÊNCIAS

ALTIERI, M. *Agroecologia a dinâmica produtiva da agricultura sustentável*. 4° edição. Porto

Alegre: Ed. UFRGS, 2004.

AMARAL, A. L. M.; AVILA, R. A. P.; KARAM, L. de M. SOUZA, C. S. Plantio comunitário agroecológico: uma pesquisa-intervenção na rede de comunidades casa do caminho, Pelotas/RS. In: II Seminário Internacional de Educação do Campo e Fórum Regional do Centro e Sul do RS, 2014, Santa Maria. vol. 1 ***E-book.*** p. 177-193. Disponível em: <http://coral.ufsm.br/sifedoc/images/Anais.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2014.

AVILA, R. A. P. *A educação ambiental no curso de Licenciatura em Educação do Campo: uma análise à luz da educação ambiental ecomunitarista e do ecomunitarismo (o caso da turma 1 – UAB/UFPel, Pelotas/RS).* Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) – Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2014. Disponível em: < http://www.argo.furg.br/bdtd/0000010488.pdf> . Acesso em: 11 de nov. 2014.

BOAL, Augusto. *Jogos para atores e não-atores.* Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2002.

CONSTITUIÇÃO FEDERAL DO BRASIL, 1998, Capítulo VI – DO MEIO AMBIENTE, artigo 225, § 1° - VI.

CORRÊA DA SILVA, P. R. G. *A educação ambiental e o projeto ecomunitarismo na cidade de Pelotas-RS: uma análise qualitativa de resultados.* 2006. 177f. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) – Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Fundação Universidade do Rio Grande, Rio Grande, 2006.

DIAS, G. F. *Educação Ambiental: princípios e práticas.* 9ª. ed. São Paulo: Gaia, 2004.

EFASUL – Escola Família Agrícola. Disponível em: <http://www.cangucu.rs.gov.br/site/noticia/visualizar/id/3463/?Video-Implantacao-da-EFA-Sul-marcara-passo-decisivo-na-reversao-do-exodo-rural.html>. Acesso: 15/10/2105, às 9h01.

FONTOURA, J. L. da. *Ecomunitarismo e ação socioambiental Teoria e Prática num estudo de caso junto a comunidade São Gonçalo/Pelotas-RS-Brasil.* 2010. Tese (Doutorado em Educação Ambiental) - Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Fundação Universidade do Rio Grande, Rio Grande, 2010.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido.* 19ª. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1991. GUATTARI, Félix. *As Três Ecologias.* Campinas, SP: Papirus, 1998.

MARX, C.; ENGELS, F. *A Idelologia Alemã*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

O CAMINHO (vídeo). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FgVLxvXk3-U&feature=youtu.be>. Acesso em: 02/08/2014.

PROGRAMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL – ProNEA. 3ª. ed. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2005.

PROJETO QUINTAIS. Disponível em: http://www.projetoquintais.org.br/. Acesso em 15/10/2015, às 11h.

REIGOTA, M. *O que é Educação Ambiental.* São Paulo: Brasiliense, 1994.

ROGERS, C. Ranson; KINGET, G. Marian. *Psicoterapia & Relações Humanas: Teoria e prática da terapia não-diretiva.* Vol. 1. Belo Horizonte: Interlivros, 1977.

SACHS, I. *Caminhos para o desenvolvimento sustentável.* Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

TOCO – Teatro do Oprimido na Comunidade. Disponível em: <http://tocoufpel.blogspot.com.br/>. Acesso em 15/10/2015, às 9h10.

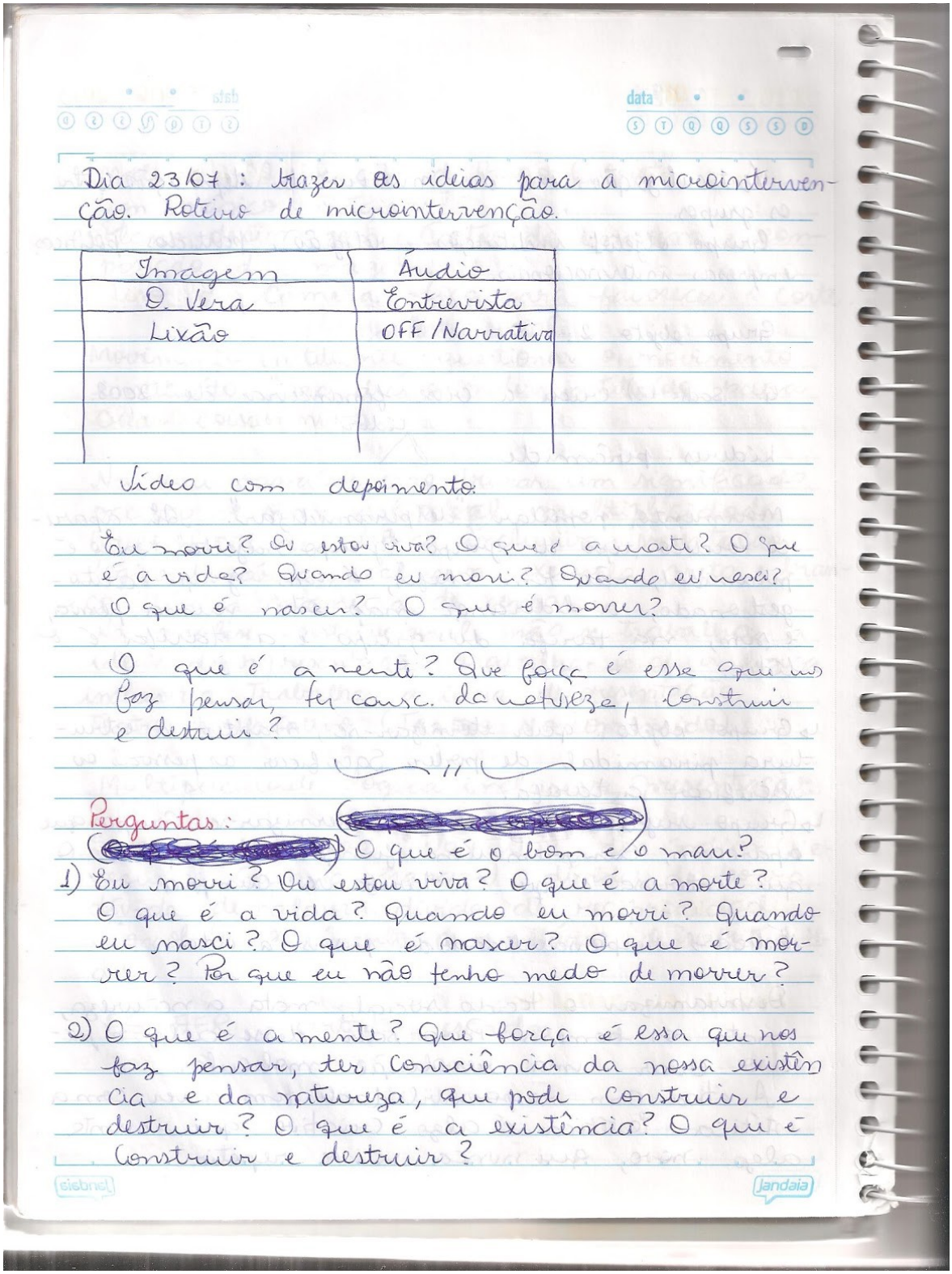
THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez – Autores Associados, 1998.

VELASCO, Sirio L.**.** *Ética para o século XXI: rumo ao ecomunitarismo.* São Leopoldo: Unisinos, 2005.

_____. *Introdução à Educação Ambiental Ecomunitarista.* Rio Grande: editora da FURG, 2008.

_____. *Ideias para o socialismo do século XXI com visão marxiana-ecomunitarista*. Rio Grande. Editora da FURG, 2012.

APÊNDICE 2 - CADERNO DA DISCIPLINA AS TRÊS ECOLOGIAS DE FÉLIX GUATTARI I : REFLEXÃO DA AUTORA SOBRE QUESTÕES QUE NÃO TEMOS RESPOSTA, 2013



Dia 23/07 : trazer as ideias para a microintervenção. Roteiro de microintervenção.

Imagem	Áudio
D. Vera	Entrevista
Lixão	OFF / Narrativa

Vídeo com depoimento

Eu morri? Ou estou viva? O que é a morte? O que é a vida? Quando eu morri? Quando eu nasci? O que é nascer? O que é morrer?

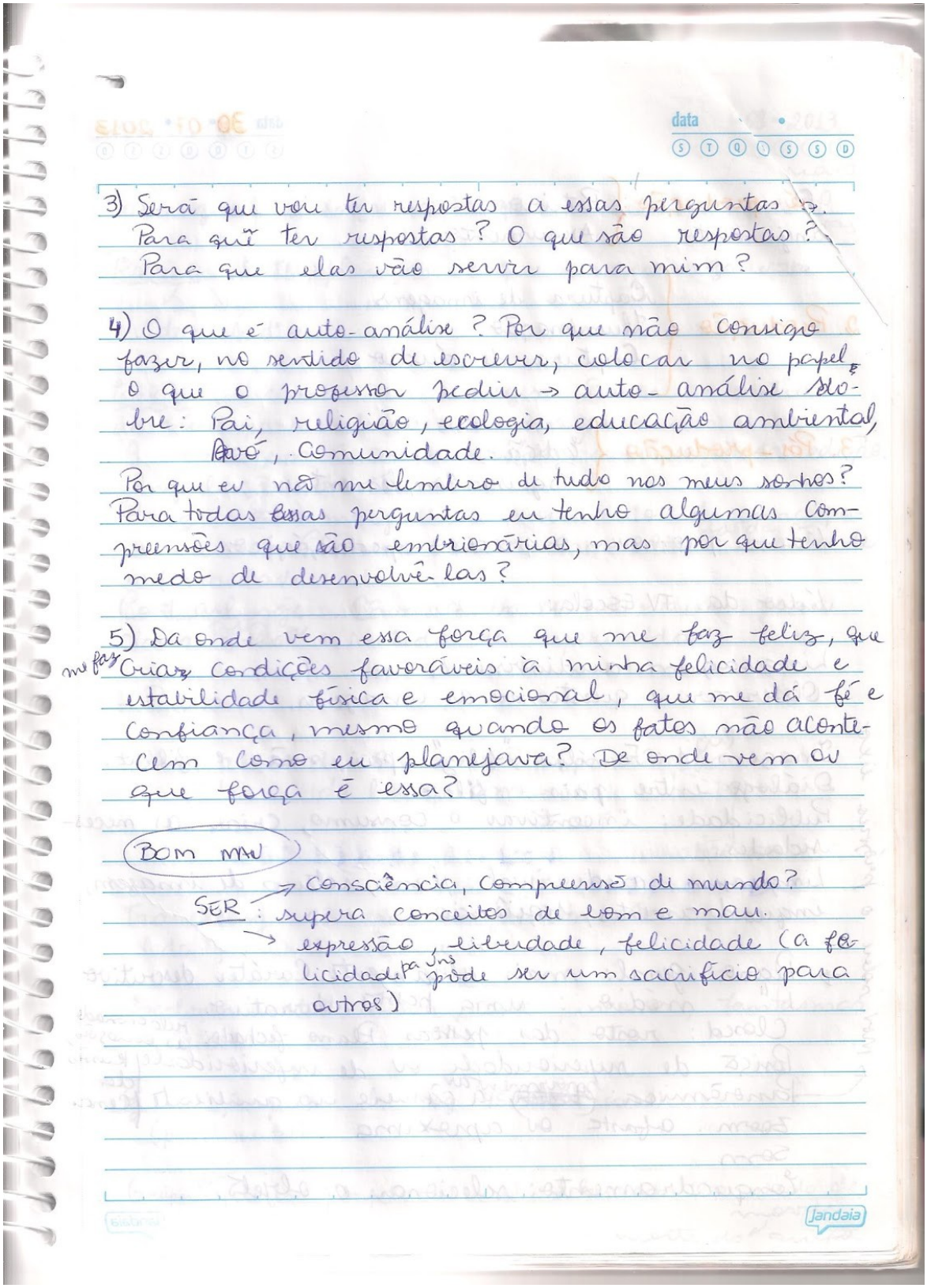
O que é a mente? Que força é essa que nos faz pensar, ter consc. da natureza, construir e destruir?

Perguntas:

O que é o bom e o mau?

1) Eu morri? Ou estou viva? O que é a morte? O que é a vida? Quando eu morri? Quando eu nasci? O que é nascer? O que é morrer? Por que eu não tenho medo de morrer?

2) O que é a mente? Que força é essa que nos faz pensar, ter consciência da nossa existência e da natureza, que pode construir e destruir? O que é a existência? O que é construir e destruir?



data

3) Será que vou ter respostas a essas perguntas →. Para quê ter respostas? O que são respostas? Para que elas vão servir para mim?

4) O que é auto-análise? Por que não consigo fazer, no sentido de escrever, colocar no papel, o que o professor pediu → auto-análise sobre: Pai, religião, ecologia, educação ambiental, ~~Avó~~, Comunidade.
Por que eu não me lembro de tudo nos meus sonhos? Para todas essas perguntas eu tenho algumas compreensões que são embrionárias, mas por que tenho medo de desenvolvê-las?

5) Da onde vem essa força que me ~~faz~~ feliz, que me faz Criar condições favoráveis à minha felicidade e estabilidade física e emocional, que me dá fé e confiança, mesmo quando os fatos não acontecem como eu planejava? De onde vem ou que força é essa?

BOM MAU

SER: → consciência, compreensão de mundo?
→ supera conceitos de bom e mau.
→ expressão, liberdade, felicidade (a felicidade pra uns pode ser um sacrifício para outros)

Jandaia

APÊNDICE 3 - DANÇA DAS CORES NO PAPEL 6
EXPERIMENTAÇÕES INTUITIVAS DE PINTURA , 2017. PRODUÇÃO DA AUTORA



APÊNDICE 4 - DANÇA DAS CORES NO PAPEL 7
EXPERIMENTAÇÕES INTUITIVAS DE PINTURA , 2017. PRODUÇÃO DA AUTORA



APÊNDICE 5 - DANÇA DAS CORES NO PAPEL 8
EXPERIMENTAÇÕES INTUITIVAS DE PINTURA , 2017. PRODUÇÃO DA AUTORA



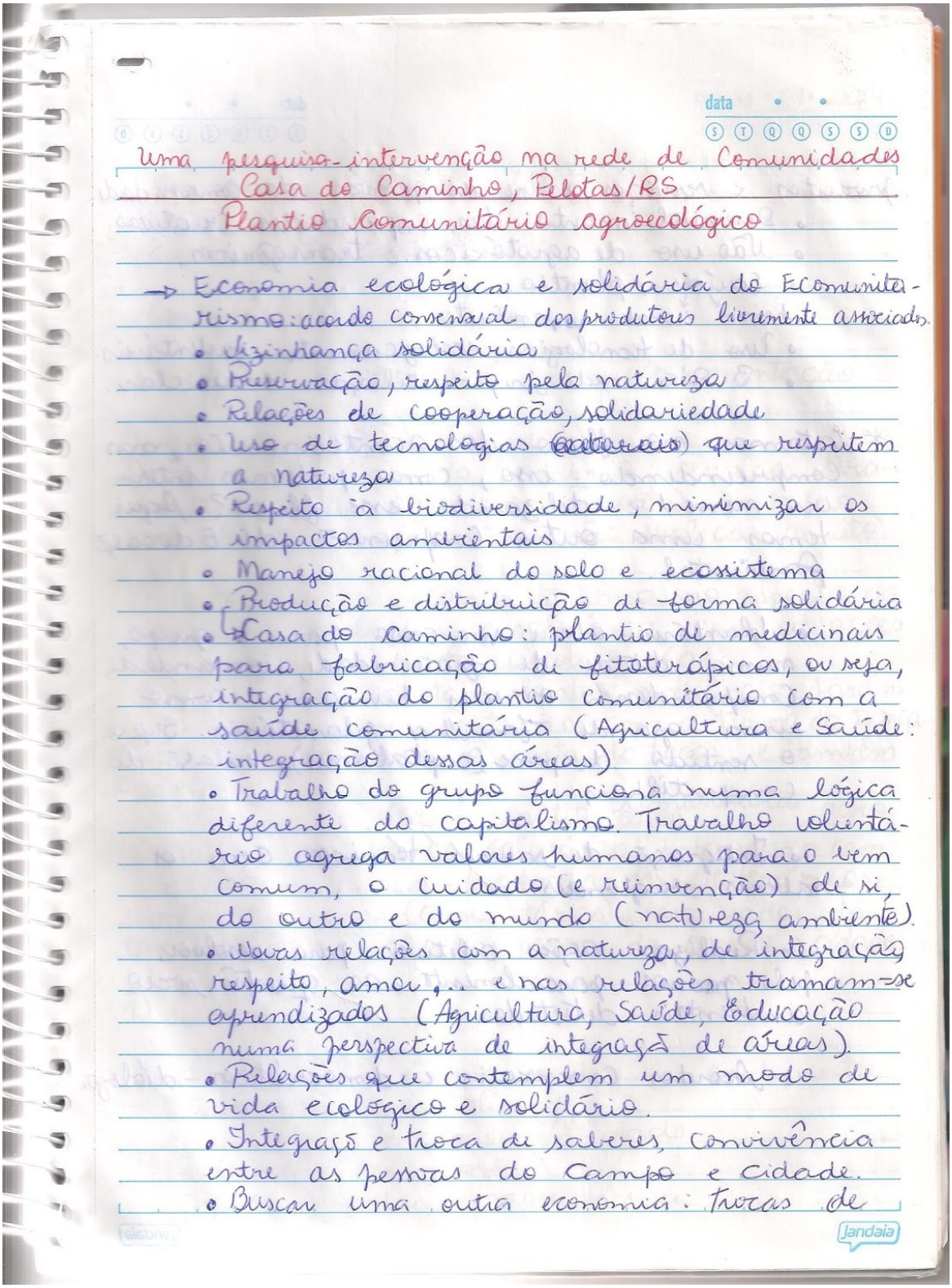
APÊNDICE 6 - DANÇA DAS CORES NO PAPEL 9
EXPERIMENTAÇÕES INTUITIVAS DE PINTURA , 2017. PRODUÇÃO DA AUTORA



APÊNDICE 7: DANÇA DAS CORES NO PAPEL 10
EXPERIMENTAÇÕES INTUITIVAS DE PINTURA , 2017. PRODUÇÃO DA AUTORA



APÊNDICE 8 – REFLEXÕES INICIAIS DO ECOMUNITARISMO E ECOSOFIA NOS ESTUDOS DAS MICROINTERVENÇÕES ECOSÓFICAS NA HORTA COMUNITÁRIA. PRODUÇÃO DA AUTORA

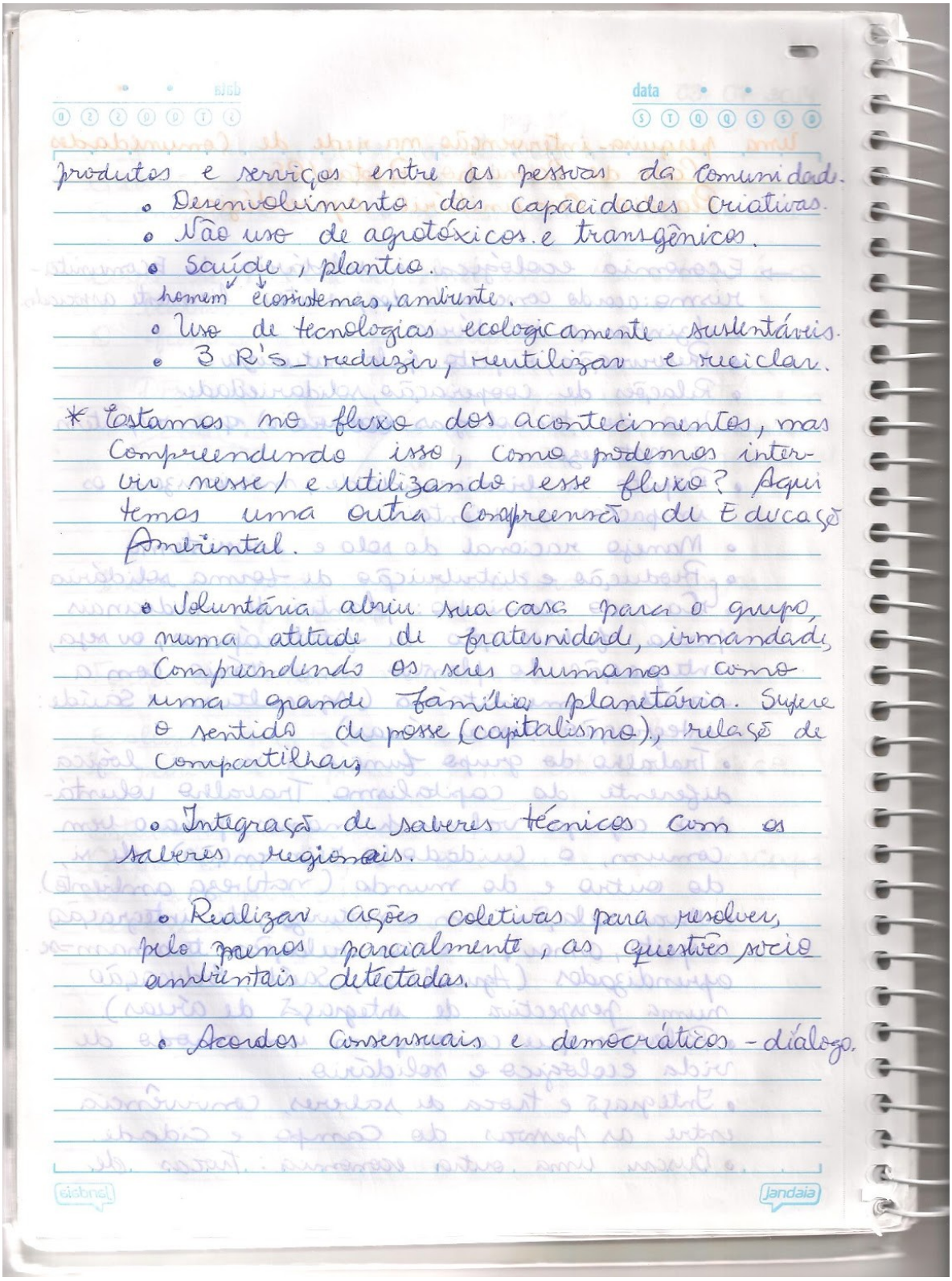


data

Uma pesquisa-intervenção na rede de Comunidades
Casa do Caminho, Pelotas/RS
Plantio Comunitário agroecológico

→ Economia ecológica e solidária do Ecomunitarismo: acordo consensual dos produtores livremente associados.
- Vizinhança solidária
- Preservação, respeito pela natureza
- Relações de cooperação, solidariedade
- Uso de tecnologias ~~alternativas~~ que respeitem a natureza
- Respeito à biodiversidade, minimizar os impactos ambientais
- Manejo racional do solo e ecossistema
- Produção e distribuição de forma solidária
- Casa do Caminho: plantio de medicinais para fabricação de fitoterápicos, ou seja, integração do plantio comunitário com a saúde comunitária (Agricultura e Saúde: integração dessas áreas)
- Trabalho do grupo funciona numa lógica diferente do capitalismo. Trabalho voluntário agrega valores humanos para o bem comum, o cuidado (e reinvenção) de si, do outro e do mundo (natureza, ambiente).
- Novas relações com a natureza, de integração, respeito, amor,... e nas relações tramam-se aprendizados (Agricultura, Saúde, Educação numa perspectiva de integração de áreas).
- Relações que contemplem um modo de vida ecológico e solidário.
- Integração e troca de saberes, convivência entre as pessoas do Campo e Cidade.
- Buscar uma outra economia: Trocas de

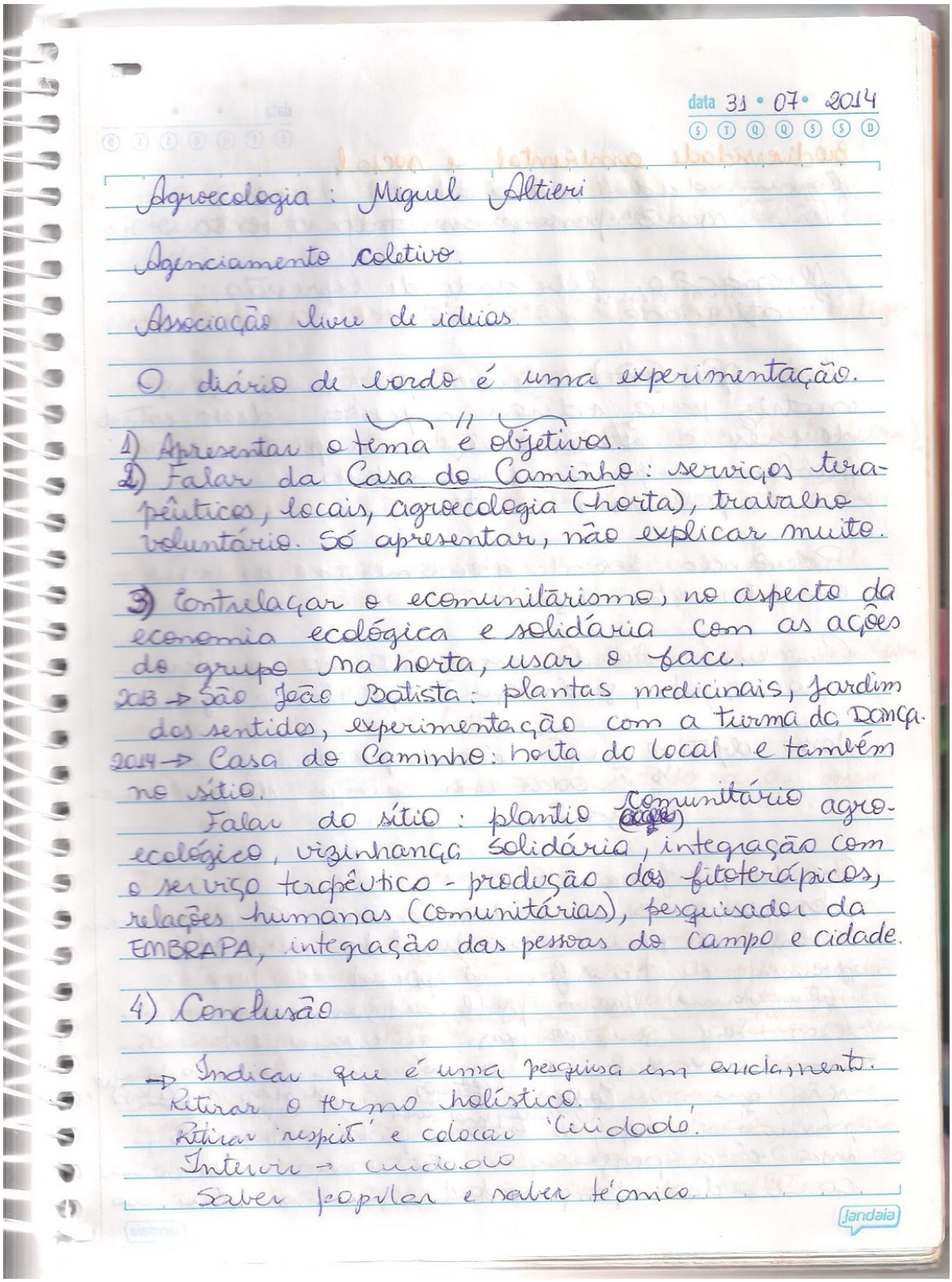
Jandaia



produtos e serviços entre as pessoas da comunidade.
- Desenvolvimento das capacidades criativas.
- Não uso de agrotóxicos e transgênicos.
- Saúde, plantio.
  homem ↔ ecossistemas, ambiente.
- Uso de tecnologias ecologicamente sustentáveis.
- 3 R's - reduzir, reutilizar e reciclar.

* Estamos no fluxo dos acontecimentos, mas compreendendo isso, como podemos intervir nesse / e utilizando esse fluxo? Aqui temos uma outra compreensão de Educação Ambiental.

- Voluntária abriu sua casa para o grupo, numa atitude de fraternidade, irmandade, compreendendo os seres humanos como uma grande família planetária. Supere o sentido de posse (capitalismo), relação de compartilhar;
- Integração de saberes técnicos com os saberes regionais.
- Realizar ações coletivas para resolver, pelo menos parcialmente, as questões sócio ambientais detectadas.
- Acordos consensuais e democráticos - diálogo.



data 31 • 07 • 2014

Agroecologia: Miguel Altieri

Agenciamento coletivo

Associação livre de idéias

O diário de bordo é uma experimentação.

1) Apresentar o tema e objetivos.
2) Falar da Casa do Caminho: serviços terapêuticos, locais, agroecologia (horta), trabalho voluntário. Só apresentar, não explicar muito.

3) Contextualizar o ecomunitarismo, no aspecto da economia ecológica e solidária com as ações do grupo na horta, usar o face.
2013 → São João Batista: plantas medicinais, jardim dos sentidos, experimentação com a turma da Dança.
2014 → Casa do Caminho: horta do local e também no sítio.

Falar do sítio: plantio comunitário agroecológico, vizinhança solidária, integração com o serviço terapêutico - produção dos fitoterápicos, relações humanas (comunitárias), pesquisador da EMBRAPA, integração das pessoas do campo e cidade.

4) Conclusão

→ Indicar que é uma pesquisa em andamento.
Retirar o termo holístico.
Retirar 'respeito' e colocar 'cuidado'.
Interior → cuidado
Saber popular e saber técnico.

APÊNDICE 9 – EXERCITANDO UMA ESCRITA CRIATIVA INSPIRADA NA COMPLEXIDADE (GRUPO DE ESTUDO *AS TRÊS ECOLOGIAS DE FÉLIX GUATTARI)*, 2013. PRODUÇÃO DA AUTORA.

Olá! Estou trabalhando agora e avaliando trabalhos dos alunos e dialogando com eles e pensei numa coisa referente à área da educação e que poderíamos fazer aqui nesse espaço... já que como tutora tenho limitações na minha atuação, quero poder extravasar minhas ideias e pensamentos e tudo o que eu penso, quero me sentir fora da prisão do mundo por alguns momentos, e que esse espaço me dê mais liberdade para pensar a educação e relacionar com a criação... Você me autoriza Augusto? Me dá essa liberdade para pensar os processos educativos e falar o que penso? Não sei se é loucura da minha parte, mas vamos lá... Como diz nossa amiga Iara - Coragem! Meu Deus, como a Iara com uma única palavra me fez pensar tantas coisas para meu trabalho e minhas investigações na área da educação! (pena que não dá para usar em todos os espaços, mas acho que aqui podemos conversar, plantar e frutificar nossas sementes e nossas loucuras...devaneios, hahaha). Porque precisamos somente escrever? Poderíamos desenhar e pintar e escanear e enviar aqui representando nossa compreensão do que estamos lendo e estudando, ou postar uma música e relacionar ao nosso entendimento da complexidade ou não explicar nada também, ou cantar e postar aqui, ou fazer uma poesia ou uma música (mesmo que seja tocando na caixinha de fósforo, hehehe, não tenho nenhum instrumento musical aqui em casa) e outras ideias que tenhamos e todos acharem legal, já que todos tem que se sentirem bem. Já que estou dando a ideia, vou iniciar... Hoje faz 40 anos da morte do poeta chileno Pablo Neruda. Quando eu era criança li o livro de Pablo Neruda "Antologia Poética", na verdade ainda sou criança, não deixei de ser criança, na minha mente e no meu corpo guardo minha criança, e como diz Morin, "as estruturas permanecem as mesmas, ainda que os constituintes sejam mutantes", não acredito que lembrei o nome do livro agora! Sou péssima em guardar nome de filme, livro, música... Lendo algumas coisas dele aqui no face percebi que duas poesias que li tem tudo a ver com Morin e o que escrevi ontem, que legal! Não sei se esses dois poemas que selecionei estão no livro que li quando era criança, mas eles representam muito bem a complexidade para mim. Em homenagem à primavera, abaixo escrevo uma frase do poeta que relacionei com o que li em Morin ontem (e foi a base de praticamente tudo que pensei para escrever o texto).

"As estruturas permanecem as mesmas, ainda que os constituintes sejam mutantes, assim acontece não apenas com o turbilhão, ou a chama da vela, mas com os organismos, onde nossas moléculas e nossas células renovam-se sem cessar, enquanto o conjunto permanece aparentemente estável e estacionário". Edgar Morin

Podes cortar todas as flores mas não podes impedir a Primavera de aparecer. Pablo Neruda

E um poema falando sobre a luz que comentei no primeiro texto:

Se cada dia cai

Se cada dia cai, dentro de cada noite,

Há um poço

Onde a claridade está presa.

Há que sentar-se na beira

Do poço da sombra

E pescar a luz caída

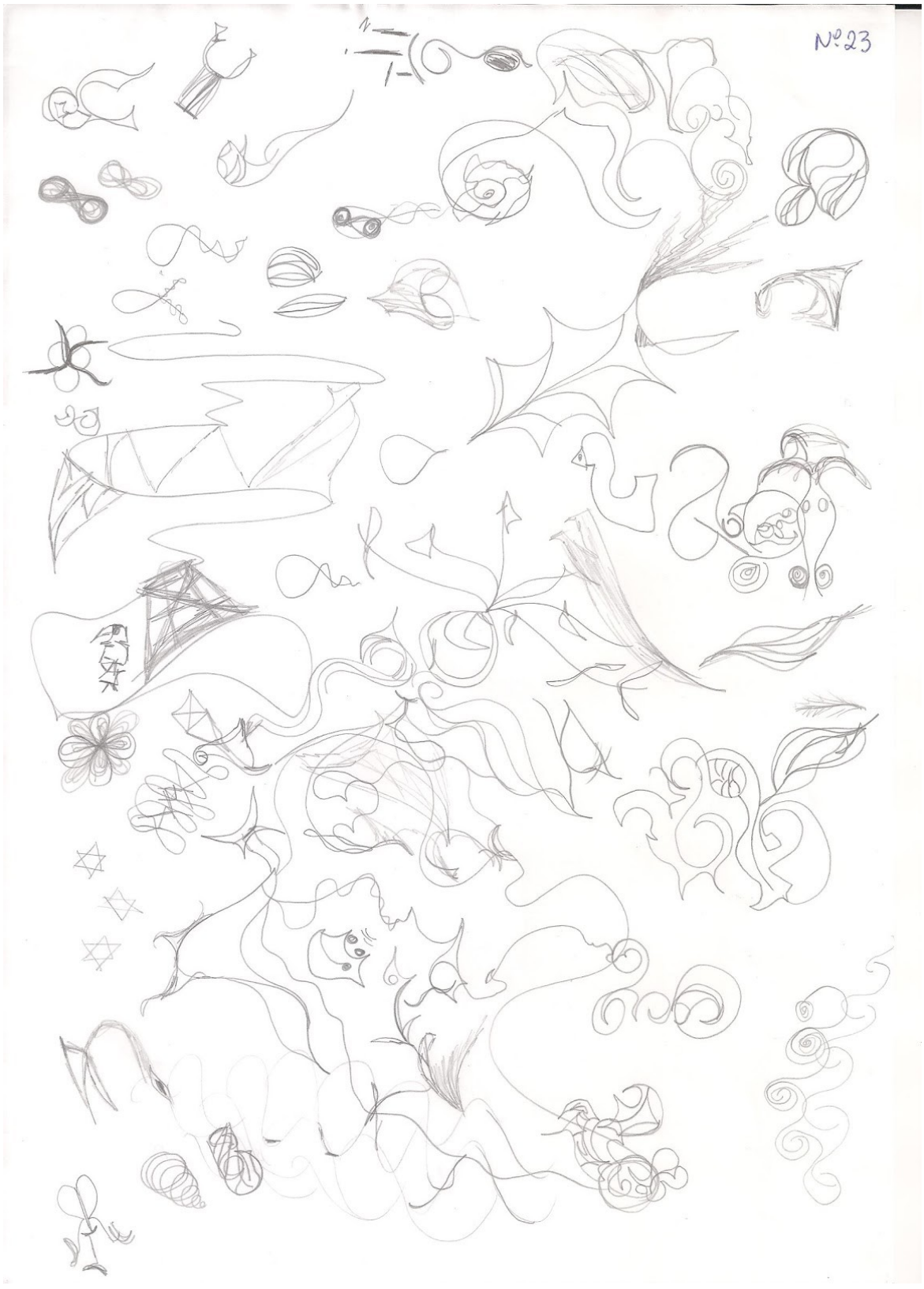
Com paciência.

Pablo Neruda
(Últimos Poemas)

Agora vou sair um pouco da arte e voltar pro mundo real, pro trabalho... Mas o que é mesmo o real??? ☺

Abração. Raquel

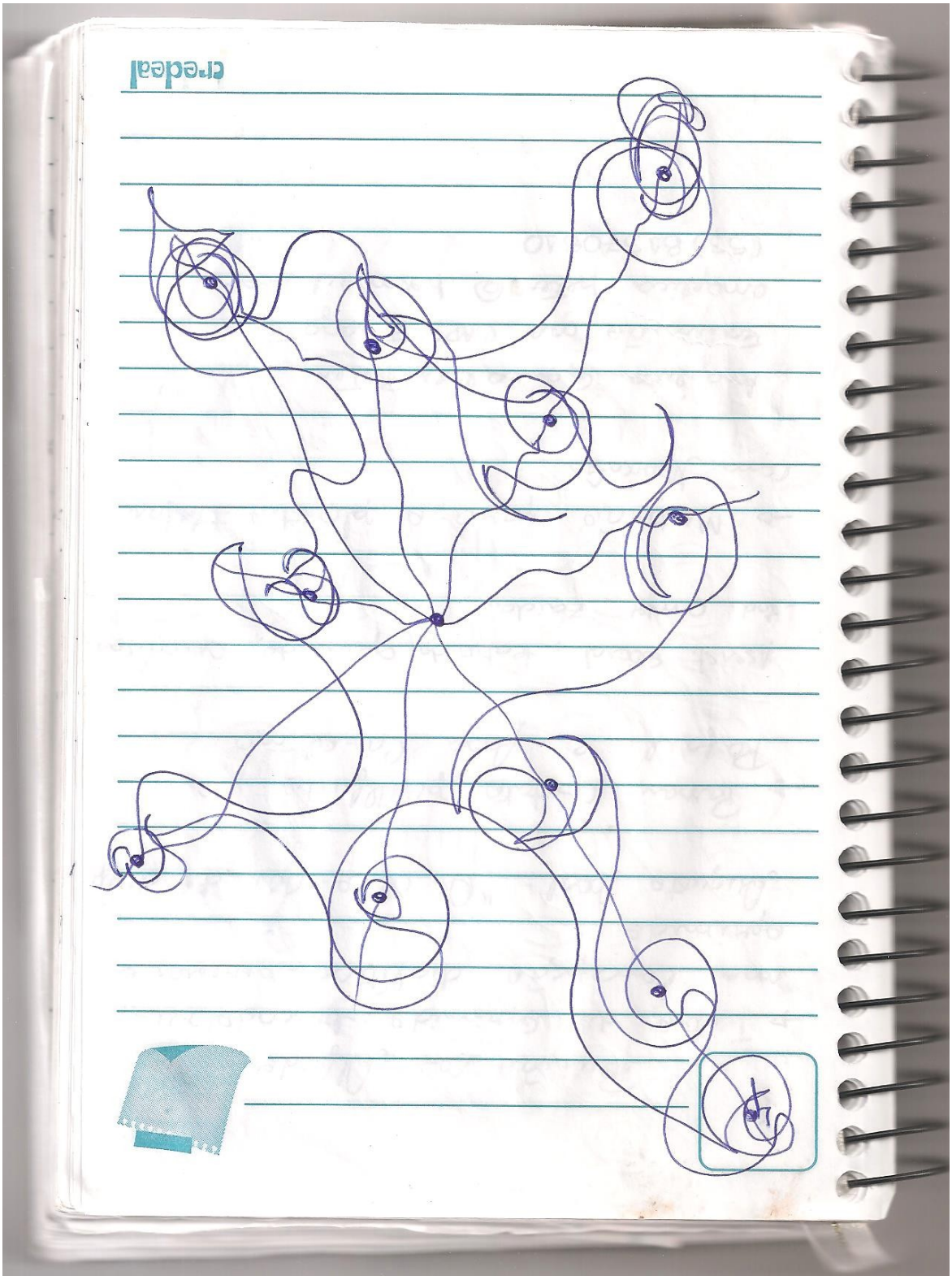
APÊNDICE 10 – DESENHOS LIVRES: RIZOMATIZANDO. PRODUÇÃO DA AUTORA



2015



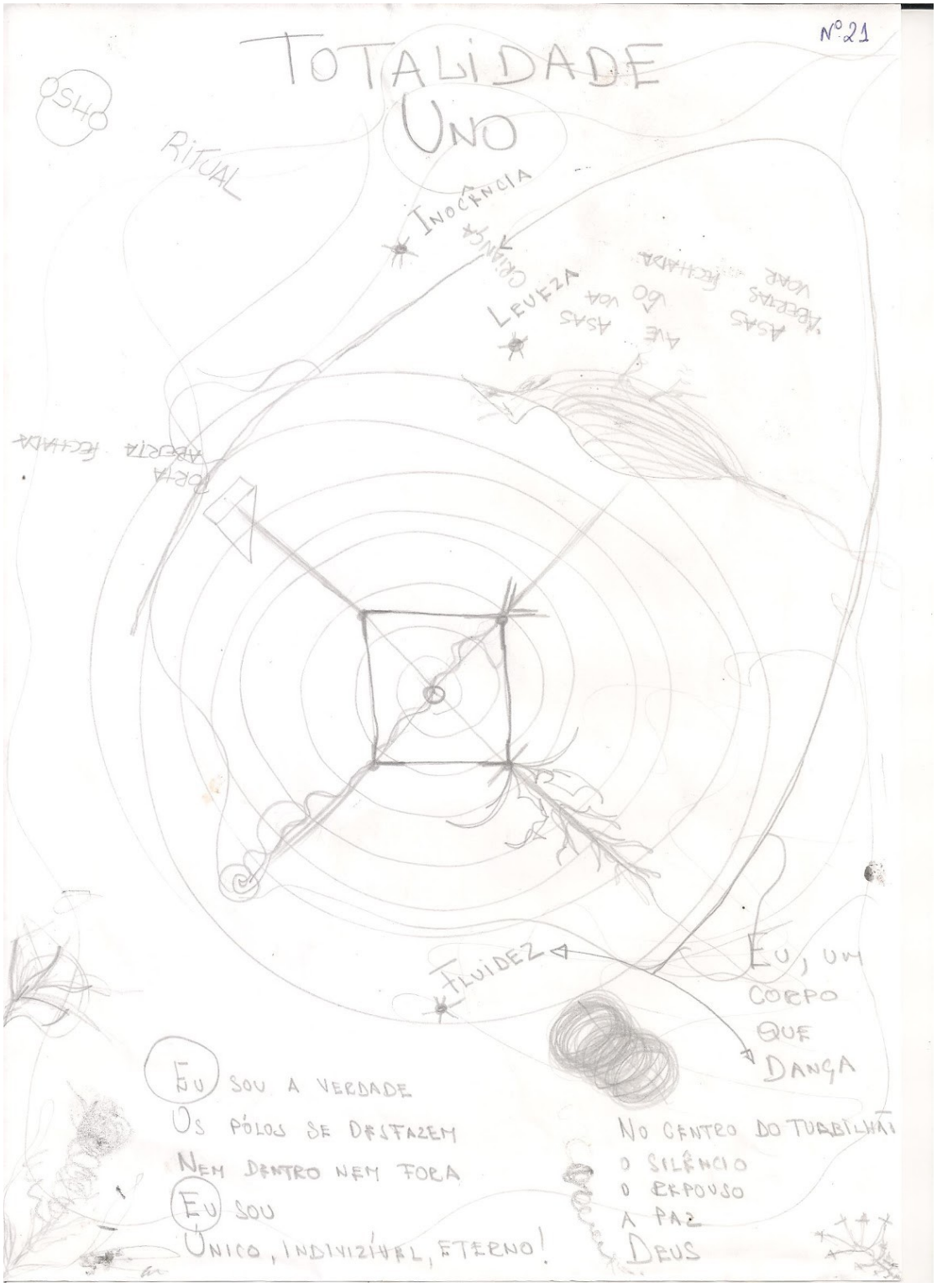
2015



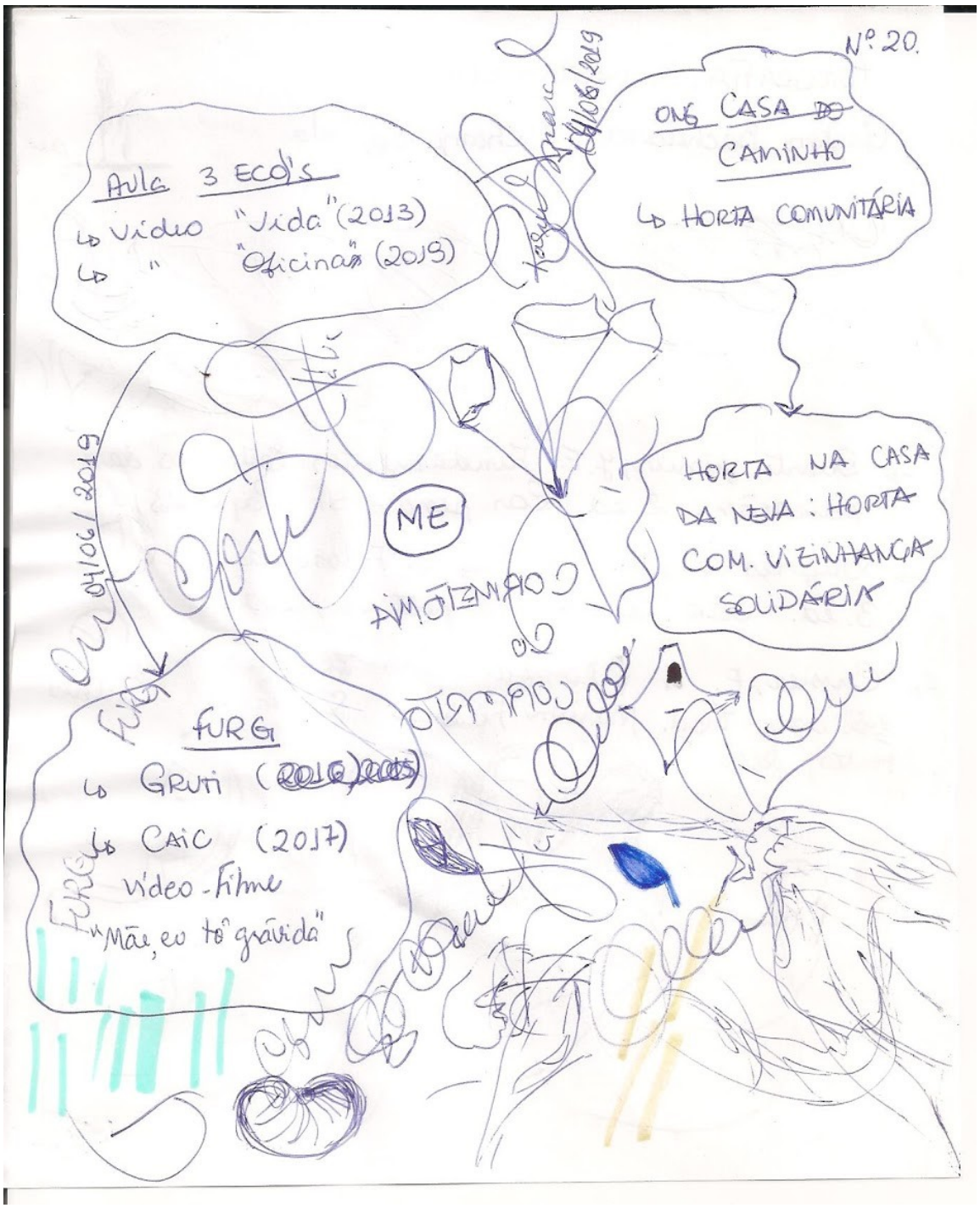
2015



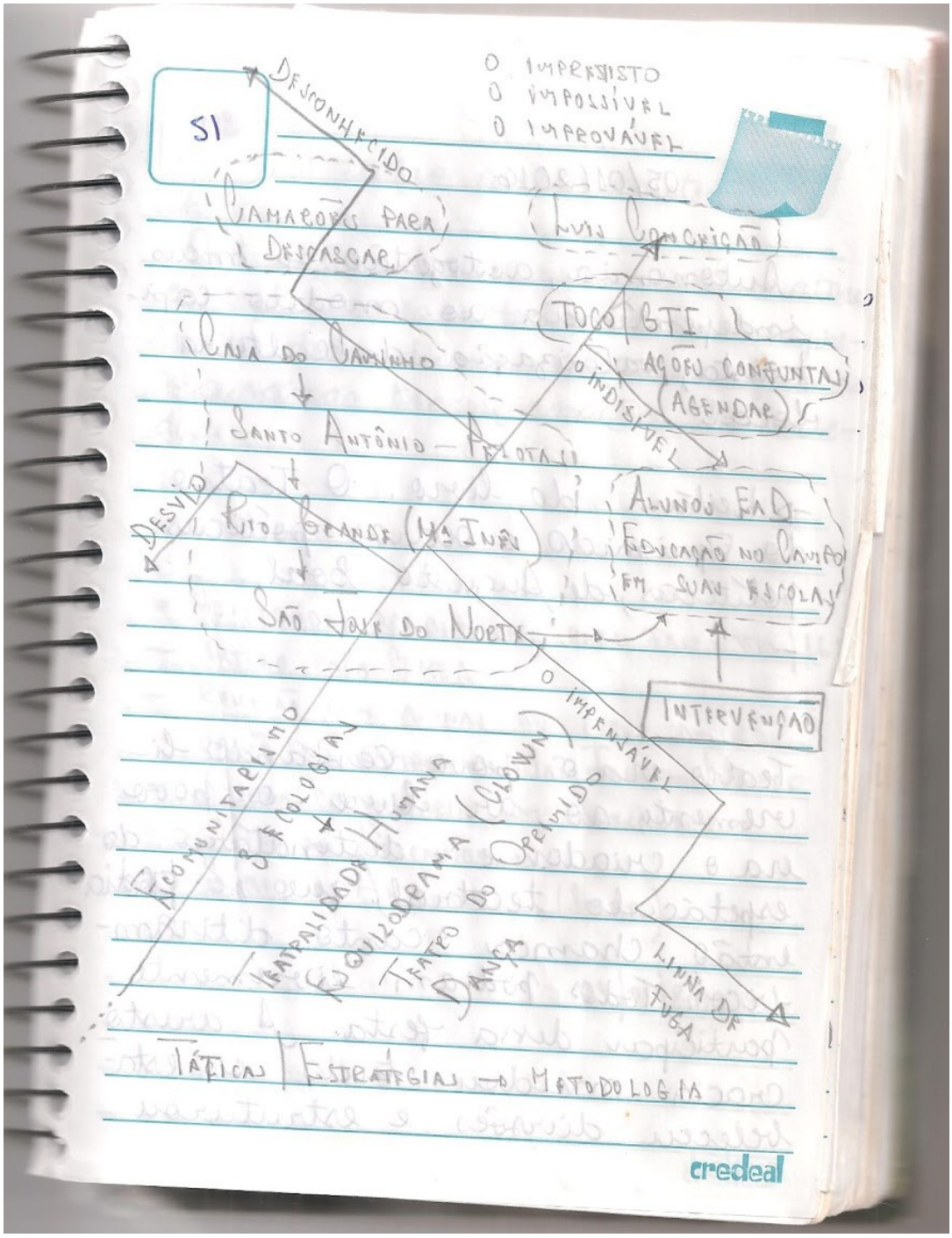
APÊNDICE 11 – REFLEXÕES SOBRE A ESPIRITUALIDADE E PESQUISA: IMAGEM DO RIZOMA REALIZADO DE FORMA ESPONTÂNEA POR RAQUEL E AUGUSTO AMARAL



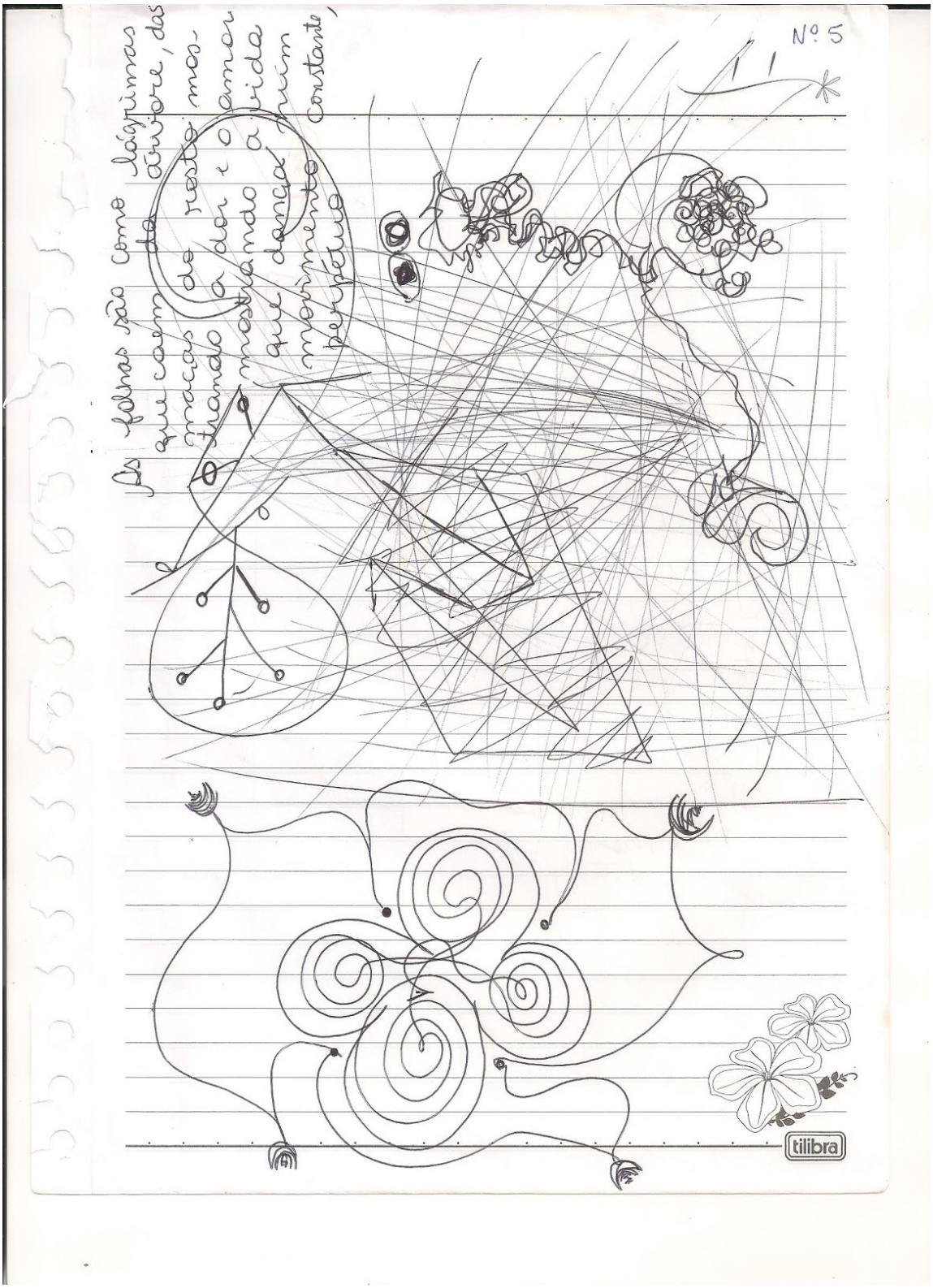
APÊNDICE 12 – FRAGMENTOS DO PROCESSO RIZOMÁTICO: BUSCANDO COMPREENDER AS INTERCONEXÕES DOS CAMPOS DE INTERVENÇÃO DAS MICROINTERVENÇÕES ECOSÓFICAS



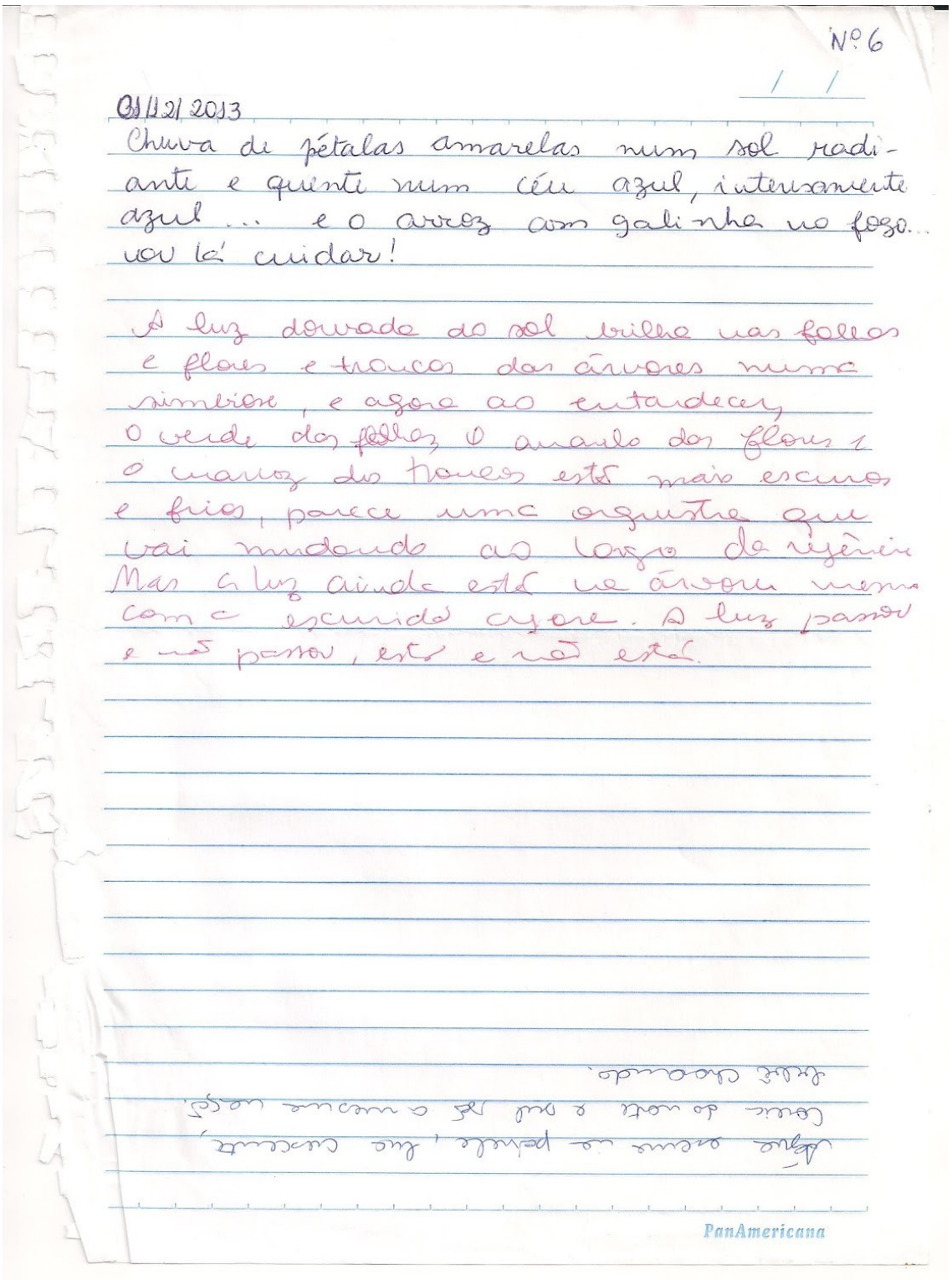
Diário de Campo da pesquisadora. Um dos primeiros esboços da cartografia – pensando nas microintervenções ecosóficas. Esquema feito por Augusto Amaral no momento em que conversávamos sobre as microintervenções. Local: Praia da Marumbi, São José do Norte/RS. Data: janeiro de 2016.



APÊNDICE 13 – EXPERMENTANDO UMA ESCRITA POÉTICA A PARTIR DA OBSERVAÇÃO DAS FOLHAS DAS ÁRVORES DO PÁTIO, 2014. PRODUÇÃO DA AUTORA



APÊNDICE 14 – FRAGMENTOS DA TENTATIVA DE UMA ESCRITA LIVRE A PARTIR DA OBSERVAÇÃO DO PÁTIO E NO FINAL DA PÁGINA RELATO DE UM SONHO. PRODUÇÃO DA AUTORA



Nº 6

/ /

01/12/2013

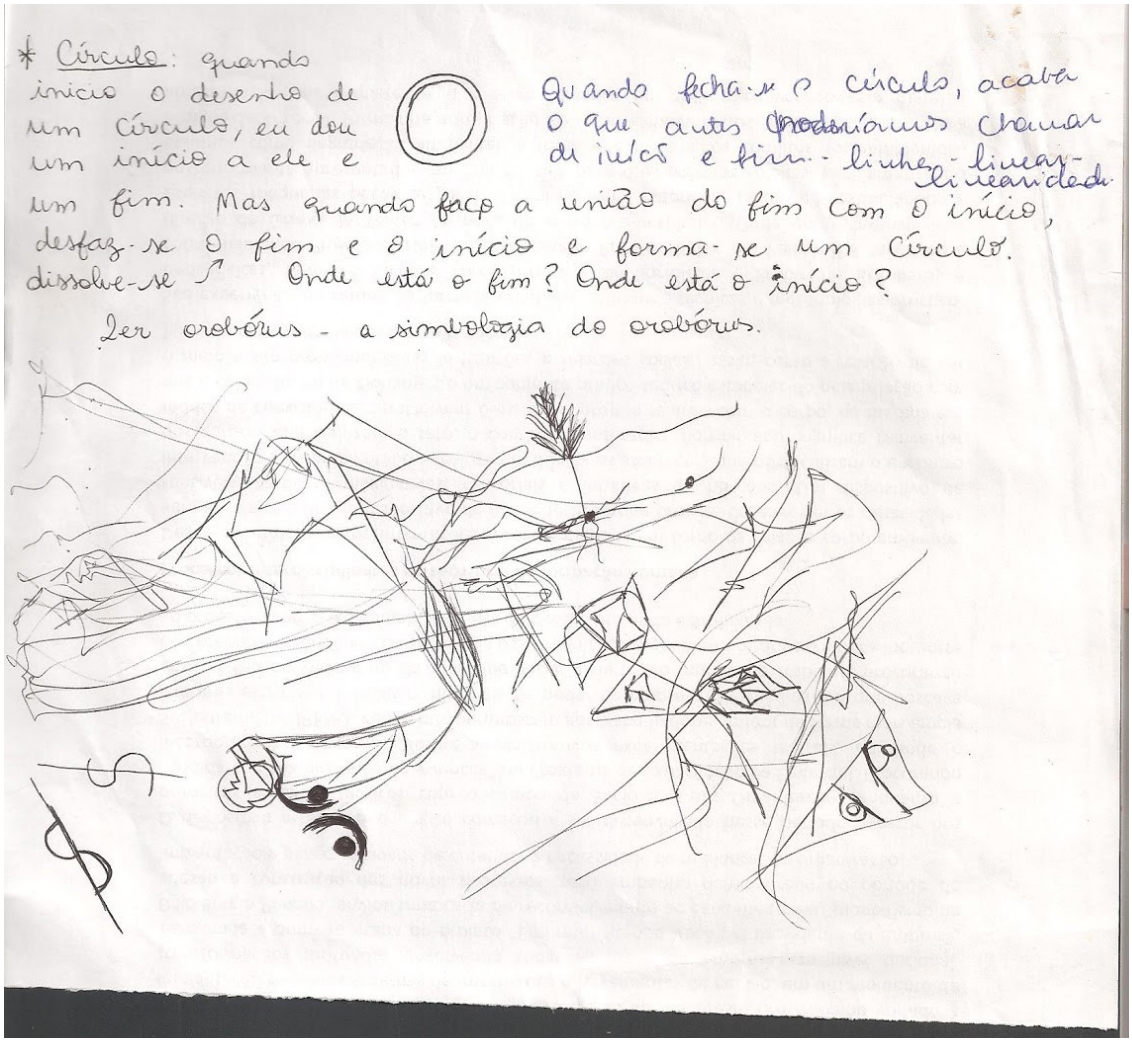
Chuva de pétalas amarelas num sol radiante e quente num céu azul, intensamente azul... e o arroz com galinha no fogo... vou lá cuidar!

A luz dourada do sol brilha nas folhas e flores e troncos das árvores numa similitude, e agora ao entardecer o verde das folhas o amarelo das flores e o marrom dos troncos estão mais escuros e frios, parece uma orquestra que vai mudando ao longo da vigência. Mas a luz ainda está na árvore mesmo com a escuridão chegando. A luz passou e não passou, está e não está.

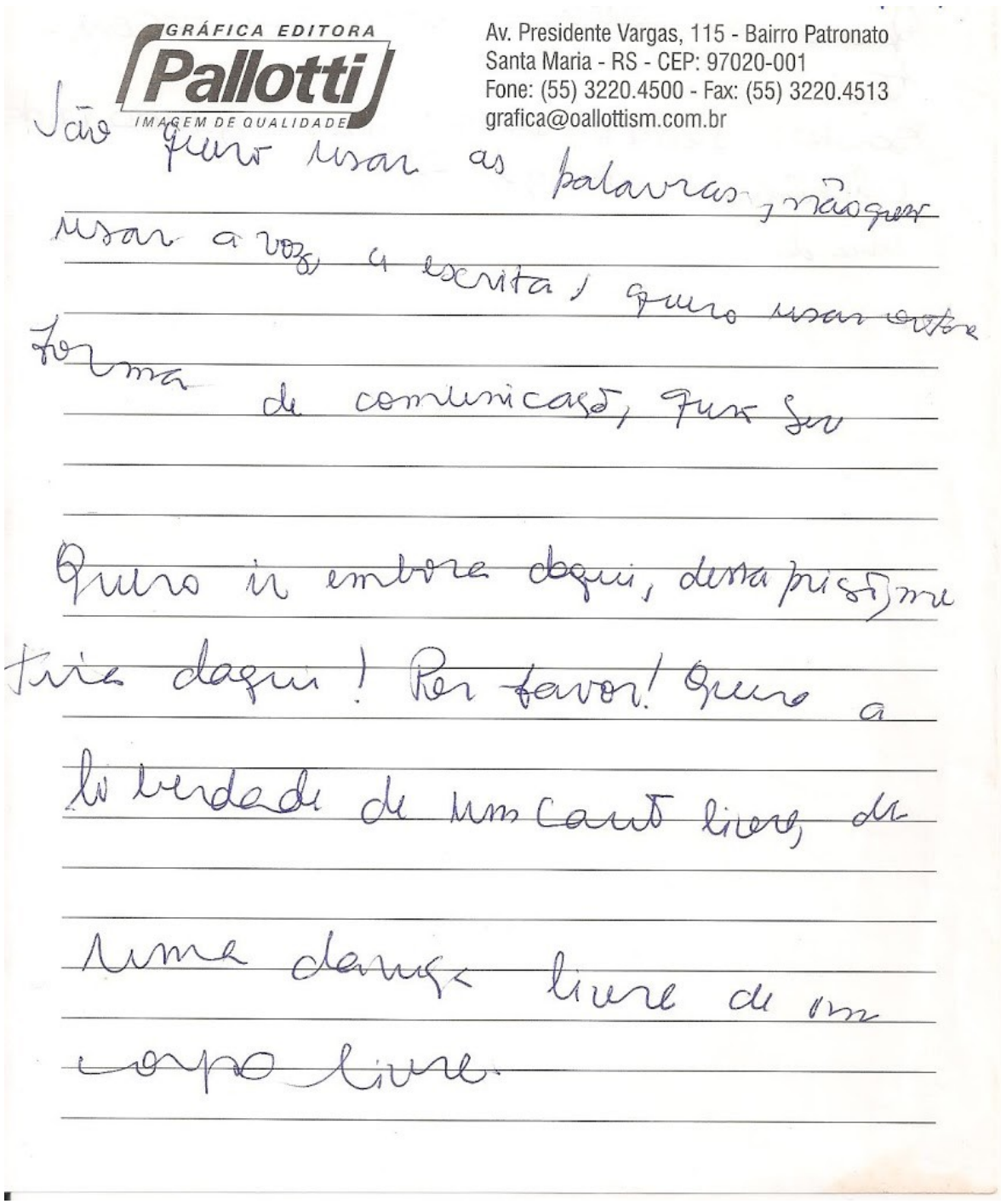
Chuva de pétalas amarelas num sol radiante e quente num céu azul intensamente azul... e o arroz com galinha no fogo... vou lá cuidar!

PanAmericana

APÊNDICE 15 – RABISCOS REFLEXIVOS SOBRE O INCÍCIO E O FIM DA PESQUISA, 2018. PRODUÇÃO DA AUTORA.



APÊNDICE 16 – ANOTAÇÃO A PARTIR DAS INSATISFAÇÕES PESSOAIS COM MINHA ESCRITA E TOMADA DE CONSCIÊNCIA DO FUNCIONAMENTO DE MEUS PENSAMENTOS. BUSCANDO A REINVENÇÃO DOS PENSAMENTOS, ESCRITA E MÉTODO DE PESQUISA (2013). PRODUÇÃO DA AUTORA.



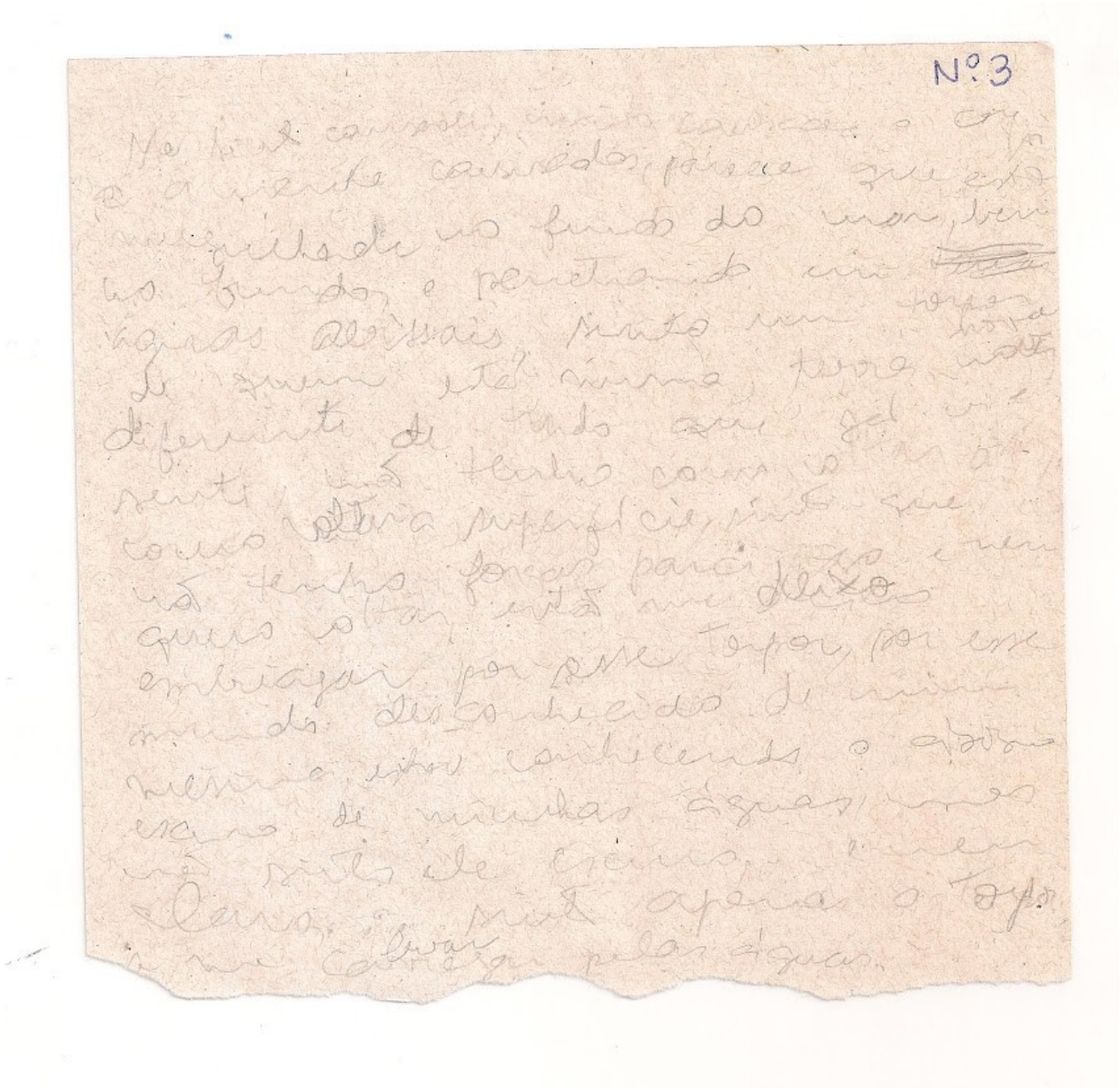
GRÁFICA EDITORA Pallotti IMAGEM DE QUALIDADE

Av. Presidente Vargas, 115 - Bairro Patronato
Santa Maria - RS - CEP: 97020-001
Fone: (55) 3220.4500 - Fax: (55) 3220.4513
grafica@oallottism.com.br

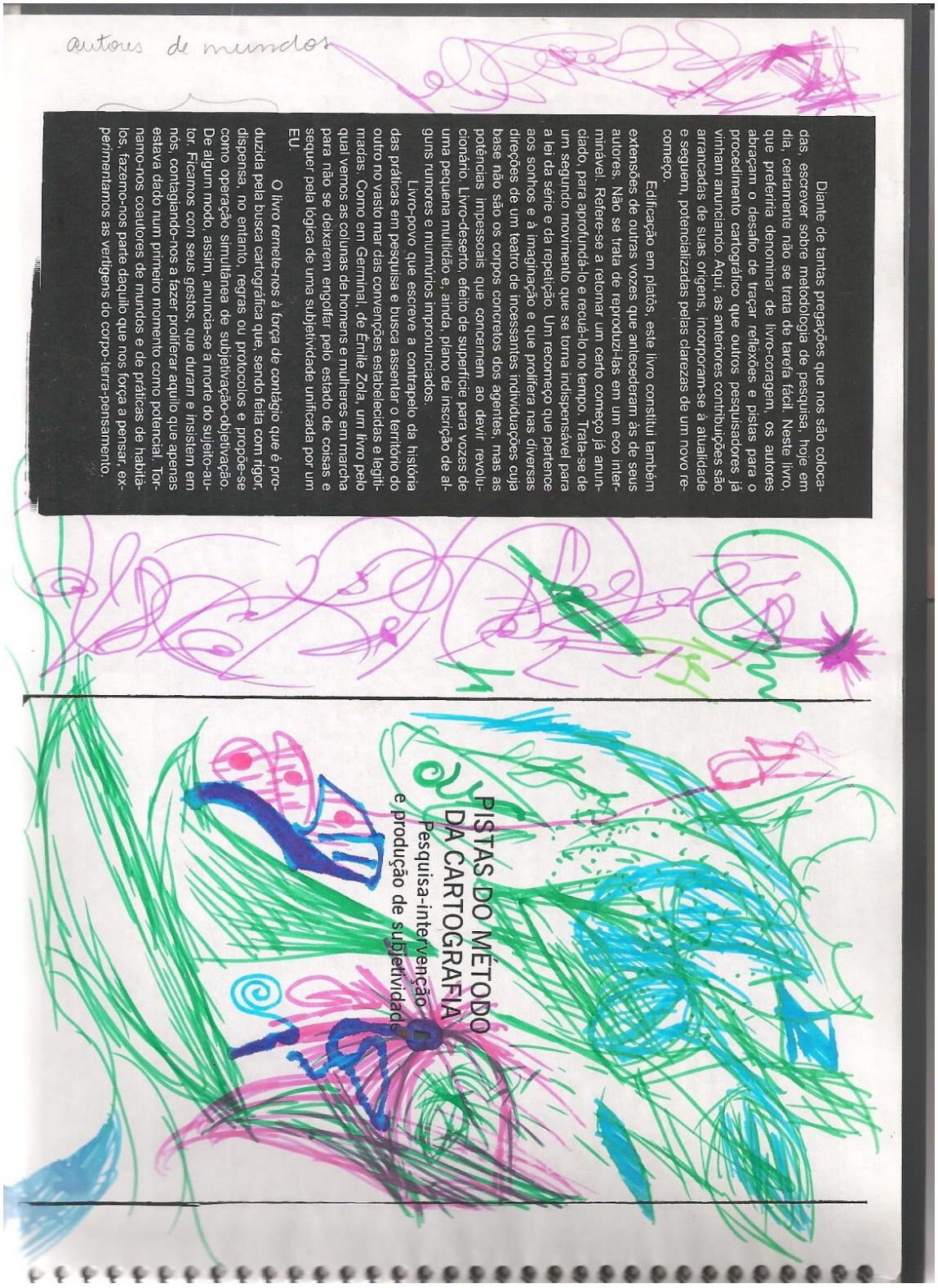
Não quero usar as palavras, não quero usar a voz, a escrita, quero usar outra forma de comunicação, que seu

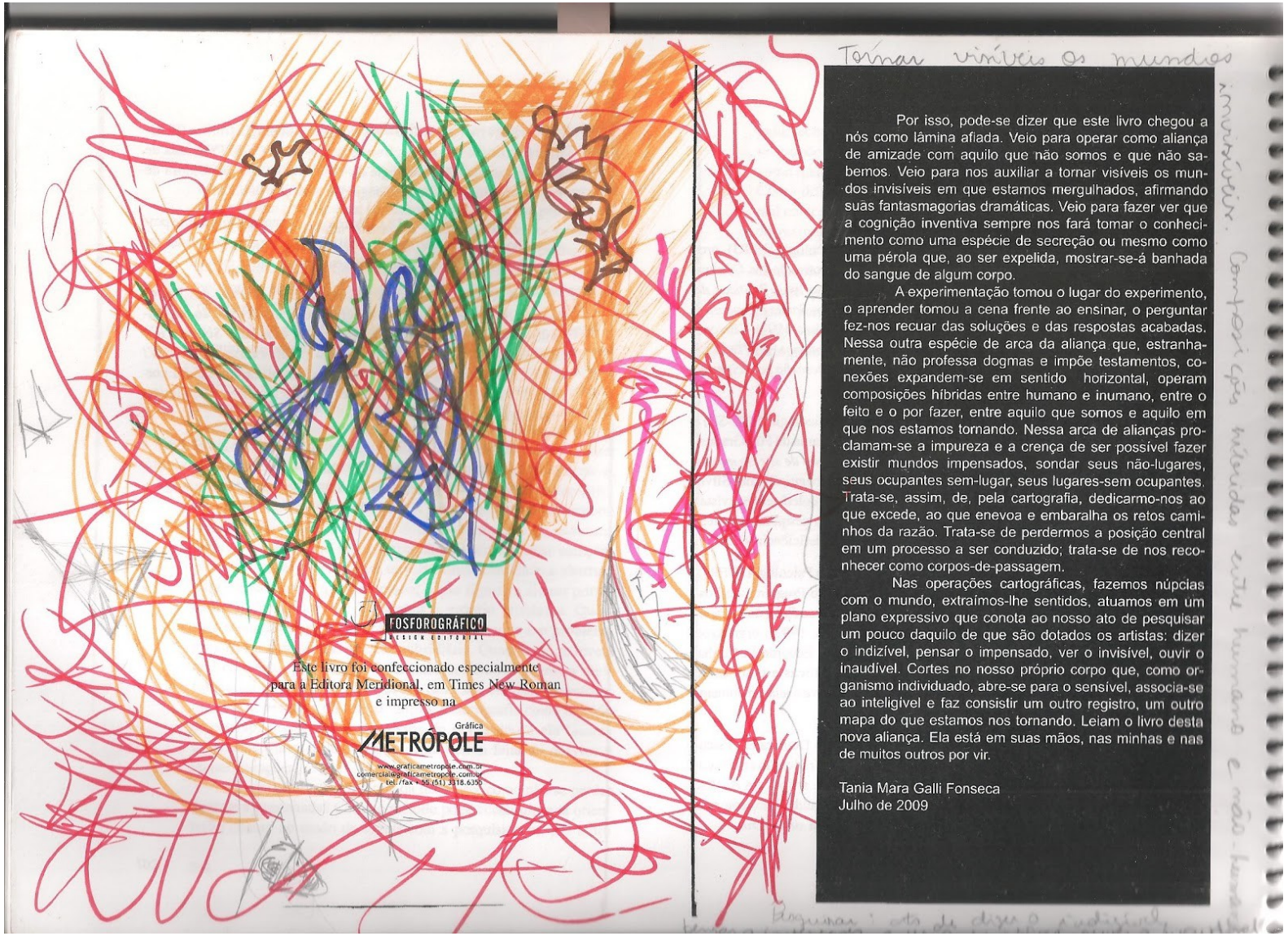
Quero ir embora daqui, deixa pisar me tirar daqui! Por favor! Quero a liberdade de um canto livre, de uma dança livre de um corpo livre.

APÊNDICE 17 – DESCRIÇÃO DA SENSAÇÃO DE SALTAR NO ABISMO OU MERGULHAR NO FUNDO DO MAR EM FUNÇÃO DOS ESTUDOS DE DELEUZE E GUATTARI. ANO 2013. PRODUÇÃO DA AUTORA.



APÊNDICE 18 – RABISCOS NO LIVRO.





FOSFOROGRÁFICO
DESIGN EDITORIAL

Este livro foi confeccionado especialmente
para a Editora Meridional, em Times New Roman
e impresso na

Gráfica
METRÓPOLE
www.graficametropole.com.br
comercial@graficametropole.com.br
tel./fax +55 (51) 3318.6355

Por isso, pode-se dizer que este livro chegou a nós como lâmina afiada. Veio para operar como aliança de amizade com aquilo que não somos e que não sabemos. Veio para nos auxiliar a tornar visíveis os mundos invisíveis em que estamos mergulhados, afirmando suas fantasmagorias dramáticas. Veio para fazer ver que a cognição inventiva sempre nos fará tomar o conhecimento como uma espécie de secreção ou mesmo como uma pérola que, ao ser expelida, mostrar-se-á banhada do sangue de algum corpo.

A experimentação tomou o lugar do experimento, o aprender tomou a cena frente ao ensinar, o perguntar fez-nos recuar das soluções e das respostas acabadas. Nessa outra espécie de arca da aliança que, estranhamente, não professa dogmas e impõe testamentos, conexões expandem-se em sentido horizontal, operam composições híbridas entre humano e inumano, entre o feito e o por fazer, entre aquilo que somos e aquilo em que nos estamos tornando. Nessa arca de alianças proclamam-se a impureza e a crença de ser possível fazer existir mundos impensados, sondar seus não-lugares, seus ocupantes sem-lugar, seus lugares-sem ocupantes. Trata-se, assim, de, pela cartografia, dedicarmo-nos ao que excede, ao que enevoa e embaralha os retos caminhos da razão. Trata-se de perdermos a posição central em um processo a ser conduzido; trata-se de nos reconhecer como corpos-de-passagem.

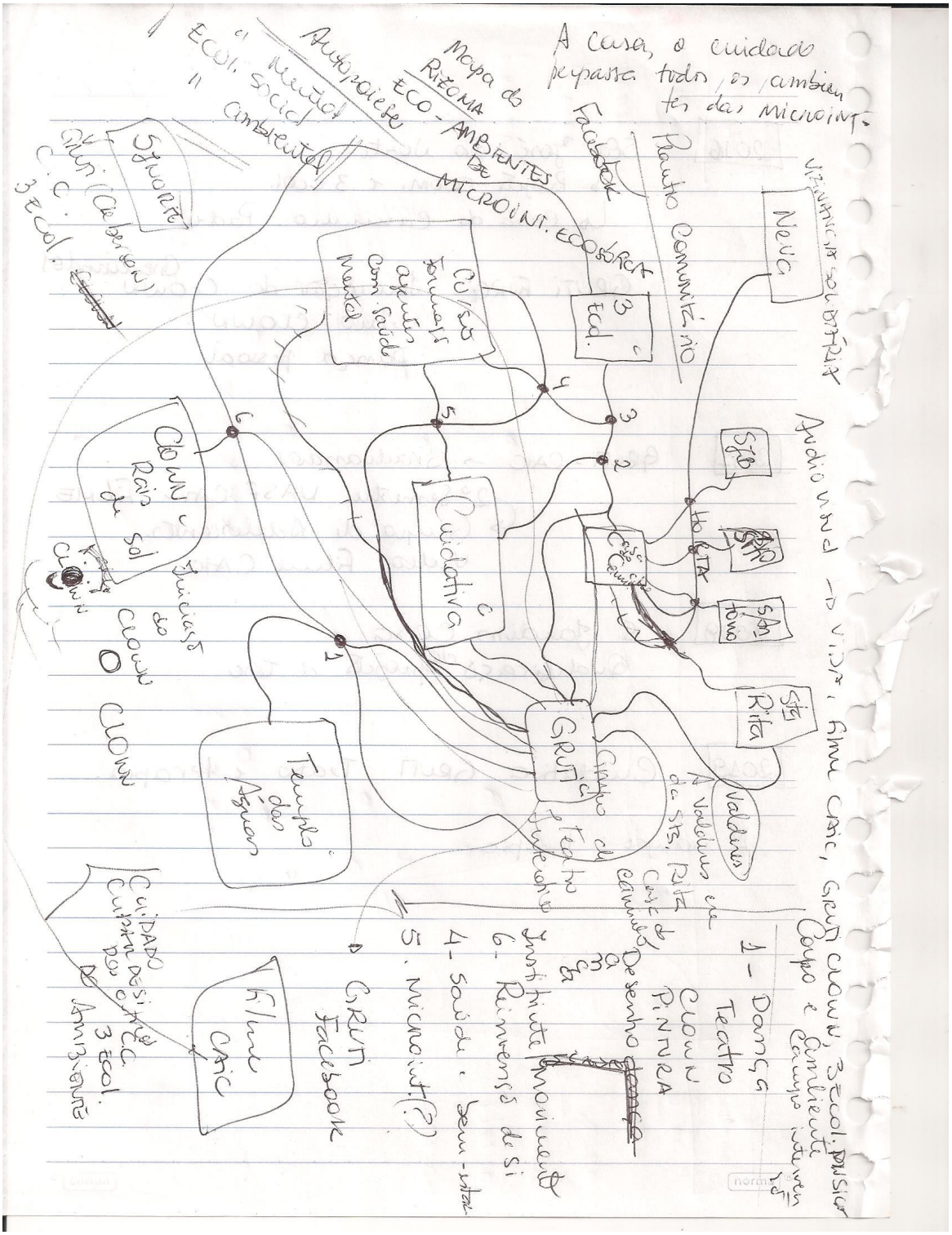
Nas operações cartográficas, fazemos núpcias com o mundo, extraímos-lhe sentidos, atuamos em um plano expressivo que conota ao nosso ato de pesquisar um pouco daquilo de que são dotados os artistas: dizer o indizível, pensar o impensado, ver o invisível, ouvir o inaudível. Cortes no nosso próprio corpo que, como organismo individuado, abre-se para o sensível, associa-se ao inteligível e faz consistir um outro registro, um outro mapa do que estamos nos tornando. Leiam o livro desta nova aliança. Ela está em suas mãos, nas minhas e nas de muitos outros por vir.

Tania Mara Galli Fonseca
Julho de 2009

APÊNDICE 19 – DESENHO



APÊNDICE 20 – ESQUEMAS DO RIZOMA



/ /

2013: As Três Ecologias de Félix Guattari I disciplina Mestrado
- Vídeo "Vida"
- Vídeo "Pátio"
- Oficina no Laguinho da Furg - vendas
↳ São João Batista. Plantio Comunitário (facebook).
- Oficina de dança e sensib. ambt.
(Vídeo produzido em 2013).
- Revitalização do Jardim dos sentidos
Curso de dança UFPel. Experimentação

Acidente - Revivi o momento que me lembrava, mas de relance.

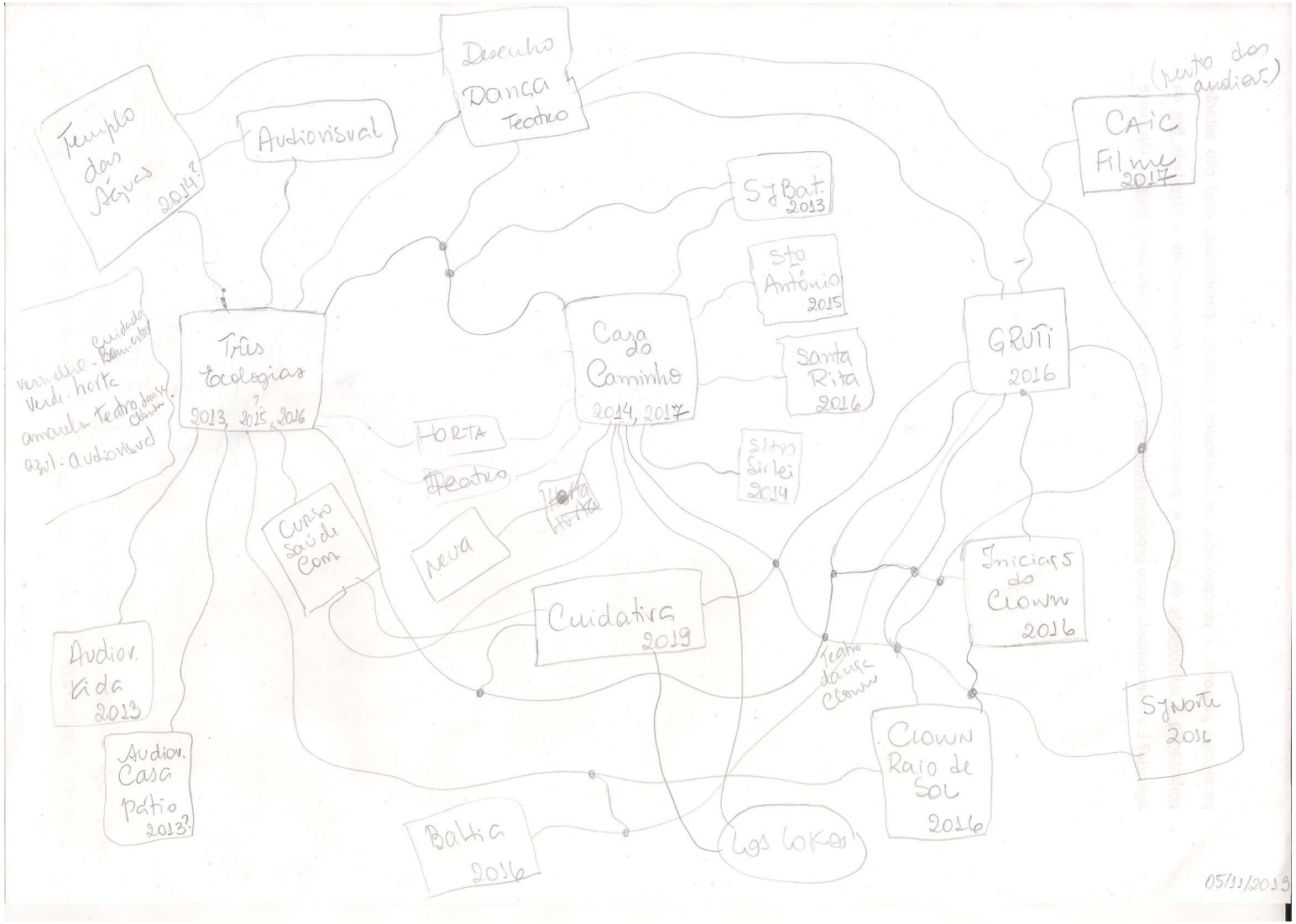
2014 Defendi a dissertação
- Casa do Caminho. Zelferino Costa
Horta.
- Sítio da Surlei. Horta Comunitária
- Curso de Agente Comunitário de Saúde Mental. Dramatização

2º Semestre fiz "As 3 Ecologias II como ouvinte.
↳ Oficina de desenho e dança - (SOL). SOL
Seleção UFRGS
↳ Templo das Águas

2015 Horta comunitária na Santo Antônio
Fotos
Seleção FURG ~~UFRGS~~. Aprovação

TESE

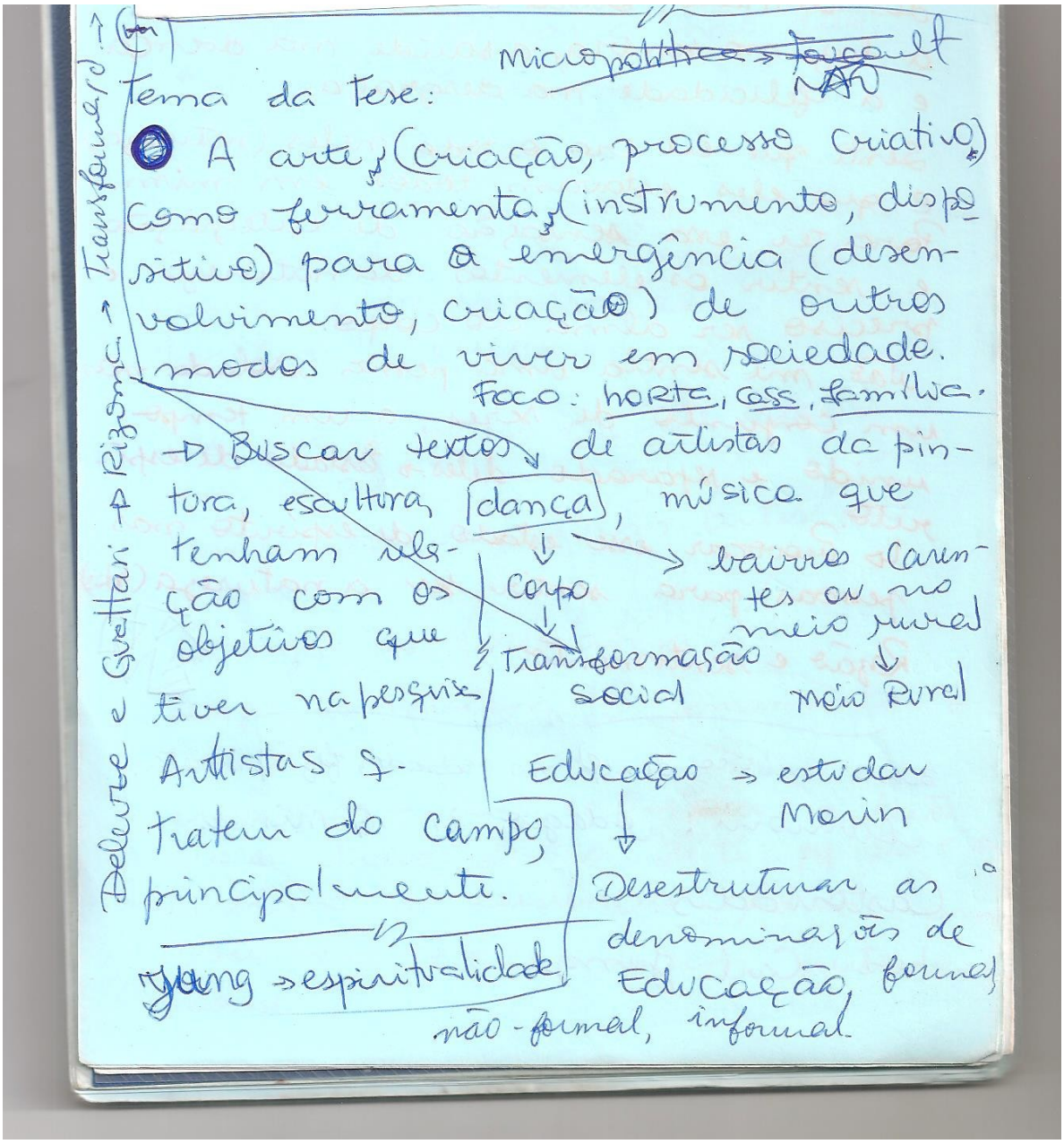
- Curso de formação de agentes ambientais. Voluntários da ONG Casa do Caminho. Comunidades da Casa do Caminho.
  - Educação ambiental ecomunitaristas
  - Educação para a liberdade
  - Educação popular
  - Complexidade - Morin
- Intervenção socioambiental
- Rodas de conversa
  - Vídeos, matérias de jornais, livros, redação de textos, produção de vídeos (Comunidades problema poluição, mas nos bairros).
  - Problematização dos problemas socioambientais e criação de alternativas a tais problemas no sentido da autogestão
  - Cuidado consigo, com o outro, com o ambiente. (Ética, ~~Ética~~)
- Ética
- Solidariedade
- Cooperação
- Homeopatia, alopatia -
- Agroecologia - plantio comunitário - agrotóxicos -
- Poluição ambiental.
- Criatividade, inventividade
- Agentes multiplicadores da educação ambiental.
- Participação ativa dos voluntários no Curso. Educadora-educanda Educando-educador
- Cada Comunidade em seu bairro planejar suas intervenções e multiplicação das ideias e práticas.
- Fomentar a participação da Comunidade para os temas sociais e ambientais.
- Opressão, alienação.
- Criar espaços não-formais de educação ambiental.


Templo das Águas 2014?
Audiovisual
Descubra Dança Teatro
(ponto dos audiov.)
CAIC Filme 2017
S. J. Bat. 2013
Sto António 2015
Santa Rita 2016
Casa Caminho 2014, 2017
GRUTI 2016
Três Ecologias 2013 2015 2016
vermelho - Cuidado Bem-estar
Verde - horta
amarelo - Teatro dança Clown
azul - audiovisual
HORTA
Teatro
Horta
Nova
Curso Saúde Com.
Cuidativa 2019
Iniciação do Clown 2016
Teatro dança Clown
Audiov. Kida 2013
Audiov. Casa patio 2013?
Clown Raio de Sol 2016
SyNoTu 2016
Báltica 2016
Los Lokos
05/11/2013

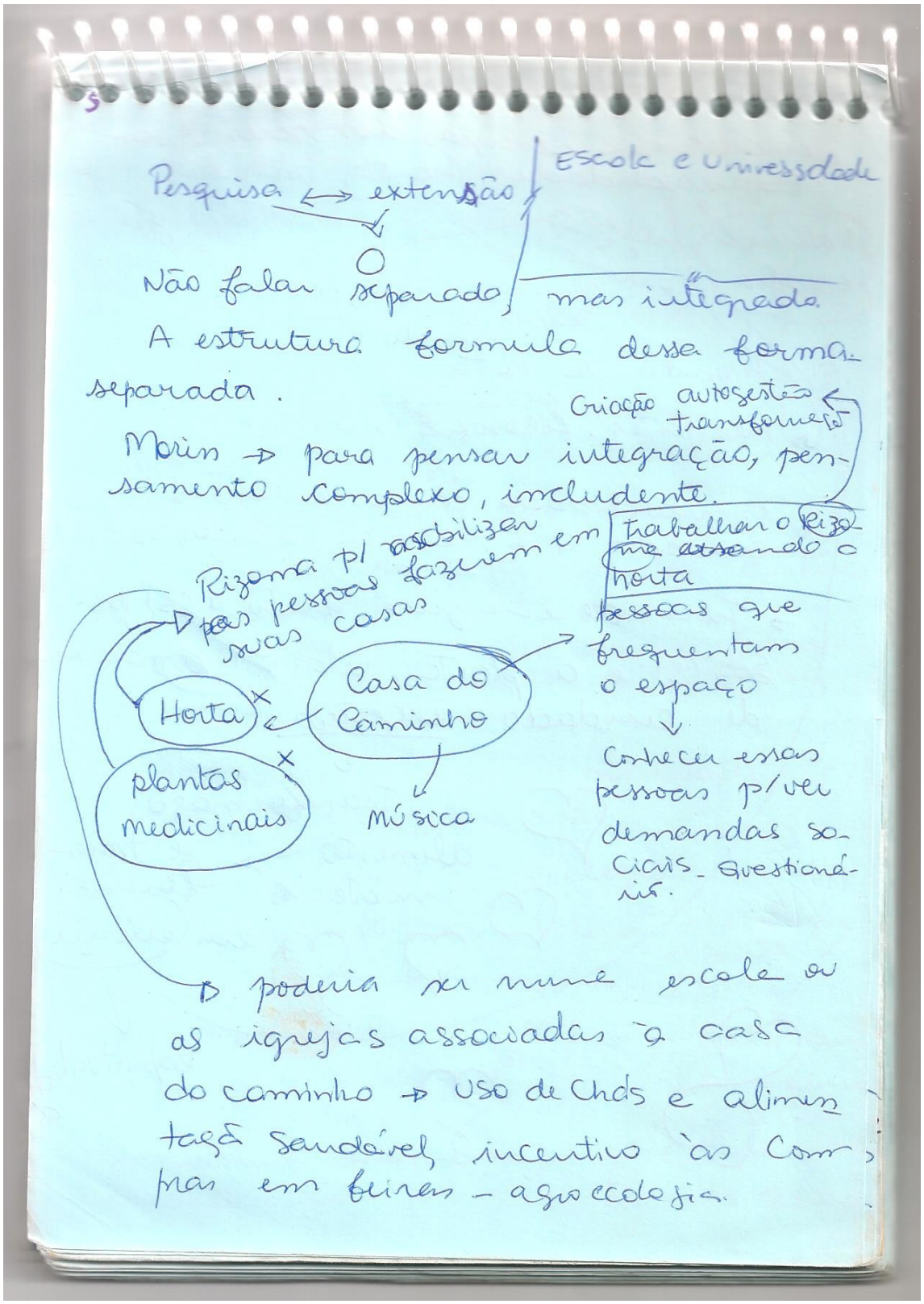

CLOWN
FURG
Grupo de Teatro Interativo (GRUTI)
UFPel
Teatro do Oprimido na Comunidade (TOCO)
NASF / CAIC
Casa do Caminho
Ciências Biológicas
Bach. e Lic.


RIZOMA
ECO
OIKOS (grego)
Planeta
Lugar onde se vive
CASA
Onde vivo, habito
CUIDATIVA
DO CAMINHO
HORTA
NATUREZA
Templo dos Ásgard
Bathia
Ribeirão das Neves
Contagem
Meu mundo
LAR
New Paris
Grupo
Chic
Coletivo
AUNED
Graduados
Gabi
CUIDATIVA
HORTA

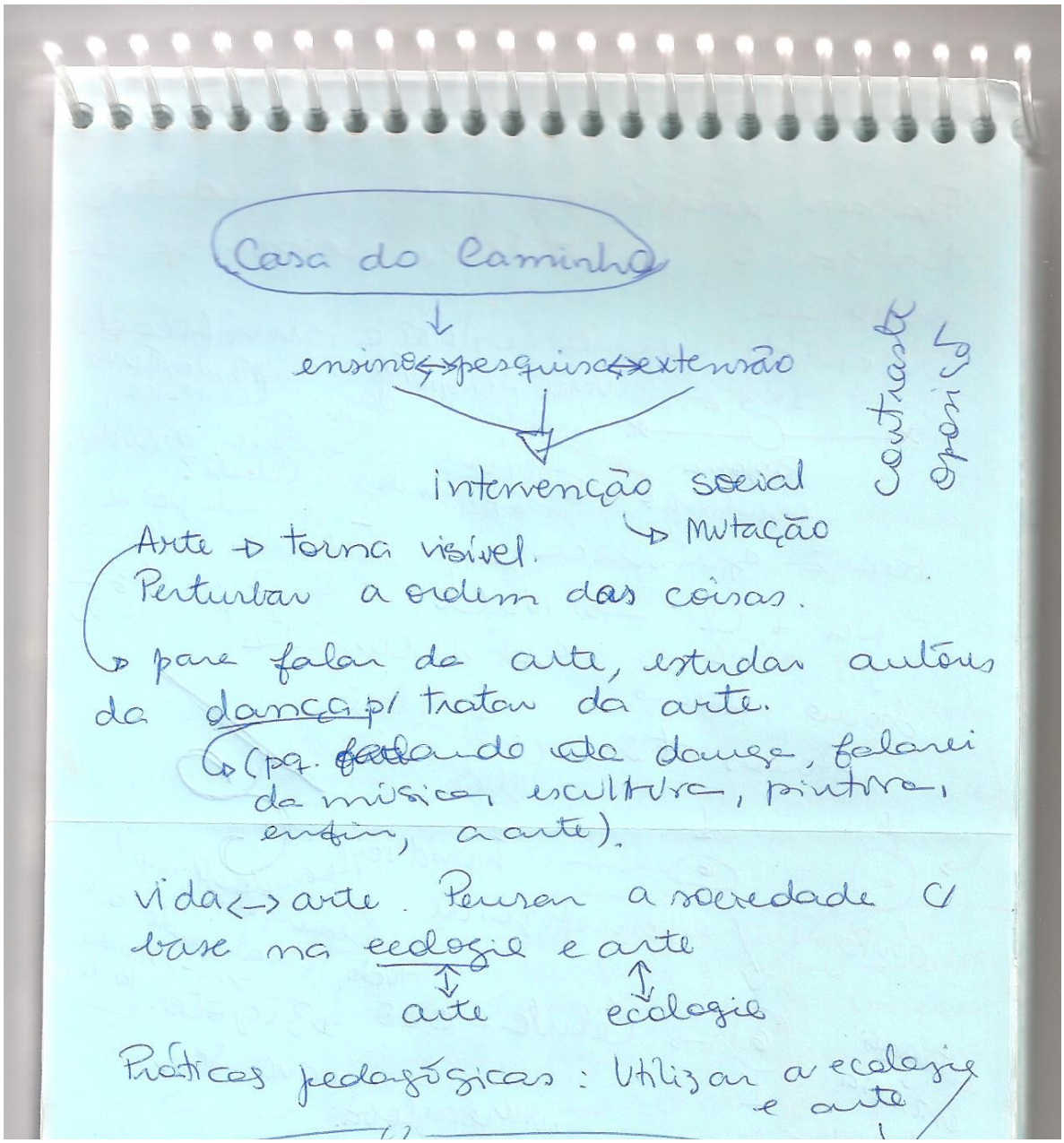
2014


Tema da Tese:
Micropolítica → Foucault NÃO
A arte (criação, processo criativo) como ferramenta (instrumento, dispositivo) para a emergência (desenvolvimento, criação) de outros modos de viver em sociedade.
Foco: horta, coss, família.
Deleuze e Guattari → Rizoma → Transformação
→ Buscar textos de artistas da pintura, escultura, dança, música que tenham relação com os objetivos que tiver na pesquisa
Artistas q. tratem do campo, principalmente.
dança
Corpo
Transformação social
bairros carentes ou no meio rural
Meio Rural
Educação → estudar Morin
Desestruturar as denominações de Educação, formal, não-formal, informal
Yang → espiritualidade

2014


Pesquisa ↔ extensão
Escola e Universidade
Não falar separado
mas integrado
A estrutura formula dessa forma separada.
Criação autogestão transformação
Morin → para pensar integração, pensamento complexo, includente.
Rizoma p/ acessibilizar as pessoas fazerem em suas casas
Trabalhar o Rizoma associando a horta
Horta
Casa do Caminho
plantas medicinais
música
pessoas que frequentam o espaço
Conhecer essas pessoas p/ ver demandas sociais. Questionário.
→ poderia ser numa escola ou as igrejas associadas à casa do caminho → uso de Chds e alimentação saudável, incentivo às Compras em feiras - agroecologia.

2014



Casa do Caminho

↓

ensino ↔ pesquisa ↔ extensão

intervenção social

↳ Mutação

contrastes

opostos

Arte ↳ torna visível.

Perturbar a ordem das coisas.

↳ para falar da arte, estudar autores da dança p/ tratar da arte.

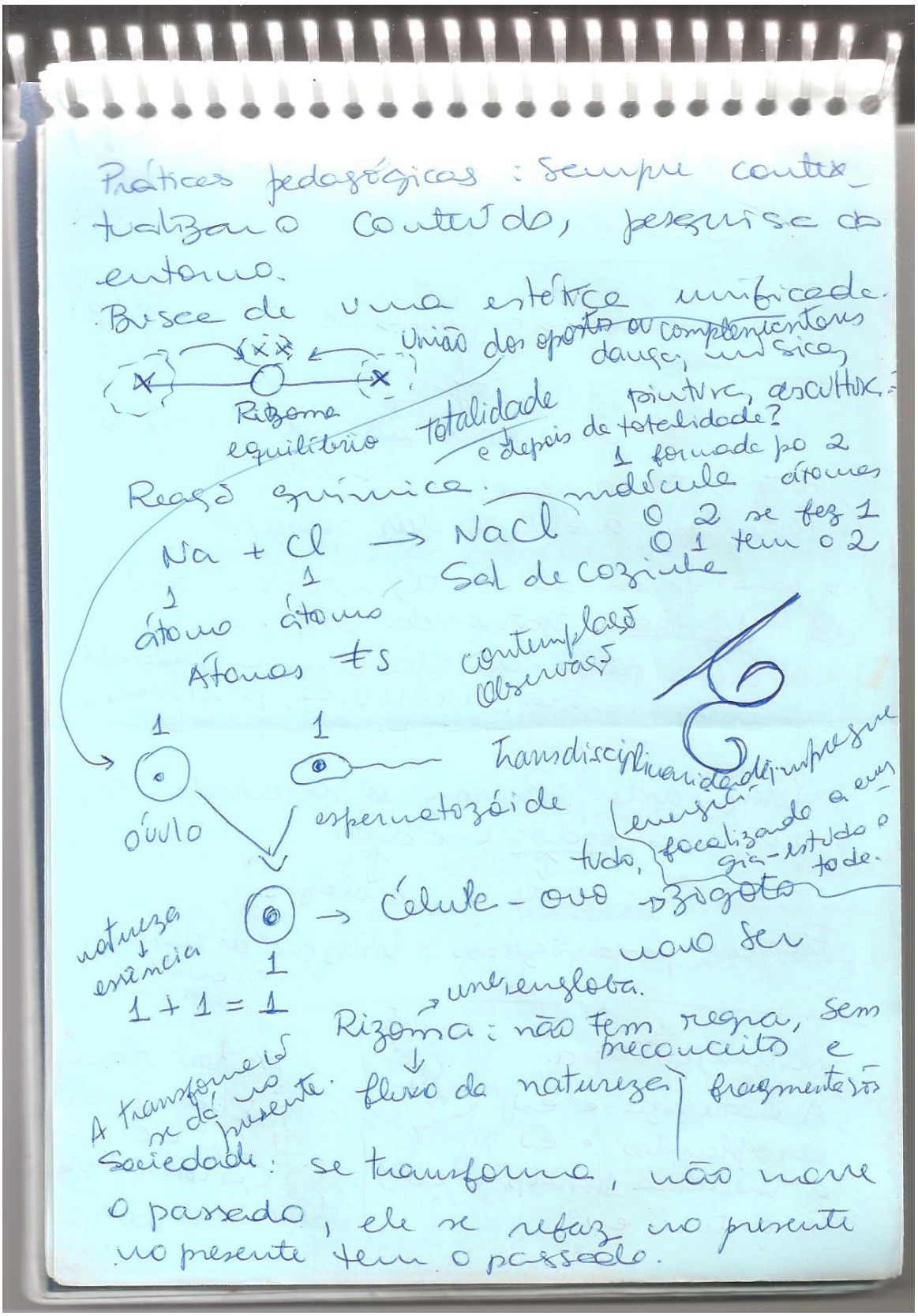
↳ (pq. falando da dança, falarei da música, escultura, pintura, enfim, a arte).

vida <-> arte. Pensar a sociedade c/ base na ecologia e arte

arte ↕ ecologia

Práticas pedagógicas: Utilizar a ecologia e arte

2014



Práticas pedagógicas: sempre contextualizar o conteúdo, pesquisa do entorno.
Busca de uma estética unificada.

União dos esportes ~~ou~~ complementares dança, música, pintura, escultura.
totalidade e depois de totalidade?

Reação química.

Na + Cl → NaCl
1 átomo 1 átomo
Átomos ≠s

1 formado por 2 moléculas átomos
0 2 se fez 1
0 1 tem o 2
Sal de cozinha

contemplação observação

transdisciplinaridade interpessoal
energia focalizado a evolução estudo e todo.

→ Célula-ovo → zigoto

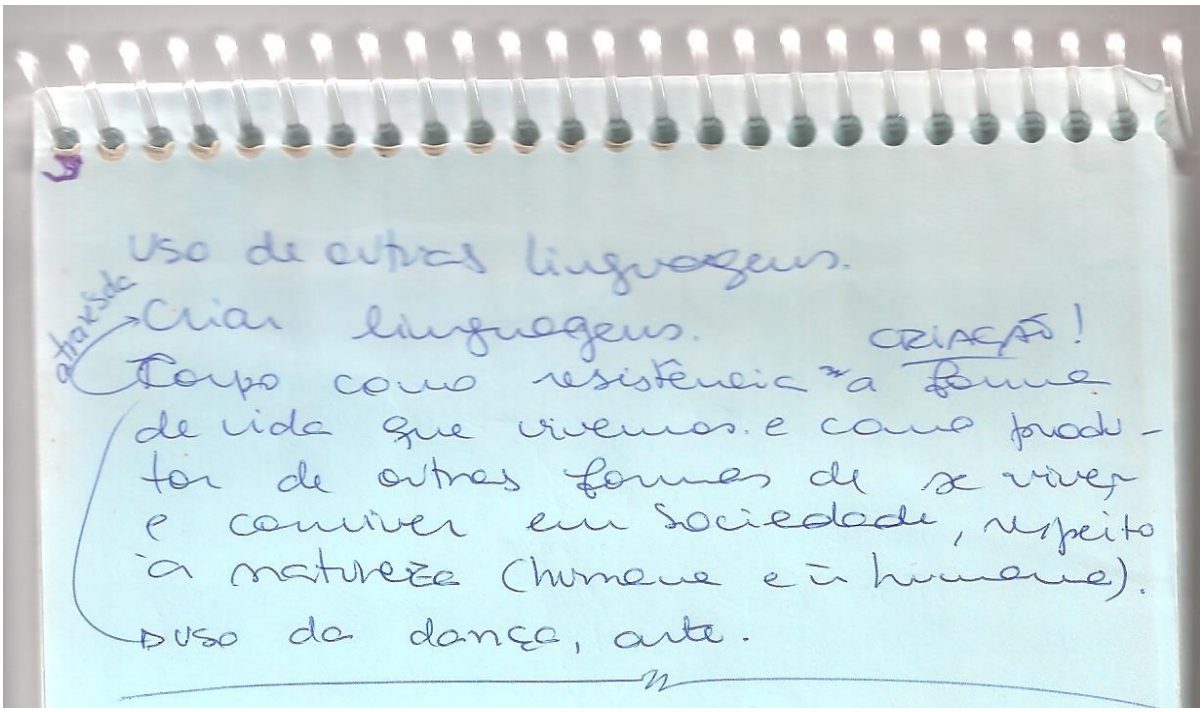
natureza
↓
essência
1 + 1 = 1

um ser novo

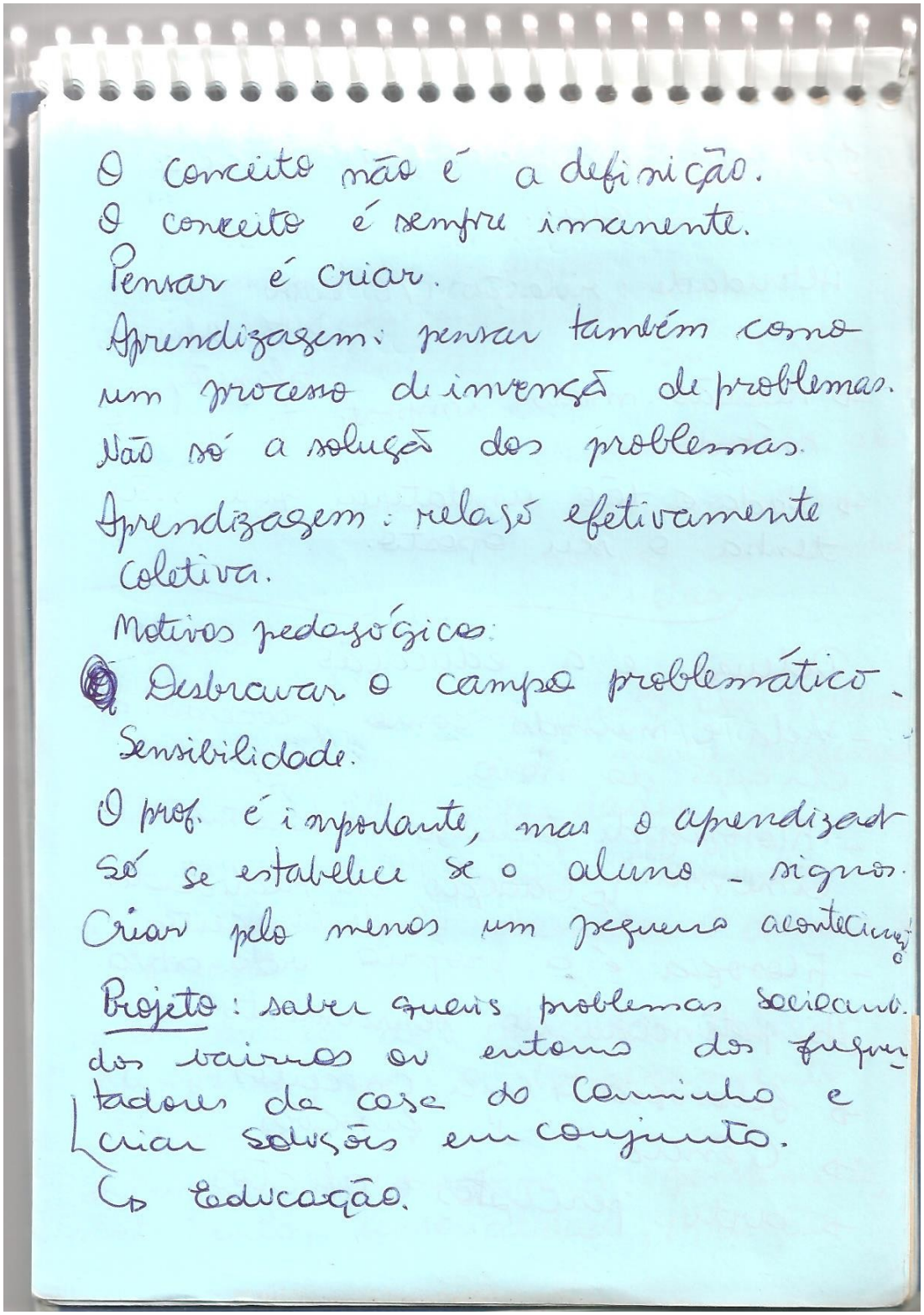
Rizoma → une engloba.
↓ reconhecido e
fluxo da natureza fragmentação

A transformação se dá no presente.

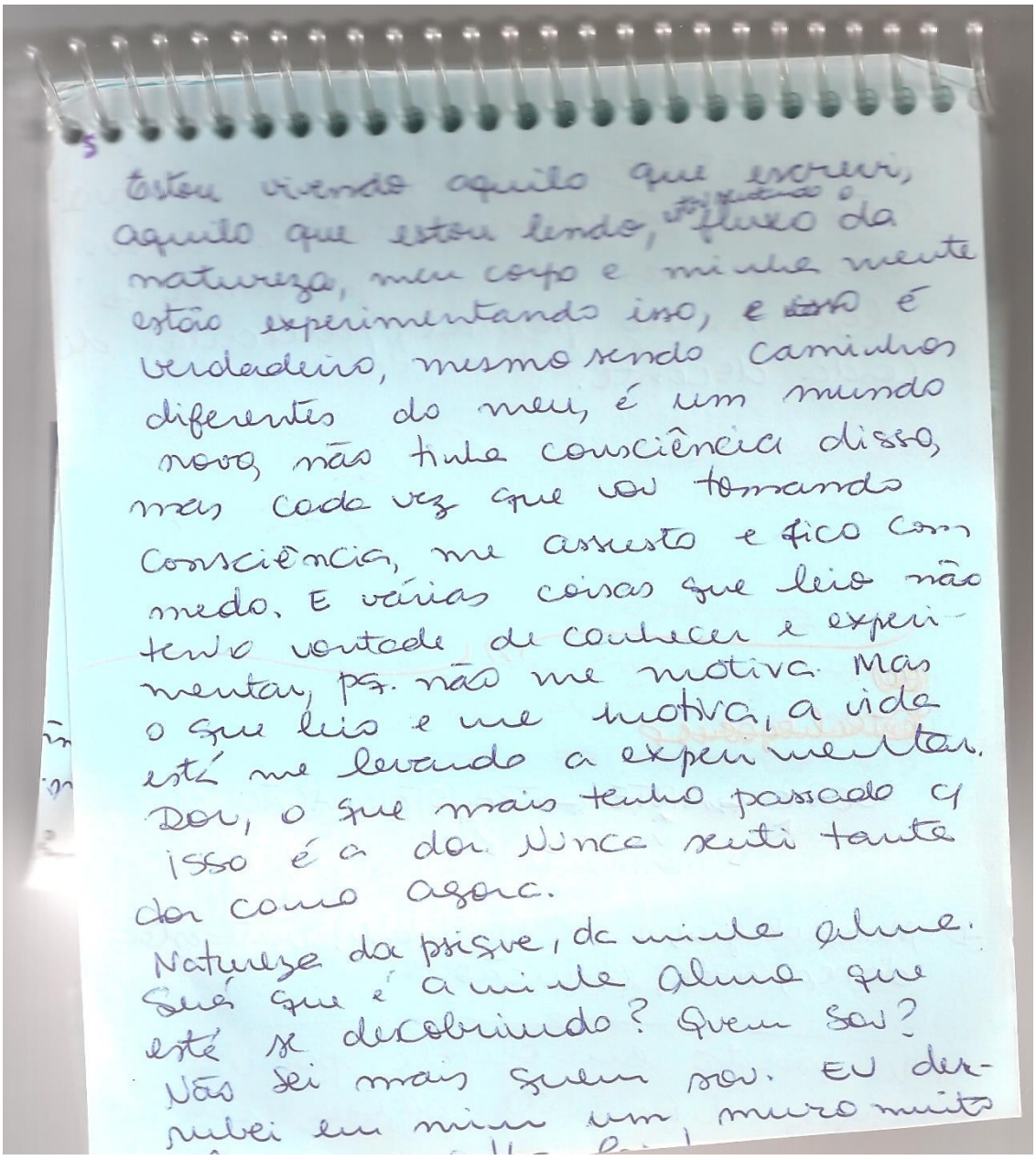
Sociedade: se transforma, não nasce o passado, ele se refaz no presente no presente tem o passado.


Uso de outras linguagens.
através de
Criar linguagens.
CRIAÇÃO!
Corpo como resistência a forma de vida que vivemos. e como produtor de outras formas de se viver e conviver em sociedade, respeito à natureza (humana e inumana).
Uso da dança, arte.

APÊNDICE 21 - REFLEXÕES SOBRE A INFLUÊNCIA DOS ESTUDOS DA DISCIPLINA AS TRÊS ECOLOGIAS DE FÉLIX GUATTARI I E II E ESTUDO DAS OBRAS DE GUILLES DELEUZE E FÉLIX GUATTARI. 2014. PRODUÇÃO DA AUTORA



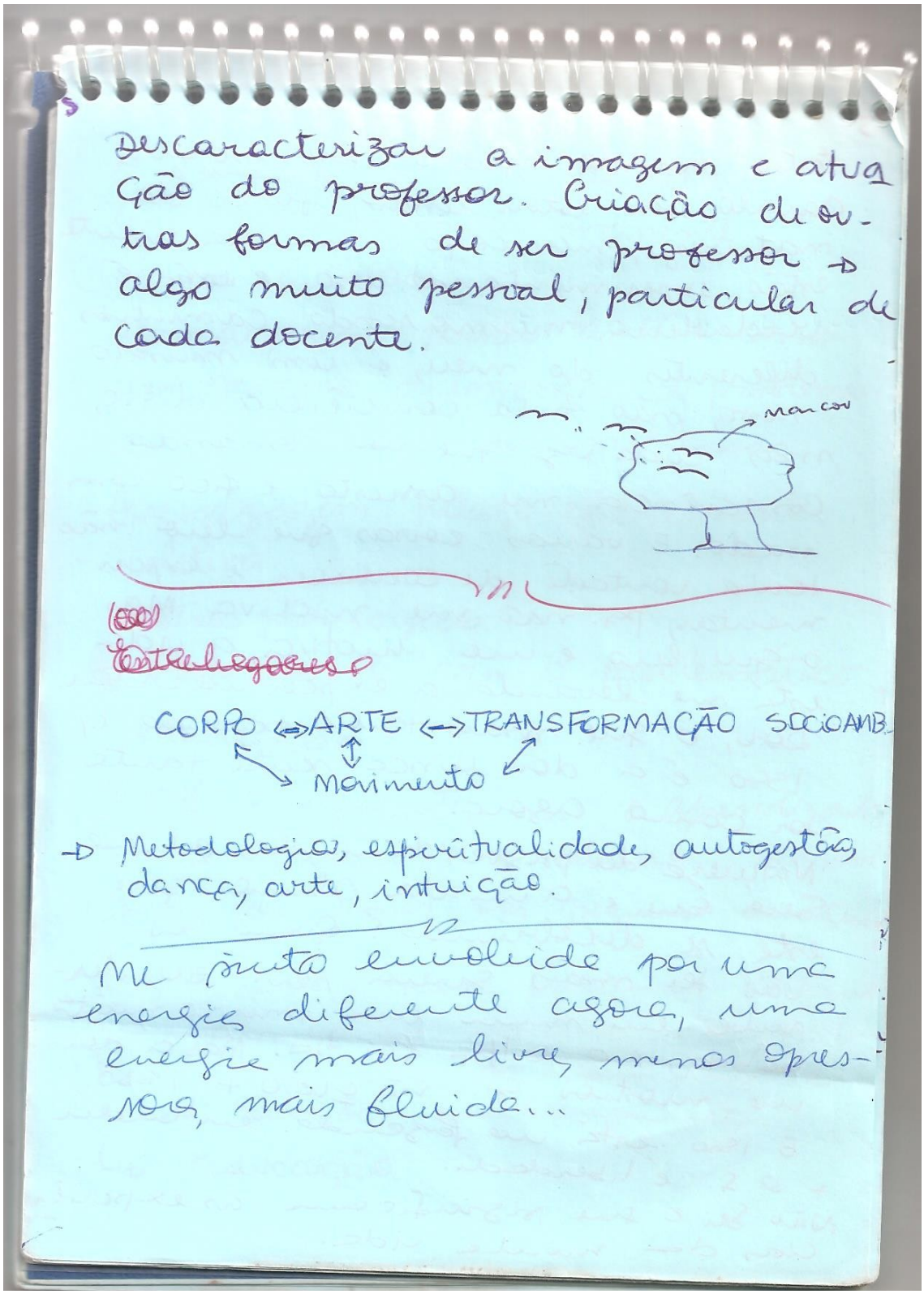
O conceito não é a definição.
O conceito é sempre imanente.
Pensar é criar.
Aprendizagem: pensar também como um processo de invenção de problemas.
Não só a solução dos problemas.
Aprendizagem: relação efetivamente coletiva.
Motivos pedagógicos:
Desbravar o campo problemático.
Sensibilidade.
O prof. é importante, mas o aprendizado só se estabelece se o aluno - signos.
Criar pelo menos um pequeno acontecimento
Projeto: saber quais problemas sociais dos bairros ou entorno dos frequentadores da casa do Caminho e criar soluções em conjunto.
↳ Educação.



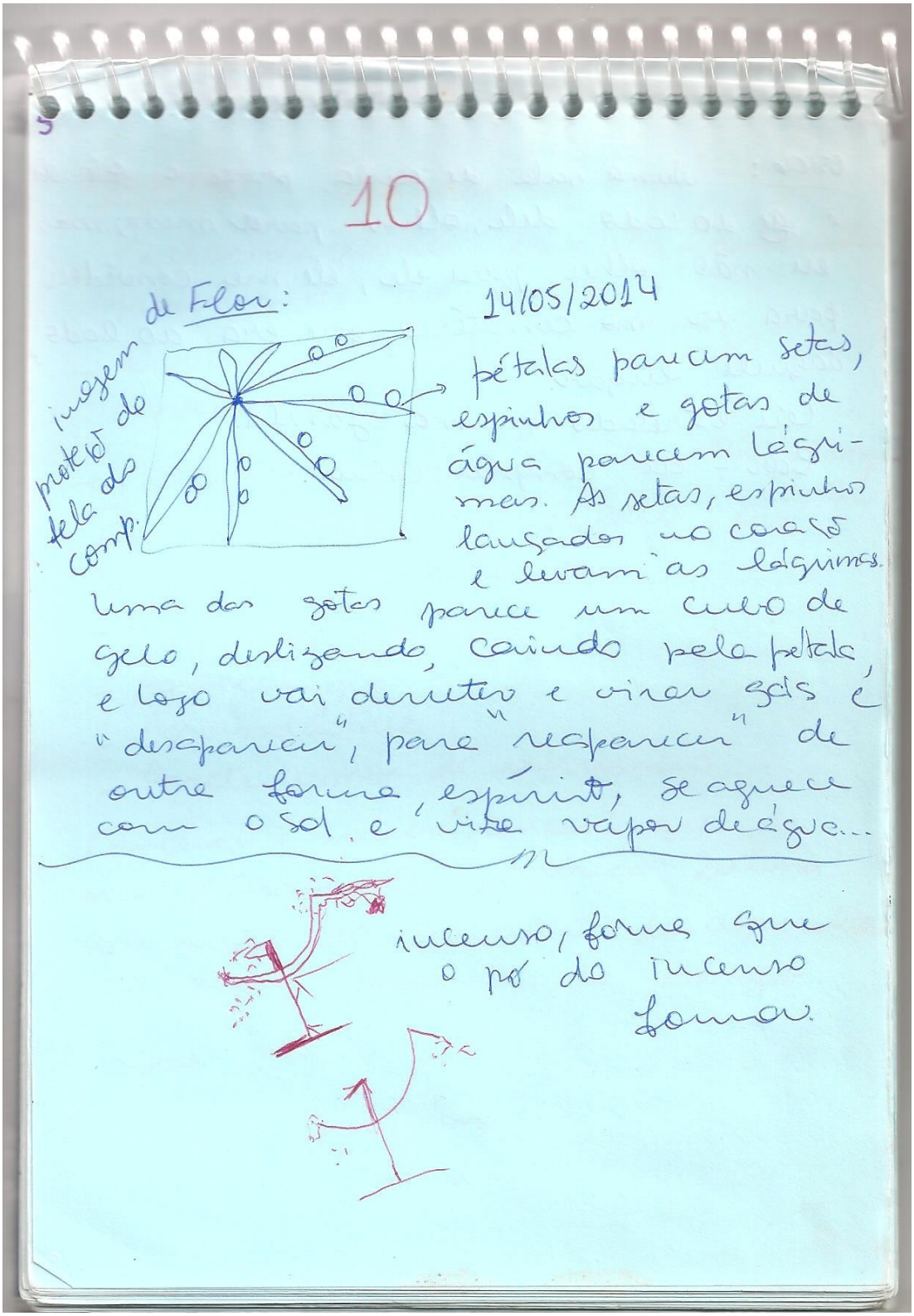
Estou vivendo aquilo que escrevi, aquilo que estou lendo, [illegible] o fluxo da natureza, meu corpo e minha mente estão experimentando isso, e isso é verdadeiro, mesmo sendo caminhos diferentes do meu, é um mundo novo, não tinha consciência disso, mas cada vez que vou tomando consciência, me assusto e fico com medo. E várias coisas que leio não tenho vontade de conhecer e experimentar, ps. não me motiva. Mas o que leio e me motiva, a vida está me levando a experimentar. Dor, o que mais tenho passado é isso é a dor. Nunca senti tanta dor como agora.

Natureza da psique, da minha alma. Será que é a minha alma que está se descobrindo? Quem sou? Não sei mais quem sou. Eu derrubei em mim um muro muito

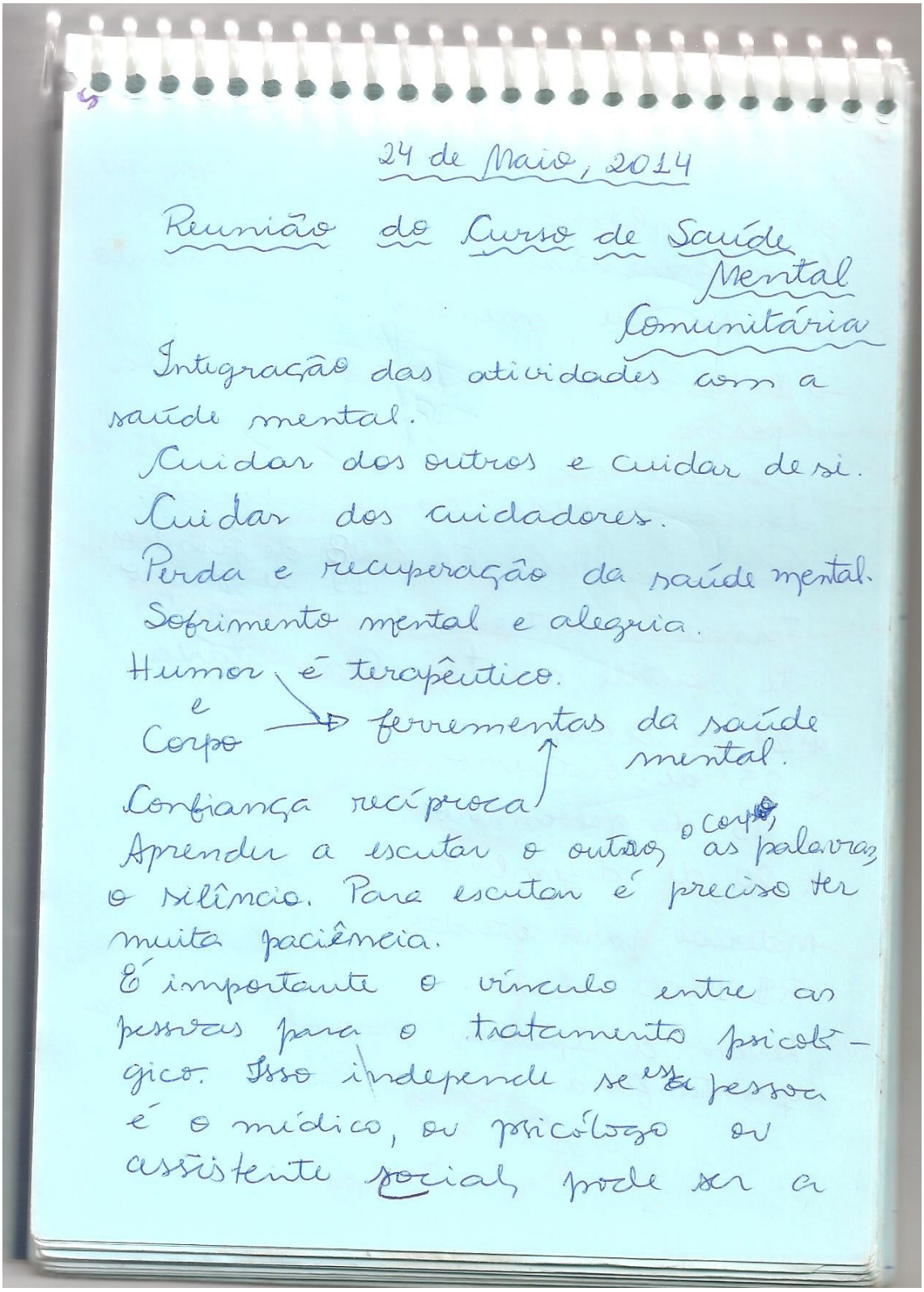
APÊNDICE 22 - REFLEXÕES SOBRE O PERFIL DO EDUCADOR AMBIENTAL, 2014. PRODUÇÃO DA AUTORA



APÊNDICE 23 - OBSERVAÇÃO DO MOVIMENTO DA FUMAÇA DO INCENSO E RELAÇÃO COM A DANÇA (14 DE MAIO, 2014). PRODUÇÃO DA AUTORA.



APÊNDICE 24 - ANOTAÇÕES DO CURSO DE SAÚDE MENTAL COMUNITÁRIA E PREVENÇÃO DE SUICÍDIO NA ONG CASA DO CAMINHO, 2014



24 de Maio, 2014

Reunião do Curso de Saúde Mental Comunitária

Integração das atividades com a saúde mental.

Cuidar dos outros e cuidar de si.

Cuidar dos cuidadores.

Perda e recuperação da saúde mental.

Sofrimento mental e alegria.

Humor, é terapêutico.

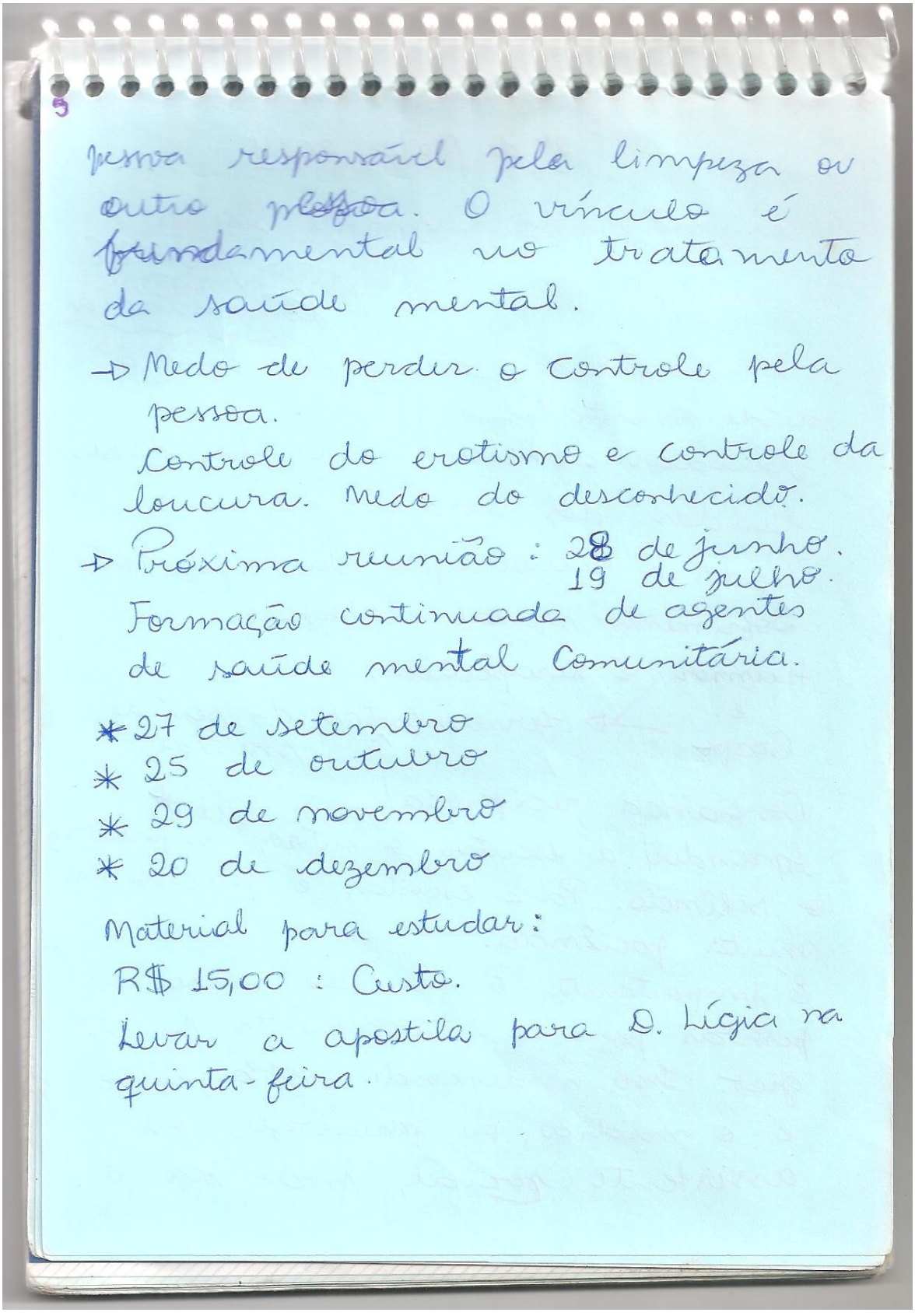
e

Corpo → ferramentas da saúde mental.

Confiança recíproca

Aprender a escutar o outro, o corpo, as palavras, o silêncio. Para escutar é preciso ter muita paciência.

É importante o vínculo entre as pessoas para o tratamento psicoterápico. Isso independe se essa pessoa é o médico, ou psicólogo ou assistente social, pode ser a



5

pessoa responsável pela limpeza ou outro ~~pessoa~~. O vínculo é ~~fundamental~~ no tratamento da saúde mental.

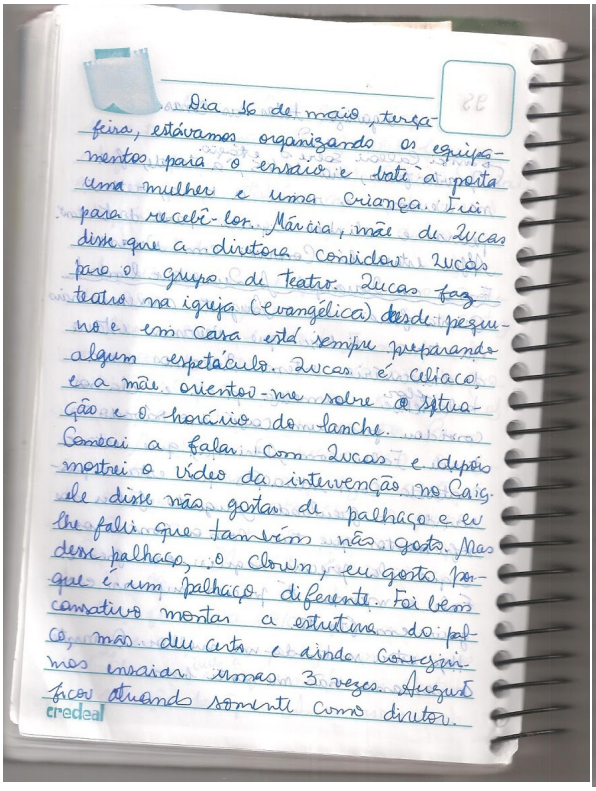
→ Medo de perder o controle pela pessoa.
Controle do erotismo e controle da loucura. Medo do desconhecido.

→ Próxima reunião: 28 de junho.
19 de julho.
Formação continuada de agentes de saúde mental Comunitária.

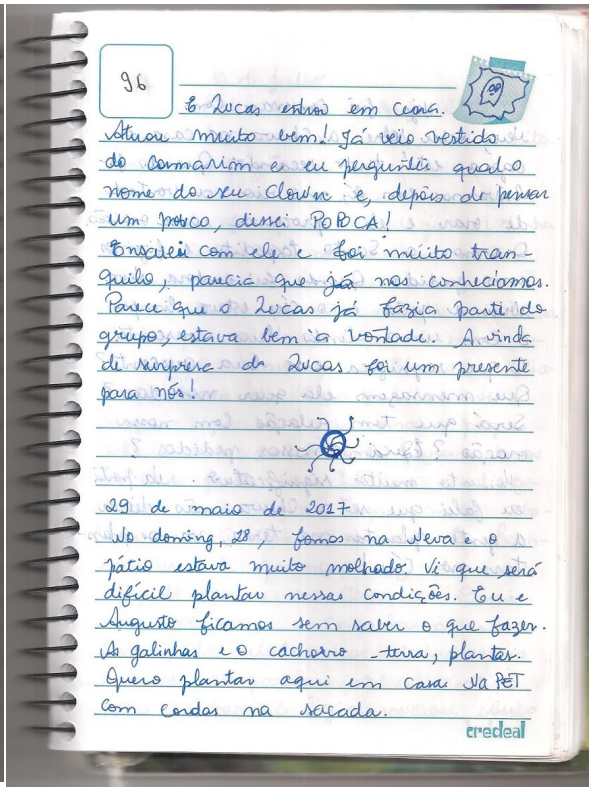
* 27 de setembro
* 25 de outubro
* 29 de novembro
* 20 de dezembro

Material para estudar:
R$ 15,00 : Custo.
Levar a apostila para D. Lígia na quinta-feira.

APÊNDICE 25 – RELATO DO PRIMEIRO DIA DO LUCAS BANDEIRA NO GRUPO DE TEATRO INTERATIVO CAIC, 2017. PRODUÇÃO DA AUTORA.



Dia 16 de maio, terça-feira, estávamos organizando os equipamentos para o ensaio e bate à porta uma mulher e uma criança. Fui para recebê-los. Márcia, mãe do Lucas disse que a diretora convidou Lucas para o grupo de teatro. Lucas faz teatro na igreja (evangélica) desde pequeno e em casa está sempre preparando algum espetáculo. Lucas é celíaco, e a mãe orientou-me sobre a situação e o horário do lanche.
Comecei a falar com Lucas e depois mostrei o vídeo da intervenção no Caic. Ele disse não gostar de palhaço e eu lhe falei que também não gosto. Mas desse palhaço, o Clown, eu gosto porque é um palhaço diferente. Foi bem construtivo montar a estrutura do porco, mas deu certo e ainda conseguimos ensaiar umas 3 vezes. Augusto ficou atuando somente como diretor.



96

Lucas estava em cena. Atuou muito bem! Já veio vestido do camarim e eu perguntei qual o nome do seu Clown e, depois de pensar um pouco, disse: POPOCA!
Ensaiei com ele e foi muito tranquilo, parecia que já nos conhecíamos. Parece que o Lucas já fazia parte do grupo, estava bem à vontade. A vinda de surpresa do Lucas foi um presente para nós!

29 de maio de 2017

No domingo, 28, fomos na Neva e o pátio estava muito molhado. Vi que será difícil plantar nessas condições. Eu e Augusto ficamos sem saber o que fazer. As galinhas e o cachorro - terra, plantas. Quero plantar aqui em casa. Na PET com cordas na sacada.

	aspectos teóricos do trabalho que estamos desenvolvendo e sobre o texto do livro que será debatido em nosso próximo encontro: A Arte de Ator. Capítulo 8: O Clown e a Improvisação Codificada (Luís Otávio Burnier).	
02/05	Grupo de Pesquisa: Roda de conversa sobre o Capítulo 8 (O Clown e a Improvisação Codificada) do livro "A Arte de Ator" de Luís Otávio Burnier. Coloquei-me a disposição dos integrantes do Grupo de Pesquisa para co-orientar seus TCC's e conversamos sobre pesquisa acadêmica e pesquisa-intervenção a partir do processo de experimentação com o clown, bem como possíveis conexões com a área da psicologia (Anita) e da pedagogia (Cleberson). Combinamos que faremos a próxima intervenção junto aos alunos do maternal no dia 16/05 e no dia 09/05 faremos um ensaio, bem como desenvolveremos algumas técnicas de como cair no chão e se relacionar com objetos na perspectiva clownesca.	Cleberson Milão Anita Maruri Raquel Avila Amaral
09/05	Criação do esquete de intervenção socioambiental que será desenvolvida na Sala de Teatro do CAIC com a participação das crianças do maternal. Tema: Lixo. Título do esquete: Dois clowns e uma mala vão à praia. A intervenção será dividida em quatro cenas: Primeira: Clowns Raio de Sol e Catapluft interagem com as crianças, as cortinas permanecem fechadas; Segunda: Clowns Guzito e Linguinha vão a praia e produzem muito lixo; Terceira: Pescaria com rede (muito lixo é pescado!) e autuação de fiscal do IBAMA, pois este tipo de pescaria é proibida; Quarto: Intervenção do herói Guzito e fim do espetáculo. Por final, diálogo dos clowns com as crianças e atividade de recolhimento do lixo espalhado pela Sala de Teatro. O Anderson nos convidou para participar de uma atividade da Biblioteca Itinerante no dia 10/junho, em princípio aceitamos o convite.	Cleberson Milão Anita Maruri Raquel Avila Amaral
16/05	Construção do roteiro da intervenção na Sala de Teatro do CAIC, tematizando a questão do lixo: Neste dia se integrou ao elenco um aluno do CAIC, Lucas (10 anos de idade), trazido por sua mãe Márcia (depois seus irmãos vieram busca-lo). Sua mãe informou que ele tem intolerância a lactose. Já no primeiro dia contracenou conosco... e perguntado sobre o nome de seu clown, pensou um pouco e disse: Popoca!	Cleberson Milão Raquel Avila Amaral Graziele Rossi Lucas Bandeira Soares
23/05	Começamos a trabalhar a *ação física teatral* no processo de iniciação do clown. A ideia é desenvolver o andar dos clowns, o se colocar em pé, o dançar, parar, olhar, sentar, pular, de uma maneira distinta do cotidiano – de uma forma "dilatada" (Burnier). Os atores-alunos escolheram alguns elementos que aparecem no roteiro que estamos criando coletivamente e começamos a improvisar. Sugeri que todos acessem o texto que postamos no "google docs", a fim de avançarmos na direção da produção de ações físicas "dilatadas" e da escrita coletiva sobre este processo. A Raquel enviou o link do "google docs" para o grupo in box. Logo após o treinamento físico, tivemos uma reunião com o Anderson da unidade móvel (projeto Biblioteca Itinerante) do CAIC sobre a intervenção na praça Xavier Ferreira no	Cleberson Milão Raquel Avila Amaral Graziele Rossi Lucas Bandeira Soares
22/08	Diálogo sobre o artigo a ser submetido no IX EDEA, a fim de reescrevê-lo para aprimorar o texto. Também refletimos sobre o grupo no 1° semestre e as ações que precisamos realizar para concretizar e finalizar as ideias que vão surgindo nas oficinas. Realizamos um passeio dos clowns Popoca, Catapluft, Linguinha e Raio de Sol no CAIC e interagimos com as pessoas, nosso desafio era caminhar todos juntos, de braços dados e não nos separarmos. Ao final, Linguinha (Cleberson Milao) fez um improviso na bateria com improvisações clownescas de dança e performances do Popoca (Lucas Bandeira), Catapluft (Anita Maruri) e Raio de Sol (Raquel Avila Amaral). Combinamos que nossas reuniões acontecerão nas segundas-feiras às 9h (já confirmado com a escola e com todos do grupo). Anita filmou e fotografou.	Anita Cleberson Lucas Raquel
28/08	**Manhã:** Diálogo, reflexão sobre o trabalho do Gruti e planejamentos para esse semestre. **Tarde:** Reunião com a Malu e a Cleuza, do Núcleo de Apoio à Saúde da Família – NASF. Logo após fizemos o primeiro ensaio com música (rap) com os alunos do NASF. Foram reunidos em três grupos e criaram músicas em torno dos problemas socioambientais, mas antes foi explicado o nosso entendimento sobre os problemas ambientais e as questões relacionadas a saúde e o meio ambiente que vamos abordar no audiovisual – que poderá ser um filme, documentário ou programa. Tarefa para casa: Pedimos que, para o próximo encontro, tirem fotos ou filmem (vídeos de até, no máximo, três minutos) os problemas ambientais que encontram no cotidiano de seus bairros e lhes causa revolta e tristeza.	Augusto Cleberson Raquel
04/09	No dia 04/09 fizemos uma oficina de vídeo com os alunos do Núcleo de Apoio à Saúde da Família – NASF/CAIC, sobre montagem audiovisual. Foram apresentados os vídeos "Pedalada pelas ruas de Pelotas" (editado pela Raquel Avila Amaral, com fotos minhas: https://www.youtube.com/watch?v=ExA1GKvYobk&t=106s) e "Festim dos Sofistas" (produzido e editado por Cleberson Milao: https://www.youtube.com/watch?v=zKy4PlbsCxA) e alguns vídeos baixados no YouTube (Dove Evolution, História sobre a Cama, Volta ao Mundo e Stand By Me). Conversamos com eles sobre possibilidades de montagens audiovisuais a partir de fotos e fragmentos de vídeo. Os alunos foram orientados a se organizarem em grupos (os que têm bicicleta, os skatistas e os que vão a pé) e fazerem um passeio em seus bairros fotografando e/ou filmando coisas boas/bonitas e coisas ruins/feias no ambiente e trazerem este material para o próximo encontro. Obs.: Conversa com a Márcia, mãe do Lucas, para ver a possibilidade dele participar nas segundas à tarde, junto com o Nasf.	Augusto Cleberson Raquel

APÊNDICE 26 – PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Observação: este projeto não foi implementado porque solicitou-se outro grupo do PPGEA para realizá-lo (inclusive tal grupo convidou Augusto, por e-mail, convidando-o a participar de seu próprio projeto. Entretanto, eu que também escrevi o projeto, não recebi tal e-mail e nem fui convidada para participar do projeto que escrevia e nem convidada a participar de tal grupo). Eu e Augusto nos retiramos do projeto e, posteriormente, nenhuma ação foi feita por tal grupo.

FURG-PPGEA

Projeto de Ensino e Extensão

Projeto de Ensino e Extensão

Prof. Dr. Augusto Luis Medeiros Amaral

Profa. Doutoranda Raquel Alves Pereira Avila

FURG

Educação Ambiental
Formação de Agentes Ambientais

São José do Norte, abril de 2016.

Educação Ambiental / Formação de Agentes Ambientais

Prof. Dr. Augusto Amaral[52]
Profa. Ms. Raquel Alves Pereira Avila[53]

Introdução

O projeto de extensão a seguir pretende realizar a formação de agentes ambientais que sejam multiplicadores de práticas voltadas ao desenvolvimento local sustentável e de conhecimentos técnico-científicos da área da Educação Ambiental. É embasado na Educação Ambiental Ecomunitarista de Sirio Lopez Velasco e nas Três Ecologias de Félix Guattari, e será desenvolvido junto à rede escolar do município de São José do Norte-RS (Povoação da Barra). Uma proposta de intervenção socioambiental, articulada em rede colaborativa, que conta com apoio institucional do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental (PPGEA/FURG), através do Laboratório de Pesquisas Audiovisuais em Educação Ambiental (LAPEA) e do Projeto de Extensão Grupo de Teatro Interativo.

O processo de formação inspira-se:

- Nas Três Ecologias – Concepção de Educação Ambiental fundamentada nos estudos de "Félix Guattari". Aponta para a complexidade e a indissociabilidade dos problemas ligados ao meio ambiente (Ecologia Ambiental), à subjetividade humana (Ecologia Mental) e às relações sociais (Ecologia Social), aproximando atitude ecológica e pensamento filosófico, na perspectiva da intervenção e do cuidado de si, dos outros e do meio ambiente.

- Na Educação Ambiental Ecomunitarista – É uma metodologia pedagógica específica que permite aos seus agentes períodos de formação no espaço formal de ensino e períodos de práticas, experiências e pesquisas nos espaços familiares e comunitários, integrando espaços formais, não formais e informais. Esses períodos são organizados em três etapas sucessivas: observar/pesquisar (análise socioambiental), pensar/aprofundar (reflexão dialógica) e experimentar/transformar/agir (intervenção: ação autogestionada combinada com reivindicações junto aos órgãos competentes).

[52] Fone: (53) 8409-4367 / 9900-9593 – E-mail: augustoamaral@hotmail.com. Currículo Lattes: http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4121587E5
[53] Fone: (53) 8111-7467 / 9900-9590 – E-mail: raquelavila111@gmail.com. Currículo Lattes: http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4494263Y6

- Na Formação Holística – Tem como objetivo a formação do ser humano como um ser de relações dotado de múltiplas capacidades: racionais, artísticas, espirituais, relacionais, etc. Articula a formação intelectual com a formação de caráter holístico, valorizando todas as dimensões do ser humano, desenvolvendo atividades com enfoque crítico, humanista, democrático e participativo. Nesse sentido, fomentando a expansão da liberdade de decisão dos sujeitos envolvidos no processo de Educação Ambiental nas ações ecológicas e solidárias. Busca desenvolver a iniciativa, a inventividade, a capacidade de trabalhar em grupo e o senso de responsabilidade. Promove a invenção de dispositivos socioambientais de microintervenção e proteção do meio ambiente, em consonância com a realidade dos grupos familiares em que vivem os formandos.

- No Desenvolvimento do Meio – Busca o desenvolvimento local sustentável e solidário através da formação dos multiplicadores (agentes ambientais), seus grupos familiares e demais agentes envolvidos, tendo como enfoque principal: 1) a proteção da fauna e da flora do ecossistema costeiro; 2) o fortalecimento e a promoção da agricultura familiar agroecológica em rede solidária e 3) o fomento do turismo ecológico.

Justificativa

A região está situada na Planície Costeira do Rio Grande do Sul, apresentando um ecossistema complexo. A península é banhada pelo Oceano Atlântico e Lagoa dos Patos. A matriz econômica do município baseia-se no setor primário – pesca, pecuária, produção agrícola – reconhecida pelo cultivo de arroz e principalmente pela cebolicultura. Nas últimas décadas instalou-se a plantação de Pinus (extração da resina, corte e beneficiamento da madeira) e o polo naval.

A modalidade das microintervenções tem-se mostrado particularmente interessante, dado o caráter de desafio concreto na área da Educação Ambiental e suas articulações teórico-práticas. Elas possibilitam sair do "discurso-queixa generalizado" e mergulhar nas próprias implicações dos agentes socioambientais, descobrir seu olhar e suas capacidades transformadoras/criativas na práxis educativo-ambiental.

Metodologia

Voltada às demandas e necessidades dos formandos. Como referência, indicamos algumas atividades que poderão ser desenvolvidas: Oficinas (permacultura, plantio agroflorestal, composição e percussão musical, criação de instrumentos musicais, manipulação de homeopatias para plantas e animais, etc.), atividades cênicas, rodas de conversa com exibição de vídeos (sobre cooperativismo, economia solidária, criação artística, ecossistemas e preservação ambiental, agroecologia, etc.), saídas de campo (visitas aos quilombos e comunidades tradicionais da região e propriedades rurais parceiras – na região de Pelotas, entre outras), realização de hortas agroecológicas comunitárias. Nota: O processo de formação dos agentes ambientais será registrado, na forma de vídeo-documentário, pelos próprios participantes.

Objetivos Principais

Colocar em prática um processo de formação de multiplicadores engajados em criar dispositivos socioambientais de proteção da flora e da fauna[54] do ecossistema costeiro, em fortalecer o cultivo agroecológico e o trabalho colaborativo em rede ao longo do ano de 2016.

Outros objetivos

Implantar sistemas agroflorestais; fomentar o turismo ecológico; desenvolver práticas artístico-pedagógicas que problematizem as questões socioambientais (através do teatro, dança, música, etc.); ampliar a rede de economia solidária local e integrá-la a outras redes; e promover o uso da bicicleta como estilo de vida e promoção de bem estar mental, social e ambiental (Inclusão do município nos Roteiros Ciclísticos Agroecológicos).

Formadores

Oriundos de espaços formais, não formais e informais de ensino. Tais como pesquisadores, professores, educadores sociais, artistas, espiritualistas, cuidadores e ativistas comprometidos com a transformação crítica e criativa do meio ambiente.

[54]Em especial os Pinípedes (grupo de mamíferos que inclui as focas, lobos-marinhos, leões-marinhos, elefantes-marinhos e as morsas).

Formandos (grupo de, no máximo, quinze pessoas)

Oriundos de espaços formais, não formais e informais de ensino – que residam e/ou desenvolvam atividades na região rural da costa oceânica. Preferencialmente professores da rede pública municipal e estadual de educação, educadores sociais, agentes culturais e líderes comunitários comprometidos com a transformação crítica e criativa do meio ambiente.

Produção científica do processo de formação

Elaboração de um audiovisual (vídeo-documentário), um banner e um catálogo fotográfico referente ao processo de formação dos agentes ambientais e apresentação dos resultados das microintervenções e do processo de formação em eventos acadêmicos e publicação dos mesmos em periódicos científicos.

Recursos

Disponibilizados pela Prefeitura Municipal de São José do Norte.

Rede de Parceiros

Laboratório Audiovisual de Pesquisas em Educação Ambiental / FURG-PPGEA – O LAPEA se destina a promover alguns dos objetivos do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental - PPGEA/FURG, bem como suas linhas de pesquisa: Fundamentos da Educação Ambiental (FEA); Educação Ambiental: Ensino e Formação de Educadores(as) (EAEFE) e Educação Ambiental Não Formal (EANF). Nas atividades desenvolvidas através do laboratório os discentes das distintas linhas podem aprofundar suas investigações com análises e produções audiovisuais a partir de microintervenções participativas junto às comunidades envolvidas em suas pesquisas. Coordenador: Prof. Alfredo Martin Gentini.

Grupo de Teatro Interativo / FURG-PPGEA – O objetivo do projeto de extensão é desenvolver um grupo de teatro que realiza sistematicamente oficinas de formação, seminários de pesquisa e microintervenções socioambientais na comunidade. Nas oficinas permanentes são trabalhadas metodologias e técnicas específicas: Teatro do

Oprimido/Clowning, Sociopoética, Performance e Biodança. Coordenador do Projeto de Extensão: Prof. Alfredo Martin Gentini. Diretor do Grupo: Prof. Augusto Amaral.

EMBRAPA Clima Temperado / Sistema Agroflorestal – Além de reduzir o desmatamento otimiza o uso da terra e ajuda a diversificar a produção, visando um desenvolvimento mais sustentável das áreas rurais com a integração de espécies nativas. São formados pelo plantio de espécies lenhosas perenes (árvores e arbustos) que se desenvolvem consorciadas com plantas herbáceas (vegetais, pastagens) ou animais, num arranjo espacial ou rotação. O sistema agroflorestal é participativo e incentiva o uso de práticas agrícolas de forma integrada, apoiadas em conhecimentos tradicionais. Um aspecto relevante é a produção agrícola sem o uso de agrotóxicos, promovendo o cuidado com a saúde do agricultor, consumidor e meio ambiente.

Núcleo de Economia Solidária do Campus Pelotas (IFSul-Riograndense) – O Núcleo Interdisciplinar de Ensino, Pesquisa e Extensão em Economia Solidária e Incubação de Cooperativas e Empreendimentos Populares (NESOL), órgão da Diretoria de Pesquisa e de Extensão do campus Pelotas, tem por objetivo: 1) a produção, a divulgação, a aplicação de conhecimentos e a formação profissional nas áreas do trabalho, da educação popular e ambiental da economia solidária; e 2) a articulação e a garantia, no âmbito do Instituto Federal Sul Rio-grandense, campus Pelotas, do suporte às atividades de Economia Solidária.

ONG Casa do Caminho – Organização Não Governamental, coordenada por Marcolina Tacca (conhecida como Irmã Assunta), que orienta suas atividades através de práticas alternativas à medicina tradicional, incluindo a produção artesanal de homeopatias para plantas e animais. Entre outras práticas e ações na área da saúde, da educação e da intervenção socioambiental. ONG vinculada à Pastoral Ecumênica de Saúde Popular que atua em Pelotas e região.

Grupo Pedal Curticeira – Tem como missão fomentar o uso da bicicleta como estilo de vida e promoção de bem estar mental, social e ambiental. Seu objetivo é consolidar a experiência da bicicleta como dispositivo de Desenvolvimento Sustentável, em Pelotas e região, através da Mobilidade Urbana, do Cicloturismo (Turismo Rural) e da Educação Ambiental (Roteiros Ciclísticos Agroecológicos).

Referências Bibliográficas

AMARAL, Augusto Luis M. Teatralidade Humana: estudos sobre a relação corpo ambiente em um processo cartográfico na Educação Ambiental. Tese de doutorado em Educação Ambiental. Rio Grande, RS: FURG/PPGEA, 2013.

AMARAL, A. L. M.; AVILA, R. A. P.; KARAM, L. de M. SOUZA, C. S. Plantio comunitário agroecológico: uma pesquisa-intervenção na rede de comunidades casa do caminho, Pelotas/RS. In: II Seminário Internacional de Educação do Campo e Fórum Regional do Centro e Sul do RS, 2014, Santa Maria. vol. 1 E-book. p. 177-193. Disponível em: <http://coral.ufsm.br/sifedoc/images/Anais.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2014.

AMARAL, A. L. M.; AVILA, R. A. P. Uma prática de cultivo comunitário mediada pela criação do dispositivo do diário de campo. In: VII Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental: os desafios da Educação Ambiental: quem faz, como, para quê e para quem? Rio Grande: FURG, 2015. Anais. P. 480-490. ISBN 978-85-7566-380-6

Apresentação do município. Disponível em: http://www.saojosedonorte.rs.gov.br/saojose-do-norte/o-municipio/apresentacao-do-municipio. Acesso em: 16/02/2016.

GUATTARI, Félix. As Três Ecologias. Campinas, SP: Papirus, 1990.

VELASCO, Sirio L.. Ética para o século XXI: rumo ao ecomunitarismo. São Leopoldo: Unisinos, 2005.

_____. Introdução à Educação Ambiental Ecomunitarista. Rio Grande: editora da FURG, 2008.

_____. Os desafios da Educação Ambiental. quem faz, como e para que? um olhar ecomunitarista. In: VII Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental: os desafios da Educação Ambiental: quem faz, como, para quê e para quem? Rio Grande: FURG, 2015. Anais. p.34-44. ISBN 978-85-7566-380-6.